



A criança Maria Rondon, em pé (de vestido azul claro) ao lado de sua mãe, Francisca Xavier

***O patrimônio científico-tecnológico do
Instituto de Microbiologia Paulo de Góes
(IMPG)-Universidade Federal do Rio de
Janeiro (UFRJ): as memórias encobertas nas
anotações de Maria Rondon***

por

Ana Paula Alves Teixeira van Erven Louzada

Aluna do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio

Linha 02 – *Museologia, Patrimônio e Desenvolvimento*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio –
PPG-PMUS (UNIRIO/MAST).

Orientador: Professor Doutor Luiz Carlos Borges

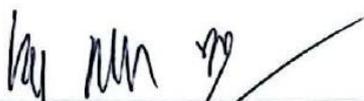
UNIRIO/MAST - RJ, 06 de agosto de 2024.

FOLHA DE APROVAÇÃO

O patrimônio científico-tecnológico do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG)-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): as memórias encobertas nas anotações de Maria Rondon

Tese de Doutorado de Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por



Prof. Dr. Luiz Carlos Borges
(Orientador - PPG-PMUS UNIRIO/MAST)



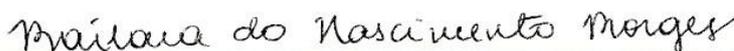
Profa. Dra. Helena Cunha de Uzeda
(Membro Interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)



Profa. Dra. Julia Nolasco Leitão de Moraes
(Membro Interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)



Profa. Dra. Andréa Cristina de Barros Queiroz
(membro externo – UFRJ)



Profa. Dra. Bárbara do Nascimento Borges
(membro externo – UFPA)

Rio de Janeiro, 06 de agosto de 2024.

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

L895 Louzada, Ana Paula Alves Teixeira van Erven
O patrimônio científico-tecnológico do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG)-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): as memórias encobertas nas anotações de Maria Rondon / Ana Paula Alves Teixeira van Erven Louzada. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2024.
243 f.

Orientador: Luiz Carlos Borges.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2024.

1. Museologia e Patrimônio. 2. Memória do IMPG. 3. Maria Rondon - Bibliotecária. I. Borges, Luiz Carlos, orient.
II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico a essa pesquisa a duas mulheres que passaram no IM/IMPG. Primeiro, à Maria Rondon, produtora da documentação. Sem ela, essa pesquisa não seria possível. Depois à Dilma Cayres, parceira querida e maior incentivadora dos meus projetos na biblioteca.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos contêm fragmentos do poema-canção **Metade**, composta por Oswaldo Montenegro, em 1975:

Agradeço às Instituições UFRJ, UNIRIO e MAST que, por meio de seus agentes, acreditaram e apoiaram minha pesquisa. À colega Luiza Arias, por se aventurar comigo pelas memórias do IMPG. Por incrível que pareça, mesmo com a COVID-19, fiz amigos em outra turma do PPG/PMUS: Andréa e Ilza, obrigada pela jornada. “Que o medo da solidão se afaste e o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável”

A minha mãe, que se foi durante o processo dessa pesquisa. Falecer, em decorrência da COVID-2019, foi implacável, até, para trocar afeto. Não pude dar-te um último abraço. Aos meus pais (*in memoriam*) pelos ensinamentos sobre o ser e o estar na vida. “Pois, metade de mim é partida, a outra metade é a saudade”.

Aos familiares que trouxeram valores indispensáveis à formação do meu caráter. Os que se foram, deixaram saudades, mas semearam amor, união e solidariedade. “Pois metade de mim é o que eu grito, a outra metade é silêncio”.

A metade que é minha continuidade, você Rafael. A outra metade é seu pai, que em meio às minhas ocupações acadêmicas, foi alguém que nos amparou. “Pois metade de mim é o que ouço, a outra metade é o que calo”.

Na estrada dessa existência, aprendi com todas as pessoas que cruzaram meu caminho. Umas passaram, outras ficaram. As que permanecem (vocês sabem quem são) minha eterna gratidão. “Pois metade de mim é abrigo a outra metade é cansaço”.

Meu amadurecimento como ser pensante, crítico e emocional, é uma condição irrefutável. À Icléia Thiesen, por estar ao meu lado em toda minha trajetória acadêmica.” Porque metade de mim é o que penso, a outra metade um vulcão”.

Ao orientador, Luiz C. Borges que, entre um café e outro, provocava minhas certezas acadêmicas. Durante o doutorado, minhas percepções e crenças sofreram alguns abalos, mas compreendi que somos seres mutáveis. “Pois metade de mim é a lembrança do que fui, a outra metade não sei

Ao Universo pela dádiva da saúde mental e física, o que me permite finalizar esse estudo, no tempo que era para ser. À espiritualidade, pelas pistas ao pé do ouvido e pelos sinais, que, muitas vezes, não percebemos de imediato. “Pois metade de mim é plateia, a outra metade é canção”

“Que a minha loucura seja perdoada
pois metade de mim é amor
e a outra metade também”

RESUMO

LOUZADA, Ana Paula Alves Teixeira van Erven. **O patrimônio científico-tecnológico do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG)-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): as memórias encobertas nas anotações de Maria Rondon.** Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2024. Orientador: Luiz C. Borges.

RESUMO: Este trabalho enfoca um conjunto de pastas encontrado em gavetas da Biblioteca do atual Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (doravante IMPG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Descobrimos que os documentos foram preparados e arquivados nas pastas por Maria de Molina da Silva Rondon (doravante, Maria Rondon), bibliotecária que exerceu suas funções no Instituto de 1959 a 1998. Essa documentação composta por: 34 pastas, 34 fichas manuscritas, 24 fichas catalográficas e 5 folhas rascunhadas relaciona-se a histórias e práticas cotidianas, no final do século XIX e primeira metade do século XX, experienciados, especialmente, no Rio de Janeiro. O cenário vivido nessa dinâmica, pôde ser viabilizado pela comunidade da microbiologia, a partir de fragmentos documentais e mnemônicos, permitindo, desse modo, a reconstituição da trajetória do campo da microbiologia e áreas afins. O procedimento técnico dessa bibliotecária, tal como uma rota de navegação, nos faz convergir entre anotações, correspondências, documentos oficiais que, ao desaguarem nas rotas do patrimônio científico na UFRJ, suscitam debates os campos da história, memória, patrimônio científico e museus, pois, apuramos que, além das pistas que alinhavam um conjunto de objetos à trajetória do IMPG, houve um propósito museal. Nesse processo acadêmico, a travessia é o IMPG, com ancoragem na Biblioteca, lugar de memória e de divulgação científica desse Instituto. Em vista disso, nosso propósito é o de, recorrendo ao método indiciário e aos estudos do patrimônio e da memória, analisar as anotações de Maria Rondon, correlacionando-as ao potencial patrimônio salvaguardado e a proposta de um Museu de Microbiologia nessa unidade acadêmica.

Palavras-chave: Museologia; Patrimônio; Memória; Maria Rondon; IMPG.

ABSTRACT

LOUZADA, Ana Paula Alves Teixeira van Erven. **The scientific-technological heritage of the Paulo de Góes Microbiology Institute (IMPG)-Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ): the hidden memories of Maria Rondon.** Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2024. Orientador: Luiz C. Borges.

Abstract: This paper focuses on a set of folders found in drawers of the library of the current Paulo de Goes Microbiology Institute (hereinafter IMPG) of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). We discovered that the documents were prepared and filed in the folders by Maria de Molina da Silva Rondon (hereinafter, Maria Rondon), a librarian who worked at the Institute from 1959 to 1998. This documentation, composed of 34 folders, 34 handwritten cards, 24 catalog cards and 5 drafted sheets, relates to stories and daily practices, in the late 19th century and first half of the 20th century, experienced especially in Rio de Janeiro. The scenario experienced in this dynamic was made possible by the microbiology community, based on documentary and mnemonic fragments, thus allowing the reconstruction of the trajectory of the field of microbiology and related areas. The technical procedure of this librarian, like a navigation route, makes us converge between notes, correspondence, and official documents that, when they flow into the routes of scientific heritage at UFRJ, raise debates in the fields of history, memory, scientific heritage, and museums, since we found that, in addition to the clues that aligned a set of objects with the trajectory of the IMPG, there was a museum purpose. In this academic process, the crossing is the IMPG, anchored in the library, a place of memory and scientific dissemination of this Institute. In view of this, our purpose is to, using the evidentiary method and studies of heritage and memory, analyze Maria Rondon's notes, correlating them with the potential heritage safeguarded and the proposal of a Microbiology Museum in this academic unit.

Keywords: Museology; Heritage; Memories; Maria Rondon; IMPG

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

ABC	Academia Brasileira de Ciências
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AN	Arquivo Nacional
ANM	Academia Nacional de Medicina
BN	Biblioteca Nacional
BTD's	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
C&T	Ciência e Tecnologia
C.E.Su	Conselho de Ensino Superior
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARMMI	Curso de Atualização e Revisão em Métodos de Microbiologia e Imunologia
CCS	Centro de Ciências em Saúde
CEM	Curso de Especialização em Microbiologia
CEMI	Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia
CNIM	Centro Nacional de Informação científica em Microbiologia
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CI	Ciência da Informação
CNEN	Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisas
CONSUNI	Conselho Universitário
COVID-19	Coronavírus 2019
CRB-7	Conselho Federal de Biblioteconomia da 7ª região
DASP	Departamento do Serviço Público
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EPM	Escola Paulista de Medicina
ES	Espírito Santo
EUA	Estados Unidos da América
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FCC	Fórum de Ciência e Cultura
FID	Federação Internacional de Documentação
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FM	Faculdade de Medicina
FND	Faculdade Nacional de Direito
FNM	Faculdade Nacional de Medicina
IB	Instituto Biológico
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICB	Instituto de Ciências Biomédicas
ICOFOM	Comitê Internacional de Museologia do Conselho Internacional de Museus
ICOM	<i>International Council of Museums</i>
IFLA	Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições
IM	Instituto de Microbiologia

IMN	Inspetoria de Monumentos Nacionais
IMPG	Instituto de Microbiologia Paulo de Góes
INCE	Instituto Nacional de Cinema Educativo
INT	Instituto Nacional de Tecnologia
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
IPAHN	Instituto de Patrimonio Artístico e Histórico Nacional
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MHN	Museu Histórico Nacional
MINC	Ministério da Cultura
MN	Museu Nacional
MS	Mato Grosso do Sul
NBR	Normas Brasileiras Regulamentadoras
PPG-PMUS	Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
PR4	Pró-Reitoria de Extensão
SAB	Society of American Bacteriologists
SARS-CoV-2	Novo Coronavírus
SBC	Sociedade Brasileira de Ciências
SBE	Sociedade Brasileira de Educação
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SIARQ	Sistema de Arquivos
SiBI	Sistema de Bibliotecas
SIMAP	Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCC's	Trabalhos de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UB	Universidade do Brasil
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
URJ	Universidade do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maria Rondon e seu pai.....	10
Figura 2 – Ficha de matrícula no CRB7 (1956)	12
Figura 3 – Destinatário – Paulo Carneiro (1958)	13
Figura 4 – Remetente – Maria Rondon (1958)	13
Figura 5 – Maria Rondon e o filho de Marco Américo ([198?])	15
Figura 6 – Anotação sobre Museu da Microbiologia([196?])	32
Figura 7 – Parte das ilustrações de Ray Honório ([191?])	36
Figura 8 – Manuscrito em língua alemã ([19---]).....	37
Figura 9 – José Correia Picanço ([180-?])	44
Figura 10 – Legenda da Faculdade de Medicina (RJ) e sua Rede de Sociabilidade	58
Figura 11 – Rede de Sociabilidade.	59
Figura 12 – Relações institucionais e interinstitucionais.....	61
Figura 13 – Página 1 - Carta de Arthur Neiva (1907)	62
Figura 14 – Página 2 -- Carta de Arthur Neiva (1907)	63
Figura 15 – Página 3 -- Carta de Arthur Neiva (1907)	64
Figura 16 – Fritz Muller ([188?]).	66
Figura 17 – Relação das correspondências elaborada por Maria Rondon ([197?]).....	68
Figura 18 – Paulo de Góes e Bruno Lobo em frente à escadaria ([193?])	76
Figura 19 – Fachada do Pavilhão de Microbiologia da UB na Praia Vermelha([c.1950]).....	77
Figura 20 – Financiamento dos cursos no IM	78
Figura 21 – Cursos existentes no IM	78
Figura 22 – Amadeu Cury e Paulo de Góes ([195?]).....	80
Figura 23 – Entrada principal do IM na Cidade Universitária ([c 1973])	83
Figura 24 – Entrada principal atual do IM na Cidade Universitária (2017)	83
Figura 25 – Formação da graduação (UFRJ)	84
Figura 26 – Documentação exibida no Centenário de Paulo de Góes (2013).	88
Figura 27 – Uma autoclave	113
Figura 28 – Estufa de esterilização	114
Figura 29 – Dois armários expositivos da Congregação	114
Figura 30 – Modelo anatômico.....	118
Figura 31 – Procedimentos de higienização: limpeza e lixamento	118
Figura 32 – Vitrine Expositora no corredor do IMPG	120
Figura 33 – Três rostos em ceroplastia.....	121
Figura 34 – Modelo de uma mão com varicela	121
Figura 35 – Conteúdo da pasta 31 ([c.1924])	123
Figura 36 – Conjunto de 9 cartas (1877-1881;1888)	125
Figura 37 – Maria Rondon na competição com cães (1959).	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vivências Institucionais de Maria Rondon	11
Quadro 2 – Perfil da tripulação.....	21
Quadro 3 – Exemplo de perguntas formuladas e seus objetivos	22
Quadro 4 – Membros Titulares da Academia Nacional de Medicina (ANM)	52
Quadro 5 – Interações Institucionais	60
Quadro 6 – Temas das correspondências de Frederico Müller a Ladislau Netto.....	67
Quadro 7 – Programas de Pós-graduação (UFRJ).....	86
Quadro 8 – Objetos expostos na Sala da Congregação do IMPG	103
Quadro 9 – Olhar sobre os objetos expostos na Sala da Congregação do IMPG	111
Quadro 10 – Temas debatidos entre os séculos XIX e XX.....	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 TRAÇANDO A ROTA	7
1.1 Mapeamento.....	9
1.2 Maria Rondon, a timoneira	10
1.3 Uma metodologia sendo cosida	16
1.4 A confraria: uma tripulação.....	20
1.5 Patrimônio Cultural - Patrimônio Científico	23
1.6 A biblioteca é a embarcação	30
1.6.1 <i>Documentação à vista</i>	33
CAPÍTULO 2 ITINERÁRIOS ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX: FARÓIS ILUMINAM A CIÊNCIA BRASILEIRA	40
2.1 Hastear velas! Os mastros da UFRJ.....	42
2.1.1 <i>O destino da Escola é a Academia: a trajetória da FM (RJ)</i>	43
2.2. ANM: emerge uma congregação	49
2.3 A agulha indica o Museu Nacional (MN): entre Fritz Muller e Bruno Lobo	65
2.4 Outros horizontes: Academia Brasileira de Ciências (ABC)	69
CAPÍTULO 3 MEMÓRIA COLETIVA E UMA TRAVESSIA: O IMPG DA UFRJ	73
3.1 Um baú de memórias	75
3.1.1 <i>A influência do velho Lobo e a formação do Pavilhão de Microbiologia</i>	75
3.1.2 <i>De vento em polpa! Células do IM pelo Brasil</i>	79
3.1.3 <i>Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG), a travessia</i>	82
3.1.4 <i>Na biblioteca, uma brisa refresca nossa memória</i>	87
3.1.5 <i>Indícios de histórias acadêmico-científicas</i>	90
CAPÍTULO 4 PATRIMÔNIO EM C&T DA MICROBIOLOGIA: UM TESOURO PARA CHAMAR DE NOSSO!	95
4.1 Nos rastros de Maria Rondon: um Museu de Microbiologia?	96
4.1.1 <i>Ressonâncias de uma coleção</i>	101
4.2 Na vitrine expositora no corredor do IMPG: que ares trazem as peças de cera? .	116
4.3 Alinhavando o patrimônio cultural do IMPG: a contribuição da biblioteca	122
CONSIDERAÇÕES	128
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICES	165
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	166
Apêndice B – Primeira página	170

Apêndice C – Segunda página.....	171
Apêndice D – Terceira página.....	172
Apêndice E – Quarta página.....	173
Apêndice F – Quinta página.....	174
Apêndice G – Sexta página.....	175
Apêndice H – Sétima página.....	176
Apêndice I – Oitava página.....	176
Apêndice J – Nona página.....	177
Apêndice K – Décima página.....	178
Apêndice L – Conteúdo das pastas.....	179
Apêndice M – Trilha documental das memórias científicas.....	184
ANEXOS	185
Anexo 1 – Folha um (primeira página).....	186
Anexo 2 – Folha um (segunda página).....	187
Anexo 3 – Folha dois (terceira página).....	188
Anexo 4 – Folha dois (quarta página).....	189
Anexo 5 – Folha três (quinta página).....	190
Anexo 6 – Folha três (sexta página).....	191
Anexo 7 – Folha quatro (sétima página).....	192
Anexo 8 – Folha quatro (oitava página).....	193
Anexo 9 – Folha cinco (nona página).....	194
Anexo 10 – Folha cinco (décima página).....	195
Anexo 11 – Fichas B a D.....	196
Anexo 12 – Fichas E a O.....	197
Anexo 13 – Fichas O a T.....	198
Anexo 14 – Pasta 1 (Ficha 1).....	199
Anexo 15 – Pasta 2 (Ficha 2).....	200
Anexo 16 – Pasta 3 (Ficha 3).....	201
Anexo 17 – Pasta 4 (Ficha 4).....	202
Anexo 18 – Pasta 5 (Ficha 5).....	203
Anexo 19 – Pasta 6 (Ficha 6).....	204
Anexo 20 – Pasta 7 (Ficha 7).....	205
Anexo 21 – Pasta 8 (Ficha 8).....	206
Anexo 22 – Pasta 9 a 14 (Ficha 9 a 14).....	207
Anexo 23 – Pasta 15(Ficha 15).....	208
Anexo 24 – Pasta 16 (Ficha 16).....	209
Anexo 25 – Pasta 17 (Ficha17).....	210
Anexo 26 – Pasta 18 (Ficha 18).....	211
Anexo 27 – Pasta 19 (Ficha 19).....	212
Anexo 28 – Pasta 20 (Ficha 20).....	213

Anexo 29 – Pasta 21 (Ficha 21)	214
Anexo 30 – Pasta 22 (Ficha 22)	215
Anexo 31 – Pasta 23 (Ficha 23)	216
Anexo 32 – Pasta 24 (Ficha 24)	217
Anexo 33 – Pasta 25 (Ficha 25)	218
Anexo 34 – Pasta 26 (Ficha 26)	219
Anexo 35 – Pasta 27 (Ficha 27)	220
Anexo 36 – Pasta 28 (Ficha 28)	221
Anexo 37 – Pasta 29 (Ficha 29)	222
Anexo 38 – Pasta 30 (Ficha 30)	223
Anexo 39 – Pasta 31	224
Anexo 40 – Pasta 32 (Ficha32)	225
Anexo 41 – Pasta 33 (Ficha 33)	226
Anexo 42 – Pasta 34	227
Anexo 43 – Carta de Maria Rondon (página 1).....	228
Anexo 44 – Carta de Maria Rondon (página 2).....	229
Anexo 45 – Carta de Maria Rondon (página 3).....	230
Anexo 46 - Carta de Maria Rondon (página 4)	231
Anexo 47 – Nota sobre a lista de documentos do Instituto Pasteur	232
Anexo 48 – Correspondência do Instituto Pasteur (França)	233
Anexo 49 – Documento do Instituto Pasteur página 1	234
Anexo 50 – Documento do Instituto Pasteur página 2	235
Anexo 51 – Documento do Instituto Pasteur página 3	236
Anexo 52 – Balão (não) submetido à fervura e vedado	237
Anexo 53 – Busto de Bruno Lobo.....	237
Anexo 54 – Hematoscópio d’Heneocque.....	238
Anexo 55 – Jogo de Xadrez de bolso	238
Anexo 56 – Mr. Pasteur – Histoire d’um savant par um ignorant”	239
Anexo 57 – Pintura Oswaldo Cruz	239
Anexo 58 – Petit Larousse Illustré.....	240
Anexo 59 – Livro por Rodolpho Galvão	240
Anexo 60 – Relatório do Professor Augusto Ferreira dos Santos	241
Anexo 61 – Tinteiro de Bruno Lobo?.....	242
Anexo 62 – João Batista de Lacerda.....	242
Anexo 63 – Exemplos de Anais de Microbiologia	243
Anexo 64 – Agendas de Paulo de Góes	243

INTRODUÇÃO

Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo;
todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme.

John Donne, 1623

Mais de setenta anos se passaram entre um polo de ensino em microbiologia da Universidade do Brasil (UB) e o atual Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG), localizado no bloco I, do Centro de Ciências em Saúde (CCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As atividades de ensino e pesquisa em Microbiologia iniciaram-se, em 1950, no pavilhão desativado (e que, anteriormente, era um dos refeitórios do Hospital dos Alienados), como uma das unidades da antiga Universidade do Brasil (UB), localizada no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro.

Com a criação da cidade universitária, na ilha do Fundão, na década de 1970, a unidade foi definitivamente transferida para lá, em 1974, já como Instituto de Microbiologia (IM) da UFRJ, sigla pela qual a antiga UB passou a ser denominada. Após vinte anos, em homenagem a seu fundador, o IM passou a denominar-se, em 1995, IMPG, uma unidade acadêmica dedicada à produção de conhecimento e à formação de pesquisadores em microbiologia.

Em 2013, celebrou-se na unidade, o centenário de nascimento de Paulo de Góes, médico e fundador do IM. Como parte dessa celebração, foi planejada pela equipe da Biblioteca da unidade, a exposição “Um olhar memorialista sobre a Ciência”. Ocorrida na biblioteca, do agora IMPG, a exibição apresentou a releitura do movimento acadêmico-político de Góes. Esse evento memorialista que envolveu a própria história da UB/UFRJ (uma universidade centenária a partir de 2020), evidenciou a institucionalização do IM, através das ações políticas de seu idealizador, destacou, também, cooperações (inter)institucionais por personalidades científicas que passaram pela universidade, assim como o desempenho desses pares, no núcleo do próprio Instituto, ainda como UB.

Ações, pós-comemoração, acabaram-se tornando-se a base para o surgimento de fragmentos ou vestígios de memórias mais abrangentes. Isso significa dizer que outros vestígios envolvendo as Ciências da Saúde, especialmente, a microbiologia, iam sendo encontrados. Descobertas que se deram passo a passo, quando a Biblioteca do IMPG, após as celebrações do aniversário do patrono da unidade, incorporava à rotina do espaço, atividades extensionistas que, guardando e, ao mesmo tempo, (re)exibindo certificados, diplomas e fotografias, desvelavam novas camadas que recobriam a trajetória do Instituto.

Em meio a exposições temporárias apresentadas na biblioteca, a dissertação “a Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes e a construção dos campos da

microbiologia e da biblioteconomia, defendida em 2018, impulsionou novas atividades em torno das memórias da unidade.

Também nesse ano, o projeto “A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes: uma contribuição para os estudos da história da Microbiologia no Brasil”, submetido a Pró-Reitoria de Extensão (PR4), nos instigou a atuar em ações de extensão a saber:

- 1) Higienização de documentos: certificados, diplomas e retratos (pendurados na Congregação, antes da reforma dessa sala) organizados em caixas e salvaguardados na Biblioteca da Biblioteca, partir de 2017.
- 2) Planejamento, separação de objetos (fotografias, microscópios, vidros âmbar, peças de cera, dentre outros) e montagem da Estante Expositora Permanente, no corredor do IMPG, inaugurado em 2018.
- 3) Limpeza e restauração de peças de cera (encontradas) na Sala da Congregação. Essas peças foram acondicionadas em caixas e, novamente, guardadas nessa Sala, entre 2018 e 2022.

Alinhado à revisitação a lugares de memórias e vestígios pertencentes ao universo acadêmico-científico da microbiologia, foi pelo viés desse projeto de extensão que encontramos pegadas mnemônicas¹ de Maria de Molina da Silva Rondon, uma bibliotecária que atuava no IM, quando essa unidade de ensino se localizava, ainda, no *campus* da Praia Vermelha, atual bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro. No enalço de seus rastros, percebemos as razões (mais do que legítimas) que fizeram com que essa personalidade preparasse um sistema de remissão de fichas (além do próprio arranjo documental) que nos remeteu e, permanece remetendo a bens culturais salvaguardados nos espaços de uma unidade acadêmica da UFRJ. Foram os indícios deixados por essa profissional que nos permitiram perceber vínculos existentes, entre as materialidades (apontadas em documentos) e o estudo dos microrganismos no Brasil, especialmente, em meio a trajetória da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FM), criada no Brasil, em 1808. Identificamos nesse conjunto documental, momentos histórico-científicos das ciências da saúde, direcionadas para o campo da microbiologia, sendo a UB/UFRJ, o cenário de destaque social e científico no país.

Nesse encadeamento intrainstitucional, observamos existir uma relação entre determinados agentes da sociedade que, por sua vez, expressam uma jornada científico-acadêmica na cidade do Rio de Janeiro, entre os séculos XIX e XX.

Organizados e tutelados por essa bibliotecária, esses documentos nos fazem pensar sobre trajetórias científico-acadêmicas, em perspectiva (tanto institucional quanto teórica), e

¹ Expressão usada por *León Rozitchner* (2013), a partir de Freud para indicar que, mesmo quando algo é esquecido ou suprimido, a memória guarda marcas que podem ser detectadas e interpretadas.

bens (documentais e de outras tipologias) arquivados e, em alguns casos, deixados em silêncio, ou ignorados, em pastas da biblioteca há cerca de 25 anos, tendo em vista que, Maria Rondon deixava o IMPG, definitivamente, nos idos de 1998.

O conjunto documental, guardado por mais de duas décadas, nas gavetas da biblioteca de uma unidade científico-acadêmica (IMPG/UFRJ), nos impulsionou a pensar sobre o legado patrimonial em Ciência e Tecnologia (C&T), materializado e representado por diferentes objetos, refletindo a ideia integradora de documentos em bibliotecas, arquivos e museus, como instituições-memória, o que nos leva a refletir, também, sobre instrumentos de representação e construção de localidades.

No que se refere a espaços, assim como os documentos da biblioteca, os objetos exibidos nos armários da Congregação do IM/IMPG, suscitam reflexões acerca de coleções e patrimônio cultural, de natureza científica e tecnológica da UFRJ. Ainda, nesse sentido, se faz importante destacar que, nessa documentação descortinou-se um Museu de Microbiologia do IM.

Pelos caminhos do patrimônio e pelo fenômeno memória, alinhando passado e presente, é que, na conjectura dessa investigação, concebemos pois que, por meio do ofício biblioteconômico de Maria Rondon, pretendia-se que bens culturais representativos de uma das áreas da saúde fossem organizados, mas, sobretudo, difundidos no âmbito do IM. Desse modo, anunciamos que essa pesquisa acadêmica está inserida na linha 2 “**Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento**” no Doutorado em Museologia e Patrimônio, do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO.

Assim posto, dividimos e analisamos esse estudo, nos 4 capítulos descritos abaixo:

Primeiro capítulo – Navegação geral (objetivo, problematização e fundamento metodológico). Descrição do conjunto documental: rascunhos, notas e fichas, produzidos ou organizados por Maria de Molina da Silva Rondon. Apresentação da vida pessoal e caminhada profissional dessa bibliotecária, como a timoneira que nos conduziu pelas memórias científicas de um grupo social. Para desdobramento das investigações e fundamentação acadêmica, elencamos sete entrevistados: personalidades, pessoal e profissionalmente, envolvidas com IMPG. Esses sujeitos, mesmo acordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), tiveram suas identidades sob anonimato, atendendo exigências da Plataforma Brasil (CAAE-69340222.2.0000.5285). Como alternativa aos seus nomes legais, cada ator, dentro da proposta acadêmica do estudo, recebeu a alcunha de um capitão, personagem de literaturas ficcionais. Um breve relato sobre o porquê do nosso estudo estar alinhado ao campo da Museologia e do Patrimônio. Definição de patrimônio científico, bem como da Biblioteca do IMPG, como embarcação, mas, como lugar de memória, que salvaguarda uma documentação que retrata os eventos científicos, desde o século XIX até a atualidade.

Segundo capítulo – Alicerçados nas pastas da Rondon, abordamos o desenvolvimento científico-acadêmico no Rio de Janeiro, na área da microbiologia. A partir de documentação encontrada, foi possível trilhar os caminhos percorridos pela UFRJ, nos quais se entrelaçaram personalidades e Instituições científicas. Partindo de alguns vestígios documentais, destacamos a Academia Nacional de Medicina (ANM) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Nesse contexto, identificamos o Museu Nacional (MN), como a célula inicial da pesquisa no Brasil, no qual emergem os pesquisadores Fritz Muller e Bruno Lobo.

Terceiro capítulo – História em torno da formação e do desenvolvimento do IM, como unidade consolidada no campo da microbiologia com graduação e pós-graduação da UFRJ. Pensar sobre essa ciência até a atualidade, trazendo relatos dos entrevistados, sobre o crescimento e a consolidação de uma unidade de ensino. Nesse contexto, o IMPG é a travessia que nos levará, através do conjunto documental dos primeiros tempos da ciência micróbios, em uma instituição acadêmica do Rio de Janeiro. Além do debate sobre a Biblioteca (como espaço de memória e de divulgação científica) tratamos dos métodos centrados nos dados marginais, resíduos: pistas, indícios, sinais, vestígios que envolvem os fragmentos encontrados nesse lugar de memória.

Quarto capítulo – Pistas, vestígios notas e, por extensão, a menção a um “Museu de Microbiologia”, fazem de acervos, instrumentos, coleções ou fundos, testemunhos do fazer científico (eles mesmos, por definição, patrimônios) identificados na Biblioteca e na Sala de Congregação do IMPG. Nesse capítulo trazemos à tona, o projeto de extensão, que possibilitou a recuperação, a higienização e a divulgação de objetos científicos, tal como a vitrine expositora no corredor do IMPG. Também, o cosimento de dados, recompilando o conjunto documental, referenciado por Maria Rondon, ao patrimônio encontrado nessas localidades da unidade, apontando para 34 pastas, representada em apêndices e anexos.

À vista em todos os capítulos da tese, os registros de Maria Rondon deságuam no patrimônio cultural, e sua relação com histórias e práticas cotidianas que se destacam no ambiente acadêmico do Rio de Janeiro. Nessa dinâmica, o cenário vivido pela comunidade da microbiologia pôde viabilizar a reconstituição da trajetória desse campo, a partir desses fragmentos documentais e mnemônicos.

Em relação ao objeto que cerca essa pesquisa, podemos afirmar que, além da curiosidade desta pesquisadora sobre a temática memória (materializada no conjunto documental organizado por uma colega de profissão), existe um interesse pessoal direcionado às atividades extensionistas, que formam o tripé ensino-pesquisa-extensão universitária. Ao nosso ver, as ações de natureza extensionista permitem que transpássemos o muro da universidade, concatenando Academia e Sociedade, o que deve ou deveria, de certa forma, estimular a comunidade acadêmica a pensar em propostas mais criativas de atuação.

Nessa investigação, pensamos os dados coletados para a pesquisa, como elementos da navegação. Para nós, a técnica usada por Maria Rondon, assemelhando-se a uma bússola, nos leva, também, aos objetos expostos na Sala da Congregação. Outras situações fomentaram nossa imaginação: como avistar um desses documentos na gaveta da biblioteca (documento à vista) e descobrir a visita científica feita por Bruno Lobo (mentor de Paulo de Góes) à Ilha de Trindade (ES), enquanto era diretor do MN. Ressaltamos que apesar do estímulo a criatividade, primamos, essencialmente, pelo desenvolvimento científico que uma pesquisa acadêmica requer.

Considerando a importância da contextualização dessas motivações, o conhecimento profissional nos acerca à Maria Rondon, no âmbito da análise, através da organização e representação de informações configuradas, em fichas e anotações de cunho bibliográfico. Além de ações para a salvaguarda de bens no IMPG, o trabalho dessa bibliotecária nos permitiu encontrar parte desse patrimônio, graças a descrição de documentos, próprios do processamento técnico da biblioteconomia.

CAPÍTULO 1

TRAÇANDO A ROTA

Dizia Jó a Deus: Vestigia pedum meorum considerasti: Considerastes, Senhor, as pegadas dos meus pés. Não diz que Ihe considerou os passos, senão as pegadas; porque os passos passam, as pegadas ficam.

Vieira, 1865.

Adentramos esse capítulo, perguntamo-nos sobre patrimônios e sobre os tais “sintomas” de nossas experiências do tempo (Gonçalves, 2015). No campo da memória, sintomas nos remetem ao psicanalista austríaco *Sigmund Freud* (1856-1939). Freud, ao tratar das batalhas travadas no nível do inconsciente, reporta-se às pegadas mnêmicas objetivas, para falar dos resíduos que, como sintomas, podem ser observados e interpretados (Freud, 1930 apud Rozitchner, 2013, p. 511).

Trazemos esse conceito freudiano para o campo duplo da documentação e do patrimônio, propondo-nos a adotá-lo, ao longo da tese, quando nos referimos à documentação deixada por Maria Rondon, e na qual podemos encontrar um variado conjunto de dados referentes não apenas à biblioteca, mas, de modo amplo, a diversos aspectos da história do IMPG.

Fatos históricos e socioculturais, impulsionados por uma comemoração centenária, alteraram as dinâmicas de trabalho na biblioteca, como também, no entorno dela, tendo em vista, ser esse espaço (conforme apontam os vestígios evidenciados por Maria Rondon) o local de memória de um grupo e espaço de salvaguarda documental do patrimônio relacionado à trajetória da microbiologia no Rio de Janeiro.

Foi nessa conjuntura que nos certificamos ser o IMPG uma unidade de ensino que produz e abriga manifestações relevantes para a história científica, não só no ambiente da UFRJ, como também, em sentido mais amplo e conjugado, do Brasil. Nesse ambiente, testemunhos se entrelaçam a um conjunto seletivo e preservado de bens, que fazem de um potencial patrimônio do IMPG, um indicador cultural e histórico que, em sentido amplo, isto é, para além do ambiente acadêmico, permite estabelecer relações constitutivas entre homens, meio ambiente e sociedade, por meio de suportes de memória produzidos por aqueles que pertenciam a esse grupo.

Desse modo e lidando com a história e as memórias no IMPG, a partir do conjunto documental legado por Maria Rondon, o objetivo dessa pesquisa consiste na identificação e no (re)conhecimento de um potencial patrimônio cultural, de natureza científico-tecnológica (C&T), referente ao campo da microbiologia e áreas afins, no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Portanto, como partida e para além das problematizações de ordem internalista ou puramente técnico-biblioteconômicas, alguns questionamentos se impuseram diante de uma

documentação inédita, uma vez que permanecera encoberta na biblioteca do IMPG e que só vieram à tona nesta pesquisa-tese: quais razões levaram a bibliotecária Maria Rondon a preparar e salvar uma documentação; a quais eventos suas anotações se referem; com o que, da história institucional, esses documentos dialogam; por que tais documentos permaneceram arquivados e silenciados? Ademais, tendo-se descoberto tais registros, quais suas relações e implicações no campo da museologia e do patrimônio?

1.1 Mapeamento

No contexto desta tese, somos conduzidos por um conjunto documental formado, primeiramente, por cinco folhas rascunhadas em papel, modelo carta², frente e verso, com registros de cunho bibliográfico e não bibliográfico (Anexos 01 ao 10)³. Além dessas folhas, rastreamos 24 fichas catalográficas datilografadas (Anexo 11 ao 13) e 34 fichas manuscritas do tipo pautado⁴, correspondendo a 34 pastas (Anexo 14 ao 42) que, por sua vez, salvaguardam documentos distintos, os quais exploraremos nos próximos capítulos. Fazendo uma analogia desse conjunto documental com os instrumentos de navegação (tal como a bússola e a rosa dos ventos) elaboramos uma espécie de mapeamento, mediante o qual um sistema de remissão de informações nos guiou por entre fichas e pastas. A verificação da técnica empregada no registro dos dados encontrados, no que se refere ao registro de dados e, sendo a biblioteca do IMPG, o local de salvaguarda de diferentes materialidades, levou-nos a pressupor que a pessoa encarregada dessa atividade teria sido um(a) bibliotecário(a). Essa pressuposição foi, posteriormente, confirmada por Dilma Cayres, servidora aposentada da Biblioteca da Microbiologia (Louzada, 2017). Além de atribuir à Maria Rondon, a responsabilidade pelo processamento técnico, Cayres reconheceu, ainda, a letra de sua colega de profissão. O Instituto de Microbiologia (doravante IM), posteriormente, Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG), foi, por duas décadas, o ambiente de convivência dessas duas bibliotecárias.

² São papéis, tipo ofício, datilografados e usados como padrão para comunicação com os consulentes da biblioteca, nesse caso, cobrança por atraso de livros

³ Devido a quantidade do conjunto documental ultrapassar o alfabeto brasileiro (26 letras), adaptamos a norma ABNT-NBR 14724:2011 (que orienta a alfabetação de anexos de trabalhos científicos). Assim, atribuímos números arábicos, aos anexos desse estudo.

⁴ São fichas impressas, não pautadas, medindo 12,5 x 7,5 cm, usadas para compor catálogos de bibliotecas. Suas medidas equivalem à largura de duas colunas de jornal (Olet, 2018).

1.2 Maria Rondon, a timoneira

Maria de Molina da Silva Rondon era filha de Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista, que atuou na exploração da Amazônia, na aculturação e na proteção de diversos povos indígenas do Brasil.

Sua mãe chamava-se Francisca Xavier da Silva Rondon⁵. Maria Rondon nasceu em 31 de outubro de 1907, em Corumbá, Mato Grosso do Sul (MS), tendo falecido em 26 de setembro de 1998, na cidade do Rio de Janeiro (Maria, 1998; Maria, 2021). A seguir, uma fotografia de Maria Rondon, acompanhando Marechal Rondon, durante uma entrevista com esse sertanista.

Figura 1 – Maria Rondon e seu pai.



Fonte: Magalhães, 1957.

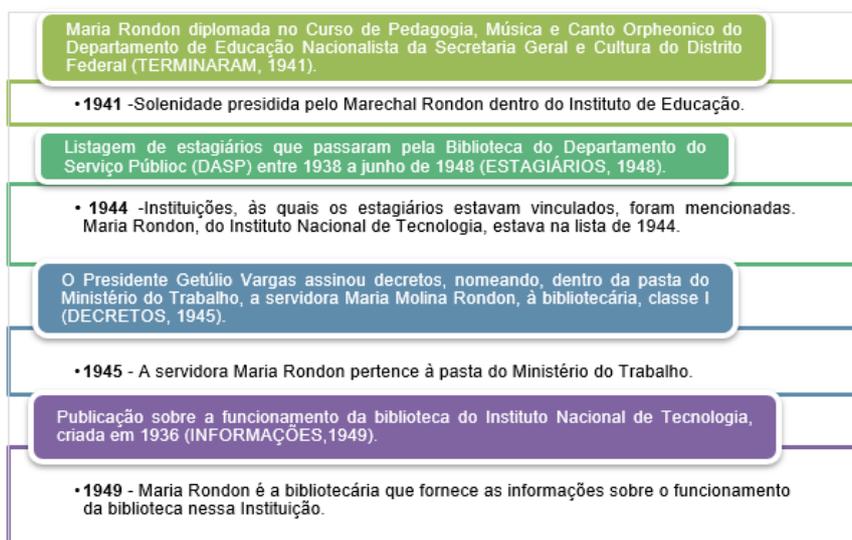
Outros dados acerca de Maria Rondon⁶, buscamos na Hemeroteca (Biblioteca, 2022). Dessa forma, resumimos, no Quadro 1, parte de sua trajetória educacional e profissional⁷.

⁵ Francisca Xavier da Silva Rondon, falecida em 1949, teve com o Marechal Rondon, sete filhos: Araci Rondon Amarante; Benjamin Rondon, Clotilde Rondon Amarante, Marina Rondon Bernardinelli, Beatriz Emília Rondon, Maria Molina Rondon e Branca Luiza Rondon (Magalhães, 1957).

⁶ O Quadro 1 apresenta a diplomação de Maria Rondon em Pedagogia, Música e Canto Orfeônico. O ensino de canto orfeônico torna-se obrigatório nas escolas primárias, secundárias e profissionais da municipalidade do Distrito Federal. Esse programa de música e canto orfeônico ganha contornos mais definidos com a renovação do sistema educacional impulsionada por Anísio Teixeira. Inserido em uma proposta político-pedagógica mais ampla, esse projeto de educação musical mobiliza múltiplos agentes que, em uníssono ou em dissonância, exercem diferentes funções e colaboram na invenção e no fortalecimento das representações simbólicas do Estado Nação (Monteiro, 2019, p. 21).

⁷ Em 1941, Maria Rondon foi diplomada no Instituto de Educação (RJ). Em 1944, era estagiária no Departamento do Serviço Público (Dasp). Entre 1944 e 1950, vinculada ao Instituto Nacional de Tecnologia (INT), Maria Rondon trabalhou no Arquivo e na Biblioteca dessa Instituição.

Quadro 1 – Vivências Institucionais de Maria Rondon



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Maria Rondon trabalhou no INT entre 1944 e 1950, ano em que, por ato presidencial⁸, ela foi promovida, por “merecimento”, da classe I para a classe J, na pasta do Ministério do trabalho (Atos, 1950, p. 4; Brasil, 1952).

No que diz respeito ao INT

isto sem dúvida explica, pelo menos em parte, o curso independente que o Instituto Nacional de Tecnologia assumiria a respeito dos grandes temas de debate nacional da época, como o do ferro e do petróleo, e que teriam influência na própria localização do INT junto ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, e não mais no de Agricultura, a partir de 1934 (Castro; Schwartzman, 2008, p. 11).

Inferimos que esse movimento científico do INT⁹ proporcionou à Maria Rondon, certo domínio nas atividades laborativas exercidas por ela, na esfera de atuação dessa Instituição. A habilidade dessa personalidade, com a classificação e a indexação, em temas voltados para a microbiologia, e também a competência sobre os dispositivos técnicos para representar o acervo nos catálogos de assuntos, eram fatores que destacavam essa profissional (Louzada, 2017).

⁸ Naquela ocasião, Eurico Gaspar Dutra era o Presidente do país (Dutra, 2022).

⁹ Houve um incremento nas pesquisas das ciência física no Brasil, a partir de 1950, mas até esse período, predominavam as pesquisas no campo das ciências biológicas. O Instituto Manguinhos, responsável por feitos espetaculares no controle das epidemias que assolavam o Rio de Janeiro e outras partes do país no início do século, havia conseguido estabelecer uma base sólida para a pesquisa biológica no país, que depois seria transplantada para algumas instituições também de alto nível, como o Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal do Estado de São Paulo, dirigido desde sua criação em 1927 até 1933 por Arthur, formado em Manguinhos e diretor da efêmera Diretoria de Pesquisas Científicas do Ministério da Agricultura, onde o Instituto de Tecnologia veio a ser criado (Castro; Schwartzman, 2008).

Através do Conselho Federal de Biblioteconomia da 7ª região (CRB-7), conferimos que Maria Rondon, formou-se na Fundação Biblioteca Nacional (FBN) em 1954, conforme apresentado na Figura 2:

Figura 2 – Ficha de matrícula no CRB7 (1956)

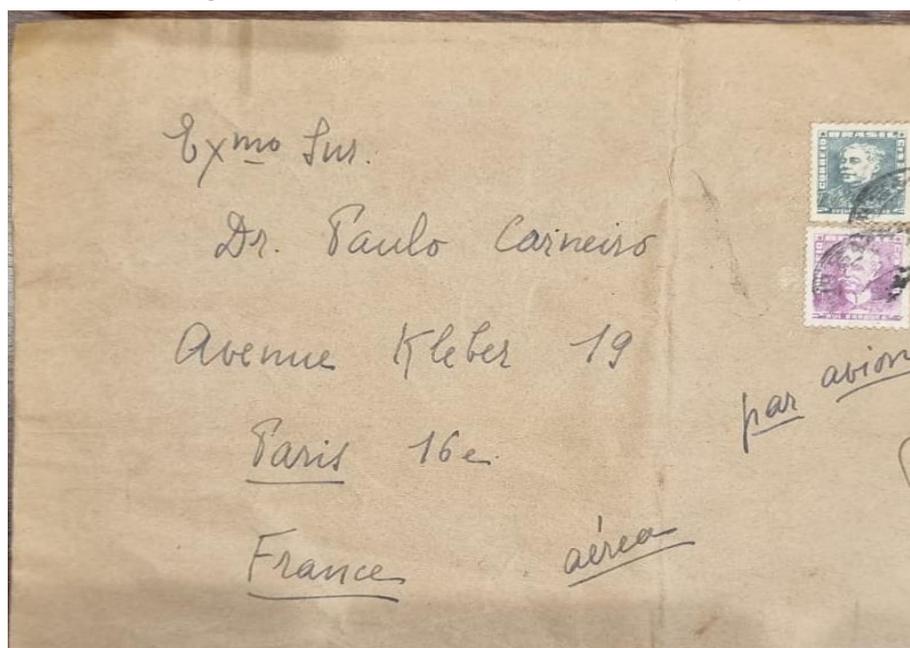
The image shows a yellow membership card from the Conselho Federal de Biblioteconomia da 7ª Região (CRB-7). The card is filled out with the following information:

- Nome:** Maria Rondon
- Endereço:** Av. Pasteur, 1401 - casa 7, Rio de Janeiro, RJ
- Profissão:** Bibliotecária
- Instituição:** Fundação Biblioteca Nacional, M.E.C.
- Data de Matrícula:** 22/8/1956
- Registro Profissional:** 102475/55
- Valor da Anuidade:** 47,928
- Valor da Contribuição:** 297,257
- Data de Emissão:** 27/4/1956
- Assinaturas:** WANDA COELHO E SILVA (Secretária) and JOSÉ CARLOS ABREU TEIXEIRA (Presidente)

Fonte: Conselho, 2023

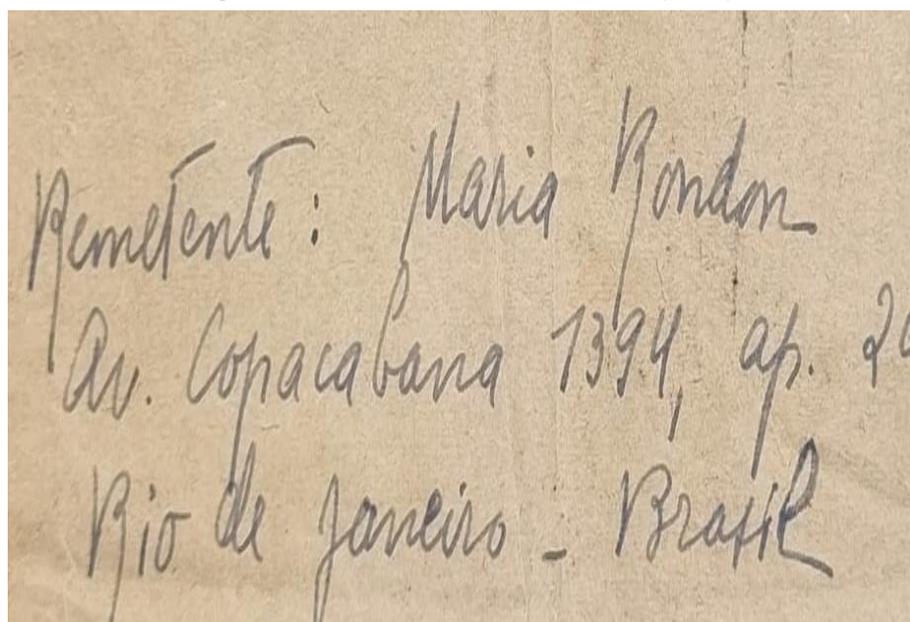
Em setembro de 1956, Maria Rondon assume a suplência do Conselho Fiscal de Associação Brasileira de Bibliotecários. Permanece no cargo até setembro de 1958 (Castro, 2023). Ainda em nossas pesquisas sobre a trajetória dessa bibliotecária, nos deparamos com uma correspondência enviada por ela ao cônsul Paulo Carneiro, que à época, residia em Paris (FR). Encontrada no Fundo Paulo Carneiro da Fundação Oswaldo Cruz (2023), a correspondência traz informações sobre a vida laboral de Maria Rondon (Anexos 43 a 46).

Figura 3 – Destinatário – Paulo Carneiro (1958)



Fonte: Fundação Oswaldo Cruz, 2023.

Figura 4 – Remetente – Maria Rondon (1958)



Fonte: Fundação Oswaldo Cruz, 2023.

Nessa carta, há menção da amizade construída entre Heloísa Alberto Torres¹⁰ e Maria Rondon¹¹ e o desejo desta em participar, com a antropóloga, da Conferência da Unesco em Paris, ocorrida em novembro de 1958. Nesse ano, ela trabalhava no Instituto de Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia¹² (IBICT), durante a gestão de Lydia Sambaquy (1913-2006), presidente desse Instituto entre 1954 e 1965 (Oddone, 2013).

Ao compulsarmos os Anais de Microbiologia (publicação que, desde 1950, contém informações administrativas e científicas do IM), vimos que Maria Rondon apareceu, pela primeira vez, no cenário do IM, 10 anos após a criação dessa unidade de ensino. Portanto, de acordo com a descrição da folha de rosto dos Anais (1959), a bibliotecária passou a atuar no Instituto, em 1959, enquanto a unidade, sendo, ainda, parte da UB, funcionava no *campus* da Praia Vermelha. Após 15 anos de trabalho e já instalada na Cidade universitária (Ilha do Fundão), Maria Rondon recebeu, em 1974, a colega e subordinada Dilma Cayres (Anais, 1974). Nesse período, a unidade mantinha-se como IM na então, UFRJ (Louzada, 2017).

Dilma Cayres e Maria Rondon (ao mesmo tempo ou cada qual no seu tempo) conviveram com o Paulo de Góes. Essas duas profissionais da biblioteconomia testemunharam a homenagem feita ao patrono do IM, quando (acrescentando o nome de Paulo de Góes ao Instituto de Microbiologia) a unidade passou a ser chamada de IMPG. O fato aconteceu em 1995, em meio a criação da graduação do IM. Àquela ocasião, o professor Sérgio Fracallanza (um dos docentes mais antigos do Instituto) era o diretor

Por ocasião da comemoração dos 60 anos da unidade, em 2010 (quinze anos depois da alteração de IM para IMPG) esse mesmo professor e agora ex-diretor, convivendo, desde 1970, com as primeiras personalidades que atuaram no IM, foi convidado a realizar uma apresentação sobre a trajetória da unidade. Dentre as várias imagens dessa exibição, surgiu uma fotografia de Maria Rondon. Nesse retrato, Maria

¹⁰ Filha do político e pensador nacionalista fluminense Alberto Torres, Heloisa Alberto Torres (1895-1977) iniciou sua vida acadêmica em 1918, ao ingressar no Museu Nacional, como auxiliar de Roquette Pinto. Depois de efetivada na instituição mediante concurso realizado em 1925, passou a chefiar a seção de Antropologia e Etnografia entre 1926 e 1931, tornou-se vice-diretora da casa entre 1935 e 1937 e sua diretora entre 1938 e 1955. No período em que ocupou a direção do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres implementou uma série de atividades voltadas para a institucionalização da disciplina antropológica, a começar pela criação da carreira de antropólogo, à qual atribuiu um caráter eminente prático, voltado para a pesquisa de campo e para a coleta de objetos de cultura material, principalmente na área indígena (Hoffmann, 2024).

¹¹ Não foi possível consultar o Arquivo Histórico do Itamaraty (devido a obras no prédio) para buscar outras informações sobre Maria Rondon ter formado parte do Comitê Nacional de Museus e ou de Bibliotecas, nessa conferência.

¹² Enquanto a Ciência da Informação tem o seu marco histórico pautado na criação do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), a constituição da Biblioteconomia brasileira, enquanto campo de conhecimento, é associada à trajetória da Biblioteca Nacional, primeira instituição a implantar cursos de biblioteconomia no país (Russo, 2010)

Rondon abraçava um dos filhos de Marco Antônio Américo, um técnico de laboratório que, há mais de 40 anos, trabalha no laboratório do IMPG (no qual pesquisa o professor Sérgio Fracallanza).

Marco Antônio Américo (desde os cinco anos) e sua mãe biológica moravam com Maria Rondon (Fracallanza, 2016; Cayres, 2017 apud Louzada, 2017). Marquinho, assim chamado pelos colegas, era reconhecido por Maria Rondon, como seu neto afetivo. Desse modo, seguindo informações daqueles que conviveram com essa personalidade, inferimos que a criança na fotografia (abaixo) sendo filho de Marco Américo, tornava-se, afetivamente, bisneto da bibliotecária.

Figura 5 – Maria Rondon e o filho de Marco Américo ([198?])



Fonte: Capitão Lourival, 2021.

À medida em que íamos descamando as camadas que cobrem sua jornada pela IM/IMPG, foi-nos possível verificar que Maria Rondon assumiu o cargo de chefia da biblioteca, desde sua chegada à unidade (UB). Exerceu essa função até 1977, quando completou aos 70 anos (idade limite, àquela época, para aposentadorias compulsórias). No entanto, foi contratada - via Reitoria da UFRJ – para atuar no IMPG. Em meados de 1995, sua ida ao Instituto foi interrompida, devido, principalmente, a sua dificuldade de locomoção, pois, naquele tempo, já alcançara os 88 anos. Dedicou cerca de 36 anos às atividades da biblioteca.

Maria Rondon era uma mulher teórica e tecnicamente bem-preparada, fluente em inglês, francês e alemão (Capitão Barbosa, 2021; Capitão Lourival, 2021). O seu conhecimento de línguas estrangeiras, auxiliou-a no trabalho técnico sobre o conjunto documental, pois alguns documentos encontrados estão escritos em francês e alemão. Depreendemos da mesma forma que a bibliotecária extrapolou o trabalho de descrição

bibliográfica, e, é no cerzir de sua metodologia, alinhavada por uma correlação sistematizada, composta por fichas e pastas, que essa profissional, ao mapear uma documentação de natureza diversa, nos conduz pelas memórias científicas da microbiologia no ambiente acadêmico no Rio de Janeiro.

Viver o dia a dia do IMPG, e da biblioteca em particular, além de nos ajudar na realização da pesquisa acadêmica acerca desses documentos, nos permitiu a investigação e análise mais profunda do tema, a partir de uma postura êmica. Atuar nessa biblioteca nos aproximou, ainda, do caminhar da ciência da Microbiologia, não somente através de seu grupo acadêmico, mas também por meio desse conjunto documental, adormecido, nos espaços dessa unidade de ensino da UFRJ.

1.3 Uma metodologia sendo cosida

Ao servir-nos da observação êmica¹³ – aquela que permite ao pesquisador valer-se de uma experimentação vivencial e de uma descrição densa, por estar inserido, perspectivamente, na realidade observada – podemos propiciar uma aproximação ao mesmo tempo, familiar e crítica do fenômeno que se pretende estudar. É pela observação que o pesquisador pode conhecer a realidade descrita em fenômenos e fatos concernentes ao objeto da investigação. O pesquisador, inserindo-se em uma realidade cotidiana, se aproxima criticamente do fenômeno que pretende estudar, como se este lhe fosse estranho. Este exercício de objetificação do fenômeno investigado faz parte de um exercício, ao mesmo tempo ético e científico, propiciado pela metodologia, que permite ao pesquisador manter sua objetividade, mesmo o quando o objeto de estudo lhe é familiar. Há, no campo científico, uma longa tradição mediante a qual faz-se do distante ou estranho familiar, e do próximo ou familiar distante. É o que podemos chamar, metodologicamente, de estranhamento perspectivo.

A composição da pesquisa etnográfica para Marconi e Lakatos (2017) inclui o contato direto do pesquisador com a situação ou pessoas e grupos selecionados, também de uma quantidade significativa de dados descritos, com acúmulo de fatos, ações, pessoas, relações e linguagens. Tais singularidades poderão trazer à tona, outros subsídios, que, por sua vez, podem consolidar a pesquisa em questão. Baseamos no princípio de que a memória é elemento inseparável de um processo de produção

¹³ Os termos-conceitos ético e êmico para indicar tipos de abordagens e/ou observações, em especial quando se trata de investigar comunidades humanas, foram, primeiro, estabelecidos pelo linguista, antropólogo e missionário *Kenneth Pike* (1971), que foi, também o criador do *Summer Institute of Linguistics*. Para tal, Pike se valeu da parte final dos termos (em inglês) *phonetics* (estudo das possibilidades linguístico-articulatórias dos seres humanos, sem particularizar nenhuma língua, como se fosse “de fora” da realidade sociolinguística) e *phonemics* (estudo do sistema estrutural sonoro de uma língua particular, uma abordagem “de dentro” dos sistema).

de conhecimento sobre o passado, uma vez que, por meio da memória no presente, é que o passado se atualiza.

Em se tratando da metodologia, essa pesquisa se pauta pelo caráter exploratório-explicativo, de teor qualitativo, apoiada em fontes documentais¹⁴ que, sendo primárias (algumas das quais inéditas), secundárias e terciárias, compõem um conjunto documental que foi organizado e legado por uma bibliotecária do IMPG, e que é o objeto central desta investigação.

Coerente com a abordagem êmica e qualitativa, os dados para coleta são, minuciosamente, descritos, por imagens e/ou palavras, porém sem desconsiderar valores, crenças, concepções, aspectos afetivos, experienciais, sensoriais ou outros componentes de significância, relativos aos indivíduos ou ao grupo. Para tanto, reafirmamos que a presente pesquisa se classifica como explicativa-exploratória com abordagem qualitativa. A pesquisa exploratória objetiva uma visão panorâmica de determinado fenômeno que, neste estudo, está relacionado à memória e ao patrimônio científico da ciência da Microbiologia.

O pesquisador que faz uso de uma pesquisa qualitativa procura explicar o porquê das coisas, sem quantificar os valores ou trocas simbólicas. A pesquisa qualitativa obtém vantagem quando interage com uma realidade que não há como ser quantificada, isso significa que:

[...] o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Este conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (Minayo, 2012, p. 21).

A pesquisa explicativa visa identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, ou seja, a razão, o motivo, a causa e o efeito das coisas. Como aponta Gerhardt (2009, p. 35), “uma pesquisa explicativa pode ser a continuação

¹⁴ No âmbito da biblioteconomia, os documentos (ou fontes) produzidos ao longo do processo de pesquisa podem ser classificados como primários, secundários e terciários. As fontes primárias, por sua natureza, são dispersas e desorganizadas do ponto de vista da produção, divulgação e controle. As fontes registram informações que estão sendo lançadas, no momento de sua publicação, no corpo do conhecimento científico e tecnológico. As fontes primárias são, por essas razões, difíceis de serem identificadas e localizadas. Esse fato gerou o aparecimento das fontes secundárias, que têm justamente a função de facilitar o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias. As fontes secundárias apresentam a informação filtrada e organizada, de acordo com um arranjo e finalidade definidos. São representadas, por exemplo, pelas enciclopédias, dicionários, manuais, tabelas, revisões da literatura, tratados, certas monografias e livros-texto, anuários e outras. Já as fontes terciárias têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São as bibliografias, serviços de indexação e resumos, catálogos coletivos, guias de literatura, diretórios e outras (Grogan, 1995; Campello, 2020).

de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado”.

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa documental constitui-se em identificação e análise de textos, matérias de jornais, periódicos, imagens, tabelas estatísticas, jornais, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão. Sobre esse tópico, Gerhardt (2009, p. 71) explica que.

Pesquisa documental – É aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não-fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências. Nesse tipo de coleta de dados, os documentos são tipificados em dois grupos principais: fontes de primeira mão e fontes de segunda mão. Os de primeira mão são os que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações, gravuras, pinturas a óleo, desenhos técnicos, etc. Os de segunda mão são os que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, manuais internos de procedimentos, pareceres de perito, decisões de juízes, entre outros. A pesquisa documental abrange: arquivos públicos; arquivos privados; dados de registro (um acontecimento, em observância a normas legais e administrativas); dados de recenseamento: demográficos, educacionais, de criminalidade, eleitorais, de alistamento, de saúde, de atividades industriais, de contribuições e benefícios, de registro de veículos.

O conjunto documental, além de demandar, por si só, uma vasta pesquisa documental, nos impulsiona a usar essa técnica de investigação devido à reunião de fontes diversificadas e dispersas em algumas anotações, conforme pudemos averiguar, em parte dos rascunhos. A pesquisa documental traz embasamento à pesquisa bibliográfica (podendo, contudo, ser mesmo a documentação, o objeto de pesquisa). Por vezes, não é fácil distinguir pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. No entanto, enquanto a pesquisa documental é composta por material sem tratamento analítico, a pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituída por material já elaborado, composto basicamente por livros e artigos científicos, localizados em diferentes naturezas de bibliotecas.

A pesquisa bibliográfica, considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas (Gerhardt, 2009, p. 71).

Em vista do modelo observacional e analítico que conduz a nossa investigação, além das obras (textos, artigos, dissertações, teses, monografias, relatórios técnicos,

revistas científicas, resenhas, cartas, documentos escritos, publicados ou não), buscamos informações em sites. Em se tratando do meio virtual, temos a base de textos completos em Scientific Electronic Library Online (SciELO), além do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que pode recuperar capítulos de livros que abordam o desenvolvimento da ciência no Brasil e a história dos cientistas importantes no campo da microbiologia. E, ainda, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BTD's) do IBICT nos possibilita recuperar o material acadêmico sobre temas relacionados a disciplinas de natureza documentária: arquivos, bibliotecas e museus.

Ademais da investigação documental e/ou bibliográfica, a literatura cinzenta¹⁵ e a literatura especializada fundamentam este estudo. Também devido à natureza de nosso objeto, consideramos a necessidade de nos valermos, ainda que por aproximação parcial, de um método de trabalho característico da Antropologia, o enfoque etnográfico.

Segundo Spradley (1979), etnografia “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo”, objetivando entender um outro modo de vida, mas do ponto de vista do informante. O trabalho de campo, então, inclui o estudo disciplinado do que o mundo é, como as pessoas têm aprendido a ver, ouvir, falar, pensar e agir de formas diferentes. Mais do que um estudo sobre as pessoas, etnografia significa “aprendendo com as pessoas”. O mesmo autor cita MALINOWSKY (1922, p. 25) que define a etnografia com a “compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo” (Lima et al., 1996, p. 4).

A pesquisa etnográfica apresenta um caráter holístico, ou seja: procura observar diversos ângulos de um mesmo fenômeno. Lima et al. (1996) apontam que a abordagem etnográfica envolve vários métodos de coleta: levantamentos, histórias de vida, a análise de documentos, testes psicológicos, videoteipes, fotografias. Os procedimentos comumente usados combinam diário de campo, experiências, observação participante e a interpretação da informação, como as entrevistas com informantes (Gil, 2019a).

[...] a descrição etnográfica requer não somente olhar, mas também ouvir e traduzir essa experiência através da escrita. Mesmo considerando o olhar e o ouvir como etapas preliminares fundamentais da pesquisa, é no ato de escrever que a produção do conhecimento se coloca pela relação dialética entre o comunicar e o conhecer. Portanto, a etnografia consiste no relato de uma experiência de trabalho de campo que procura sintetizar o esforço de estabelecer relações no campo, selecionar informantes, manter um diário de campo e assim por diante, mas implica, para além de tudo isso, num esforço de construir

¹⁵ A expressão literatura cinzenta, tradução literal do termo inglês *grey literature*, é usada para designar documentos não convencionais e semipublicados, produzidos nos âmbitos governamental, acadêmico, comercial e da indústria. Tal como é empregada, caracteriza documentos que têm pouca probabilidade de serem adquiridos através dos canais usuais de venda de publicações, já que nas origens de sua elaboração o aspecto da comercialização não é levado em conta por seus editores (Gomes, 2000, p. 92).

o que Geertz (2008) definiu como uma “descrição densa”, ou seja, uma descrição plena de significado (Oliveira, 2017).

Como estratégia metodológica, a etnografia oportuniza a compreensão de ações, fenômenos, eventos, situações, significados, que apresentam experiências de pessoas e suas visões do mundo: sentimentos ou comportamentos, ritos ou padrões. Essa técnica de coleta de dados, envolve, também, a análise de toda uma gama de documentos (Gil, 2019b). Lançar mão desse conjunto de técnicas de abordagem, no caso em apreço, se justifica considerando que nos propomos a fazer uma pesquisa de caráter êmico e qualitativo-exploratório que nos proporcione obter uma panorâmica o mais exata possível do nosso objeto em suas relações intrínsecas e extrínsecas.

A partir dessas definições, entendemos que este estudo transborda a trajetória do IM, pois Maria Rondon, através suas anotações, nos incita a uma navegação pela documentação que trata do desenvolvimento da ciência da Microbiologia, especialmente, no Rio de Janeiro, do final do século XIX até meados do século XX.

1.4 A confraria: uma tripulação

Os primeiros movimentos desta pesquisa se referem ao uso de técnicas para coleta de dados que, em nossa proposta, consistem em levantamento de dados, pesquisa bibliográfica, investigação documental, aplicação de entrevistas e análise das fontes orais.

Um ponto importante referente à coleta em campo diz respeito à advertência de Stengers (1990) quanto à imperiosa necessidade de tornar esses dados coletados em testemunhas fidedignas, sem o que a pesquisa e seus resultados fiquem comprometidos. Validade, confiabilidade e precisão são requisitos que devem ser preenchidos para mediar ou registrar os dados sobre um estudo, com a aplicação correta dos instrumentos para coleta desses dados (Gerhardt, 2009), a fim de que se possa formar uma sólida base para os avanços da pesquisa. Entre as técnicas de pesquisa, as entrevistas são parte importante da metodologia aplicada a este estudo, mediante a qual se buscam narrativas, impressões, opiniões e vivências daqueles que se encontram envolvidos com o objeto da investigação (Sá, 2015).

Deste modo, e ainda tendo em vista o caráter êmico, verificamos que a convergência entre um pesquisador e colaboradores sobre a visão de acontecimentos, utilizando a técnica das entrevistas, pode oferecer, ao processo de desenvolvimento de uma investigação, maiores potencialidades para o tema em pauta que, no caso presente, engloba o caminhar da Microbiologia em ambiente acadêmico no país, até a formação de um Instituto na UB/UFRJ, especializado nesta área do conhecimento. No

que concerne à técnica de entrevista, valemo-nos de Thompson (1998) que descreve como uma entrevista deve transcorrer, como fazer as perguntas, como agir em determinados momentos e o que fazer para encerrar a entrevista. Ao término da entrevista, o autor nos aconselha a realizar breves comentários, de forma a contextualizar o momento entrevistador – entrevistado. “Saber agradecer também é uma forma de saber entrevistar” (Thompson, 1998, p. 278).

Além de entrevistas, valemo-nos também dos depoimentos que se referem à técnica utilizada para a obtenção de declarações de um sujeito sobre acontecimentos dos quais ele tenha tomado parte ou testemunhado. Essa técnica permite que nossos colaboradores possam discorrer sobre assuntos que envolvem as memórias científicas e o patrimônio tecnológico, imersos nos espaços do IMPG (Louzada, 2017).

Em termos sistêmicos, os depoimentos definiram-se, inicialmente, pela convivência de algumas personalidades com a bibliotecária Maria Rondon, sendo que duas dessas entrevistas aconteceram devido a compreensão, na atualidade, da biblioteca-IMPG como um dos espaços de salvaguarda do patrimônio no campo da microbiologia no Brasil ou, ainda, mais preciso no RJ. Ao final, nesse estudo, acabamos por convocar sete personagens, cuja relação com os eventos que estamos investigando trará contribuições para nossa pesquisa que, de outra forma, não obteríamos. Para fins de sistematização, adotamos a ordem temporal da passagem de cada entrevistado na unidade, de acordo com o período de referência, conforme o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Perfil da tripulação

Nome	Formação	Profissão	Vínculo com IM	Período	Data da entrevista
Estrela do Mar	Ciências Contábeis	Contador(a)	Familiar do Patrono do IM	1950-1982	11/11/2021
Capitão Ahab	Odontologia	Docente	Microbiologia oral	1993- 2002	11/12/2021
Capitão Barbosa	Biblioteconomia	Bibliotecário(a)	Biblioteca IM	1974-2018	22/10/2021
Capitão Lourival	Administração	Técnico Administrativo	Microbiologia Médica	1979 - presente	21/10/2021
Capitão Nemo	Farmácia	Docente	Virologia	1974- presente	15/11/2021
Capitão Simbad	Ciências biológicas	Docente	Microbiologia Médica	presente	18/05/2021
Capitão Ulisses	Ciências biológicas	Docente	Microbiologia geral	presente	19/05/2021

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para facilitar a condução da entrevista, um roteiro de perguntas serviu como um guia norteador de nosso estudo. A ordem e a recomposição das questões variam de acordo com as características de cada entrevistado. A entrevista concebida a partir de um roteiro com perguntas principais, podem conduzir a novos questionamentos intrínsecos às circunstâncias momentâneas durante a entrevista (Gil, 2019a; Gil, 2019b).

O modelo considerado para o levantamento, a organização e a interpretação dos dados, alinhado ao objetivo desse estudo, se compõe por perguntas abertas e fechadas, razão pela qual, adotamos a entrevista semiestruturada. A técnica permite ao entrevistado, a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Mesmo um pesquisador elaborando questões previamente definidas, ele procura elaborá-las em um contexto muito semelhante ao de conversas informais. Emergem, assim, informações mais livres e respostas não totalmente condicionadas a uma padronização (Manzini, 2003).

Se outrora, percorremos o IM, como uma Instituição educacional tornada objeto de pesquisa, reiteramos que o IM passa a ser a Instituição a ser atravessada, porque à conjunção das entrevistas, as anotações de uma bibliotecária denotam outras formas de apreensão, nas quais se desenredam fatores sociais, históricos e políticos que, certamente, contribuem para um conhecimento mais esmiuçado sobre o fortalecimento da Microbiologia dentro do ambiente acadêmico-científico brasileiro. Enfatizamos que, nosso percurso metodológico, além de nos levar à compreensão desses contextos, permite que nos debrucemos sobre outros dados, a partir de determinadas características representadas no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Exemplo de perguntas formuladas e seus objetivos

Perguntas	Objetivos
Nome, ano, cidade de nascimento. Residência, ocupação e trajetória profissional do entrevistado.	Registrar e formalizar a pesquisa.
O sr. (a) pode-me falar sobre trajetória (profissional) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)?	Estabelecer conexão da vida pessoal e/ou profissional do entrevistado com suas vivências na universidade
Como foi sua chegada ao Instituto de Microbiologia (IM)?	Traçar a trajetória profissional
O sr. (a) conhece alguma história, ou fato interessante, relativa à evolução da ciência da Microbiologia nessa Universidade?	Perceber através do entrevistado, a possibilidade de haver registros em algum espaço da UFRJ, registros sobre o desenvolvimento da ciência da Microbiologia.
O sr. (a) percebeu ou observou dentre os espaços existentes no IM, algum objeto que chame a sua atenção, ou que revele como se deu a evolução da Microbiologia em nossa Universidade?	Aguçar as memórias sensoriais do entrevistado, sobre bens existentes relacionados ao desenvolvimento dessa ciência na UFRJ.

Perguntas	Objetivos
Em algum momento, na sua passagem pelo IM, o sr. (a) ouviu falar sobre cuidados ou trabalhos com os patrimônios da unidade que sejam relativos à história da Microbiologia na Universidade?	Fomentar junto ao entrevistado, uma percepção sobre o tema patrimônio e sua relação com o ambiente universitário da UFRJ
O sr. (a) sabe dizer se era comum chamar de Museu de Microbiologia algum espaço da unidade? É ou era comum chamar de museu a algum espaço da instituição. Enfim, havia algum espaço ao qual alguns chamassem de museu	Buscar nas memórias sensoriais do entrevistado, dados que remetam à existência de um museu no IM
O sr. (a) pode falar suas impressões sobre a Biblioteca da Microbiologia, desde a sua chegada à unidade?	Analisar, através da percepção do entrevistado, se a biblioteca, para além de um lugar de salvaguarda bibliográfica e de memória acadêmica, pode ser um espaço de divulgação científica.
Como o sr. (a) conheceu a bibliotecária Maria Rondon? Pode falar um pouco sobre essa profissional?	Buscar informações, que remetam à família ou a atuação da bibliotecária
O sr. (a) pode me falar sobre a visão de Paulo de Góes sobre a biblioteca e sua relação com Maria Rondon?	Estimular lembranças dessa convivência, caso as tenha conhecido.
O que o sr./sra. Consideraria importante preservar dentre os objetos existentes no instituto?	Exibir e ou reaver anotações, cadernos de laboratório, documentos trocados entre cientistas e outros itens.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Essas perguntas nos levam, através do corpo acadêmico-administrativo, oriundo do IM-IMPG, a compreender pontos relevantes, acerca de um patrimônio existente nesta unidade de ensino e pesquisa. A investigação de um material documental nunca antes analisado é o cerne da nossa pesquisa. É a partir dele que tratamos da biblioteca do IMPG, de personagens que por lá circula(ra)m e do tema patrimônio (o documental, o científico-tecnológico), perpassando a Museologia. Sendo assim, se faz imprescindível, primeiramente, apresentar e discutir a definição sobre patrimônio cultural de natureza científico-tecnológica que adotamos nessa e para esta pesquisa.

1.5 Patrimônio Cultural - Patrimônio Científico

Embora a categoria jurídica patrimônio seja bastante antiga, remontando, formalmente, ao direito romano, a preocupação do poder público com a proteção dos bens patrimoniais coletivos é recente historicamente. Nos primórdios, entendia-se que o patrimônio como categoria sociocultural e jurídico-política, concernia a Estados e governantes, derivando daí os regulamentos, portarias e outros documentos legais no escopo das políticas públicas. Em geral, motivada pelo fato de que, em determinadas circunstâncias histórico-sociais, ocorriam depredações e destruição de bens públicos representativos de regimes ou personalidades que se tornavam indesejáveis à luz dos novos regimes ou ética. São exemplos desses documentos de política de gestão

patrimonial: o decreto real de D. João V, de Portugal, editado em 1721; na França, as regulamentações governamentais que se seguiram à queda da monarquia e a instalação do regime burguês após a revolução de 1789; ocorrendo o mesmo na Rússia recém-socialista, nos anos 1920, ou mesmo no Brasil, entre os anos de 1926 e 1928, com a criação de órgãos de proteção ao patrimônio, como as Inspetorias Estaduais de Monumentos em Minas Gerais (MG), Bahia (BA) e Pernambuco (PE); e na década seguinte, através do Decreto nº 24 735 de 14 de julho (Brasil, 1934) com a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN), uma entidade vinculada ao Museu Histórico Nacional (MHN) que tratava da preservação do patrimônio em âmbito nacional (Soster, 2022).

Sobre o sentimento de nacionalidade, Fonseca (2005, p.99) afirma que

no Brasil, a ideia de patrimônio cultural foi construída ao longo de um processo histórico que conformou um campo da política pública e também um campo de estudos acadêmicos. Embora o marco legal para a política de patrimônio imaterial seja a Constituição Federal de 1988, no qual o anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), elaborado por Mário de Andrade em 1936, já apresentava a ideia de que fatos culturais, hoje chamados de imateriais ou intangíveis, teriam interesse patrimonial para os poderes públicos.

Atualmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), criado, em 1937, como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), é a entidade responsável pela preservação e divulgação do Patrimônio Nacional. Vinculada ao Ministério da Cultura, essa autarquia federal do Governo Brasileiro tem como compromisso¹⁶ a defesa dos bens culturais do país, proporcionando sua “existência e usufruto para as gerações presentes e também futuras, buscando a preservação dos tesouros da cultura nacional” (Instituto, 2024).

Enquanto o Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro (Brasil, 1937) estabelecia patrimônio como “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação era de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”, novos dispositivos legais culminaram com o reconhecimento do patrimônio imaterial no artigo 206 da Constituição de 1988. Patrimônio Cultural Brasileiro¹⁷(substituindo a antiga denominação Patrimônio Histórico e Artístico)

¹⁶ Nesse contexto, o Iphan constrói em parceria com os governos estaduais o Sistema Nacional do Patrimônio Cultural, com uma proposta de avanço disseminada de maneira contínua para os estados e municípios em três eixos: coordenação (definição de instância(s) coordenadora(s) para garantir ações articuladas e mais efetivas); regulação (conceituações comuns, princípios e regras gerais de ação); e fomento (incentivos direcionados principalmente para o fortalecimento institucional, estruturação de sistema de informação de âmbito nacional, fortalecer ações coordenadas em projetos específicos).

¹⁷ Art.216. Constitui-se Patrimônio Cultural Brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes

constitui-se de bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Instituto, 2024).

Pontuamos, apenas, uma parte da evolução histórica do Patrimônio Brasileiro, tendo em vista, o conjunto de normas brasileiras (Legislação, 2010) que trata desse assunto e as diretrizes para cada grupo de Patrimônio¹⁸ (Instituto, 2024). Mas, foi examinando essas especificidades, que compreendemos ser Patrimônio uma “categoria de pensamento extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana” (Gonçalves, 2007, p. 109).

No que tange a definição de bem ou patrimônio cultural, Borges (2009, p. 358) afirma que:

com base nas diversas formulações encontradas em diferentes Cartas Patrimoniais (INSTITUTO..., 2004), pode-se resumidamente dizer que são considerados bens ou patrimônios culturais (materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis) os produtos e testemunhos dos diversos povos e que, enquanto tais, fazem parte do ethos desses povos e de suas múltiplas tradições histórico-culturais, tais como, os bens móveis e imóveis, as expressões artísticas e os conhecimentos produzidos acerca da natureza e do universo, incluída a mitologia, as tecnologias, os rituais, as dietas alimentares e tudo aquilo que compreende a diversidade étnica, social e gnosiológica do gênero humano. A determinação de um objeto, expressão ou manifestação cultural como bem patrimonial dependerá de seu reconhecimento e sua significação histórico-cultural para uma determinada nação, povo, comunidade ou segmento populacional. Dessa perspectiva, os patrimônios culturais integram os processos identitários de um povo ou nação. Destarte, o operador conceitual significação cultural designará o valor estético, histórico, científico, técnico ou social de que um determinado bem encontra-se investido pelas gerações passadas, presentes ou futuras, ou ainda, da estratégia de constituição imaginária do tempo sócio-histórico (Moraes, 2007).

Na Constituição Federal de 1988 (no seu artigo 216, § 1º) afirma-se que o Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, no entanto, tratar dele inclui vislumbrar a importância da cultura para e sobre determinadas sociedades. Uma variedade de significados da palavra cultura -- derivada do latim -- deu origem a expressões como cuidado ou cultivo, como a expressões que designam conjuntos de conhecimentos e hábitos de determinadas sociedades (Oliveira, 2020).

grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I. as formas de expressão; II. os modos de criar, fazer e viver; III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológicos.

¹⁸ Trabalhando com conceitos e visando facilitar o acesso ao conhecimento dos bens nacionais, a gestão do patrimônio pelo Iphan é efetivada, segundo as características de cada grupo: Patrimônio Material, Patrimônio Imaterial, Patrimônio Arqueológico e Patrimônio Mundial (Patrimônio, 2024).

Edward Burnett Tylor define cultura como “complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (apud Castro, 2005). Mas, diferente de uma concepção de hierarquização social originada pela produção cultural, Claude Lévi-Strauss assegura que em termos de cultura, não existe a mais ou a menos, a melhor ou a pior desenvolvida. Significa afirmar que não se pode haver hierarquização de culturas, porque essas são distintas e surgem junto a outros elementos de diversas estruturas sociais (Lévi-Strauss, 1986). Compreendemos que não há limite conceitual para a expressão cultura, mas partindo dessas distintas perspectivas, perguntamo-nos o quanto a cultura influencia e, em certa medida, pode sofrer influências por aqueles grupos integrados ao Patrimônio Cultural. Dentre outras ramificações culturais dessa temática, entendemos que Patrimônio Industrial, Patrimônio do Meio Ambiente ou Patrimônio Cultural em C&T¹⁹ “[...] são construções históricas. Pensamos que elas são naturais e que fazem parte do mundo. Na verdade, resultam de processos de transformação e continuam em mudança” (Gonçalves, 2007, p. 110). Nesse sentido, pesquisas acerca do patrimônio cultural devem iluminadas, pela Sociologia, Antropologia, pelos estudos linguísticos e história cultural e intelectual, rediscutindo processos de elaboração, negociação e imposição histórica de recortes e narrativas.

Em vista disso, a concepção de patrimônio cultural, inicialmente, se justifica, então, por sua oposição à noção econômica de patrimônio (seja individual, seja coletivamente considerado) que, impulsionada por um enfoque antropológico e histórico, levou à constatação lógica de que, se a cultura se refere, em geral, a toda herança social, compartilhada, portanto, da qual faz parte tudo aquilo que resulta de um ato antropogênico, então, não há no mundo humano nada que não seja constitutivamente cultural ou que, sendo a relação homem-meio mediada pelo simbólico, não possa ser culturalizado. “A noção de patrimônio cultural rematerializa a noção de ‘cultura’ que, no século XX, em suas formulações antropológicas, foi desmaterializada em favor de noções mais abstratas, tais como estrutura, estrutura social, sistema simbólico” (Gonçalves, 2007, p. 218).

Patrimônios refletem e refratam a dinâmica identitária de um grupo social, sendo assim, algumas correntes teóricas voltadas para o tema consideram, como componente dessa categoria, pessoas que se destacam e, em certo sentido, se mitificam, seja por sua importância relativa dentro de uma comunidade, seja por serem portadoras de um

¹⁹ É possível encontrar na literatura, termos como Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: Patrimônio Científico e Tecnológico, Patrimônio Científico e Técnico, Patrimônio da Ciência e da Tecnologia, Patrimônio da Ciência, Patrimônio Científico, Patrimônio da Ciência e da Técnica dentre outros (Handfas, 2018).

singular e irreprodutível saber e fazer. Compreendidos como patrimônio, ao saber e ao fazer, se inserem espaços, como luta por poderes simbólicos e, lugares, nos quais se estabelecem relações entre determinados agentes da sociedade, com significados entre passado e presente.

É nessa perspectiva teórico-metodológica, que nosso estudo abarca essas diferentes apreensões, nas quais se desenrolam fatores sociais, históricos e políticos que, certamente, contribuem para um conhecimento e compreensão, mais aprofundados, sobre o conjunto de bens materiais e simbólicos, produzidos ou utilizados, ao longo da trajetória da microbiologia no Rio de Janeiro, especialmente, na Faculdade de Medicina (posteriormente, incorporada a UB/UFRJ) um ambiente acadêmico localizado nessa cidade, sede do império português, a partir de 1808. Vale lembrar que, após a Independência do Brasil, em 1822, o Rio de Janeiro tornou-se a capital do Império do Brasil, e, que em, 1889, após a abolição da escravatura, a República foi proclamada. Em meio a essa agitação social e política, o Rio de Janeiro, permanecia como centro político e a capital do país, até 1960. Ano em que a nova capital, Brasília, localizada no planalto central do Brasil, foi inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Nessa dimensão temporal, as ações e personalidades científicas são levados em conta, tendo em vista que, os desdobramentos da trajetórias de instituições culturais brasileiras estão, intimamente, relacionadas a UFRJ, basta ver que, alguns dos recortes históricos (encontrados na produção documental de Maria Rondon), foram identificados nas primeiras incursões dessa pesquisa, o que nos faz corroborar que a UFRJ é uma instituição que possui importante patrimônio cultural, seja de valor histórico, estético, etnológico, artístico ou científico. O termo científico situa-se na dinâmica ciência-cultura, dois universos que, dentre outros, envolvem tradições, práticas, procedimentos e saberes (Lourenço; Wilson, 2013).

Muito do que se conhecemos sobre Patrimônio Cultural em C&T no Brasil, encontra-se nas universidades²⁰, de modo que, se faz mister, pontuarmos a patrimônio científico dessas Instituições, como

legado coletivo compartilhado pela comunidade científica, em outras palavras, o que a comunidade científica como um todo percebe como sua identidade no valor que está sendo passado para as próximas gerações de cientistas assim como ao público em geral. Inclui o que sabemos sobre a vida, a natureza e o universo, mas também, a forma como conhecemos. Seus meios são material e imaterial. Engloba artefatos e espécimes, mas também laboratórios, observatórios, paisagens, jardins, coleções, práticas de ensino e pesquisa e ética,

²⁰ Universidades se caracterizam pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão. São instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano (Brasil, 2006).

documentos e livros (Lourenço; Wilson, 2013, p. 746 apud Handfas, 2018).

De acordo com Ribeiro (2013) a pesquisa científica e o desenvolvimento tecnológico, vinculam-se, principalmente, ao ensino universitário, formando um imbricamento entre patrimônio universitário²¹ e conceitos em C&T.

Desde os anos 1980, o patrimônio cultural universitário vem gerando debates e mesmo empreitadas acadêmicas para seu levantamento e conscientização, pois, com a falta de ações das próprias universidades, o risco desses objetos se perderem é elevado. Neste sentido que, começando pela Europa, os museus e as coleções universitárias têm sido pensados como soluções para a questão da preservação deste patrimônio (Abalada; Granato, 2019, p. 5).

Lourenço (2009, p. 47) afirma que as universidades são “instituições [que] não possuem vocação, missão, orçamento, pessoal qualificado ou muitas vezes, a sensibilidade para a sua preservação e divulgação”. A assertiva desse autor é que nos leva a algumas reflexões sobre proteção, preservação e disseminação do patrimônio cultural, de natureza científica e tecnológica em uma unidade acadêmica da Instituição UFRJ. Outras Instituições, além das universidades, como escolas politécnicas, antigos liceus, escolas técnicas, Institutos, laboratórios de investigação, hospitais, sociedades científicas, contêm conjuntos de objetos (instrumentos, fotografias, modelos, cartas, cadernos de nota etc.) representativos das ciências e da tecnologia praticadas e desenvolvidas no Brasil e, portanto, habilitados a ser reconhecidos oficialmente como patrimônio cultural.

Sobre os objetos em C&T, que poderiam ser reconhecidos e preservados como patrimônio cultural, lembremos que, em relação a eles, existe no Brasil, um elevado grau de descarte. Isso se aplica não apenas aos objetos científicos anteriores ao século XIX, cuja maior parte encontra-se irrecuperável, mas também aos mais recentes, segundo Granato, Maias e Santos (2014), devido à situação de descarte (uma vez que se obsoletizam), agravado por certo descaso administrativo e patrimonial, especialmente nas universidades e institutos de pesquisa.

Na busca de melhor entendimento sobre o patrimônio cultural das universidades brasileiras, encontramos no âmbito da UFRJ, algumas ações relativas à preservação de bens culturais. Verificou-se, entretanto, que, ainda, faltam políticas de preservação desse patrimônio (Abalada; Granato, 2019).

²¹ Em face de agendas de sensibilização e preservação, Soubiran et al., (2009, p. 52) citam, na experiência europeia. A decisão do European Council julgou necessário adotar o termo “patrimônio universitário”, de modo a chamar a atenção para a necessidade de sensibilização das universidades, perante o risco que se encontram os patrimônios contidos nesses espaços.

É nesse contexto, que os objetos avulsos ou grupos de objetos, são apenas guardados, ocasionando sua dispersão e carência de conservação. Sob distintas condições, estão sob os cuidados de professores, funcionários e servidores nos departamentos, escolas ou institutos a que pertencem na hierarquia universitária (Handfas; Granato, 2013). Podemos afirmar que nossa vivência na UFRJ, nos mostrou que a ausência de políticas para salvaguarda de seu patrimônio, faz com que bens culturais, identificados nos variados ambientes dessa Instituição, tornem-se dependentes de iniciativas pessoais do corpo técnico-acadêmico. As medidas de preservação e divulgação são, muitas vezes, adotadas, individualmente ou coletivamente, como por exemplo, o da memória da Microbiologia, projeto impulsionado pelo centenário de seu patrono, Paulo de Góes.

Considerando a complexidade conceitual que envolve o pensar-fazer científico e o desenvolvimento tecnológico do patrimônio cultural em C&T, fundamentamo-nos nas diretrizes da Carta do Rio de Janeiro²², com vistas a conduzir esse estudo no campo da microbiologia e áreas afins, de forma que o conjunto de bens do IMPG

constitui-se do legado tangível e intangível relacionado ao conhecimento científico e tecnológico produzido pela humanidade, em todas as áreas do conhecimento, que faz referência às dinâmicas científicas, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, e a memória e ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico. Estes bens, em sua historicidade, podem se transformar e, de forma seletiva lhe são atribuídos valores, significados e sentidos, possibilitando sua emergência como bens de valor cultural (Araújo, Ribeiro, Granato, 2016, p.17)

Norteados pela bússola de Maria Rondon, não nos restam dúvidas de que o patrimônio em C&T do Instituto, são conforme Granato e Santos (2015, p. 79-80),

[...] conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além dos saberes, das práticas de ensino e pesquisa, e de todos aqueles artefatos e espécimes que são testemunhos dos processos científicos, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, considerando documentos em suporte papel (arquivísticos e bibliográficos), instrumentos científicos, máquinas, montagens, coleções científicas de natureza diversa como arqueológicas, etnográficas, biológicas, além de construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos (laboratórios, observatórios, paisagens e jardins).

Na busca de reconhecimento, amparamo-nos em fichas bibliográficas e outras anotações de Maria Rondon, trilhas em que ressoam memórias desse ambiente acadêmico da UB/UFRJ, no qual seu grupo científico busca (re)definir-se e atualizar sua identidade, através do patrimônio científico (como uma das subcategorias do

²² Esse documento foi elaborado a partir de uma minuta elaborada por Araújo; Ribeiro e Granato. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_cadernos_do_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia/pdf/GRANATO_RIBEIRO_ARAUJO_caderno_02_WEB_2017.pdf. Acesso em 04 ago. 2024.

patrimônio) que produziram e deixaram como legado: um conjunto relacionado a Ciência e Tecnologia (C&T), que apresenta vestígios dos testemunhos da interação do homem com seu meio, natural ou urbanizado ou, especificamente, acadêmico.

Conservar, preservar e rememorar são condições daquilo que se deseja configurar como identidade de um grupo social. Assim, no exercício tangível-intangível relativo ao patrimônio C&T do IMPG (alguns dados relevantes acerca de objetos da congregação são descritos e alinhavados no capítulo 4 desta tese), essa navegação, traz Maria Rondon como a timoneira e, também no sentido figurado, tomamos a biblioteca como a embarcação que nos conduz às memórias científicas, iluminadas pela documentação, encontrada nesse lugar de memória.

1.6 A biblioteca é a embarcação

Os documentos, até então silenciados ou encobertos, constitutivos da memória do IMPG, compõem um mote preliminar que despertou nosso interesse sobre bens que constituem patrimônio da UFRJ. Como indícios que apontam para essas e, quiçá, outras memórias encobertas neste ambiente acadêmico da UB/UFRJ, tais traços de memória são, igualmente, vestígios da presença de um patrimônio cultural, direcionado para a microbiologia, representada pelos chamados portadores de memória (Borges; Campos; Pontes, 2016, p. 494).

Portador material (que também pode ser denominado como semióforo²³), é conceito cunhado por György Lukács, retomado por Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho (Massuia, 2013) não é, em sentido literal, um portador de memória, mas de elementos sígnicos que apontam para ou evocam memória. Somente um ser, dotado de aparato neurológico, porta uma memória. Portadores materiais desencadeiam fluxos de recordações (Borges, 2023). Assim posto, entendemos que a memória, como fenômeno pode ser estimulada ou acessada por coisas e meios diversificados.

Reafirmamos que, para além da memória, a questão patrimonial é a razão que nos leva a navegar pela história encoberta nos objetos encontrados na biblioteca e nos antigos armários expositores na Sala de Congregação da unidade²⁴. Simbolicamente, mergulhando nas anotações da bibliotecária, constatamos que alguns dos documentos da biblioteca nos levam aos bens assentados na Sala da Congregação, localidade a ser explorada no capítulo 4.

²³ Etimologicamente, aquele ou aquilo que porta um signo ou símbolo, ou, em termos mais amplos, significação. É mister observar que o uso conceitual de semióforo aqui difere, em muitos sentidos, do utilizado por Pomian (1997).

²⁴ A congregação do IM está localizada no andar térreo do bloco I do prédio CCS. Local onde se reúne o colegiado acadêmico e técnico da Microbiologia. É um espaço reservado, mas que também permite: comemorações, eventos, além de divulgação e comunicação científica.

Por agora, voltemos nossa atenção à biblioteca do IMPG, uma localidade de representação da memória do IMPG, que foi, inicialmente, formada por um pequeno acervo constituído por livros básicos e periódicos da especialidade, no caso microbiologia e ciências afins, nos idos de 1950. Esse espaço tomou forma juntamente com o Pavilhão de Microbiologia da Universidade do Brasil (UB). Naquele período, fornecia somente as informações bibliográficas essenciais ao seu corpo acadêmico. A partir de um primeiro levantamento bibliográfico realizado por profissionais que trabalhavam nesse local, constatou-se que, à época, outros livros e artigos, deveriam ser obtidos em outras bibliotecas especializadas.

Pontuamos que o acervo inicial da biblioteca foi impulsionado com a permuta dos Anais da Microbiologia, publicação engendrada por Góes, não somente para registrar os feitos e trabalhos científicos produzidos na unidade, mas, também, para assinalar informações sobre as atividades administrativas exercidas no Pavilhão. Os Anais de Microbiologia se iniciaram também em 1951. Seu encerramento aconteceu em 1982, coincidentemente, ano do falecimento de Paulo de Góes (Louzada, 2017).

Nos Anais de 1951, encontramos, além de um registro fotográfico, uma breve descrição do propósito da biblioteca naquele tempo – o que, de certa forma, funciona como o certificado de nascimento da biblioteca dessa unidade. No texto, identificado como “recanto da biblioteca” deparamo-nos com um projeto ainda não formalizado, que visava à criação de um serviço de documentação, composto por coleções de mapas, móveis, dispositivos ou filmes para apresentação em cursos, conferências e aulas, o que nos leva a inferir que o propósito do grupo do IM era implantar na biblioteca, um ambiente de sociabilidade, sobretudo científico. Em parte, esse ideal materializou-se, na década de 1960, com a criação do Centro Nacional de Informação científica em Microbiologia (CENIM), centro criado em parceria com o IBBD²⁵ (Louzada, 2017).

Em nossas pesquisas sobre o IBBD (atual IBICT), vimos que esse Instituto, favorecido por um novo regime de informação, sofreu influências da documentação, possibilitando, assim, a implantação de novas posturas e mentalidades (Oddone, 2004).

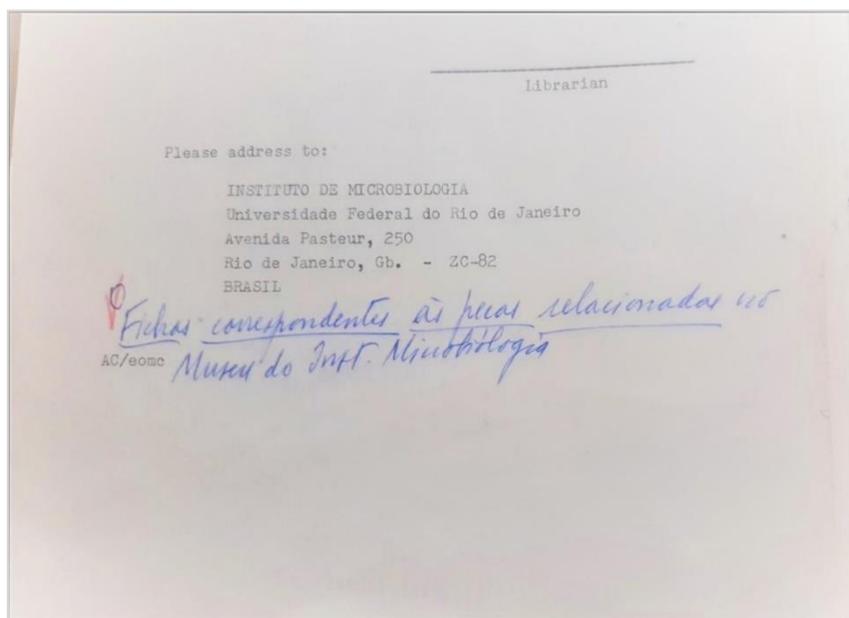
a articulação entre biblioteconomia e documentação foi executada de forma tão conveniente naquele momento, que, anos mais tarde, tanto Edson Nery (Fonseca, 1992) quanto Briquet de Lemos afirmariam que, no Brasil, não se verificou "a cisão entre bibliotecários e documentalistas que se observou em outros países" (Lemos, 1972, p. 13 apud Oddone, 2004, p.51).

²⁵ Nesse contexto, a criação do IBBD em 1954, como órgão de produção e acumulação de informações bibliográficas, constituiu um suplemento de força para os bibliotecários. O contato com instituições internacionais, como a Federação Internacional de Documentação (FID) e a Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (Ifla), por outro lado, oferecia acesso a um cenário já em vias de se globalizar, enriquecendo o domínio intelectual até ali representado exclusivamente pela biblioteconomia. A convivência com essas novas demandas traduziu-se na adesão da área ao discurso da "informação científica" e à sua progressiva elaboração em termos teóricos e pragmáticos (Oddone, 2006).

Assim, o conjunto de práticas assumidas pelo IBBD, passou a não ser domínio exclusivo da biblioteconomia. “As atividades exercidas por esse órgão ofereciam materialidade a um domínio híbrido do saber, situado a meio caminho entre biblioteconomia e documentação “ (Oddone, 2004, p.52). Temos razões para acreditar que, sob a atmosfera dessa Instituição, um serviço de documentação tenha sido pensado na biblioteca do IM, como um local de disseminação e fluxo de informações de naturezas e suportes documentais diversos (Anais, 1951).

Foram as incursões iniciais, em torno de uma documentação, que nos instigaram a identificar um patrimônio que se refere a instituições científico-acadêmicas, personalidades científicas e publicações acadêmicas relacionados às ciências da saúde, em especial à microbiologia. Ainda dentre essas informações, deparamo-nos com uma anotação na qual é mencionada a criação de um “Museu no Inst. de Microbiologia” citação essa que, a partir da rota traçada, nos leva adentrar no campo da museologia.

Figura 6 – Anotação sobre Museu da Microbiologia([196?])



Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

Nessa perspectiva, um conjunto documental²⁶ silenciado é o bem constitutivo do IMPG, que, transversal a Museologia, navega por um patrimônio cultural, de natureza

²⁶ [...] além dos saberes, das práticas de ensino e pesquisa, e de todos aqueles artefatos e espécimes que são testemunhos dos processos científicos, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, considerando documentos em suporte papel (arquivísticos e bibliográficos), instrumentos científicos, máquinas, montagens, coleções científicas de natureza diversa como arqueológicas, etnográficas, biológicas, além de construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos (laboratórios, observatórios, paisagens e jardins) (Granato; Santos, 2015, p. 79-80).

científico-acadêmica. Assim posto, nessa trajetória, guiamo-nos, inicialmente, pela percepção do significado de documento – documentação -, evocando o documentalista Paul Otlet (1868 -1944).

1.6.1 Documentação à vista

Paul Otlet, em sua obra *Traité de Documentation*²⁷, publicado em 1934, inovou as ideias a respeito de documento como conceito. Para Lara (2010), esse documentalista considerava documentos não somente livros e outros manuscritos, mas arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, desenhos e reproduções dos mesmos e fotografias, dentre outros, que para além do livro, são esses portadores de memória (Pereira, 2018). Pinheiro (2008, p. 83) afirma que Paul Otlet via os documentos como “[...] os objetos de museus e novos documentos como fotografia, cinema, televisão, todos aqueles que, para ele, tinham propósitos semelhantes aos do livro – conhecimento”. O documento para Otlet é a materialização do pensamento, constituindo-se em principal instrumento para transmissão do conhecimento.

Os documentos são compostos por três ordens de elementos: elementos materiais, tal como substância, forma e acabamento; elementos gráficos, como textos, imagens reais ou convencionais notações e os elementos intelectuais. Assim, “[...] para Otlet o documento está no centro de um complexo processo de comunicação, da acumulação e transmissão do conhecimento, da criação e evolução das instituições” (Rayward apud Pereira, 2018, p. 72).

Já quanto ao termo documentação²⁸, este foi cunhado para designar o processo de fornecimento de documentos para os que estão em busca de informação. Paul Otlet define documentação como:

- 1) O registro do pensamento humano e a realidade exterior em elementos de natureza material chamados documentos; 2) A conservação, circulação, utilização, catalogação, descrição e análise destes documentos; 3) A elaboração, com ajuda de documentos simples, de documentos mais complexos e com ajuda de documentos particulares, de conjuntos de documentos; 4) Em último lugar, o registro dos dados de um modo cada vez mais rápido, direto e exato, ao mesmo tempo analítico e sintético, de acordo com um plano cada

²⁷ O advogado e documentalista Paul Marie Gislain Otlet nasceu em Bruxelas, na Bélgica, em 1868 e faleceu em 1944. Suas propostas estão expostas no *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*, publicado em 1934, obra que representa a maturidade do seu pensamento sobre a organização e o acesso ao conhecimento.

²⁸ A documentação nasceu de um movimento surgido na Europa, com o objetivo de “encontrar alternativas para organizar a massa crescente de documentos produzidos” no final do século XIX e início do século XX. O objetivo de encontrar alternativas para organizar a massa crescente de documentos produzidos no período. Esse movimento, que envolveu cientistas, pesquisadores, bibliotecários e bibliógrafos, ficou conhecido como Movimento Bibliográfico. A intenção de Paul Otlet, ao participar do Movimento Bibliográfico, era dar à documentação um caráter científico (Santos, 2007, p. 2). O nome documentação teria sido empregado pela primeira vez por Otlet em 1903 (Loureiro, 2019, p.3)

vez mais amplo, enciclopédico e universal (Luz Terrada, M; López Piñero apud Thiesen, 2006, p. 24).

As concepções documentalistas de Otlet foram retomadas pela bibliotecária e funcionária da Biblioteca Nacional francesa, Suzanne Briet (1894-1989), com o seu *Qu'est-ce que la documentation*, de 1951, no qual, repensando as ideias de Otlet sobre documentação, problematiza-as face às complexidades e às novas dinâmicas do mundo (Gugliotta, 2017). Pinheiro (2008) lembra que, para problematizar o conceito otletiano de documento, Briet (1951), parte das seguintes questões: “uma estrela é um documento? Um seixo levado pela torrente é um documento?”

A essas perguntas, essa bibliotecária responde negativamente. Todavia, acrescenta que as fotografias, os seixos em um museu de mineralogia, os catálogos de estrelas e os animais exibidos no zoo são os documentos. Briet, ao reconhecer que o documento é central para a compreensão da atividade documentação, propõe uma ampliação do termo, assim redefinindo-o:

[...] todo indício concreto ou simbólico, conservado ou registrado com os fins de representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual baseada no entendimento sociológico e cultural das necessidades dos usuários, expressas por seus modos de vida e seu vocabulário (Briet, 1951 apud Lara, 2010, p. 35).

Sobre a compreensão que se tem em relação ao termo documentação e as variantes documento, documentário e documentalista, Ortega e Tolentino(2020) afirmam ser a documentação o conjunto de procedimentos de organização de dados que, sendo decodificadas, expressam, em documentos, informações com abordagem bibliográfica, arquivística e museológica. Presente em pressupostos definidos pela documentação²⁹, encontrada em bibliotecas, arquivos e museus têm como missão, a preservação, a organização, a disponibilização e a divulgação dos registros da humanidade. Não deixamos de atentar para o caráter relacional da informação³⁰ que possui, por si só, um caráter social.

Embora reconheça-se que a informação só pode ser plenamente compreendida no âmbito da hermenêutica, apreensão e apropriação por parte do usuário da informação, deve-se ponderar que ela também é uma atividade sócio-cognitiva (Hjørland, 2002), por ocorrer através das interações entre sujeitos da informação (humanos e não-humanos), possibilitando exposições, críticas e descobertas que dão

²⁹ Concatenadas aos estudos europeus sobre documentação, sinalizamos a autoridade do Instituto de Bibliografia, que se refere, naqueles tempos, a uma atividade de caráter científico inovador que envolvia a Biblioteconomia e a Documentação (Pinheiro, 2005; Oddone, 2004).

³⁰ Ressaltamos que, a informação não é algo imanente ao documento, ou seja, que está dentro dos ou nos objetos, mas produto da relação ou cruzamento entre o observador e a coisa observada. Informação não é um em si, mas fruto de uma relação a. Para o filósofo francês Cornelius Castoriadis, só é informação aquilo que faz sentido para outrem. Para além, a materialidade é forma-e-conteúdo, inexoravelmente, inalienáveis no discurso e a informação é o que fazemos ao ler/interpretar x: um gesto de leitura (Borges, 2022).

vazão a consecução de estratégias para construção do conhecimento e dinamização da comunicação (Silva; Gomes, 2015, p. 150).

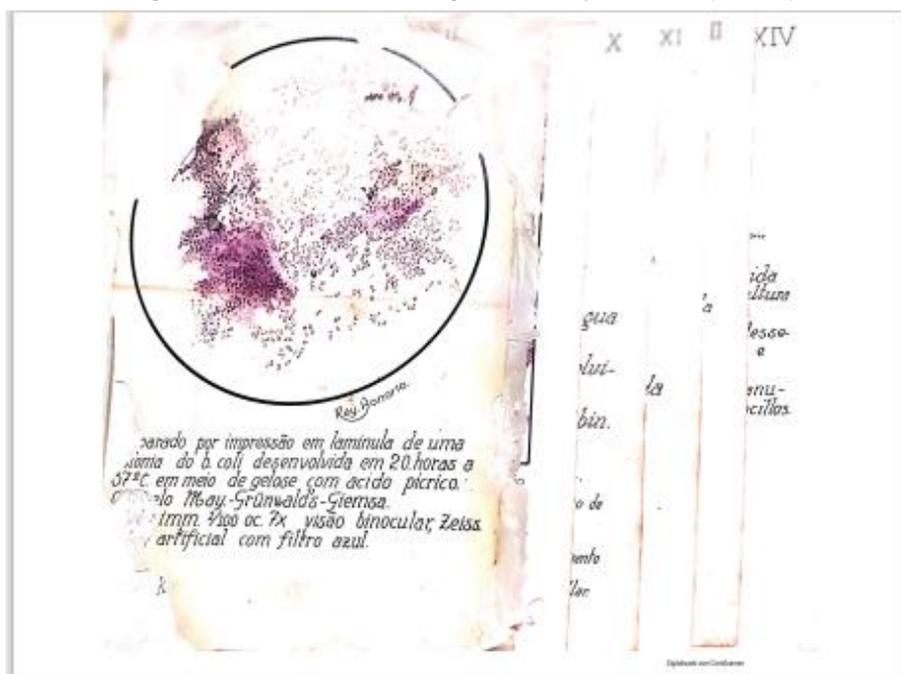
Com base nas concepções terminológicas abordadas até o momento, entendemos que o documento está englobado em um conjunto de produtos, que inclui também publicações não bibliográficas, salvaguardadas em bibliotecas. Acerca dessa afirmação chama-nos a atenção a presença de um conjunto de documentos, nos moldes de Otlet (1934) e Briet (1951), na Biblioteca³¹ do IMPG, vistos ao longo de nosso estudo. Em meio às pesquisas em torno dos achados documentais³² na biblioteca, surgem frações de memórias mais abrangentes, que são evidências de atuações acadêmicas interinstitucionais. Encontramos separados – mas na mesma gaveta onde estavam guardadas as pastas – ilustrações científicas representativas de lâminas de colônias de *Bacillus Coli*, desenvolvidos em meios de cultura. São 24 estampas pintadas em cartões-aquarela, como resultados de observações microscópicas. Abaixo de cada técnica aguada, há uma diferente descrição científica manuscrita. Neste exemplo, o que observamos é o cruzamento da atividade artística com a científica, de forma que, nessa documentação, vemos em ação a arte da aquarela a serviço da informação científica em saúde. São estampas que possuem a assinatura de Ray Honório³³, ordenadas por números romanos. Na imagem da Figura 7, conseguimos espelhar parte dessas figuras.

³¹ Ao divulgar o currículo de Paulo de Góes, os professores do IMPG, Liberto e Cabral informam, que este participou, em 1957, do curso Bibliografia Microbiológica promovido pelo IBBD, o que nos leva a inferir que havia uma conexão de Góes com um Instituto dedicado aos estudos relacionados à bibliografia e documentação. Sua viúva alerta que seu marido enxergava a importância da biblioteca, como espaço de sociabilidade e apoio científico. Sobre as ações de Paulo de Góes, a candidatura do IM, entre 1964 e 1965, como sede de uma Biblioteca Regional de Medicina para a América Latina. O diretor prepararia um documento que destacava, entre outros atributos, o desenvolvimento de recursos pedagógicos, que incluiriam recursos áudios-visuais e área dedicada à documentação e informação científica (Louzada, 2017).

³² Identificados como folhetos avulsos, a descrição sobre 24 estampas e uma nota sobre o método “May-Grunwald-Giemsa”: uma técnica de coloração de esfregaço sanguíneo, que utiliza corante de May-Grunwald, álcool metílico puro, giemsa em pó e glicerina (Vallada, 1999).

³³Raymundo Honório (Ray Honório) é considerado um grande artista do passado, que atuava na Fundação Oswaldo Cruz (Exposição, 2007; Lacerda et al., 2016).

Figura 7 – Parte das ilustrações de Ray Honório ([191?])

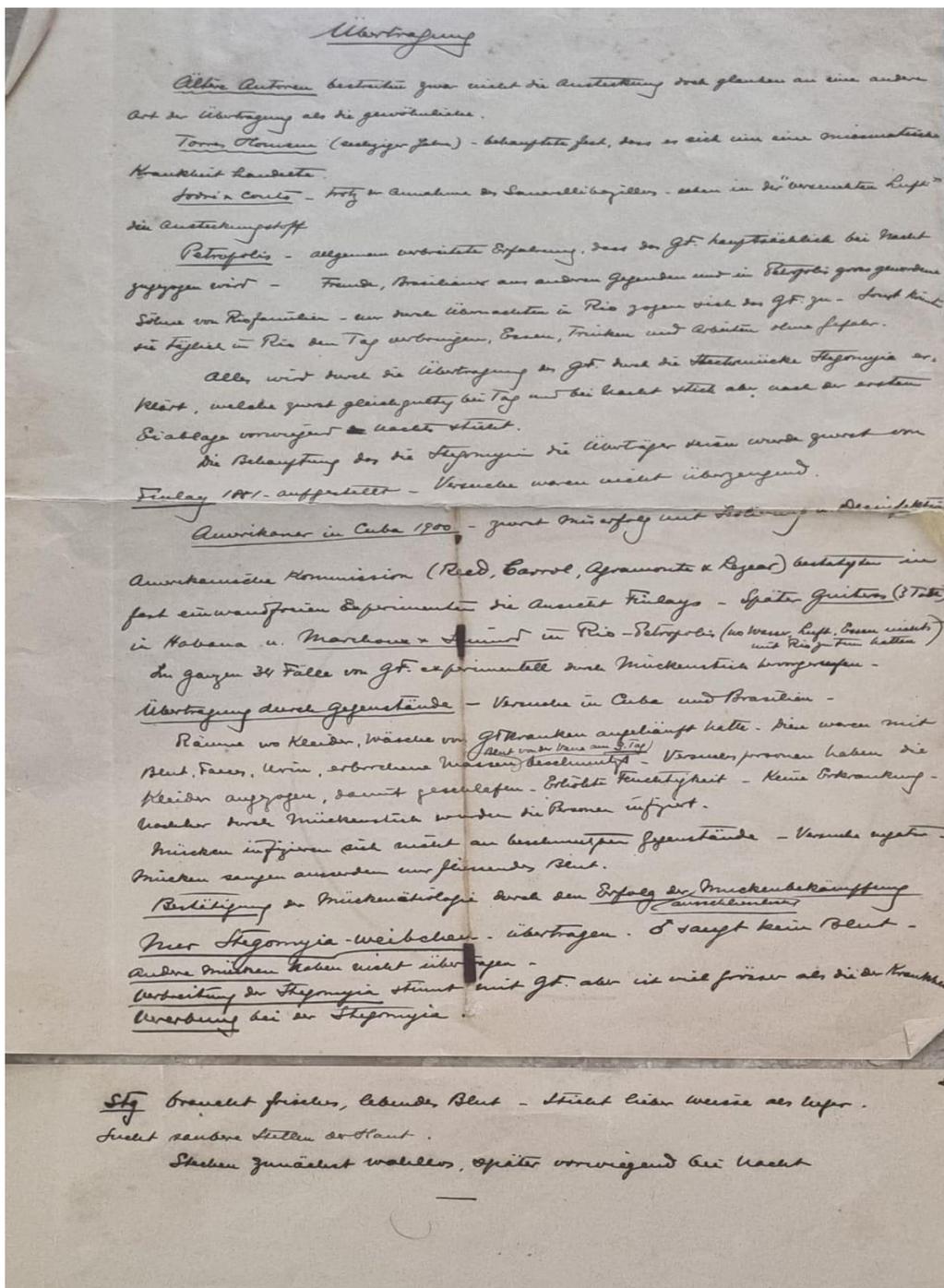


Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

As estampas dessa experimentação científica buscam a completude do ensino e da pesquisa na universidade. Essas ilustrações são representações de colônias de *Bacillus*. Vale aqui lembrar que Instituto Oswaldo Cruz (IOC) é a instituição que dispõe de acervo, no qual estão guardadas ilustrações dessa natureza. Assim como o conjunto de ilustrações, encontramos nas gavetas, duas folhas amareladas. São anotações manuscritas em alemão, conforme nos afirmou Walter Martin Roland Oelemann³⁴, professor adjunto do IMPG, que se prontificou a traduzir o texto. Abaixo, a imagem:

³⁴ O professor possui graduação e mestrado em Química - *Universität Zu Köln* (1982) e doutorado em Ciências Naturais também na *Universität Zu Köln* (1988). É professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui experiência na área de Genética, com ênfase em Genética Molecular e de Microrganismos, abordando, os seguintes temas: pcr, diagnóstico, elisa, doença de chagas, doenças causadas por bactérias, tuberculoses bovina e humana, para tuberculose, doença de *Crohn*. Ver mais em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em 20 jun. 2022.

Figura 8 – Manuscrito em língua alemã ([19---]).



Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

As folhas não possuem assinatura, nem data de produção, mas contêm anotações soltas, algumas sublinhadas. Oelemann, ao fazer a tradução, destaca eventos, autores e temas científicos abordados na virada do século XIX para XX. A palavra “transmissão”, que abre as anotações, traz as seguintes observações:

Os autores mais antigos não negam a infecção, mas acreditam num modo de transmissão diferente do que o usual. Torres Homem (nos anos sessenta [do século 19!!!]) afirmou irredutivelmente, que se trata de uma doença miasmática. Sodrè & Careto (???) – apesar de supor o envolvimento do bacilo de Salmonella, os autores não viram nenhum

componente infeccioso no “ar gasto” (ou “consumido”) Petrópolis – Experiência popular que a febre amarela (G.F. no texto original) está sendo transmitida principalmente durante a noite. Estrangeiros, brasileiros vindo de outras regiões, e filhos de famílias cariocas que cresceram em Petrópolis – somente durante o pernoite no Rio, muitos se infectaram com a febre amarela – entretanto, podiam diariamente passar o dia no Rio e comer, beber e trabalhar sem perigo. Tudo é explicado pela transmissão da febre amarela pelo mosquito *Stegomyia*, que primeiramente pica durante o dia e a noite, mas após a primeira oviposição predominantemente pica durante a noite. A hipótese que *Stegomyia* seja o transmissor foi primeiramente levantada por Finlay em 1881 – os experimentos feitos não convenceram Americanos em Cuba 1900 – primeiro sem sucesso com isolamento e desinfecção Comissão americana (Reed, Carrol, Agramonte & Lazear) confirmaram experimentalmente a hipótese de Finlay – mais tarde Guiteros (3 mortes) em Havana, Marchoux & xxxx em Rio-Petrópolis (onde água, ar e comida não tiveram nada a ver com o Rio de Janeiro). Ao total 34 casos de febre amarela causada por experimentos com picada de mosquito. Transmissão por objetos – Experimento em Cuba e no Brasil – quartos onde foram penduradas vestimentas e roupas de pacientes com febre amarela – as roupas estavam contaminadas com sangue, fezes e urina, vômito ou sangue venoso tirado no 3o dia – indivíduos que participaram do experimento vestiam estas roupas e dormiram nelas – humidade aumentada – nenhum adoecimento – depois estas pessoas foram infectadas por picada de mosquito. Mosquitos não se infectam em objetos contaminados – experimentos com resultado negativo – além disso, mosquitos sugam somente sangue corrente. Confirmação da etiologia por mosquitos pelo sucesso do combate subsequente aos mosquitos. Somente as fêmeas de *Stegomyia* transmitem. Os machos não sugam sangue. Outros mosquitos não transmitem. Distribuição de *Stegomyia* corresponde com aquela da febre amarela, mas a área onde tem *Stegomyia* é muito maior do que a área onde tem a doença. Hereditariedade em *Stegomyia*. Stg [***Stegomyia***] necessita de sangue fresco e vivo – prefere picar pessoas brancas do que negras. Procura locais limpos na pele. Picam primeiramente de forma aleatória, e depois predominantemente durante a noite.

No texto em português, foi atribuída por nosso tradutor uma sequência da letra “xxxx”, ou de pontos de interrogação, para substituir ou questionar palavras não inteligíveis. Palavras também foram sublinhadas, tal qual o foram no texto original. Além disso, Oelemann também fez uma interseção para contextualizar cronologicamente uma anotação sobre Torres Homem e sua crença na teoria miasmática³⁵. Certamente, o acervo documental, estruturado por Maria Rondon, possui as condições que viabilizam uma viagem entre tempos históricos. A variedade em torno da significância documental, que forma coleções de diferentes naturezas, traz à luz debates referentes à função e formas documentais que, idealizados para a composição de museu temático, se encontram descaracterizados na Sala da Congregação da unidade.

³⁵João Vicente Torres Homem nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 23 de novembro de 1837 e era filho de Joaquim Vicente Torres Homem, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Doutorou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1858 e, na mesma, foi lente de clínica interna em 1866, cargo que exerceu até a data de sua morte. Foi autor de "Lições de Clínica Médica" (1882). Faleceu em 4 de novembro de 1887 (Homem, 2022).

Reafirmamos que esses e outros documentos permanecem desvirtualizados³⁶ de quem os produziu ou os recebeu institucionalmente. Os registros dessa história educacional e acadêmica do Rio de Janeiro, caracterizam-se como patrimônio científico a ser analisado, preservado e divulgado, tendo como cenário a trajetória do campo da Microbiologia no Brasil. A rota traçada por essa timoneira nos permitiu navegar entre rascunhos, fichas, pastas, e objetos que, até então ocultos nas gavetas da Biblioteca do IM, podem, ao ser escrutinados cientificamente, evidenciar o patrimônio científico dessa área de conhecimento.

Os meios de condução produzidos por Maria Rondon nos permitem revisitar as trajetórias de um grupo social que promoveu o desenvolvimento científico da Microbiologia, especialmente no Rio de Janeiro. Assim como os próprios objetos e documentos, como arquivos, cadernos, cartas, experimentos científicos e instrumentos tecnológicos, são vestígios de eventos históricos e, como tal, eivados de memórias, que podem nos permitir navegar por entre o ensino e a pesquisa desse saber, em outros tempos históricos. Atentamos que, ao lidar com a história e as memórias do IM (norteados pelos objetivos apontados nas entrevistas) buscamos o (re)conhecimento do patrimônio científico-tecnológico da microbiologia, no ambiente da UFRJ (História, 2024), particularmente, porque, tradicionalmente, as instituições de ensino e pesquisa tendem a descurar de seus patrimônios que não sejam os de natureza jurídico-administrativa.

No segundo capítulo, alicerçados nas pastas de Maria Rondon, percorreremos o desenvolvimento de instituições científico-acadêmicas brasileiras no Rio de Janeiro. No contexto dessas instituições, analisaremos, ainda, a contribuição acadêmica de algumas personalidades brasileiras no desenvolvimento e consolidação da ciência dos microrganismos no Brasil.

³⁶ Fichários, catálogos e classificações, além de pontos de acesso, se estabelecem como canais de comunicação, criados para viabilizar a necessidade de investigação do consulente/pesquisador e uma memória virtual, acondicionada nos lugares de memória (Namer, 1987).

**CAPÍTULO 2 ITINERÁRIOS ENTRE
OS SÉCULOS XIX E XX: FARÓIS
ILUMINAM A CIÊNCIA BRASILEIRA.**

Eu quero movimento. Movimento! Movimento. A todo pano. Fixar leme. Prender velas. A todo pano!

Piratas do Caribe, 2006.

Em meio a pandemia do coronavírus 2019 (Covid-19), a UFRJ completou um centenário, em setembro de 2020. A carta comemorativa do centenário da universidade expunha que:

Na ocasião, previstos para a Exposição Internacional do Centenário, mas que precisavam ter como palco uma cidade moderna e sem “epidemias dizimadoras”. Esse esforço bastaria para convencer os visitantes de que “alguma coisa temos feito e muito poderemos ainda realizar para o futuro”. Cem anos depois, felizmente, os recursos científicos e tecnológicos para combater a pandemia são maiores, nosso sistema de saúde pública se universalizou, nossa capacidade de produção de insumos médicos mostrou-se promissora. No entanto, precisamos avançar ainda mais, e segue sendo pertinente enfatizar o muito que poderemos ainda realizar para o futuro. [...] As virtudes que universidades e instituições científicas demonstraram durante a pandemia devem servir de exemplo prático para um país possível, com mais investimento em pesquisa, desenvolvimento e inovação. A UFRJ se destacou por várias iniciativas voltadas para as necessidades imediatas de prevenção e assistência durante a pandemia. Pudemos nos apoiar em nosso sólido passado para reafirmar um presente engajado, que nos capacita para responder aos desafios do futuro. Efemérides são ocasiões para celebrar, mas também para fazer balanços e assumir responsabilidades. Estamos imersos em momento histórico muito grave e nosso horizonte para uma saída de crises superpostas não está claramente delineado (Carta, 2020).

Mesmo diante de recursos científicos e tecnológicos mais complexos para combater o mal da atualidade, a carta destacou que a UFRJ possuía como dever: enfatizar o quão é importante a realização de ações dessa Instituição no presente e para o futuro (Carta, 2020).

Entretanto, a instituição experienciou os impactos de uma pandemia, tal como houvera, no contexto de sua criação, experienciado a crise causada pela gripe espanhola. É diante desse cenário, que suas múltiplas comunidades celebraram um século da universidade. Como nosso estudo envolve as memórias da microbiologia no Brasil, especificamente, no Rio de Janeiro (RJ) e, sendo a UFRJ, o lócus de produção do patrimônio científico mantido por uma das suas unidades científico-acadêmicas, consideramos importante apresentar um breve resumo da história dessa universidade brasileira.

2.1 Hastear velas! Os mastros da UFRJ

A história da UFRJ começa antes da sua designação como universidade, através de decreto da Rainha de Portugal, D. Maria I, ao criar a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, instituição que funcionava na Casa do Trem de Artilharia, atual sede do Museu Histórico Nacional. Tornou-se Real Academia Militar, em 1810, com a sede sendo transferida para o Largo de São Francisco de Paula, em 1812.

É a partir de 1874 que, a Escola passando a pertencer ao Ministério do Império recebia a denominação de Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. Desse momento em diante, a Escola passou a atender apenas alunos civis. Em 1966, a Escola Politécnica transforma-se em Escola de Engenharia e é transferida para a Cidade Universitária na Ilha do Fundão. O prédio dessa Escola é, atualmente, ocupado pelos Institutos de Filosofia e Ciências Sociais e de História da UFRJ (Abreu; Queiroz; Almeida, 2020; Bento, 2024).

Também, a Faculdade Nacional de Direito (FND) estava localizada no centro da cidade do RJ. A FND resultou da fusão de escolas de direito privado existentes à época: a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e a Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Essa união foi motivada, inicialmente, por Fernando Mendes de Almeida, um advogado que reunia em seu escritório, colegas que idealizavam a criação de uma Faculdade De Direito Livre (Abreu; Queiroz; Almeida, 2020).

Em 1891, dois anos após a Proclamação da República, houve a permissão para abrir um curso que, na primeira metade do século XX, reunia duas escolas criadas por professores que oscilavam entre correntes progressistas, conservadoras, republicanas e monarquistas. Entre criar uma do zero ou federalizar escolas particulares, que já recebiam incentivos estatais, optou-se pela fusão dessas escolas (Abreu; Queiroz; Almeida, 2020).

Mais de 20 depois, surge uma conturbação nacional, provocada pela política oligárquica do café com leite e da gripe espanhola, estimulando a atuação de engenheiros, médicos e advogados no país. Assim, com base nessas discussões sociopolíticas foi que, em 7 de setembro de 1920, emitiu-se um decreto assinado pelo Presidente Epitácio Pessoa para criação da Universidade³⁷ do Rio de Janeiro (Brasil, 1920).

³⁷ Andrea Queiroz, diretora da Divisão de Memória Institucional da UFRJ, explica que a Universidade surgiu em meio ao “[...] pensamento positivista no início da República” (Cunha, 2007, p. 132). De acordo com essa historiadora, a relação e entre esse movimento e as ciências abriu o regimento da universidade (Queiroz, 2024). A classificação “universidade” existiu apenas pelo dispositivo legal. Não existia uma relação orgânica entre esses cursos, embora houvesse o decreto-lei estabelecendo a existência da Universidade do Brasil, desde 1945 (Melo, 2020, p. 4).

Embora tardiamente, entre o trauma da gripe espanhola e a efervescência dos preparativos para a comemoração do centenário da Independência do Brasil, nascia a primeira a Universidade³⁸ do Brasil (Fioravanti, 2020).

A Faculdade de Medicina (que já existia há mais de um século no Rio de Janeiro) formava, junto com a Escola Politécnica e Faculdade de Direito, o tripé na formação da UFRJ. Partindo da história da Faculdade de Medicina (RJ) podemos compreender como se deu a salvaguarda de alguns documentos avistados no IMPG. Vejamos a seguir, como experiências e expectativas da sociedade de ontem e de hoje, se refletem nessa trajetória acadêmico-científico da UFRJ.

2.1.1 O destino da Escola é a Academia: a trajetória da FM (RJ)

Não cabe nos propósitos desse estudo, rastrear a trajetória completa da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro³⁹ mas, sim, apontar os dados referentes a sua evolução, norteados pelas pistas de Maria Rondon. Sendo, assim, tratemos, então, da constituição da primeira Escola de medicina no Rio de Janeiro

Foi o pernambucano José Correia Picanço (Goiânia, 10 de novembro de 1745 - Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1823), o médico (recebeu o título de Doutor pela Medicina pela Universidade de Paris, em 1789) que criou a Faculdade de Medicina da Bahia (BA) e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (RJ), as primeiras escolas de medicina do Brasil, em 1808. Estabelecidas as duas escolas, a aprovação e a licença para o exercício da cirurgia, tanto dos cirurgiões aprovados como dos formados, eram concedidas por esse cirurgião-mor (Guimarães, 2008).

³⁸ Criada pelo Decreto nº 14.343, de 7 de setembro de 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro, reorganizada pela Lei nº 452, de 5 de julho de 1937, sob o nome de Universidade do Brasil, à qual foi outorgada autonomia pelo Decreto-lei nº 8.393, de 17 de dezembro de 1945. Passou a denominar-se Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela Lei nº 4.831, de 5 de novembro de 1965, constituída de acordo com o Plano de Reestruturação aprovado pelo Decreto nº 60.455-A, de 13 de março de 1967 (Fávero, 2007).

³⁹ Desde o séc. XVI e até princípios do século XIX os físicos ou licenciados, os cirurgiões-barbeiros, os cirurgiões-aprovados e os cirurgiões-examinados, é que praticavam a medicina no Brasil (Escola, 2024).

Figura 9 – José Correia Picanço ([180-?])



Fonte: Museu, 2012.

Lembramos que antes proibidas nas colônias, essas escolas integraram o processo de institucionalização da medicina no Brasil, iniciado com a vinda da família real. Ao longo do período colonial, o cuidado com a saúde foi uma atribuição partilhada por diversos agentes de cura, como cirurgiões, físicos, sangradores, barbeiros, parteiras e seus aprendizes. A prática da medicina ficava também a cargo da assistência prestada nas enfermarias jesuíticas, nos hospitais da Misericórdia e hospitais militares, que, na maioria das vezes, eram a única fonte de assistência médica e fornecimento de medicamentos (Cabral, 2011).

Os hospitais da Companhia de Jesus eram espaços de estudo nas artes de curar, mas, com a expulsão dos jesuítas em 1759, hospitais militares e de misericórdia assumiram este papel, tornando-se, igualmente, centros de ensino de cirurgia. Dessa forma, as dependências do Real Hospital Militar no Morro do Castelo era o lugar mais adequado para estabelecer a Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Empenhando-se na formação de cirurgiões civis e militares, a Escola funcionou até 1º de abril de 1813, com sua denominação original, quando um novo decreto reorganizava o ensino médico e a Escola, passando a denominá-la Academia Médico Cirúrgica do Rio de Janeiro⁴⁰.

⁴⁰ A Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro não concentrou suas atividades em um local específico e próprio, ocupando diferentes espaços na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente, ficou sediada no antigo Colégio dos Jesuítas, sede do Hospital Real Militar. Entre 1813 e 1832 seus cursos foram transferidos para acomodações do Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Posteriormente, em 1836, a Faculdade transferiu-se para o extinto Hospital Militar do Rio de Janeiro, permanecendo o ensino das cadeiras de clínica médica e cirúrgica nas enfermarias da Santa Casa. Em 1844, tendo em vista a reorganização do Hospital Militar, a Faculdade foi alojada em três locais diferentes: no Hospital Militar, no sobrado da praia de Santa Luzia e na Santa Casa de Misericórdia (Cabral, 2011).

Treze anos depois, em 1826, Dom Pedro I, por meio de Decreto-Lei, autorizava a emissão de diplomas e certificados para os médicos⁴¹ que faziam o curso no Brasil (Universidade, 2020). De forma mais ampla, esse decreto Imperial estabeleceu a autonomia das então academias médico-cirúrgicas do RJ e BA, permitindo que, essas concedessem dois tipos de diploma: a carta de cirurgião e a carta de cirurgião formado, rompendo assim com o processo de subordinação ao físico-mor e cirurgião-mor do Império (Cabral, 2011).

Zarur (1999, p. 19) afirma que “no calor das salas de estudo, a 28 de maio de 1829, foram lançados os alicerces da Sociedade de Medicina, oficialmente inaugurada nesse mesmo ano”. Nessa conjuntura, a Câmara dos Deputados solicitou, em 1830, a essa mesma Sociedade a elaboração de um novo plano para as escolas médicas brasileiras, do qual derivou em 3 de outubro de 1832⁴², a sanção da Lei que transformava as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e Salvador em Escolas ou Faculdades de Medicina⁴³. “Desde então, formaram-se ali, médicos, farmacêuticos e parteiras [...]” (Ferreira; Fonseca; Edler, 2001, p. 65).

Também, nesse mesmo ato foi assegurado a autonomia das academias na revalidação de diplomas estrangeiros, atribuição que até aquela data era desempenhada por uma banca examinadora composta de dois de seus professores e presidida pelo cirurgião-mor (Cabral, 2011).

[...] o Governo determinou novos regulamentos para as faculdades médicas, fundamentalmente para disciplinar a vida acadêmica, compreendendo tanto a aplicação dos alunos, quanto seu comportamento moral. As reivindicações quanto à carência de recursos próprios para o ensino (gabinetes, laboratórios, aparelhos etc.) eram constantes, suscitando a promulgação de inúmeros avisos ministeriais para a dotação de recursos e proposição de novos projetos de reforma (Ferreira; Fonseca; Edler, 2001, p. 66).

Desde sua criação, a escola do Rio de Janeiro (assim como a da Bahia) passou por diferentes reformas e algumas medidas não concretizadas. Em 1847, por exemplo, houve tentativas de criação de uma sede própria para a FM (RJ), muitas delas lideradas

⁴¹ Outras questões relativas ao ensino médico, como a configuração das disciplinas, ainda permaneciam sujeitas às determinações do Governo Imperial. A carta de cirurgião era dada ao aluno depois que ele completasse o quinto ano do curso, e a carta de cirurgião formado era conferida ao aluno que além de frequentar o sexto ano do curso, repetisse, também, as matérias do quarto e quinto anos. A revalidação dos diplomas de profissionais formados no exterior, que até então era realizada perante uma banca examinadora (composta pelo cirurgião-mor do Império, e por dois lentes da instituição) nas academias médico-cirúrgicas, com o decreto de 1826 passou a ser feita perante uma banca composta apenas por três professores (Cabral, 2011).

⁴² Regência Trina. “no período de 1815 a 1832, ainda é possível encontrar na legislação a denominação de escola, mas a forma mencionada com maior frequência passou a ser academia médico-cirúrgica” (Cabral, 2011).

⁴³ Influenciada pela medicina francesa da época, uma relação de livros, foi elaborada em 1834 pela comissão formada pelos professores: Manuel de Valladão Pimentel, Francisco Júlio Xavier e José Martins da Cruz Jobim, para constituir o acervo da recém-criada Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Ferreira; Fonseca; Edler, 2001).

por médicos, como Antonio Correia de Souza Costa, Joaquim Monteiro Caminhoá, Domingos José Freire Júnior, Nuno Ferreira de Andrade e Cláudio Velho da Motta Maia (Escola, 2024).

Em 1854, o decreto nº1.387 de 28 de abril assinado pelo Ministro do Império Luís Pedreira do Couto Ferraz (Visconde do Bom Retiro) e pelo Imperador D. Pedro II, fazia uma nova reforma no ensino superior do Brasil. Nessa Reforma (intitulada Bom Retiro), apresentaram-se novos estatutos e reformulava-se a administração. A direção das faculdades de medicina era atribuição do diretor e, por uma junta de todos os Lentes, a qual era chamada congregação de Lentes⁴⁴.

Portanto, o diretor, ainda nomeado por decreto, era presidente da Congregação, lhe cabendo inúmeras atribuições sobre a atuação desta, tendo o poder de convocá-la, transferir e dirigir suas sessões, assinar suas atas e fazer executar suas decisões. Era ainda encargo do diretor, nomear as comissões, organizar o orçamento anual, ordenar e realizar as despesas, nomear empregados subalternos quando necessário, regular o serviço da secretaria e biblioteca, visitar aulas, velar pela observância dos estatutos, exercer a política interna, empregar vigilância aos bons costumes, inspecionar o estado dos gabinetes, providenciar os meios de aperfeiçoamento destes estabelecimentos, e suspender empregados quando necessário (Escola, 2024).

Ainda, sob a interinidade dos regulamentos de 1832⁴⁵ da Faculdade, novos estatutos do saber médico das escolas de formação em medicina, criados em 1854, baseavam-se no modelo germânico, que propunha a introdução dos estudos práticos das disciplinas clínicas e experimentais⁴⁶. Essa mudança representou um novo esforço na organização do ensino médico no país. O curso de medicina passou a durar seis anos (Escola, 2024).

A reforma preconizava, ainda a criação de uma escola prática, quatro gabinetes de física, história natural, anatomia, oficina farmacêutica, além do horto botânico (Exposição, 2023). De acordo com os estatutos da reforma de 1854, foi criada a classe dos opositores⁴⁷ e suprimida a de lentes substitutos.

De três em três anos, escolhia-se um lente, ou um opositor, de cada Faculdade, para realizar pesquisas e investigações científicas no Brasil

⁴⁴ Ferreira; Fonseca; Edler (2001).

⁴⁵ Influenciada pela medicina francesa da época, uma relação de livros, foi elaborada em 1834 pela comissão formada pelos professores: Manuel de Valladão Pimentel, Francisco Júlio Xavier e José Martins da Cruz Jobim, para constituir o acervo da recém-criada Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Ferreira; Fonseca; Edler, 2001).

⁴⁶ Sobre estrutura curricular do curso, no decorrer do século XIX até a década de 1930, consultar Ferreira; Fonseca; Edler (2001).

⁴⁷ A reforma de 1854 confirmou a denominação de faculdade de medicina para os cursos do RJ e da BA, estabelecendo que cada uma seria dirigida por um diretor e uma junta, composta por todos os professores, denominada congregação. As faculdades teriam em sua estrutura lentes catedráticos, responsáveis pelas disciplinas em cada uma das três seções científicas pelas quais se distribuíam as matérias (ciências acessórias, ciências cirúrgicas e ciências médicas), contaria com dois substitutos, além do número de opositores que o governo designasse, que serviriam como preparadores, sob a direção dos lentes ou substitutos em exercício (Academias, 2024).

ou no estrangeiro, comissionado pelo governo. Os professores com 25 anos de serviço seriam jubilados com o ordenado integral e receberiam o título de Conselheiro do Imperador (Escola, 2024).

Diferentes questionamentos suscitaram (re)estabelecimento de normas, leis e decretos, surge em 19 de abril de 1879, o decreto nº 7.247, na qual ministro do Império Carlos Leôncio de Carvalho, aprovando uma reforma que leva seu nome, instituiu livre frequência às aulas (inspirada nas universidades alemãs), supressão das sabatinas e determinou a obrigatoriedade das provas práticas, extinção do juramento católico, durante a colação de grau, podendo cada doutorando jurar segundo seu credo religioso e a permissão da diplomação de mulheres nos diversos cursos das faculdades (Escola, 2024).

Segundo Ferreira; Fonseca; Edler (2001) havia um pequeno gabinete, apenas, para as demonstrações práticas, uma sala para dissecações e um ou dois microscópios. Em 1880, alguns professores, demonstrando insatisfação com o ensino teórico, tido ainda excessivo e prática incipiente (instrumentos escassos, material inadequado, inexistência de uma sede própria) expuseram a precariedade da Faculdade de Medicina, nas Conferências Populares da Glória, que não determinaram, mas impulsionaram um movimento em prol da Faculdade (Fonseca, 2006).

As normas que regiam os exames e o ensino prático recebeu novo impulso com a criação de 14 laboratórios e a nomeação de preparadores, assistentes e conservadores, categorias de funcionários até então inexistentes. Estabeleceu-se a concessão de prêmios em dinheiro e em medalhas para os melhores alunos. Preconizou-se a circulação de uma Revista dos cursos, para publicação de estudos e pesquisas, e foi criada em cada Faculdade um Museu para a conservação de peças anatômicas. Em 1883, pelo decreto de 13 de janeiro, os lentes substitutos foram transformados em adjuntos, e foram regulamentados os concursos para adjuntos e preparadores, efetivando-se a substituição dos catedráticos pelos mesmos adjuntos (Escola, 2024).

Diretor da Faculdade, entre 1881 e 1889, Vicente Cândido Figueira de Sabóia implantou novos estatutos e algumas modificações, na reforma que leva o seu nome.

Na reforma Sabóia, por meio decreto de 13 de janeiro de 1883, Lentes Substitutos foram transformados em Adjuntos, regulamentando os concursos para Adjuntos e Preparadores. Efetivou-se a substituição dos Catedráticos pelos mesmos adjuntos. Com a classe dos Assistentes, o quadro do pessoal aumentou. Em março de 1883, decreto nº 8.918 regulava os estudos práticos nos laboratórios das faculdades de medicina, instituindo a frequência obrigatória dos alunos nestes estudos (Cabral, 2011; Escola, 2024).

Ao final do século XIX, foi aprovado o plano do engenheiro Antonio de Paula Freitas, para edificação própria da Faculdade, na capital do Império. A pedra

fundamental, lançada em 13 de fevereiro de 1881, na Praia da Saudade, era próxima ao Hospício de Pedro II, Hospício Nacional dos Alienados, em 1880 e Hospital Nacional dos Alienados, a partir de 1911 (Cabral, 2011).

As reformas educacionais do governo para o ensino superior continuaram no início do século XX. O Ministro Epitácio Pessoa estabeleceu, por meio do decreto 3902 de 1901, que a Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, voltaria a antiga denominação: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, a direção da Faculdade ficava acéfala, quando seu diretor, Francisco de Castro, exonerou-se.

O vice-diretor Luiz da Cunha Feijó Filho (Lente mais idoso) ocupou a direção, entre 1901 e 1910 (Castro, 2023; Rohden, 2001). Em compensação, a cadeira de bacteriologia criada em 1901, tem como primeiro ocupante, o Lente Rodolpho Galvão⁴⁸. O Laboratório de Higiene era denominado Laboratório de Bacteriologia, em 1892 (Laboratório, 2024; Rodolpho, 2024).

Foi um período com orçamentos escassos e laboratórios em decadência. A estruturação de um dos pavilhões da exposição comemorativa do centenário da abertura dos portos da cidade, atrasava os trabalhos de construção do prédio da Faculdade (Costa, 2018).

Hilário Soares de Gouvêa, diretor da FM (RJ), entre 1910 e 1911, prevendo a necessidade de uma nova reforma do ensino médico brasileiro, apresentou um plano de estudos aos seus pares na Academia Nacional de Medicina (Hilário, 2024). Em seguida, foi aprovada por meio do decreto n.º 8.659 e n.º 8.661, a Lei Orgânica do Ensino Superior (Brasil, 1911).

A chamada Reforma Rivadávia⁴⁹ preconizava a liberdade e a desoficialização do ensino no país, retirando da União, o monopólio da criação de instituições de ensino superior. Foi abolido o concurso de provas para docentes, substituindo-a por títulos e trabalhos. Apresentação de titularidade e a remuneração dos professores, pelas taxas de frequência e exames, eram inovadores. Lentes mudaram de nome, surgindo

⁴⁸ O professor da cadeira de bacteriologia, Rodolfo Galvão, perguntava-se, em 1901, em que reino da natureza os micróbios deviam ser encaixados. Nos primeiros anos após a descoberta desses seres e a sua associação às doenças, eles foram incluídos no reino animal. O naturalista alemão Ernst Haeckel (1834-1919), que elaborou um sistema de classificação em 1894, os colocava no reino dos protistas. Mas para Galvão não havia dúvidas que se tratava de seres de natureza vegetal, verdade afirmada pelos naturalistas da época. Mas dizer isso não era tudo: que tipo de vegetal eram as bactérias? Seriam cogumelos, porque desprovidas de clorofila, como queria Lacerda? Ou seriam algas, da mesma categoria das cianofíceas? O professor não dava resposta conclusiva, apenas lembrava que os dois grupos, algas e bactérias, tinham várias características comuns, como a falta de núcleo e a maneira de reprodução. Porém havia concordância sobre as formas principais das bactérias, pelo que se distinguia no campo do microscópio: os arredondados eram os cocos, os alongados e retilíneos eram os bacilos, e os curvilíneos recebiam o nome de vibriões ou espirilos (Carreta, 2006).

⁴⁹ A eleição do diretor passou a ser feita independente da nomeação do Governo, e foi criada uma tesouraria para o recolhimento das taxas. A Faculdade, além de instituição de ensino, transformou-se também em uma repartição pública, integrada ao funcionalismo e aos processos volumosos.

professores ordinários e extraordinários, segundo o sistema da docência alemã. A criação do professor extraordinário, para cada cadeira, propiciou a admissão de mais professores. Os professores extraordinários eram livres-docentes de qualquer matéria da Faculdade (Sucupira, 1977).

De início, a liberdade de frequência, tradição universitária alemã, suscitou reservas no ambiente acadêmico, mas logo se “aclimatou” ao ensino brasileiro (Sucupira, 1977, p. 19). A cadeira de histologia transformou-se em anatomia microscópica e da bacteriologia recebeu a denominação de microbiologia, tendo, em 1911, professores como Raul Leitão da Cunha e Bruno Álvares da Silva Lobo (Carreta, 2006). Além da docência, Bruno Lobo passou por outras Instituições. Sua caminhada profissional é abordada no item 2.3 e no capítulo 3 da tese (Bruno Lobo era mentor de Paulo de Góes).

Por ora, foquemos na Reforma Maximiliano que, pelo decreto nº 11.530 (Brasil, 1915) propôs o retorno dos títulos de catedráticos e substitutos e a extinção de professores ordinários e extraordinários. Os concursos de prova foram restabelecidos não só para os professores como para os livres-docentes, sendo prevista a destinação de recursos para a construção de uma sede própria para a faculdade (RJ).

Em 12 de outubro de 1918, a Faculdade recebeu seu próprio prédio no *campus* da Praia Vermelha. Dois anos depois, pelo decreto nº 14.343 de 7 de setembro, era criada a Universidade do Rio de Janeiro (URJ) (Brasil, 1920), da qual fazia parte a FM. Com a criação da Universidade do Brasil, em 1937, a FM deixava de ser uma instituição isolada, passando a ser chamada de Faculdade de Nacional Medicina⁵⁰ (FNM) (Cabral, 2011; Escola, 2024).

Identificamos nos rascunhos de Maria Rondon, os médicos formados pela FNM, que compuseram a massa crítica da antiga Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, atual Academia Nacional de Medicina (ANM), em fins do século XIX e primeira metade do século XX. Vejamos, a seguir, como se deu a formação dessa congregação.

2.2. ANM: emerge uma congregação

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foi composta, inicialmente, por José Martins da Cruz Jobim, Joaquim Soares Candido de Meirelles, Jean Maurice Faivre, Luis Vicente de Simoni e José Francisco Xavier Sigaud, médicos formados na França.

⁵⁰Denominações da Faculdade: Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (1808); Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1813); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro (1891); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1901); Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1920); Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (1937); Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965).

Esses profissionais estiveram presentes nos debates dos anos de 1820, durante a formação da *Académie de Médecine de Paris*, o que justificou a conjunção da Academia no Brasil (Sociedade, 2024). A Sociedade, entidade integrante da prática da medicina no Brasil do século XIX, foi criada em 30 de junho de 1829⁵¹. O objetivo principal que norteava sua criação, viabilizava o crescimento das diversas áreas da medicina e ampliava a participação desses profissionais junto ao Governo Imperial em questões referentes à higiene e políticas de saúde pública. Nos estatutos, os quais foram inspirados nos regulamentos da *Académie de Médecine*, de Paris, um dos objetivos era:

responder às perguntas do Governo sobre tudo quanto pode interessar à saúde pública, e principalmente sobre epidemias e moléstias particulares de certos países, as epizootias, os diferentes casos de medicina legal (...) a propagação da vacina, os remédios novos ou secretos, os quais não poderão ser expostos ao público sem o seu exame e aprovação (...) ocupando-se além disto, de todos os objetos de estudo e de indagação que podem concorrer para o progresso dos diferentes ramos da arte de curar (Sociedade, 2024).

O papel da Academia foi se ampliando no âmbito do saber e da prática médica, nos regulamentos do exercício da medicina, na comercialização de medicamentos e na busca de soluções para os problemas de saúde pública. Por decreto da Regência Imperial de 1835, tornou-se a Academia Imperial de Medicina com a finalidade de responder às perguntas do governo sobre tudo o que interessava à saúde pública. Entre 1835 e 1889, o Imperador D. Pedro II, foi patrono da Casa, e, por mais de 50 anos frequentou as sessões, presidindo as solenidades da Academia (Julião, 2015).

Como estabelecimento oficial da Regência, a Academia tornava-se consultora do Governo Imperial em assuntos relacionados a políticas de saúde pública, até que, não sustentando mais o prestígio institucional, que a acompanhava desde sua criação, perdeu, em 1850, a consultoria para assuntos relacionados à saúde pública. Assim, a legislação sanitária foi transferida para a Junta Central de Higiene Pública, órgão ligado diretamente ao Ministério do Império. O surto de febre amarela (1849) e da cólera (1855) que acometeram a capital do Império⁵² e algumas cidades do litoral motivaram a criação desse órgão governamental (Giovannella et al, 2012).

⁵¹ O decreto imperial de 15 de janeiro de 1830, reconhecendo oficialmente a Sociedade, aprovou seus estatutos com a devida assinatura do Ministro dos Negócios do Império José Joaquim Carneiro Campos (Marquês de Caravelas). Instalada publicamente em 24 de abril de 1830, num salão do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco de Paula (Travessa de São Francisco, nº1), contou com a presença do Imperador Pedro I, que compareceria também a outras sessões comemorativas da associação (Sociedade, 2024).

⁵² Nas reformas de ensino médico, ocorridas entre os anos de 1879 e 1884, foram criadas condições para a implementação de uma medicina experimental, baseada no modelo alemão. Surgiram, nesses períodos, outras sociedades e periódicos médicos que intensificaram o debate científico, quebrando o monopólio exercido pela Academia. As sociedades médicas deixaram de ser os únicos espaços para o desenvolvimento científico, e as faculdades de medicina passaram a reunir atividades de ensino e pesquisa (Sociedade, 2024).

Na instauração do regime republicano, o decreto nº 9, de 21 de novembro de 1889, instituído pelo Governo Provisório, suprimiu o título “imperial” de várias instituições dependentes do Ministério dos Negócios do Interior, entre estas, a Academia Imperial de Medicina, que, a partir da República, passou a ANM. Suas atividades passaram a ser divulgadas, em periódicos próprios, tendo em vista, a ideia de legitimidade perante o Estado, como de consolidação como corporação científica autônoma (Sociedade, 2024).

No Quadro 4, apresentamos a data de admissão e atuação científica dessas personalidades na ANM (Ressaltamos que a menção a cada agente se fez, seguindo as referências das anotações do apêndice L).

Quadro 4 – Membros Titulares da Academia Nacional de Medicina (ANM)

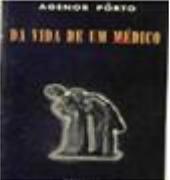
Acadêmico	Titularidade	Breve trajetória científico – acadêmica
 <p>1) FRANCISCO DE PAULA FAJARDO JÚNIOR (Folheto 5 e Ficha 11)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 20 DE ABRIL DE 1893. https://www.anm.org.br/francisco-de-paula-fajardo-junior/</p>	<p>Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888. Atuou (junto de Adolpho Lutz), em trabalhos pela cólera, febre tifoide e febre amarela. Interessou-se pela malária, logo, pelos insetos hematófagos como hospedeiros de microrganismos e transmissores de doenças, problemática abordada pela medicina tropical inglesa em fins do século XIX. Chefe do laboratório bacteriológico do Instituto Sanitário Federal, laboratório que, na realidade, funcionava na residência de Chapot Prévost e de Oswaldo Gonçalves Cruz. No XV Congresso Internacional de Medicina, em Lisboa (1906) relatou uma bem-sucedida campanha contra a febre amarela, no Brasil, depois que se comprovou a transmissão da doença por um hematófago, o <i>Stegomyia fasciata</i>, desempenhando aí, uma missão relevante para a instituição da microbiologia e da medicina tropical, liderada por Oswaldo Cruz. Morreu, supostamente, por anafilaxia, no dia 6 de novembro de 1906, aos 42 anos, após se autoinocular com o soro antipestoso preparado no Instituto Oswaldo Cruz (Benchimol, 2003).</p>
 <p>2) JOÃO BENJAMIN FERREIRA BAPTISTA (Pasta 28)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 30 DE SETEMBRO DE 1897 https://www.anm.org.br/joao-benjamin-ferreira-baptista/</p>	<p>Doutorou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, obtendo o grau de médico em 1895, com a tese “Cura radical da hérnia inguinal” (João, 2024). Preparador, em 1896, e professor interino da cadeira de anatomia descritiva na Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro. Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1906, com os médicos, Domingos de Góes e Vasconcellos & <i>Chapot Prévost</i>, apresentou um regulamento para o Serviço de Distribuição de Cadáveres destinados ao trabalho de anatomia. Em 1915, substituiu a 3ª seção da cadeira de anatomia descritiva e anatomia médico-cirúrgica, operações e aparelhos, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Responsável pela organização do Museu Anatômico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, iniciativa considerada notável por colegas de profissão à época (João, 2024).</p>
 <p>3) BENJAMIN ANTONIO DA ROCHA FARIA (Quadro 10 - Ficha 09)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 25 DE NOVEMBRO 1897 https://www.anm.org.br/benjamin-antonio-da-rocha-faria/</p>	<p>Graduou-se em Medicina, na Faculdade de Medicina (RJ) em 1875. Dez anos depois, obteve por concurso o cargo de Professor Adjunto de Higiene e História da Medicina. Rocha Faria despertou em Oswaldo Cruz o interesse pelas questões de higiene e microbiologia (Dias 1922). Professor Catedrático, reorganizou o laboratório de higiene da Faculdade de Medicina (1889), destacando dele o serviço de análise de bebidas e alimentos que, na República, tornou-se o Laboratório Nacional de Análises. Durante a construção do Hospital São Sebastião (plano de sua autoria), iniciou a construção de desinfetórios periféricos. Foi Inspetor-geral de Higiene Pública, até 1890. Em 1898, Preparador da Cadeira de Histologia da Faculdade de Medicina (RJ) (Oliveira, 2005).</p>
	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM EM 16 DE JUNHO DE 1898 https://www.anm.org.br/ernani-carlos-de-menezes-pinto/ --- [continua] ---</p>	<p>Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1896, com a tese “Fraturas da Abóboda Craneana”. Em 1899 é nomeado comissionado pelo Ministério da Justiça para estudar a Assistência Pública nas Repúblicas do Prata. Integrou a equipe de médicos, chefiada pelo Dr. Eduardo <i>Chapot-Prévost</i>, na realização da cirurgia das irmãs xifópagas. Professor comissionado pela Diretoria de Higiene Municipal para estudar na Europa e na</p>

Acadêmico	Titularidade	Breve trajetória científico – acadêmica
4) ERNANI CARLOS DE MENEZES PINTO (Pasta 28)		América do Norte. Professor extraordinário da Cadeira de Histologia no ano de 1925. Em, 1926, publicou vários trabalhos de sua especialidade, cabe destacar o “Como aprender histologia?” (Ernani, 2024).
 5) PEDRO ALMEIDA MAGALHÃES (Pasta 6)	MEMBRO TITULAR DA ANM 15 DE SETEMBRO DE 1898 https://www.anm.org.br/pedro-de-almeida-magalhaes/	Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a partir de 1882, doutorando-se em 1887, com a tese sobre “Amiotrofias de origem periférica” Colaborador dos periódicos Brasil Médico, do Rio de Janeiro, e Revista Médica, de São Paulo. Dentre trabalhos direcionados para clínica médica, a percussão da fosseta de Mohrenheim para o diagnóstico precoce da tuberculose foi estudado por ele, o que inspirou um de seus discípulos, a defender uma tese intitulada “Sinal de Almeida Magalhães”. A monografia “O coração no beribéri”, é, de acordo com a descrição referente a este médico, a obra mestra da bibliografia nacional (Pedro, 2024).
 6) OSWALDO GONÇALVES CRUZ (Ficha 16 e 17)	MEMBRO TITULAR DA ANM 24 DE AGOSTO DE 1899 https://www.anm.org.br/oswaldo-goncalves-cruz/	Ingressou na Faculdade de Medicina (RJ), aos 15 anos, em 1889. Publicou dois artigos sobre microbiologia na revista Brasil Médico, antes de concluir o curso de medicina. Em 1897, viajou para Paris, onde permaneceu dois anos, estudando microbiologia, soroterapia e imunologia, no Instituto Pasteur, como discípulo do diretor Émile Roux, e de medicina legal no Instituto de Toxicologia (Fraga, 2005; Benchimol, 2018). Em 1899, de volta ao Rio de Janeiro, montou uma clínica para atendimento urológico e um laboratório. Envolveu-se no combate de epidemias na cidade, entre outras ações sanitárias, junto com Adolfo Lutz e Vital Brazil. Nessa época, o Brasil não produzia soro para combater a peste bubônica, então, decidiu-se pela criação de dois institutos com as condições de produzir o soro. Da iniciativa surgiu o Instituto Butantan (SP) e o Instituto Soroterápico Federal (RJ) (Benchimol, 2018). A história da Fundação Oswaldo Cruz começou em 25 de maio de 1900, com a criação do Instituto Soroterápico Federal, na Fazenda de Manguinhos. Inaugurada, originalmente, para fabricar soros e vacinas contra a peste bubônica, a instituição experimentou uma trajetória, que se confunde com o próprio desenvolvimento da saúde pública no país (Oswaldo, 2024; Linha, 2024).
 7) RODOLPHO GALVÃO (Pasta 25)	MEMBRO TITULAR DA ANM ELEITO EM 11 DE JULHO DE 1901 https://www.anm.org.br/rodolpho-galvao/ --- [continua] ---	Doutorado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1886. Viagou para a Europa, após a graduação, especializando-se no Instituto Pasteur (Paris). Frequentou os cursos de microbiologia técnica e profilaxia da raiva nos Laboratórios de Roux e Metchnikoff (Teixeira, 2003). De volta ao Brasil, fixando-se em Pernambuco, assumiu a Inspeção de Higiene Pública. Em 1892, foi nomeado diretor, de Higiene Pública. Com uma nova proposta de trabalho, o Recife e alguns municípios próximos, foram repartidos em “Delegacias de Saúde”, e tornaram-se projeto embrionário do serviço de demografia sanitária. No “Desinfectório”, recém-criado, eram removidos doentes, loucos e indigentes, como desinfecção dos logradouros. Primeiro diretor do Instituto Pasteur de Pernambuco, criado

Acadêmico	Titularidade	Breve trajetória científico – acadêmica
		em 1899 (Sociedade, 2024). Devido ao decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901, foram realizadas algumas alterações no Código aos Institutos Oficiais de Ensino Superior e Secundário dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, dentre estas modificações houve a criação da Cadeira de Bacteriologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo sido nomeado como primeiro ocupante (Rodolpho, 2024).
 <p>8) LUIZ DA CUNHA FEIJÓ JUNIOR (Pasta 26 e 27)</p>	<p>MEMBRO HONORÁRIO DA ANM 11 DE JULHO DE 1901 https://www.anm.org.br/luiz-da-cunha-feijo-junior/</p>	<p>A Disciplina de Obstetrícia na FM (RJ) é ocupada por Luiz da Cunha Feijó Júnior, substituindo seu pai, Luiz da Cunha Feijó (Visconde de Santa Isabel). Feijó Junior permaneceu no cargo até 1911 (Simões, 2020; Luiz, 2024).</p>
 <p>9) FERNANDO AUGUSTO RIBEIRO DE MAGALHÃES (Pasta 28)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 12 DE SETEMBRO DE 1901 https://www.anm.org.br/fernando-augusto-ribeiro-de-magalhaes/</p>	<p>Doutorou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina, em 1899. Em 1918, junto a senhoras da sociedade carioca criou a Associação Pró-Matre (RJ), graças a seu empenho junto com Carlos Chagas, durante a epidemia da gripe espanhola que assolou o Rio de Janeiro e a amizade que tinha com o então presidente Wenceslau Braz. Professor catedrático de Clínica Obstétrica, em 1922. Presidência da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia do Brasil e da Academia Brasileira de Letras, em 1929, 1931 e 1932. Membro do Conselho Nacional de Ensino, da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Diretor da Faculdade Nacional de Medicina, em 1930 e, entre 1931 e 1934, Reitor da Universidade do Rio de Janeiro (Fernando, 2024).</p>
 <p>10) ALOYSIO DE CASTRO (Pasta 27)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 21 DE JULHO DE 1904. https://www.anm.org.br/aloysio-de-castro/</p> <p>--- [continua] ---</p>	<p>Graduou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1903. Entre 1906 e 1908, foi subcomissário de higiene e assistência pública do Rio de Janeiro. Publicou tema sobre clínica médica, e temas: cardiologia, patologia digestiva, endocrinologia, patologia infecciosa, más formações congênitas, doenças ósseas e metabólicas. Seus estudos de neurologia clínica se destacaram e trabalhos foram publicados em periódicos nacionais e internacionais de referência naquela época, como Brasil-Médico, Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia, Annaes da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Medicina e Pharmacia, Jornal dos Clínicos, Folha Médica, Patologia Geral, Revue Neurologique, Nouvelle Iconographie de la Salpêtrière, Encephale, Presse Médicale, e Neurologische Zentralblatt. Dirigiu e criou os Annaes da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Primeiro número lançado, em maio de 1916. Professor Catedrático de Patologia Médica, de 1909 a 1914, e de Clínica Médica, de 1915 a 1924 e Diretor da Faculdade de Medicina (RJ) de 1915 a 1925. Durante sua gestão, foi inaugurado o novo edifício na antiga Praia da Saudade (Avenida Pasteur), em 12 de outubro de 1918 (Aloysio, 2024).</p>

Acadêmico	Titularidade	Breve trajetória científico – acadêmica
 <p>11) CARLOS JUSTIANO RIBEIRO DAS CHAGAS (Pasta 01 e 11; ficha 10)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 26 DE OUTUBRO DE 1910 https://www.anm.org.br/carlos-justiniano-ribeiro-das-chagas/</p>	<p>Matriculou-se na Faculdade de Medicina (RJ), em 1897, aos 18 anos. Orientado por Oswaldo Cruz, doutorou-se em 1903. Em 1904, foi nomeado médico da Diretoria Geral de Saúde Pública. Em 1905, parte na missão de controlar a malária no Brasil. Em 1906, transferiu-se para o Instituto Soroterápico. Em agosto de 1909, Chagas publicou no primeiro volume da revista do Instituto de Manguinhos – “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz”, um estudo completo sobre a Doença de Chagas e o ciclo evolutivo do protozoário causador da doença. Assumiu a direção do Instituto de Manguinhos, em 1917. No ano seguinte, chefiou a campanha contra a epidemia de gripe espanhola, que assolava o Rio de Janeiro. Dirigiu a reforma dos serviços de saúde pública do país a partir de 1919. Passou a chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), criando serviços especializados de saúde: Higiene Infantil, Combate às Endemias Rurais, Combate à Tuberculose, à hanseníase, às doenças venéreas. Criou ainda escolas de enfermagem e estabeleceu a formação de médicos sanitários. Nomeado como professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1925, onde criou a cadeira de moléstias tropicais e estabeleceu as bases do estudo de higiene em nosso país. Representou o Brasil em comitês internacionais, principalmente como membro permanente do Comitê de Higiene da Liga das Nações (Carlos, 2024; Personalidades, 2024).</p>
 <p>12) ARTHUR ALEXANDRE MOSES (Quadro 10, Ficha 23)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 01 DE JANEIRO 1917 https://www.anm.org.br/arthur-moses/</p>	<p>Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1908. Pesquisador no Instituto Oswaldo Cruz entre 1908 e 1917. Biólogo do Ministério da Agricultura a partir de 1917. Realizou pesquisas em histologia, microbiologia e medicina veterinária (Academia, 2021). Publicou trabalhos, nacionais e internacionais, dentro de sua especialidade, podendo destacar “Do diagnóstico de moléstias infectuosas pela reação de Bordet Gergou” (1909), “Technicas e modificações da reação de Wassermann” (1913), “Prophylaxia da aneylostomose e do impaludismo pelo tratamento (1917). Exerceu o cargo de presidente da secção de ciências aplicadas à medicina de 1937 a 1938 e de 1942 a 1943 (História, 2024; Arthur, 2024).</p>
 <p>13) VITAL BRAZIL MINEIRO DA CAMPANHA (Pasta 17)</p>	<p>MEMBRO HONORÁRIO DA ANM 21 DE JUNHO DE 1917 https://www.anm.org.br/vital-brazil-mineiro-da-campanha/</p> <p>--- [continua] ---</p>	<p>Colaborou com diversas revistas científicas, como a “Revista Médica de São Paulo” e o periódico “Brasil Médico”; publicou dezenas de artigos científicos, tais como: “Casos de abcesso disentérico do fígado”, “A peste bubônica em Santos”, Contribuição ao estudo do envenenamento pela picada do escorpião”, “Das ações das peçonhentas no tratamento da epilepsia” e “Do papel dos lipoides em imunologia”; e escreveu dois livros: “A defesa contra o ofidismo” (1911, reeditado e ampliado em 1914, somente em francês), e “Memória histórica do Instituto Butantan” (1941). Em 1919, ele foi convidado pelo governo do estado do Rio de Janeiro a criar um centro de pesquisas biológicas em Niterói, sendo aí fundado o Instituto Vital Brazil (Jared, 2018).</p>

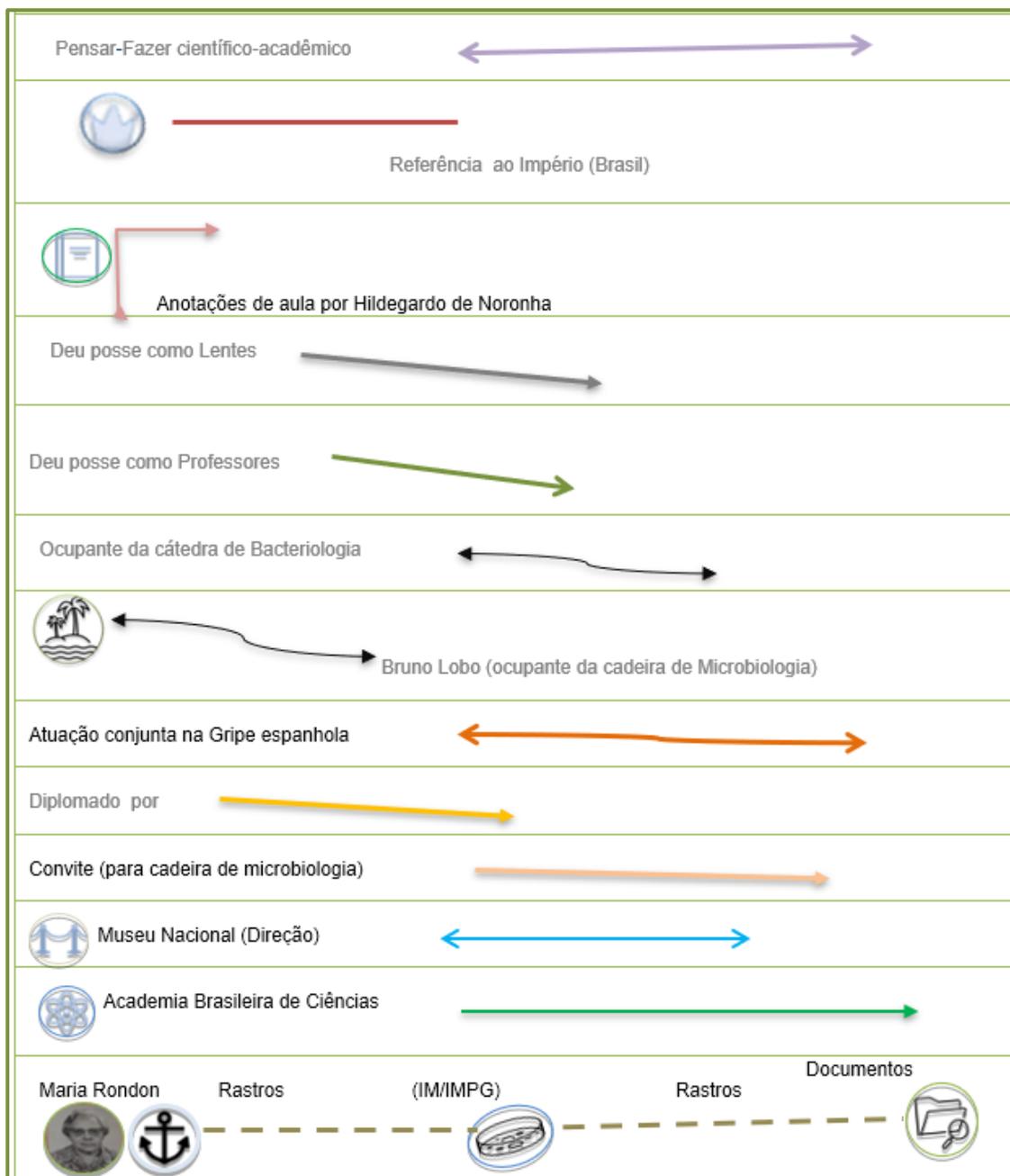
Acadêmico	Titularidade	Breve trajetória científico – acadêmica
 <p>14) PAULO DE FIGUEIREDO PARREIRAS HORTA (Pasta 10, 15, 32 e 34)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 01 DE AGOSTO DE 1918 https://www.anm.org.br/paulo-de-figueiredo-parreiras-horta/</p>	<p>Formou-se inicialmente em farmácia, em 1903, pela Faculdade de Farmácia do Rio de Janeiro. Depois, em 1905, concluiu o curso de medicina, na Faculdade do RJ. Entre 1906 e 1907, fez o curso de especialização em microbiologia no Instituto Pasteur de Paris. Em 1909, foi nomeado assistente do Instituto de Manguinhos, encarregado da seção de micologia e sobretudo do preparo do soro e da vacina contra a peste. Durante 1911 dedicou-se ao combate a uma epidemia de raiva que acometia os rebanhos bovino e equino de Santa Catarina e ameaçava estender-se para outros estados. Controlando a doença, organizou a produção e distribuição de uma vacina contra a raiva humana e animal. Assumiu a chefia da Seção Técnica da Diretoria Geral do Serviço de Veterinária do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Chefiou a equipe de médicos da missão médica brasileira, durante a Grande Guerra, trabalhando nos laboratórios e hospitais de regiões militares da Francesas. Assumiu em 1917, a cátedra de microbiologia e parasitologia dos animais domésticos, da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Rio de Janeiro, dois anos depois tornou-se diretor da instituição. Em 1923 transferiu-se para Sergipe a convite do governador, com a missão de construir e fundar o Instituto Parreiras Horta, instituição criada no ano anterior para compor a estrutura da saúde pública estadual, cuja missão incluía a produção de insumos básicos, o combate a raiva e a produção de vacina antivariólica. O Instituto foi inaugurado em 1924 (Biografia, 2024; Paulo, 2024).</p>
 <p>15) RAUL LEITÃO DA CUNHA (Pasta 26 e 28)</p>	<p>MESTRE TITULAR DA ANM 10 DE OUTUBRO DE 1918 https://www.anm.org.br/raul-leitao-da-cunha/</p>	<p>Doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1903. Na Europa, especializou em anatomia patológica. Em 1908, indicado a professor substituto da cadeira de Histologia, e, em 1910, catedrático de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina (RJ). Dentre trabalhos publicados: “Lições de microbiologia geral” (1911), “Ultramicroscopia do Sangue” (1912), “Técnica anatomopatológica” (1918), “Estudos sobre os blastomas” (1921), Diretor dos Serviços Sanitários do Rio de Janeiro, no Governo Carlos Chagas. Em 1926 representou o Brasil na I Conferência Pan-Americana dos Diretores de Saúde Pública Washington. Reitor da UB, durante o Estado Novo. Designado Ministro da Educação e Saúde, substituindo Gustavo Capanema no período de 30 de outubro de 1945 a 31 de janeiro de 1946. Membro do conselho consultivo da Liga Brasileira contra a Tuberculose (Raul, 2024).</p>
 <p>16) ANTONIO CARDOSO FONTES (Pasta 30, 31 e 33)</p>	<p>MEMBRO TITULAR DA ANM 10 DE MAIO 1928 https://www.anm.org.br/antonio-cardoso-fontes/</p> <p>--- [continua] ---</p>	<p>Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1897, terminando o curso médico, em 1902. matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1902. Ingressou em Manguinhos em seus primórdios como pesquisador assistente. Defendeu sua tese em 1903, sob a orientação de Oswaldo Cruz. Em 1904, assumiu cargo de Inspetor Sanitário dos Serviços de Profilaxia da Febre Amarela, no Serviço de Isolamento e Desinfecção, nas campanhas antiamarílica e de profilaxia e erradicação da peste bubônica. Em 1905, organizou e dirigiu o Serviço de Desinfecção das Galerias de Águas Pluviais, por meio do aparelho Clayton, contribuindo para a desratização e a profilaxia anti-larvária.</p>

Acadêmico	Titularidade	Breve trajetória científico – acadêmica
		<p>Em 1911, representou o Brasil na Exposição Internacional de Higiene na Alemanha. Participou de vários eventos internacionais (apresentando trabalhos sobre a tuberculose, dentre eles: “Tuberculose bovina”, Em Roma, obteve o diploma de honra por seus trabalhos originais sobre a biologia do vírus tuberculoso e, em Paris a edição do livro “Lultravirus tuberculeux”. Foram notabilizados seus estudos sobre tuberculose e a forma granular do bacilo, como expressão do seu “dinamismo morbígeno”. Nomeado, em 1934, a Diretor do Instituto Oswaldo Cruz (Departamento, 2019). Fundador e primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Tuberculose em 1937. Professor de Microbiologia, Diretor da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro (fundada em 05 de dezembro de 1935), além de Reitor em 1952 (Antônio, 2024; Bulcão, 2007).</p>
 <p>17) ARTHUR NEIVA (Pasta 9)</p>	<p>ELEITO NA ANM 16 DE NOVEMBRO DE 1934 https://www.anm.org.br/arthur-neiva/</p>	<p>Transferido da Bahia para a Faculdade de Medicina (RJ) em 1903. Em 1906, ingressou no Instituto Soroterápico, para realizar pesquisas na área de entomologia, especialmente de insetos transmissores da doença de Chagas. Foi efetivado como pesquisador em 1908. Na sua passagem por essa Instituição, teve como estagiário Hildegardo de Noronha. Em 1914, apresentou à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a tese de livre-docente de história natural e parasitologia Revisão do gênero Triatoma, das espécies transmissoras na doença de Chagas. Foi diretor do MN, entre 1923 e 1926. Em sua gestão, criou o periódico científico Boletim do Museu Nacional e um horto de plantas medicinais, foi membro de inúmeras sociedades científicas nacionais e internacionais, como Academia Brasileira de Ciências, Academia Nacional de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e Entomological Society de Washington. Durante a criação do Instituto Biológico (IB), a biblioteca foi abrigada na casa de Artur Neiva. No acervo, além de revistas e livros sobre pragas do café (Rebouças et al., 2009; Arthur, 2024)</p>
 <p>18) AGENOR GUIMARÃES PORTO (Pasta 28)</p>	<p>ELEITO NA ANM 26 de novembro de 1959 https://www.anm.org.br/agenor-guimaraes-porto/</p>	<p>Não há fotografia desse médico no site da ANM. Como não encontramos, até a finalização da pesquisa, uma imagem que o identifique, decidimos representar a personalidade pela capa do livro de sua autoria (Porto, 1962). Foi um dos cientistas brasileiros candidato (duas vezes indicado) ao Nobel (Pitella, 2018; Agenor, 2024).</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A relação entre os titulares da ANM (Quadro 4) está evidenciada na “Rede de Sociabilidade da ANM” (Figura 11). Para entender essa relação⁵³, segue a legenda (Figura10) abaixo:

Figura 10 – Legenda da Faculdade de Medicina (RJ) e sua Rede de Sociabilidade



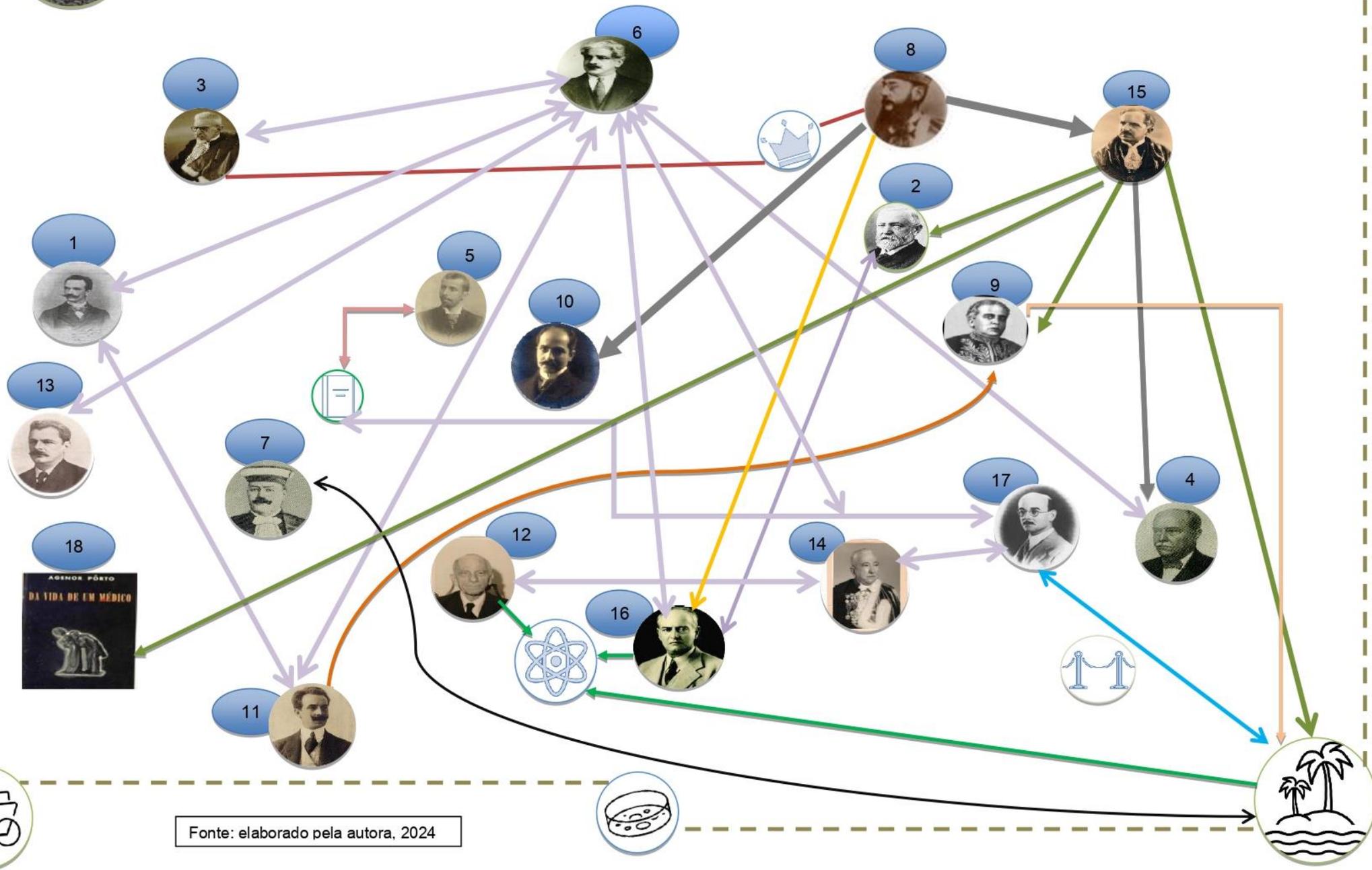
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

⁵³ Mesmo não sendo membros da ANM, Bruno Lobo e Maria Rondon fazem parte da Rede de Sociabilidade. A bibliotecária, porque se debruçou sobre os documentos no IM/IMPG, tornando possível o desenvolvimento do estudo. Já Bruno Lobo, simboliza a ilha, local onde se encontram tesouros. O entendimento sobre essa escolha se deve ao seu trabalho no MN (item 2.3).

Maria Rondon



Figura 11 – Rede de Sociabilidade.



Fonte: elaborado pela autora, 2024

Em se tratando de nossa Rede de Sociabilidade que elaboramos, o recorte temporal da atuação dos titulares na ANM, situa-se entre 1893 e 1959. Vale lembrar que, Paulo de Góes (mesmo não incluído nessa linha do tempo) foi eleito membro titular da ANM, em 1973, conquistando a cadeira, antes, ocupada pelo acadêmico Vital Brazil, em 1917. Ainda, atentos a informações das pastas, identificamos dois personagens que, se relacionam, de forma direta, com os titulares da ANM. São eles: Alfredo Antonio de Andrade e Henrique da Rocha Lima, apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 – Interações Institucionais

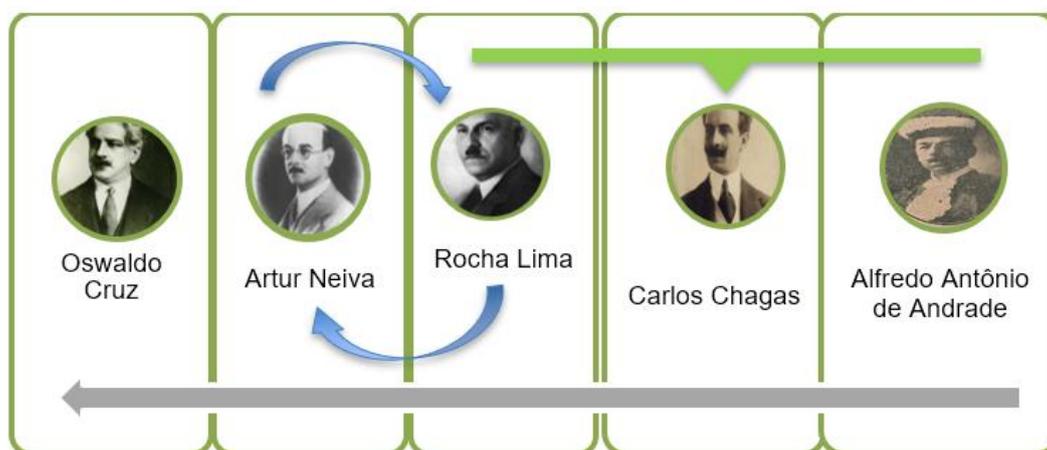
Personalidade	Relacionado à	Interações Institucionais
 <p>Alfredo Antonio de Andrade (Pasta 27) São Salvador, 30 de janeiro de 1869 Rio de Janeiro, 10 de julho de 1928</p> <p>Farmacêutico e médico, formado na Faculdade de Medicina da Bahia (1889). Livre docente da Faculdade da Bahia. Empossado como preparador de bacteriologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1909 (Andrade, 2024). De 1903 a 1905, foi redator da revista científica Gazeta Médica da Bahia. Para melhor assegurar o desenvolvimento de trabalhos do laboratório, o Prof. Dr. Alfredo de Andrade visitou o Instituto de Manguinhos, cursando, depois, em 1904, as aulas do Instituto Pasteur (Paris). Já químico de rara competência e histologista, fizera-se bacteriologista e higienista. Em 1906, foi um dos delegados estaduais da Bahia escolhidos para o XV Congresso Internacional de Medicina de 13 a 26 de abril de 1906, em Lisboa. Nos Archivos do Museu Nacional e no Boletim do Museu Nacional, o Prof. Dr. Alfredo de Andrade deixou notáveis contribuições sobre muitas das plantas alimentícias e tintoriais brasileiras.</p>	<p>Posse como preparador bacteriológico na presença de Luiz da Cunha Feijó Junior. Chefe dos laboratórios de química do Museu Nacional, na gestão Bruno Lobo, (1915-1923). De acordo com o Arquivo Nacional (2019), no ano 1920, Carlos Chagas era diretor geral do Departamento Nacional da Saúde. Nessa época, convidou Alfredo Antônio de Andrade para assumir cargo de diretor do Laboratório Bromatológico do Departamento Nacional da Saúde Pública.</p>	<p>Pelo decreto no 7.862, de 9 de fevereiro de 1910, a sede do Museu, então situada no antigo Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista, passou por grandes reformas de ampliação de suas instalações. O gabinete de Química teve sua capacidade duplicada, tendo sido criados dois novos laboratórios dessa matéria pelo decreto no 9.211, de 15 de dezembro de 1911, o "Laboratório de Química Analítica" e o "Laboratório de Química Vegetal". Em 1916, quando Alfredo Antônio de Andrade foi nomeado chefe dos laboratórios de química, na gestão de Bruno Alvares da Silva Lobo (1915-1923), os dois laboratórios se fundiram no "Laboratório de Química", conforme apresentou o decreto nº 11.896, de 14 de janeiro de 1916. Em 1916, acumulou esse cargo com o de diretor do Laboratório Bromatológico de Saúde Pública e, nessa condição, permaneceu até o ano de 1923 (Andrade, 1949; Andrade, 2024; Santos e Santos, 2010)</p>
 <p>Henrique da Rocha Lima (Pasta 9, 13 e 16) Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1879 Rio - São Paulo, 26 de abril de 1956</p> <p>Henrique da Rocha Lima formou-se em Medicina de Rio de Janeiro em 1901. sanitarista, patologista e bacteriologista brasileiro, descobriu o causador da</p>	<p>A convivência com Oswaldo Cruz, levou Rocha Lima. Conviveu também com Adolfo Lutz. Foi um dos primeiros cientistas a compor o grupo de jovens pesquisadores do Instituto Soroterápico de Manguinhos. Em 1903, foi um dos primeiros chefes de serviço e, mais tarde, substituto eventual de Oswaldo Cruz na</p>	<p>Rumou para Berlim, quando, em 1909, decidiu fixar-se, definitivamente, em Hamburgo, projetando-se como pesquisador do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais (Institut für Schiffs-und Tropenkrankheiten). Nesta instituição, Rocha Lima foi indicado pelo governo alemão para estudar o tifo epidêmico em Constantinopla, na Turquia, no Hospital Militar de Haidar Pascha, junto com Stanislas</p>

Personalidade	Relacionado à	Interações Institucionais
doença tifo, a bactéria <i>Rickettsia prowazekii</i> . Além da intenção de seguir os passos do pai e especializar-se em clínica, ter estudado no Colégio Brasil-Alemão, em Petrópolis, e de o pai ter sido ligado à Policlínica, instituição embasada no modelo austríaco, sugerem que a germanofilia desse cientista. Rocha Lima destacou-se como promotor das relações médico-científicas entre o Brasil e a Alemanha na primeira metade do século XX. A associação de ensino e pesquisa nas universidades alemãs influenciou o perfil da formação médica contemporânea, estimulando a atividade científica associada, à docência, por um lado e à indústria, por outro. O prêmio recebidos de nazistas em 1938 e a simpatia que nutriu pela pátria de Goethe e Wagner, mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, alimentaram suposições sobre sua postura política (Silva, 2013). Julga-se que, vista a plêiade de cientistas franceses e americanos, que dominavam a ciência, mesmo sendo a Alemanha berço do conhecimento científico, Lima, descontente pelo não reconhecimento de suas pesquisas, abandonou as discussões sobre sua posição ao regime nazista e recebeu o prêmio, como um sinal de reconhecimento pelo trabalho ao qual se dedicou desde 1910 até 1928 (Rebouças, 2006)	direção. No cargo de Assistente de Manguinhos, orientou os doutorandos Arthur Moses, Carlos Chagas, e Parreira Horta. Em 23 de janeiro de 1907, Arthur Neiva endereça carta a Rocha Lima. Este por sua vez, esteve, até 1909, no Instituto Soroterápico (chamada Instituto Oswaldo Cruz, a partir de 1908), época de grande crescimento da instituição. Rocha Lima foi convidado a integrar o Instituto Biológico (IB) que Arthur Neiva acabara de fundar em São Paulo, assumindo como diretor superintendente. Tornou-se responsável pela consolidação e reconhecimento internacional da Instituição nos anos de 1930 e 1940. Participou da fundação da Escola de Medicina de São Paulo (EPM) e da Universidade de São Paulo (USP).	Von Prowazek, um dos bacteriologistas da época e antigo companheiro do Instituto de Manguinhos. A envergadura de sua produção intelectual em microbiologia, patologia e medicina tropical, e a rede de relações por ele tecida asseguraram sua inserção na comunidade médico-científica alemã, posição, apontada como quase única na história de vida de cientistas brasileiros contemporâneos e a partir da qual permitiu que Rocha Lima, contribuisse decisivamente para a aproximação intelectual de países (Ramos, 2021; Silva, 2013).

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Na Figura 12, resumimos as relações institucionais e interinstitucionais da seguinte forma: a seta cinza, direcionada para Oswaldo Cruz, alerta a influência do IOC na trajetória desses cientistas. A seta verde bandeira abarca Rocha Lima (orientador de Carlos Chagas) e Alfredo Antônio de Andrade (atuou com Chagas atuar no DNSP, em 1920). A seta azul circundando Rocha Lima e Arthur Neiva, reflete a relação científica entre essas duas personalidades.

Figura 12 – Relações institucionais e interinstitucionais



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Encontramos na pasta 9 (apêndice L-- Anexo 22) uma correspondência de Arthur Neiva para Rocha Lima (datada em 23 de janeiro de 1907)

Figura 13 – Página 1 - Carta de Arthur Neiva (1907)

3

07/1

Caro - 23-1-07

Prezado D^o Rocha Lima

Escrevo-lhe na última véspera do acontecimento em resultado das eleições
 nacionais; refiro-me às eleições para Reichstag; que põe de pé a maior parte
 dos membros de há pouco do chique sobre a Alemanha guerreira, monárquica,
 feudal e a Nova Alemanha redimida e allivada da influência
 do poder macabro de um imperador, que de há pouco como sempre,
 obedeceu à sua impulsividade atizada pelo seu patibulo moral
 que elle seria comprometido, sua autoridade tradicional sagrada,
 a doutrina divina e os direitos divinos abalados; aqui agruo grande
 lhe parece oportuno. Os problemas da politica colonial, da
 politica mundial, interessaram nos partidos menores, que o problema
 da politica interior, que para elle se apresenta sob um aspecto
 isto é, se a gestão dos negocios allemães, pertenceria sem contestação
 a um soberano que abdicou aos seus explicitos e a quem o trono
 do momento se subditou às reflexões, dúvidas e allucinações
 de abstracção, como um politico francez de seu de Francez sob
 Louis Philippe; e a Alemanha por elle, por quem não se sabe
 onde a condensa em projecto a tratar sempre como a sua
 menor; que differença de a gestão allemã da que Bis
 marck condizia. O parlamentarismo industrial allemão e que nos
 ultimas eleições deram mais de 3 milhões de votos, sabe per
 feitamente que a sua parte de facto, sobre os negocios
 publicos, é nullo; e de se não nos representa
 o conselho, preferem se retirar e se não se pode
 darescos? não querem saber de sua opinião, impido ao con
 sultar o governo para com o conselho de uma nova lei sobre
 os judicatos, de se armar mais efficaçmente contra os tu
 lhadores e para melhor proteger a agricultura peschi
 te que a caça e a pesca dos desconhecidos cujo conse
 quencia valem nas eleições de depois de quinhentos por

Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

Figura 14 – Página 2 -- Carta de Arthur Neiva (1907)

que nella o proço da carne de sempre terá um papel capital; e se a coiza não for suppr os socialistas furaos ri-
 Anicos, deverem em grande parte, a toda circumstancia
 economica que nada tem de oportunista. O governo esgarça
 o proletariado, mais por coiza ainda, e rephactaria ao
 ministro da mar, porque reserva formidavel e energico
 detido; e não foi em vão q' a resolução no ra suppr no
 mundo se dá na a ameaça de Schell, adriando se, que
 se após se lançar ^{a alliança} (a lanco) com uma exploraçã a Prusa, não
 tivesse sido ~~de~~ edo da memoria de Dutilhoine, o impe-
 rador julga a occiaçã exada de medir sua força, de se
 erguer o seu prestigio, de affirmar q' ainda domina a dispo-
 nã e paratã. Também a elle macha que se não vê a
 val de Bento; a elle macha industrialismo e militarismo allemã
 esquece o velho peador, de amare as mãos para a terminem
 directamente nos plixos electraes; mas este facto que pela
 primeira vez acontece, mostra também a intensa vida polí-
 tica que se vive no allemanha, pois o partido de opposiçã
 se não arrecia q' a lenda de se não acubarda de d'ito
 deste brandão de esendo do papio governo. A situaçã
 é interesantissima, porque ella dará em caso de não vi-
 ctoria completa do governo, uma extraordinaria signifi-
 caçã e relevancia ao voto da nação, e ainda em caso
 de sua triumpho não lhe dará grande prestigio so-
 val, pois a opiniaõ verã nelle o multatã se uma in-
 tervençã que, ainda feita de pelarã, não pôde ser
 mais censuravel. O papio impredorã com a sua lida
 lida e audacia referã, se por a fãtorã da cam-
 paõ e electoral, pois que não pode ser interpetã
 do de outro modo e em discussã a officiaes de
la d'uctor, insistindo na necessidade de trabalharem

Figura 15 – Página 3 -- Carta de Arthur Neiva (1907)

pela victoria do governo nos proximos eleições; de facto
 este comitê é uma ordem, attendendo-se a q' e' o mil
 litarismo na Alemanha, para q' cada official do exercito de
 reserva, se transforma num agente eleitoral a serviço
 do governo. No fundo as eleições proximas se passarão
 nas mesmas condições das de 98 e 903; a guarda dos
 Hereros será rapidamente esquecida, Bismarck sabe se o
 governo for derrotado tem que se demittir, pois Guilherme
 quer descobrir nelle o culpado; e, portanto trata de
 a todo o haure repellir os pretendidos de Biehl e Dingler e
 por isso, ha profere aquelles tom-tuantes e fôfos discurs
 sos, em que cita como exemplo a Alemanha e Napoleão
 salvando a França dos garras de Protospierre; aliás, não se
 tem como o seu imperial amo, lhe perdoar a incoerencia
 da citação de França como modelo d' Alemanha e de
 na parte a que n' elle chama de "aventureira corsa".
 O esultino de 25 de Janeiro, será um momento de lutz
 travada pelo Imperio contra o proletariado e nada mais.
 Nós existiremos até que ponha a revolução nos saca
 dia, galvanismo a Social Democracia, e isto será o amb
 capital de acontecimento.
 Recebi o seu carta de Junho Novo agradeço a
 redito saudar os seus amidos netos; tout pelo
 Dr. Oswald que os musculos estejam acidos, curios
 outros.
 Como sempre sou o amigo q'nda
 Arthur Neiva.

Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

A correspondência não trata de assuntos direcionados às Ciências da Saúde (diferente de outros documentos aqui reportados). Nessa carta, Neiva tece comentários acerca das eleições para "Reichstag", sendo o colega Rocha Lima, uma testemunha desse "choque entre Alemanha "guerreira", "monárquica", "feudal" e a "Nova" Alemanha, livre da "influência" de um [...] "Imperador" (Figura 13). Na despedida Neiva agradece a

carta de “Ano Novo” de Rocha Lima (Figura 15). Vemos aqui, além das ações interinstitucionais (Quadro 5), uma relação interpessoal entre essas duas personalidades.

No círculo dessas relações, ressaltamos que Bruno Lobo (1915-1923) precedeu Arthur Neiva (1923 e 1926) na direção do Museu Nacional. É nesse ambiente, que a bússola indica esse museu como uma importante instituição científica, chamada, inicialmente, de Museu Real (Alfredo, 2024, , 2012).

2.3 A agulha indica o Museu Nacional (MN): entre Fritz Muller e Bruno Lobo

Seguindo os ideais de valorização da cultura hegemônica e tradicional da coroa portuguesa, D. João VI, Rei de Portugal, já residindo no Rio de Janeiro, ordenou a criação do Museu Real⁵⁴, fundado em 6 de junho de 1818 (Museu, 2024). A tentativa foi estabelecer na capital do Brasil, sede da monarquia do Reino de Portugal, um museu metropolitano e universalista, que agrupasse, ao lado de objetos enviados das ilhas da África e da Ásia (que também viviam sob o domínio português), coleções botânicas, zoológicas e antropológicas encontradas no país. Se atribuiu, também, aos interesses da futura imperatriz, D. Leopoldina, a existência dessa Instituição como apoio às missões naturalistas, que iniciando-se em 1817, deveriam enviar a esse museu, duplicatas de coletas realizadas no Brasil. Se consolidando como espaço científico em território brasileiro, ao longo do século XIX, o Museu incentivava estudos científicos e desenvolvimento da arte no país. Viajantes e empregados das colônias receberam uma Instrução Pública (impressa) sobre como colher, conservar e remeter objetos ao museu (Souza, 2017).

O Museu recebia a contribuição de pesquisadores naturalistas que passaram pelo Rio de Janeiro, incentivando pesquisas e expedições pelo país, a fim de aumentar seu acervo (Cândido, 2019). Em relação a pesquisadores naturalistas do MN, voltamos mais para o final do século XIX, com o naturalista Fritz Muller. Essa atenção se dá,

⁵⁴ Localizado no Campo de Santana, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, como Museu Real e, a partir de 1892, foi transferido para a Quinta da Boa Vista, em 1892, no antigo Paço de São Cristóvão. Ao longo de sua trajetória, a instituição teve sua denominação alterada devido às mudanças políticas do país, mudanças essas que podem ser facilmente identificadas a partir de documentos oficiais. Criado como Museu Real, assim foi identificado até 1824, ano da Constituição Política do Brasil, outorgada por d. Pedro I. Entre 1824 e 1825, a nomenclatura muda para Museu Nacional e Imperial. Posteriormente, o nome foi alterado para Museu Imperial e Nacional e mantido até 1842. Durante as Revoluções Liberais (1842), a instituição teve seu caráter nacional fortalecido e passou a ser identificada como Museu Nacional. Ao longo destes dois séculos de trajetória, o Museu Nacional atravessou os diferentes períodos da formação do estado brasileiro e mudanças significativas nas várias esferas do País. Em meio a esses rearranjos, em 1946 o Museu Nacional foi integrado à Universidade do Brasil, que depois veio a se tornar a Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Museu Nacional sofreu um incêndio de grandes proporções na noite de 2 de setembro de 2018 (Dantas, 2022).

devido a descoberta de correspondências suas, guardadas nas pastas do conjunto documental (apêndices , F, G e H).

Figura 16 – Fritz Muller ([188?]).



Fonte: Marcolin, 2004.

Fritz Müller (1822-1897), foi um naturalista alemão que emigrou para o Brasil, com sua família, em 1852. Foi um dos primeiros colonizadores de Blumenau (SC), estabelecendo-se ali, até sua morte, ocorrida em 1897. A casa desse viajante alemão, construída em 1856, em Blumenau (SC), abrigou, a partir de 1936, o Museu de Ecologia Fritz Müller. O local preserva alguns objetos pessoais dele e da família, além de cerca de 4 mil itens como insetos e animais taxidermizados (Ramos, 2022).

De acordo com Souza (2017) o naturalista apoiou-se em descobertas feitas em Santa Catarina (SC), o que corroborou com a teoria da evolução das espécies. Assim, diante da comunidade científica europeia, o Brasil foi colocado na rota dos debates histórico-científicos. O britânico Charles Darwin, igualmente, se apoiou nos trabalhos científicos de Fritz Muller, para consolidar sua teoria da seleção natural das espécies, na medida que

o evolucionismo, principalmente o darwinismo, exerceu grande influência nas publicações do Museu Nacional. Analisando os trabalhos dos primeiros volumes dos Archivos, percebe-se grande ingerência das ideias evolutivas, principalmente das teorias de Darwin, constituindo-se um coletivo de pensamento. Mesmo que seus autores não chegassem a um consenso sobre o tema e que muitas vezes só utilizassem o nome de Darwin como forma de garantir credibilidade científica (Souza, 2017).

Sob a direção de Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), aconteceu a reforma institucional no MN, ocorrida entre 1874 e 1893, projetando a visibilidade científica do Museu⁵⁵, com a revista científica brasileira: *Archivos do Museu Nacional*, iniciada em 1876. Regulamentada pelo decreto de 1876, instituiu-se a trimestralidade da publicação. Nesse mesmo ano, Mello Netto publicou o artigo “contribuições para estudo antropológico das raças indígenas”, no qual marcou-se a ênfase que recaía sobre os aspectos físicos e biológicos dos grupos raciais (Vieira, 2019). Devido à falta de verbas para sua impressão e distribuição, as publicações permaneceram anuais até o volume IV de 1879, mas após este volume não haveria periodicidade regular (Souza, 2017)

Também, na gestão de Mello Netto, foram contratados cientistas naturalistas, entre eles, o suíço Emílio Augusto Goeldi, o brasileiro Domingos Soares Ferreira Penna e o alemão Fritz Müller⁵⁶, naturalista do MN, de 1876 a 1891. Müller foi um pesquisador viajante, que fez parte do fluxo histórico-científico do IM, na primeira metade do século XX (considerada a idade de ouro da Instituição). Seguindo os vestígios deixados nos rascunhos de Maria Rondon, encontramos informações (envolvendo a botânica e cargo exercido no MN) representados no Quadro 6:

Quadro 6 – Temas das correspondências de Frederico Müller a Ladislau Netto

Temas	Ano
Comunicação de sua nomeação de naturalista	1876
Objetos zoológicos, destinados ao Museu	1876
Trabalho como naturalista – viajante	1876
Estudos que está fazendo sobre Lepidoptens	1877
Descrição dos órgãos odoríferos de Danais	1877
Sobre borboletas	1877
Preparo de colecções	1877
Coleção de lepidopteses da Provincia de Sta. Catarina	1878
Prega costal das hesperideas,	1878
Trabalhos que tem feito para o Museu.	1878

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Retratamos abaixo, a relação de correspondências do Fritz Müller para Ladislau Netto:

⁵⁵ Em 9 de fevereiro de 1876, João Batista(1846-1915) foi nomeado subdiretor da seção de Antropologia, Zoologia e Anatomia do MN, Em 1877, Lacerda ministrou o curso de Antropologia no Museu Nacional, no qual fez uma série de preleções sobre anatomia e fisiologia do homem (Benchimol, 1999). Internacionalmente, o MN projetou-se com a Exposição Antropológica, exibida no MN, no ano de 1882 (Lopes, 1997).

⁵⁶ Em nosso levantamento surgiram os nomes Frederico Müller, Fritz Muller, Muller e F. Muller

Figura 17 – Relação das correspondências elaborada por Maria Rondon ([197?]).

-
- 1 - ^{12 cartas} Carta e ofício de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, 15/10/1876
 - 2 - Ofício de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, comunicando a remessa de uma coleção de plantas para o Herbario do Museu, 23/10/1876
 - 3 - Carta de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 5/2/1877
 - 4 - Carta de Frederico Müller, naturalista viajante do Museu Nacional, ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 2/9/1877
 - 5 - Carta de Fritz Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 6/10/1877
 - 6 - Carta de Fritz Müller ao Diretor do Museu Nacional, Hajahy, 8/11/1877
 - 7 - Carta de Fritz Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 28/11/1877
 - 8 - Carta de Frederico Müller, Naturalista Viajante do Museu Nacional, Hajahy, 23/12/1877
 - 9 - Ofício de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional comunicando a remessa de uma coleção de lepidópteros da Província de Santa Catarina, 5/3/1878.
 - 10 - Carta de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 3/6/1878.
 - 11 - Carta de Frederico Müller ao Sr. Ladislau Netto, Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 2/5/1878.
 - 12 - Carta de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 10/7/1878.

Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

O que sabemos é que Fritz Müller publicava o resultado de suas pesquisas nos Archivos do Museu Nacional (Souza, 2107; Agostinho, 2013). Segundo Moreira et al (2008), os Archivos do Museu Nacional (após 39 após de interrupção) tiveram a publicação reiniciada por iniciativa de Bruno Lobo⁵⁷, diretor⁵⁸ do MN (1915 a 1923). Nos rastros desse diretor, encontramos notícias da ida de uma comissão do MN à Ilha de Trindade (ES).

⁵⁷ O médico Bruno Álvares da Silva Lobo nasceu em 21 de outubro de 1884, em Belém do Pará. Doutorou-se na FNM (RJ). Bruno Lobo era homem de família abastada, vivia parte da vida aqui no Brasil e outra em Paris, o que lhe possibilitava o relacionamento com a Ciência na França. Faleceu em 1945 (Louzada, 2017).

⁵⁸ Em 1905, Bruno Lobo exerceu o cargo de assistente do Laboratório Anatomopatológico do Hospício Nacional dos Alienados. Tornou-se diretor da instituição em 1907. No mesmo período, foi nomeado médico legista da polícia do Distrito Federal. Entre 1915 e 1923, foi diretor do MN. Em meio a essa direção, foi designado, em setembro de 1916, pelo Ministério de Estado dos Negócios do Interior, como representante do governo brasileiro nos trabalhos da Conferência Internacional de Microbiologia e Parasitologia, que fez parte do Primeiro Congresso Nacional de Medicina realizado em Buenos Aires (Moreira et al, 2008, p. 23). Os deslocamentos interinstitucionais de Bruno Lobo estão descritos na ficha 20 (apêndice L)

Com Bruno Lobo a bordo, o cruzador Barroso zarpuu em 20 de maio de 1916 para a Ilha⁵⁹ (Noticiário, 2024). Levando os aparelhos e objetos necessários para estudos científicos de interesse do MN, a comissão deu continuidade aos trabalhos, enquanto seu diretor regressava para o Rio de Janeiro, em 09 de junho de 1916 (Sullivan e Silva, 2019). Dois anos após a expedição, Lobo palestrou na Biblioteca Nacional, acerca de sua atuação como diretor, incluindo sua viagem a Ilha de Trindade (Wanderley, 2019; Lobo, 1919).

Bruno Lobo via o Museu como um centro científico nacional que refletia a riqueza do solo, flora e fauna brasileira. Os resultados dessas pesquisas foram publicados na comemoração centenária do Museu (Arquivos, 1919) e na Revista da Sociedade Brasileira de Ciências (1919), periódico da antiga Sociedade Brasileira de Ciências (SBC), atual Academia Brasileira de Ciências (ABC).

Em 1919, mesmo ano de comemoração do Centenário do MN, Bertha Lutz faria sua primeira publicação na instituição MN. A influência atribuída a Lobo, na nomeação de Bertha Lutz para MN, foi o mote principal apontado por Lima Barreto, na Revista Careta (Carvalho; Moreira, 2017). Esse escritor criticou as relações do diretor do MN, com a mídia e pelas trocas contínuas de especialidades (Lopes, 2008).

No entanto, o que podemos mesmo reafirmar é que Bruno Lobo, além de ter ocupado a (recém-criada) cadeira da microbiologia da URJ e de ser diretor do Museu, durante a visita uma ilha do litoral brasileiro, transitava, também, pela Academia Brasileira de Ciências (ABC), no ano de 1916. O médico era diretor do MN, ao mesmo que participava da fundação da Sociedade Brasileira de Ciências (SBC), primeiro nome da ABC. Ele fez parte de um grupo informal de professores que, nas dependências da Escola Politécnica, aprovou no dia 15 de junho de 1916, a ata de fundação da SBC (História, 2024).

2.4 Outros horizontes: Academia Brasileira de Ciências (ABC)

A representatividade do MN (tal como a do IOC), nas áreas biológicas e de ciências naturais, na primeira metade do século XX, acabou impulsionando a formação dessa sociedade científica, pois, com exceção à astronomia, em torno do Observatório Nacional, as ciências exatas demandavam uma consagração nacional, acerca de suas pesquisas. A ideia era uma associação que transcendesse os muros da Escola e

⁵⁹Corre no imaginário dos visitantes, a presença de piratas que teriam escondido um tesouro sob o seu terreno acidentado. É possível encontrar diversos vestígios arqueológicos, âncoras e restos de navios que fazem parte da cultura material que compõem o contexto de ocupação da ilha ao longo do tempo. Devido a posição estratégica para a defesa do país, o local é ocupado permanentemente pela Marinha brasileira, que mantém o Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade, o Poit. O acesso de turistas é proibido e as visitas são permitidas apenas para os militares e pesquisadores (Sullivan e Silva, 2019).

abrigasse profissionais de outras especialidades, além das engenharias, sendo assim, tornava-se indispensável, a existência de um grêmio, onde as questões da ciência pura pudessem ser debatidas pelos pares (Carvalho; Moreira, 2017).

Nos primórdios, a ABC (seguindo o modelo da academia francesa) foi dividida em três seções: Ciências Matemáticas, compreendendo, além da matemática propriamente dita, a física matemática e a astronomia. Esse movimento foi significativo, pois a Academia abrangia ciências que estavam passando por grandes inovações nos centros de produção e difusão científica, proclamando a importância dos ideais superiores ao simples utilitarismo (Alves, 2001, p. 189).

Inicialmente, decidiu-se pela formação de 100 membros efetivos para compor a SBC. O quadro de seus membros, de início, era assim constituído: Efetivos (cientistas brasileiros de merecido saber), Beneméritos (prestadores de relevantes serviços à Sociedade); Honorários (cientistas estrangeiros) e Associados que se subdividiam: Assistentes (sem direito a voto) e Correspondentes (não residentes no Rio de Janeiro). Além de Bruno Lobo, outros cientistas: Adolfo Lutz, Juliano Moreira, Oswaldo Gonçalves Cruz, Antônio Pacheco Leão, Henrique Aragão, Álvaro Osório de Almeida e Carlos Chagas foram convidados a conceber essa nova instituição (Academia, 2024).

O grupo já incluía Edgard Roquette-Pinto, Joaquim Cândido da Costa Senna e Manuel Amoroso Costa, entre outros que participavam, formalmente, dessa criação. O professor de física da Escola Politécnica e diretor do Observatório Nacional, Henrique Morize (1860-1930), o principal concretizador da ideia, que em seu discurso de posse exprimiu que “a Sociedade Brasileira de Ciências é uma associação de trabalhadores intelectuais resolvidos a consagrar todos os seus esforços ao progresso da ciência e ao engrandecimento do nosso querido Brasil” (Carvalho; Moreira, 2017, p. 18).

Engajada nos problemas do país, a ABC se posicionou e participou de movimentos importantes nos diferentes setores do País, como na década de 1920, quando reivindicou a regulamentação da radiotelefonia sem fio, como era chamado o rádio. Na época, brasileiros que quisessem adquirir um rádio enfrentavam entraves burocráticos e os flagrados com o aparelho sem permissão, eram presos, pois o governo temia que segredos militares fossem descobertos (Carvalho; Moreira, 2017).

Foi intitulada Academia Brasileira de Ciências (ABC), em 1921, nome mantido até a atualidade. A alteração no nome, sugerida por Júlio Afrânio Peixoto, buscava igualar o padrão da instituição brasileira a instituições científicas, no cenário internacional das Américas, como a Academia de Cuba, em 1861 (ainda como colônia espanhola), a Academia Nacional de Ciências fundada norte-americana, em 1863 e Argentina, em 1874 (Academia, 2024).

No ano de 1923, a Rádio Sociedade, uma das primeiras rádios brasileiras, era mantida pela contribuição de sócios e funcionava na sede da Academia, um dos prédios usados como pavilhão da Exposição do Centenário da Independência, no ano anterior. Nesse processo de desenvolvimento da Ciência, os acadêmicos da ABC estiveram envolvidos em outras atividades também com a concepção da Sociedade Brasileira de Educação (SBE), em 1924 (Atlas, 2023; Exposição, 2023).

No bojo dessas ações, a ABC recebeu, em 1925, o vencedor do prêmio Nobel, Albert Einstein. O cientista esteve no Palácio do Catete, no Museu Nacional, no Hospital dos Alienados, no Clube de Engenharia e no Observatório Nacional. Também fez um breve depoimento em alemão na Rádio Sociedade. Seu manuscrito, baseado na palestra "Observações sobre a situação atual da Teoria da Luz" proferida no ABC, foi traduzido do alemão e publicado na primeira edição da Revista da Academia Brasileira de Ciências (Academia, 2024).

Em 1926, a polonesa *Marie Sklodowska Curie* foi também recepcionada pela ABC, no Anfiteatro de Física da Escola Politécnica. A cientista, premiada com dois prêmios Nobel (física em 1903 e química em 1911) proferiu uma série de palestras sobre radiação. Suas conferências foram transmitidas pela Rádio Sociedade. Curie foi a primeira mulher aceita como membro correspondente da ABC. Einstein recebia o diploma de membro correspondente da ABC, e a instituição, por sua vez, estabelecia o prêmio Einstein, que seria oferecido anualmente (Carvalho; Moreira, 2017).

Tornar a comunidade científica brasileira conhecida no exterior era tão importante, quanto representar a ciência internacional no Brasil. Havia uma variedade de temas publicados no periódico da Instituição. Nesse sentido, lembramos que o acervo da biblioteca sofreu reveses, em razão das mudanças da sede. O prédio que a abrigava foi demolido devido à reurbanização da cidade (Alves, 2001).

Assim, as reuniões aconteciam no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Ministério do Trabalho (durante o Estado Novo), na Fundação Getúlio Vargas, o prédio de propriedade do Estado de São Paulo, cedido pelo governo Jânio Quadros (1955-1959), e, finalmente, no Laboratório de Análises Clínicas de Artur Moses. Esse titular da ANM, teria sido discípulo de Oswaldo Cruz, segundo inscrição na ficha 23 (apêndice L).

O desempenho de Arthur Moses foi fundamental no avanço da ABC. Essa personalidade reativou a publicação dos Anais e, 1959, com a obtenção de recursos governamentais, através de doações da União, do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), o que possibilitou a compra de um andar inteiro do prédio no Centro da cidade (Academia, 2024).

A atuação do cientista permitiu a continuidade da Academia e sua adaptação a um novo contexto nacional – a Era Vargas (1930-1945) – e internacional – a deflagração

da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Entre esses períodos, Ignácio Manoel de Azevedo Amaral (pasta 29) foi Presidente da ABC e Reitor da UB (Oliveira, 2024).

Instalada desde 1960, no Centro do Rio de Janeiro, a Academia foi marcada em 1967, pela gestão do Acadêmico Aristides Azevedo Pacheco Leão, que dá nome à biblioteca da ABC (Almeida; Pontes; Rangel, 2021). Nesse mesmo ano, morria Moses. Em sua homenagem foi criado pela ABC, o “prêmio Arthur Moses”, que concedia auxílio financeiro para estimular a pesquisa (Arthur, 2017).

Em 100 anos de existência, a Academia passou por alterações na estrutura científica, com divisão e acréscimos das seções. Atualmente, reúne os membros em dez áreas especializadas: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Biomédicas, Ciências da Saúde, Ciências da Engenharia, Ciências da Terra, Ciências Físicas, Ciências Humanas, Ciências Matemáticas e Ciências Químicas (Academia, 2016).

Como uma entidade independente e não governamental, a ABC marea pela ciência brasileira, propondo debates voltados para Amazônia e Biocombustíveis, assuntos recorrentes em C&T, incluindo a microbiologia (Capitão Ulysses, 2021; Capitão Simbad, 2021).

Não cabe no corpo deste estudo, imergir nas áreas abarcadas pela ABC, mas, sim, atentarmo-nos para os movimentos científicos Bruno Lobo, nessa e em outras Instituições científico-acadêmicas (principalmente, observando sua atuação direcionadas ao campo da microbiologia e áreas afins). Na busca desse entendimento, transpassaremos o IMPG, trajetória a ser recordada no capítulo 3.

**CAPÍTULO 3 MEMÓRIA COLETIVA E
UMA TRAVESSIA: O IMPG DA UFRJ**

*“A canção já foi cantada. A Confraria foi convocada”.
Piratas do Caribe, 2007*

Entendemos como memória não apenas a capacidade cognitiva individual de evocação mental dos elementos ausentes, mas, igualmente, o processo de reconstrução seletiva, mediada, no presente, por eventos do passado. Não sem contradições, na convergência entre memória individual e memória coletiva, o fenômeno memória é um dos elementos estruturantes da identidade (individual e social) e, também, fator extremamente importante da percepção de continuidade.

Nessa capacidade cognitiva individual de evocação mental de elementos ausentes, enxergamos, também, um processo de reconstrução seletiva do passado, que ocorre sempre em ações do presente. Essa capacidade de lembrança e de processamento, aos quais sujeitos, individualmente, têm acesso, são enriquecidos pela memória coletiva, difundida por processos sociais diversos (Halbwachs, 2006).

Sinalizada por grupos sociais, a memória desempenha um papel fundamental nos processos históricos. Alinhando as expressões sociais, esse fenômeno é intermediado por mediadores socioculturais, considerando que aí, também, atuam forças histórico-ideológicas. Por essa via, a Memória Coletiva e a História podem formar uma aliança entre a resistência ao tempo histórico e a vivacidade da memória.

Simbolicamente, sustentado pela identidade no tempo presente, o acontecimento “memorizado”, enquanto “histórico” torna-se elemento vivo da memória coletiva (Davallon, 1999, p. 27). A memória coletiva pode, por vezes, enfrentar de modo contundente com a racionalidade da história feita pelos historiadores. Em outros momentos, pode ser complementar à memória histórica. E, em outros, ainda, servir como limite ao caráter lógico e ideológico da história (Schmidt; Mahfoud, 1993).

Se, por um lado, a memória coletiva traz vitalidade aos objetos culturais, marcando momentos históricos significativos e preservando o valor do passado para os grupos sociais, por outro, é vista como uma guardiã dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, podem vir a se constituir fontes para a pesquisa histórica (Schmidt; Mahfoud, 1993).

Assim, se a memória, a partir de indicadores culturais relativos às experiências individuais e de grupos, possibilita a construção no presente, o patrimônio permite o estímulo à memória das pessoas, historicamente vinculadas a ele, e, por isso, é alvo de estratégias que visam a sua preservação e promoção. Memória e patrimônio são conceitos imbricados, vinculados à construção e à preservação de expressões culturais como expressões, lugares, objetos ou artefatos.

3.1 Um baú de memórias

Vimos que a memória postula-se como um processo de construção ininterrupta, na qual (re)experenciamos as vivências passadas que, demandas pelo tempo presente, caracteriza-se por transformações, transferências e reelaborações (Halbwachs, 2006), sendo que na dualidade visível/invisível, conferimos a símbolos e objetos impregnados de memórias, os sentidos que reforçam as identidades e os ciclos culturais.

Em meio aos vestígios históricos de uma pesquisa acadêmica (estimulando a memória de um grupo social e examinando seu patrimônio científico) constatamos que, uma das experiências institucionais de Bruno Álvares da Silva Lobo, foi no MN. No que se refere a passagem desse cientista por esse Museu, descobrimos a materialidade de sua experiência (dentre outros documentos relativos às atividades profissionais da personalidade) nas pastas 22 e 23 (Anexo 30). Após 23 anos da saída de Bruno Lobo da direção do MN, a Instituição foi integrada a UB. Portanto, o MN passou a ser uma Instituição científico-acadêmica, agregado a UFRJ, a partir de 1946 (História, 2022).

Ao refletir sobre os rumos que MN, lembramos da relação entre esse cientista e o sobrinho Paulo Góes. Lobo foi mentor e o tio que levava Góes⁶⁰ a abraçar a docência e pesquisa, especialmente, no campo da microbiologia (Louzada, 2017, p. 30), depois de graduar-se em 1936 na URJ (UB, em 1937). Acreditamos que nessa convivência, havia familiaridade com temas voltados para o MN. No mais, vejamos como essa relação entre dois atores influenciou a formação do IM abrindo, a partir daqui, um baú de memórias do IM/IMPG

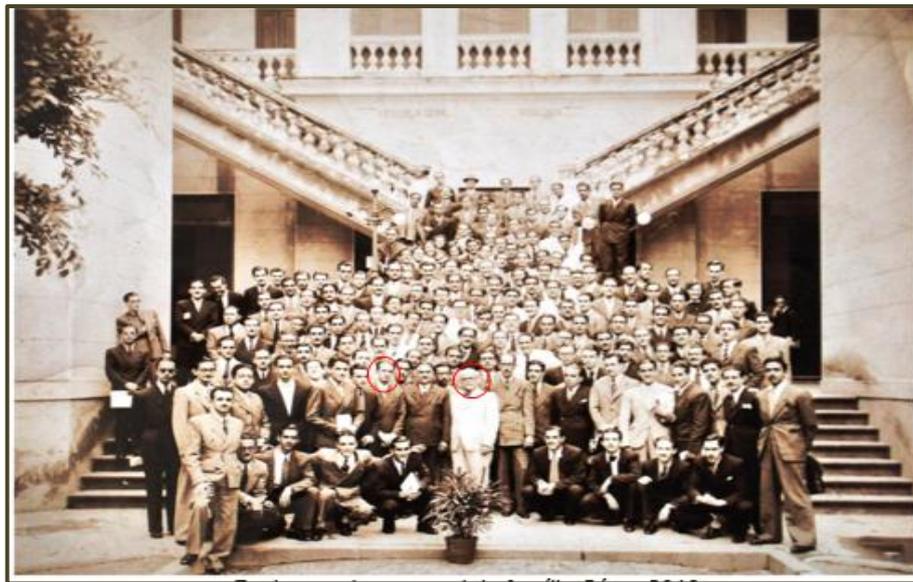
3.1.1 A influência do velho Lobo e a formação do Pavilhão de Microbiologia

Risoleta de Góes (viúva de Paulo de Góes) afirma que a convivência de seu marido com o ambiente científico vinha, desde cedo, pois o médico Bruno Lobo (à época catedrático da FNM do Rio de Janeiro) era casado com a tia materna de Góes. O velho Lobo, assim chamado em família, incentivava o sobrinho a seguir seus passos. Risoleta apontou seu marido (ainda um estudante de medicina) e Bruno Lobo (vestindo um terno

⁶⁰ Paulo de Góes, através da Lei n.º 452. Lecionou na UB, como auxiliar de história natural do Curso Complementar de Medicina em 1937, no curso de patologia geral da Faculdade Nacional de Medicina em 1938 e no curso de microbiologia da Escola de Enfermagem Anna Nery em 1939. Foi chefe do Laboratório de Patologia Geral da Faculdade Nacional de Medicina, em 1938, do Laboratório de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade de Ciências Médicas, e, no ano seguinte, do laboratório do Hospício Nossa Senhora da Saúde (Hospital da Gamboa). Em 1944 doutorou-se em medicina e obteve o título de livre-docente de microbiologia pela UB, da qual tornou-se professor catedrático em 1945. Passou a professor catedrático interino da Faculdade Nacional de Farmácia e chefe do Departamento de Biologia e Higiene da mesma faculdade, em 1946. Nesse ano lecionou na cadeira de alergia e imunidade da Escola Nacional de Tisiologia (Fundação, 1969).

claro), posando para uma fotografia no prédio da FNM⁶¹.

Figura 18 – Paulo de Góes e Bruno Lobo em frente à escadaria ([193?]).



Fonte: Arquivo da Família Goés, 2016.

Estrela do Mar (2021) acredita que documentos sobre Lobo, encontrados nas pastas da biblioteca foram guardados, não pela influência desse catedrático na carreira acadêmica de Paulo de Góes, mas pelas próprias experiências, em importantes instituições científicas, como o MN (Pires, 2017). Ao lembrar da parceria de Góes e Lobo, a Sra. Risoleta recorda-se que, na FM, as cadeiras de microbiologia e histologia eram, inicialmente, unidas, porém, ao serem separadas, a parte de microbiologia ficava sob a responsabilidade de Paulo de Góes, então, em uma pequena sala da Faculdade de Farmácia da UB, Góes instalou seu Laboratório de Microbiologia, herdado, em parte, do grande laboratório de seu tio e mentor. Iniciava-se, portanto, o Laboratório de Microbiologia da Faculdade Nacional de Farmácia. É nesse *lôcus* da UB, que surgiu um espaço acadêmico, que se consolidou como unidade⁶² de ensino e pesquisa (Louzada, 2017).

Foi em 1949, que Paulo de Góes conseguiu o espaço, onde, anteriormente, funcionava o refeitório das mulheres do antigo Hospital dos Alienados, atual campus da

⁶¹ No Fundo Adelaide de Almeida Orro, a primeira enfermeira mato-grossense, formada em 1949, pela Escola de Enfermagem Anna Nery. Atentamos para um cenário fotográfico semelhante ao da Figura 18: estudantes, posando para registro fotográfico, junto aos seus pares e mestres em visita ao Laboratório Anatômico da Faculdade Nacional de Medicina (Superintendência, 2020).

⁶² Em 28 de agosto de 1951, Góes envia o ofício n.45-51 ao Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), o Almirante Álvaro Alberto, em agradecimento a visita realizada por este às instalações do Pavilhão da Microbiologia. Paulo de Góes afirmava que a visita foi um estímulo aos trabalhos ali realizados e que a atuação do CNPq marcava um novo período histórico na evolução científica do país. A visita feita às instalações do novo espaço para o ensino da microbiologia por Álvaro Alberto, apontava Paulo de Góes como uma das personalidades que, naquele momento, elaboravam estratégias políticas para pesquisa científica no Brasil.

UFRJ, Praia Vermelha, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. No tempo em que a microbiologia⁶³ foi incorporada à educação médica, nos anos de 1950⁶⁴, o Pavilhão de Microbiologia⁶⁵ passou a ser reconhecido como uma unidade⁶⁶ da UB, local dedicada ao ensino e à pesquisa em Ciências da Saúde (UB).

Um quadro disposto na parede da biblioteca da unidade nos remete ao Pavilhão que, de refeitório feminino, se transformou no primeiro espaço próprio da microbiologia da antiga UB.

Figura 19 – Fachada do Pavilhão de Microbiologia da UB na Praia Vermelha([c.1950])



Fonte: Louzada, 2017.

⁶³ Dois eventos que foram fundamentais para mudança do panorama da ciência brasileira: a criação do CNPq, através da Lei n. 1310 de 15 de janeiro de 1951, e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo Decreto n. 29741 em 1951 (Fundação Oswaldo Cruz, 1969). Para Góes (1969), a profissionalização da atividade científica, com a criação do CNPq, veio a tornar possível uma profissionalização do trabalho científico, pré-requisito para o desenvolvimento das ciências e o incremento da produção científica.

⁶⁴ No documento Cooperação Científica Internacional, Paulo de Góes faz comentários à margem do simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ele afirma que a Fundação Rockefeller seria a instituição filantrópica que atuou no Brasil, entre 1916 e 1959. Seus cientistas estudariam a febre amarela, que poderia a qualquer tempo invadir novamente os estados do sul (Louisiana, Flórida e Texas) onde existira o *Aedes aegypti*. Observa que as pesquisas resultavam da descoberta de um novo grupo de vírus: os Arbovírus (Louzada, 2017).

⁶⁵ a concepção do Pavilhão de Microbiologia consolidou o ideal de Paulo de Góes em unir disciplinas de graduações da antiga Universidade do Brasil. Um segundo ideal ocorre no mesmo espaço, com os cursos de capacitação e de especialização (Cabral, 2016 apud Louzada, 2017). O trabalho em torno da profissionalização nacional da Microbiologia possibilitou, em 1951, a criação do primeiro Curso de Atualização e Revisão em Métodos de Microbiologia e Imunologia (CARMMI), oferecido no pavilhão para graduados no âmbito das Ciências da Microbiologia. Como forma de melhorar o ensino da Microbiologia, criou-se também, a partir de 1953, a pós-graduação lato-sensu: Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia (CEM/CEMI). Com duração de dez meses, o curso visa atender à capacitação de professores universitários dessas áreas. Para ingressar no CEMI, os profissionais devem cursar e serem aprovados no CARMMI (Louzada, 2017).

⁶⁶ De acordo com Louzada (2017), capacidade de concretização do projeto acabaria por se fazer com ações e apoio de agências, como da Fundação Rockefeller, com sede nos Estados Unidos da América (EUA).

As obras de modernização do Pavilhão para abrigar os cursos e sua manutenção receberam financiamento nacional e internacional, conforme apresentado na Figura abaixo:

Figura 20 – Financiamento dos cursos no IM

II – Capacidade financeira para manutenção dos cursos

Graças ao merecido prestígio científico do seu corpo docente, e à capacidade empreendedora dos dois professores que o dirigiram desde a sua fundação, o Instituto tem sido generosamente financiado por instituições nacionais e estrangeiras. Entre as primeiras se contam, além da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Conselho Nacional de Pesquisas e a CAPES. Entre as do segundo grupo, cumpre mencionar a Organização Panamericana da Saúde, a Organização Mundial da Saúde, a Fundação Ford e a Fundação Rockefeller.

Fonte: Brasil, 1970.

O Pavilhão/Instituto estendia suas linhas de pesquisa, recebendo alunos de universidades do Rio de Janeiro e de outros estados. Fato descrito em um dos trechos do parecer nº 148/70, do Conselho de Ensino Superior (C.E.Su) que aprovava o credenciamento dos cursos de mestrado e de doutorado, à época solicitado por Amadeu Cury.

Figura 21 – Cursos existentes no IM

1. No ano de 1968 inscreveram-se no Curso de Atualização e Revisão em Microbiologia, com duração de dois meses, alunos graduados vinculados aos seguintes estabelecimentos: Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PUC do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sociedade Universitária Gama Filho, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Católica de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas da Guatemala, Universidade Nacional Mayor de San Marcos, Academia de Medicina da Polônia.
2. O chamado "Curso de Especialização em Microbiologia", com duração de dez meses, ao qual se destinam os alunos que mais se destacam no Curso de Atualização e Revisão acima referido, já preparou várias dezenas de professores de Microbiologia das Faculdades de Medicina, Odontologia, Farmácia, Enfermagem e Veterinária de todas as regiões do Brasil, e de vários países da América Latina.
3. O Instituto vem realizando cursos de Mestrado e Doutorado desde 1962.

Fonte: Brasil, 1970.

O trabalho de Paulo de Góes (1969), concentrado na formação de pessoal, consolidava uma massa crítica do pequeno laboratório que, mais tarde, passou a ser conhecido como Instituto de Microbiologia⁶⁷, o IM da UB. Amadeu Cury⁶⁸, Ítalo Suassuna, João Ciribelli Guimarães, Joaquim Travassos da Rosa e Laerte Manhães de Andrade foram pesquisadores de renome internacional que compunham o grupo no IM (UB), e que acompanharam Góes no processo de consolidação dessa Instituição de ensino e pesquisa acadêmica. Desse grupo, alguns, como Amadeu Cury conquistaram a oportunidade de um treinamento e de uma especialização no exterior⁶⁹.

3.1.2 *De vento em polpa! Células do IM pelo Brasil.*

Paulo de Góes, teve Amadeu Cury como parceiro, desde a conformação do Pavilhão de Microbiologia até sua evolução como IM. A Sociedade Brasileira de Microbiologia -- fundada em 1956 -- se desenvolveu a partir de um embrião plantado por Cury. Vejamos como se deu esse evento, a partir de memória do Professor Milton Thiago de Mello (2016 apud Louzada, 2017).

A necessidade de criação da Sociedade Brasileira de Microbiologia (paralela à *Society of American Bacteriologists* -- SAB) foi, formalmente, sugerida, no dia 30 de maio de 1955 durante o 1º Simpósio sobre o Desenvolvimento da Microbiologia no Brasil, organizado pelo ramo do Rio de Janeiro e, sob a presidência do professor Mello.

Em 28 de setembro de 1956, no 2º Simpósio para o Desenvolvimento da Microbiologia no Brasil, realizado no Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), a ata de fundação da Sociedade Brasileira de Microbiologia foi assinada por um grupo de notáveis cientistas pertencentes à *Society of American Bacteriologists*, ramo do Rio de Janeiro (Louzada, 2017).

⁶⁷ Nos Anais de Microbiologia, Paulo de Góes referia-se à Pavilhão de Microbiologia, entretanto, nas folhas de rosto do Anais de 1951 a 1953, registrava-se Laboratório de Microbiologia, da Faculdade Nacional de Farmácia. Entre 1954 e 1957 foi registrado como "Instituto de Microbiologia Médica" (UB). Nos Anais de 1955, há pareceres relativos ao processo 8075/55, ofício 338, em maio de 1955 (p. 217-219), tratando da transformação do Laboratório de Microbiologia em Instituto de Microbiologia (IM) da Universidade do Brasil. A partir dos Anais (1958), já aparece o nome "Instituto de Microbiologia" (UB).

⁶⁸ Amadeu Cury recebeu uma bolsa do John Simon *Guggenheim Memorial Foundation* no campo da Biologia Molecular e Celular, entre as décadas de 1950 e 1960. A descrição do sistema de pesquisa e consolidação do IM como local de ensino da pós-graduação descreve o caminho percorrido por Amadeu Cury ao receber uma bolsa da Fundação, o que o tornaria apto a ser o primeiro responsável sobre uma linha de investigação (Louzada, 2017).

⁶⁹ A mudança de ensino e pesquisa na UB foi gradual e serviu de estímulo à formação de orientadores que precisariam se pós-graduar para se tornarem orientadores. Alguns professores do Instituto realizaram seus cursos no exterior (Góes, 1969).

Na imagem a seguir identificamos, em pé à frente da bancada, Paulo de Góes. Em pé, atrás da bancada, Amadeu Cury⁷⁰. Não é certa a identidade da personalidade que está sentada; supomos tratar-se de Laerte Manhães de Andrade (Estrela do Mar, 2021).

Figura 22 – Amadeu Cury e Paulo de Góes ([195?])



Fonte: Arquivo da Família Goés, 2016.

No ano de 1963, Amadeu Cury tornou-se membro de uma comissão que implantava os cursos de pós-graduação da UB. Este pesquisador integrou, ainda, o Conselho de Pesquisa e Ensino para graduados na mesma universidade, em 1966. Seu trabalho nessas comissões aglutinava os melhores elementos que a Universidade dispunha (Góes, 1969; Comissão, 1963; 1964). Sob essas ações, o IM projetava-se com o surgimento do curso *stricto-sensu*⁷¹ na unidade, com um dos primeiros doutorados do Brasil. Entendemos que as ações de Cury trouxeram outras perspectivas para a Universidade. Ele era diretor da unidade em 1966, quando surgiu o mestrado na unidade.

De acordo com a Professora Leila de Souza Fonseca (2014), coordenadora de Pós-Graduação do IMPG de 1995 a 1998, o Conselho Federal de Educação concedeu ao Instituto de Microbiologia o credenciamento para conferir o grau de Doutor em Ciências (Microbiologia e Imunologia) em meados de 1962. Em 1966 o mestrado do IM surge a partir da Direção de Amadeu Cury e com a expansão de novas linhas de pesquisa. A primeira tese do Instituto foi defendida em 1967 por Luiz Rodolpho Travassos, com o título: — Ação antimetabólica de colina e etionina em *Candida slooffiill*, sob orientação

⁷⁰ A área executiva científica foi o caminho que Cury seguiu quando transitou pela Academia de Ciências, pelo CNPq e pela CAPES. A partir de 1971, Amadeu Cury se tornava Reitor da Universidade de Brasília.

⁷¹ De acordo com as informações fornecidas por Érika Negreiros, que trabalha na Coordenação do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho do Instituto de Biofísica (UFRJ), a primeira tese de doutorado do Brasil seria do Instituto de Biofísica em 05 de junho de 1966 por Roberto Alcântara Gomes. A primeira tese do Instituto de Microbiologia é de autoria de Luiz Travassos, defendida em 07 de novembro de 1967 (Universidade, 1995)

de Cury. A primeira dissertação defendida no Instituto de Microbiologia foi em 27 de junho de 1968, com a pesquisa —Contribuição ao estudo de bactérias Gram-negativas, aeróbias, produtoras de ácidos ônicos (grupo Lwofii-Clucidolytica) por José Maria Casellas. Tem como orientador: Luiz Rodolpho Raja Gabaglia Travassos (Universidade, 1995).

Sobre visibilidade desse campo, Adam Schaff (1995, p. 25) coloca a microbiologia, junto com a energia nuclear e a cibernética ou microeletrônica como uma tríade, que constitui e sustenta a contemporânea revolução e paradigma tecnocientífico. O IM (na época da Praia Vermelha) passou por uma fase muito importante. O subsolo do Instituto abrigava um laboratório de microscopia eletrônica, “graças à virologia”. Essa realidade foi possível por causa de um projeto financiado pelo CAPES/CNPq. A “chamada visualização” permitia visualizar os vírus, através da microscopia eletrônica. Não apenas, os vírus, mas, outras possibilidades de observação, com maiores detalhes, via, microscopia alta resolução. Para o Capitão Ahab (2021) foi um período de grande desenvolvimento. Nesse tempo, Paulo de Góes⁷² deixava, em 1968, o cargo de adido cultural em Washington (EUA), função que ocupava desde 1966. Voltou ao Brasil a convite de Raimundo Moniz de Aragão⁷³, seu parceiro acadêmico, para participar das políticas que, envolviam a transferência da universidade do *campus* da Praia Vermelha para o Fundão (apud Louzada, 2017).

Durante a 1ª Jornada de microbiologia, entre 04 e 05 de novembro de 1969, nos corredores do IM, ainda, no *campus* da Praia Vermelha, e sob a presidência de Amadeu Cury, ocorreu o primeiro encontro nacional dos associados da Sociedade Brasileira de Microbiologia, com o patrocínio da CAPES e do CNPQ⁷⁴ (Fundação, 1969). Os docentes com mais de 50 (cinquenta) anos foram alunos de titulares como Luiz Rodolpho Travassos da microbiologia geral, Ítalo Suassuna da microbiologia médica, Raimundo Diogo Machado na Virologia e Moises Fuks da Imunologia.

Os entrevistados creem na influência dos ensinamentos do IM o aprendizado dessa unidade, em diferentes regiões do Brasil (Louzada, 2017) Entrevistados relatam que esse fato foi percebido por aqueles que passaram ou atuaram na unidade (Capitão Ahab, 2021). Em diferentes instituições brasileiras existem especialistas em

⁷² Paulo de Góes retomou a Direção do IM entre 1971 e 1972. Reeleito em 1972, permaneceu até o ano de 1976. Sempre vinculado ao departamento de Virologia, instalou-se, no final da vida laborativa, no subsolo do Bloco I do IM. Falece em 1982, aos 69 anos de idade (Louzada, 2017).

⁷³ Em virtude do afastamento de Raymundo Moniz de Aragão, como Reitor, para tornava-se Ministro da Educação e Cultura, o Vice-Reitor da universidade, Clementino Fraga Filho assumia a Reitoria. Durante sua gestão, incorporou ao patrimônio da universidade, em definitivo, o campus da Praia Vermelha (Fraga, 2005; Raimundo, 2009).

⁷⁴ De acordo com Travassos (2012) Amadeu Cury era amigo de um círculo de pessoas importantes na ciência brasileira. Cita como nomes: Aristides Leão, presidente da Academia Brasileira de Ciências e Antônio Moreira Couceiro, presidente do CNPq. Aos fins de semana eles se reuniam no Hotel Glória para conversar. Luís Travassos participava dessas reuniões e em um desses eventos foi convidado por Antônio M. Couceiro a dirigir o setor de biologia e ciências médicas do CNPq, em 1967.

microbiologia formados no IM. Seus cursos expandiram oportunidades para profissionais do Brasil inteiro porque para estudar os microrganismos, existia somente a FIOCRUZ (Capitão Nemo, 2021).

O prestígio que a unidade mantinha, se caracterizava por uma diversidade humana, que incluía abrangência profissional e geográfica, cursos frequentados por alunos de áreas afins em saúde, vindos de todo o Brasil e da América Latina. Esses cursos eram fundamentais para um extenso aprendizado em microbiologia. O CARMMI fornecia uma revisão e uma atualização únicas. O professor explica que as aulas de microbiologia, na sua faculdade em São Paulo, eram atualizadas, porém havia certas lacunas. Ele informa que ouvia os princípios elementares sobre virologia e imunologia no CARMMI, condição básica para fazer uma prova para o CEMI (Fracalanza, 2016 apud Louzada, 2017).

Os cursos CARMMI e CEM/CEMI, implementados durante a formação do Instituto, mantiveram seu ciclo até 1980⁷⁵, já no Fundão. Microbiologia Geral, Médica, Virologia e Imunologia eram os departamentos⁷⁶ que os viabilizava. Esses departamentos foram, de fato, apresentados nos Anais de Microbiologia (1973), ano da transferência do IM para a Cidade Universitária.

3.1.3 Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG), a travessia

A Reforma Universitária⁷⁷ envolveu diversos aspectos, incluindo a implantação de sua estrutura física, culminando com a mudança de institutos e laboratórios da antiga UB para a cidade universitária⁷⁸, fora de um centro urbano. A implantação da universidade no Fundão (UFRJ, desde 1967) aconteceu em setembro de 1973. O IM foi transferido para a Cidade Universitária, em julho desse mesmo ano. A unidade estava,

⁷⁵ Professores alegavam que, com o aumento do número de alunos e seguindo o calendário semestral da UFRJ, eles não poderiam gozar de férias, em outro período que não fosse janeiro e fevereiro, meses exclusivamente, dedicados à duração de parte desses cursos. Assim CARMMI, CEM/CEMI foram definitivamente, interrompidos nesse período.

⁷⁶ Assumir a Direção era um ato praticamente automático naquele tempo, pois não havia Congregação no Instituto. A unidade era dividida por departamentos: além de ser Vice-Diretor, Amadeu Cury respondia pela Microbiologia Geral, Ítalo Suassuna respondia pela Microbiologia Médica, Joaquim Travassos assumia a Virologia e Moisés Fuks a Imunologia (Louzada, 2017).

⁷⁷ De acordo com Fávero (2007) no documento: Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira, editado pelo MEC em 1996, o consultor americano faz recomendações, que adequariam às instituições universitárias às necessidades do país, como defesa dos princípios de autonomia e autoridade; eficiência e produtividade; criação de centro de estudos básicos; dimensão técnica e administrativa do processo de reestruturação do ensino superior e criação de um conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Porém com o golpe militar de 1964, a implantação dessas diretrizes não seria estimulada (Fávero, 2007).

⁷⁸ Para o corpo universitário, a americanização era interessante porque o modelo universitário americano apresentava características atraentes e modernizadoras, inclusive para os nacionalistas convictos, entretanto, Motta (2014) afirma que, enquanto, a modernização econômica gerava ótimos negócios para empresas americanas, as desigualdades sociais brasileiras não diminuam. Segundo Motta (2014), a intelectualidade universitária e os valores de esquerda, incluindo os conceitos marxistas, se disseminaram nos anos de 1970 e 1980, no mesmo compasso que ressentimento contra apoio americano à ditadura no Brasil.

completamente, instalada em 1974. No patrimônio do IM estava incluído todo o acervo da biblioteca, organizado pela bibliotecária Marinalda Athayde e por Maria Rondon, sendo esta responsável pelo espaço, desde a sua chegada a UB (como visto no primeiro capítulo). Na Cidade Universitária, o IM ocupou três andares, do bloco I, do CCS, incluindo um subsolo.

Figura 23 – Entrada principal do IM na Cidade Universitária ([c 1973])



Fonte: Arquivo da família Góes, 2016.

Atualmente, se expandiu por salas e laboratórios distribuídos entre os blocos D, E, K. Em 1995, o nome Paulo de Góes, foi agregado ao Instituto de Microbiologia, como homenagem ao fundador da unidade, que passou a chamar-se IMPG

Figura 24 – Entrada principal atual do IM na Cidade Universitária (2017)



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

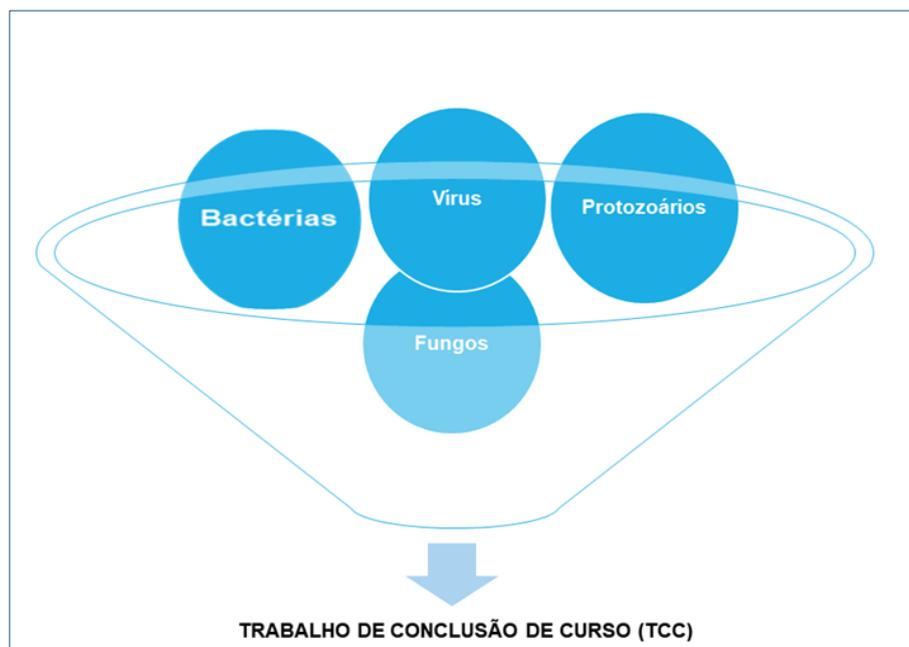
A ideia para a criação de curso de graduação em microbiologia foi moldada, entre 1992 e 1993, devido ao estímulo do Governo Federal, para a criação de novos cursos,

período no qual havia, também, demanda para profissionais microbiologistas no mercado de trabalho. O curso, aprovado na congregação do Instituto, aconteceu em 1994. Durante o seu primeiro vestibular, ocorreram, também, as eleições para a nova Direção do IM. Nesse período, Sérgio Fracalanza tornou-se Diretor, com mandato de 1994 a 1998. Como diretor, ele acompanhou de perto toda a implementação da graduação. Além da criação do curso, foi na sua gestão que ocorreu a decisão de acrescentar à denominação original, o nome do fundador.

Ao ser perguntado sobre o percurso do IMPG, desde o nascimento até a atualidade, o docente Maulori Cabral (2016) observou que, a unidade ampliou o campo de formação profissional com o curso de graduação da unidade do CCS e, seria o celeiro para profissionais que abraçam diferentes ramos de atuação profissional. O entrevistado compreende que é fundamental o IM assumir sua importância no processo de formação profissional, sendo o ensino, a principal vocação do Instituto (Louzada, 2017, p. 139).

A grade curricular de quatro anos em microbiologia, envolvendo todas as áreas do campo, foi debatida por uma comissão do IM. Na grade, foram contempladas disciplinas básicas do curso de graduação em Ciências Biológicas, na qual a abordagem se faz com base na relação microrganismo-hospedeiro, saúde/doença. Neste campo, também, são estudados os diferentes agentes etiológicos: vírus, bactérias, fungos e protozoários de infecções nos seres vivos, assim como o diagnóstico laboratorial, que pesquisa a Imunologia e a Imunopatologia envolvidas nos processos.

Figura 25 – Formação da graduação (UFRJ)



Fonte: Site IMPG/UFRJ, 2022.

Organizado, então, de forma a integrar as ciências básicas e as ciências específicas da profissão, a graduação joga luz, ainda, sobre o estudo da Microbiologia

Ambiental, o que abrange ecologia, biodiversidade, poluição e Microbiologia Industrial. Nos dois últimos períodos da graduação, o aluno se dedica aos trabalhos experimentais, apresentados no último período como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) (Capitão Nemo, 2021; Site, 2022).

O atual Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG) como referência nacional no ensino de microbiologia e campos correlatos que preparam um microbiologista, envolvem o ensino de graduação em Ciências Biológicas com ênfase em Microbiologia, e programas de Pós-Graduação em Ciências (Microbiologia) e em Imunologia e Inflamação (Capitão Nemo, 2021).

A graduação recebeu, no ano de 2007, conceito máximo do MEC, avaliado com grau 5, com duração de 4.125 horas. Em relação a legislação desse curso: exige-se que profissionais estejam ligados a conselhos profissionais para validar as profissões. A inexistência de um conselho regulamentador para os microbiologistas, ocorre por não existir massa crítica suficiente para instituir o próprio conselho, acentuado pelo fato de haver um único curso desse gênero no Brasil (Capitão Nemo, 2021). Todavia, os capitães destacam a notoriedade dessa unidade, tendo ela disponibilizado uma das primeiras pós-graduações brasileiras e, ao menos até 2023, ofertado o único curso de graduação em microbiologia no Brasil (Capitão Barbosa; Capitão Ahab; Capitão Lourival; Capitão Nemo, 2021).

O surgimento da graduação em microbiologia, em 1995, fez a área se fortalecer, reiterando que a obra notável de Paulo de Góes, não comentada, seria a democratização do ensino da Microbiologia no Brasil, pois em diferentes estados por onde Suassuna passava, havia profissionais formados pelo IM da UB/UFRJ (Louzada, 2017).

Percorrendo a história da formação da nova graduação⁷⁹ e a trajetória dos cursos de pós-graduações do IM, notamos que elas se assemelham, não apenas por serem um dos primeiros cursos no país, mas também por atraírem interessados de outras regiões do país.

Ítalo Suassuna (antigo aluno e docente do IM) afirma que a formalização do Pavilhão de Microbiologia foi um ato visionário de Paulo de Góes, com os cursos de especialização no campo da Microbiologia. Para ele, o surgimento da graduação em microbiologia, em 1995, fez a área se fortalecer, reiterando que a obra notável de Góes foi a democratização do ensino da Microbiologia no Brasil, pois em diferentes estados

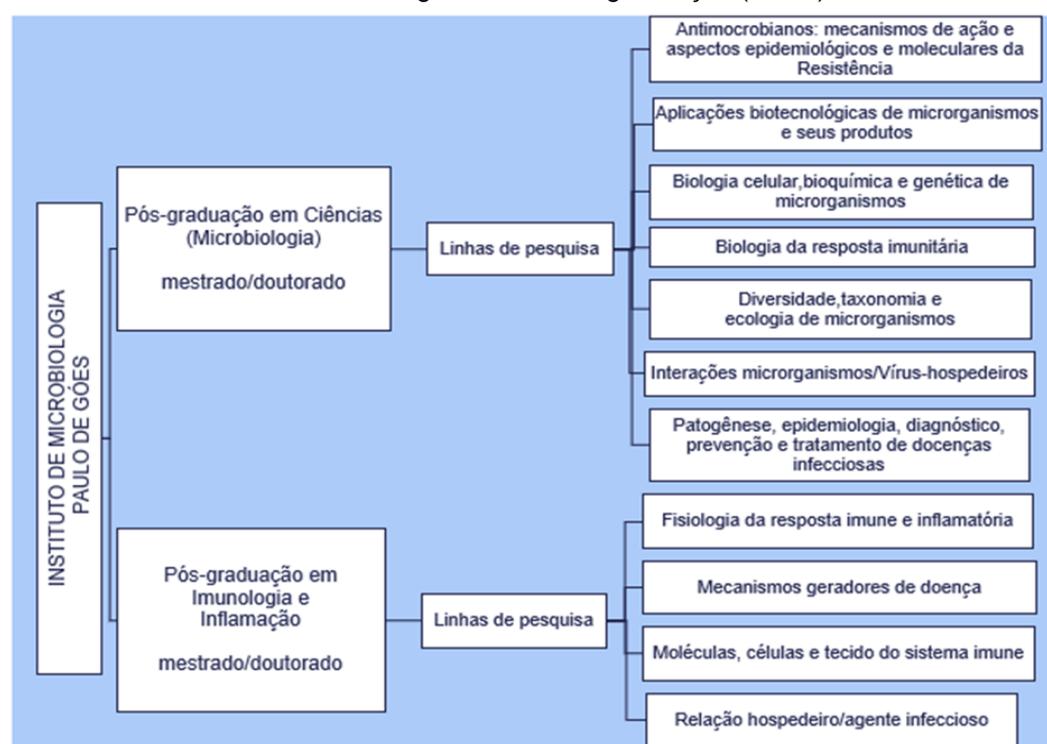
⁷⁹ Em 2013, a graduação em microbiologia, foi pela primeira vez reformulada, visando atender novos conhecimentos em função do dinamismo das Ciências Biológicas. Hoje é constituído de 30 disciplinas obrigatórias, 6 Requisitos Curriculares Suplementares de Estágios Supervisionados obrigatórios (incluindo Projeto de TCC e TCC), 320 h de atividades acadêmicas optativas do grupo Extensão, 50 h de atividades acadêmicas optativas do grupo Atividades Complementares. 120 h de disciplinas optativas de escolha condicionada e 60 h de disciplinas optativas de livre escolha distribuídas ao longo de 8 períodos letivos (4 anos) que ocorrem em período integral (manhã e tarde), com uma carga horária total de 3540 horas correspondendo a 141 créditos (Site, 2022).

por onde Suassuna passava, havia profissionais formados pelo IM da UB/UFRJ (Louzada, 2017).

Além dessa graduação, um segundo programa de pós-graduação da unidade foi instituído, em 2011: o curso de Imunologia e Inflamação. Em maio de 2022, foram comemorados os 10 anos de criação dessa pós-graduação, com a oferta de mestrado e doutorado (Site, 2022).

Seguindo as informações, que constam do site do IMPG, representamos no Quadro a seguir, os dois programas Pós-graduação, bem como a vinculação de suas linhas de pesquisa.

Quadro 7 – Programas de Pós-graduação (UFRJ)



Fonte: Site do IMPG/ UFRJ, 2022.

Desde o primeiro semestre, todos os discentes do Instituto são colocados em contato com ferramentas de pesquisa documental e da informação científica, atividades desenvolvidas na biblioteca da unidade, através de orientação bibliográfica individual e coletiva. Esse espaço de aporte bibliográfico tem contribuído para o crescimento do IMPG, assim como tem evoluído com ele. Desde *campus* da Praia Vermelha, há uma interação entre as áreas de ensino/pesquisa e os trabalhos da biblioteca (Capitão Lourival, 2021).

A senhora Maria Molina Rondon [...] ela é quem entendia tudo da biblioteca. Ela que mandava na biblioteca e que teria muita satisfação em me atender, porque eu ia precisar passar um período também buscando a bibliografia, naquela época nós não tínhamos muita facilidade de comunicação como tem hoje, né, então tinha que depender muito da biblioteca (Capitão Ahab, 2021).

A biblioteca, já instalada no andar térreo do IM, no bloco I, do CCS, era um ponto de encontro e um centro de informações, lugar de acolhimento dos estudantes (Capitão Nemo, 2021).

3.1.4 Na biblioteca, uma brisa refresca nossa memória

No Campus da Cidade Universitária, mesmo com espaço reduzido (até por causa de reformas estruturais no IMPG), a Biblioteca conseguia manter a qualidade de atendimento de demandas acadêmicas. Enquanto chefiava esse espaço⁸⁰, Maria Rondon, também, se dedicava ao processo técnico, atividade essencial para a organização do acervo. Já Dilma, lidava, diretamente, com o público, através empréstimos de livros, apoio científico e com fluxo de alunos “sempre intenso” (Capitão Barbosa, 2021).

Podemos afirmar que as atividades biblioteconômicas⁸¹ têm se ampliado, as quais englobam organização e administração de acervo, levantamento bibliográfico, pesquisa documental e atividades extensionistas que visam, sobretudo, a disseminação da memória da Microbiologia da UB/UFRJ, tal como a programação referente às comemorações do centenário de Paulo de Góes (2013) com a exposição: um olhar memorialista sobre a Ciência (Louzada, 2017).

⁸⁰ Até 1983, a biblioteca esteve, diretamente, subordinada ao gabinete da Direção, ano em que o Sistema de Bibliotecas (SIBI) foi criado. As atividades educacionais de ensino, pesquisa e extensão, assim como todo o processamento técnico, passaram a ser coordenados por esse sistema. Segundo Ferreira (2016) esse trabalho demandou uma nova organização, de estrutura sistêmica centralizada que, constituída em 1990, administra 45 (quarenta e cinco) bibliotecas da UFRJ, a partir de um projeto proposto por uma comissão de bibliotecários coordenada pela professora Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. Atentamos que, mesmo com o SIBI instituído, a biblioteca da unidade permanece, administrativamente, ligada à Direção do IM.

⁸¹ Em conformidade a uma ideia integradora, atentamos para aprovação pelo Conselho Universitário (CONSUNI) da emenda ao Estatuto da UFRJ, que reestrutura o Fórum de Ciência e Cultura (FCC). A emenda formaliza a existência do SiBI e do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural (SIMAP). Sobre estes sistemas, algumas informações pontuadas no site do FCC, que podem ser relevantes para o desenvolvimento do projeto em questão (Fórum, 2022a).

Figura 26 – Documentação exibida no Centenário de Paulo de Góes (2013).



Fonte: Arquivo da autora, 2019

Com as exposições, a Biblioteca do IMPG passou a ser vista, também, como lugar de socialização e de práticas culturais. Entendida, assim, como espaço que (se antes, já não se restringia a mero depósito da produção acadêmica da unidade) poderia, igualmente, salvaguardar e divulgar a memória de um grupo científico-acadêmico brasileiro (Estela do Mar, 2021; Capitão Ahab, 2021; Capitão Barbossa, 2021; Capitão Lourival, 2021; Capitão Nemo, 2021).

Em suas diversas formas de sociabilidade, celebração e representação, a memória de um grupo possui relação com aquilo que foi cenário de experiências comuns. (Re)memorar, através de manifestações sociais, conquistas e realizações que marcaram uma história, suscitam debates que, na atualidade, envolvem o conceito patrimônio.

Tendo em vista que, parte de uma geração constitui o único vestígio do grupo formado por Paulo de Góes⁸², a inquietação sobre a manutenção da memória desse segmento social, nos faz compreender que grupos sociais compreendem a importância da reconstituição da própria tradição, da (re)produção e da representação de seu passado. Acontecimentos ambientados no passado são compostos pelo entrelaçamento de memórias individuais e coletivas.

⁸² A exposição relativo ao centenário de Paulo de Góes, ocorrida em 2013, despertou o interesse do microbiologistas da unidade, em reconstituir a origem do Instituto de Microbiologia e a evolução científica dessa unidade de ensino do Brasil. A exposição intensificou a visão do espaço da biblioteca, como lugar de memória e de promoção do patrimônio cultural e científico da saúde (Louzada; Thiesen, 2020).

A experiência dos indivíduos é a ancoragem para a construção contínua e comum que é a memória coletiva. Elementos constituídos de memória são os acontecimentos vividos pessoalmente ou pelo grupo ao qual a pessoa está inserida. São personagens, nos quais se aplica a ideia de atores encontrados diretamente ou indiretamente em um espaço-tempo e finalmente os lugares, os lugares de memória (Halbwachs, 2006).

Lembremos de Borges (2021), que nos alerta sobre a relação entre memória individual e memória coletiva, pela possibilidade que um sujeito tem de retomar os modos de pensamento e as experiências comuns, próprios do grupo. Refletindo sobre essa assertiva que trata da memória coletiva, nos deparamos com lembranças de sujeitos, o que não são, exclusivamente ou estritamente individuais, mas sim construídas a partir de sua relação com grupos (Halbwachs, 2006).

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte da formação, da identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do viver e do representar, de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 204).

Como estímulo aos debates sobre memória, pensemos sobre lugares de memórias. Para Pierre Nora (1993) a memória se vincula a lugares, assim como a história em acontecimentos (também, em lugares, pois é aí que acontecimentos acontecem). Esse autor destaca uma importância, cada vez maior, dada à memória e aos chamados portadores de memória. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, em graus diversos. Arquivos, bibliotecas e museus são lugares de acumulação das memórias culturais. Sob essa perspectiva, nos indagamos sobre memórias, cujos portadores encontram-se preservados nessas instituições-irmãs⁸³ que, para além de resguardar diversas categorias representativas de patrimônio, historicamente, também, impulsionam a produção e difusão de conhecimentos úteis à sociedade e a consolidação de identidades científico-culturais nacionais.

As ações, referentes à celebração dos 100 anos de Góes, nos permitiram expandir o conhecimento sobre a história da formação do IMPG e a biblioteca como lugar, que mantém íntima relação com os universos da memória, ao participar, diretamente do evento centenário, teve reconhecida sua identidade, como uma

⁸³ Veloso e Madeira (1999, p. 47) definem instituição-memória como um espaço estruturado a partir das posições ocupadas pelos autores na dinâmica que estabelecem com os outros campos constitutivos da vida social. Instituições-memória são órgãos públicos ou privados, instituídos no campo social, cultural e político, com o fim de preservação da memória do indivíduo, de um segmento social, da sociedade ou de uma nação. Tem as funções de socialização, aprendizagem e comunicação e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na construção de identidades e da história, e na produção de trabalhos científicos (Azevedo Netto, Fragozo, 2010).

instituição-memória que, atua na tríade ensino-pesquisa-extensão. A ideia da realização da exposição surgiu devido à existência de objetos na unidade que representavam a memória do IMPG, através da figura de seu patrono e seus pares na ciência.

Foram selecionados para a mostra, diplomas, certificados, quadros e fotografias que acondicionados em caixas⁸⁴ no Gabinete da Direção, deixavam de difundir a história dessa unidade de ensino. Ao fim, a exposição motivou como nova proposta de trabalho, a organização e a salvaguarda de objetos que representavam o desenvolvimento científico no Brasil em torno da criação da microbiologia na UB, e posteriormente UFRJ.

Parte dessa memória científica, além de potencializar a consolidação da pesquisa científica da universidade, no campo da microbiologia, parece transparecer uma vontade: a do IM tornar-se um fio condutor na historicização acadêmica de sua área científica. A biblioteca do IM, embarcação ancorada e coexistente ao IM, nos permitiu adentrar na microbiologia, nos primeiros tempos do ambiente científico-acadêmico, na cidade do Rio de Janeiro.

Em meio a esses ares da recordação, lembramos de Eni Orlandi (2020) quando pensamos sobre silenciamento, apagamento ou encoberta/recoberta de memória, pois todo o apagamento ou silenciamento deixa vestígios e são justamente esses vestígios que evocam as memórias esquecidas, silenciadas ou encobertas (Borges, 2022).

3.1.5 *Indícios de histórias acadêmico-científicas*

Na existência da vontade de memória é fundamental que a dinâmica tangibilidade-intangibilidade tome sentido. Sobre esse eixo norteador, pensemos sobre objetos, lugares, espaços, práticas, formas de vida ou tipos de conhecimentos associados a micro-história⁸⁵. Esse gênero historiográfico, no qual, a análise de aspectos culturais, econômicos históricos do passado, em nível de escala reduzido, tem como um dos pioneiros, Carlo Ginzburg (1989), um historiador italiano, também,

⁸⁴ Por iniciativa de funcionários do gabinete Diretor, as caixas foram encaminhadas para a biblioteca. Além de fotografias, certificados e diplomas de Paulo de Góes que anteriormente ambientavam a sala da congregação da unidade. Parte trajetória acadêmica do fundador e da evolutiva da unidade demandava trabalhos de restauração.

⁸⁵ A escola dos *Annales* é o movimento historiográfico, que também se constitui em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, se destaca por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloc em 1929, a revista compreende historiadores de várias gerações. Em torno dos anos 1970, surge a terceira geração. Fazem parte dessa nova corrente, os teóricos Pierre Nora (1933) e Jacques Le Goff (2003) e a corrente historiográfica que surge é a história cultural. Isto tem significado quando se trata de movimentos de determinados atores sociais que podem tornar questões sociais ou culturais relevantes, mas que permaneceriam desconhecidas sem o estudo de um pesquisador [...]. “Em se tratando da história de grupos, a construção da memória [...] é legitimada pela nova abordagem historiográfica intitulada micro-história, tendo como um dos objetivos promover uma observação específica de objetos na pesquisa histórica” (Louzada, 2017, p. 18).

formado em medicina, que explora o método indiciário, como um novo modo de investigação, no âmbito das ciências humanas.

A pesquisa é para o historiador, um trabalho comparável ao de um médico, que utiliza dados “nosográficos” para analisar o mal específico de cada paciente ou sintomas manifestados por um corpo doente. Lembremos que segundo, os hipocráticos, a doença em si, é inatingível. Como o médico, um historiador utiliza um conhecimento indireto, indiciário e conjectural (Ginzburg, 1989, p. 155 -157).

Uma série de artigos sobre a pintura italiana, desenvolvido por outro historiador italiano, chamado Giovanni Morelli, que sob dois pseudônimos -- um escrito em russo e outro traduzido para o alemão -- dá início ao paradigma morelliano, um método epistemológico, que emergiu entre 1874 e 1876. Um método que escapa da generalização, objetividade e quantificação, próprios da ciência tradicional.

A partir da busca das características menos vistas, demonstradas por Morelli, apresentam-se indícios, que permitem decifrar e compreender determinado acontecimento. O paradigma indiciário é assim um conjunto de princípios e procedimentos que continha um método heurístico centrado no detalhe, em dados marginais, resíduos: pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintomas (Leandro; Passos, 2021).

Dentro de uma proposta de interpretar a realidade de outra forma, Carlo Ginzburg (1989) explica que a analogia entre os métodos de Sherlock Holmes, Sigmund Freud e Giovanni Morelli, permite captar a realidade de outra forma. Os sinais por Sherlock Holmes, personagem criado pelo escritor e médico Conan Doyle, indicam que ocorrências conhecidas e provadas, deixadas por algo ou por alguém que tenha relação com um fato, autoriza, por indução, a concluir a existência de outra ou de mais circunstâncias. O método de Sherlock Holmes envolve, em certa medida, a clássica definição do método científico, explicitado abaixo:

(1) Problema (a existência de um crime); (2) Indução (a apreciação dos indícios na cena do crime); (3) Hipótese (a elaboração de conjecturas, palpites ou (4) Teste (a verificação desses palpites a partir de evidências colhidas para esse propósito); e, finalmente, (5) Teoria (a formulação de uma explicação geral para o problema) (Gewandsznajder, 1989 apud Gonçalves; Duarte; Silva, 2019, p. 66).

Comparando o método indiciário de Giovanni Morelli e do personagem Sherlock Holmes, Ginzburg (1989) cita a obra de ficção científica: a caixa de papelão, na qual Holmes, em sua investigação, compara uma orelha humana, cortada e deixada na caixa, a orelha da mulher que recebeu a caixa misteriosa. Sobre o método indiciário (elementos neles encontrados ou através deles examinados) expusemos as afirmações desses atores.

O método antropométrico (como no esboço de retratos falados e do próprio paradigma indiciário) traz indícios sobre maneiras de olhar, sobre o que olhar e de qual perspectiva devemos perceber (Leandro; Passos, 2021).

No texto de Ginzburg (1989) o saber venatório consiste em enxergar os fatos, pistas e indícios, aparentemente, insignificantes, para uma realidade complexa e não observável diretamente aos olhos do leigo. Operações mentais intelectuais essas que, demandam análises, comparações e classificações, apenas, formalmente idênticas, porque no contexto social, elas funcionam de forma diferente. Ao observarmos o modelo epistemológico em nossas pesquisas, entendemos que no âmbito acadêmico, paira o rigor inflexível, metódico e científico, sendo o paradigma indiciário inatingível.

Na concepção de Giovanni Morelli, os traços a serem observados são, antes de tudo, individuais que se diferenciam dos indícios materiais, encontrados por caçadores, em signos pictóricos ou nas pistas de crimes solucionados por Holmes. Nas raízes da semiótica, pegadas, rastros, marcas e vestígios, são pistas, a serem, metaforicamente, decifradas pelo caçador (Ginzburg, 1989, p. 151-152).

Em Sigmund Freud, pistas podem ser rastros deixados por animais, pessoas ou veículos no terreno por onde passam ou no sentido figurado, vestígios, sinais ou indícios permitem avançar com uma investigação. Essas pistas são dados que, detectados, servem para inferir ou deduzir novos dados, apresenta ou sugere algo; sinal que pode conduzir a uma descoberta; indício (Pista, 2023). Freud, no entanto, admite que o método morelliano possui estreita relação com a técnica da psicanálise, acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou inobservados, por assim dizer, da realidade.

Compreendemos assim que a interpretação de um pesquisador pode ser tomada como parte do processo de investigação, inclusive, no que se refere à dimensão inconsciente. Poderíamos definir que o saber indiciário absorve o pressentimento como parte do seu funcionamento metodológico. Seguir pegadas, sentir e perceber significa não sacrificar a percepção de elementos individuais, em virtude da generalização. É elaborar um método diferente, fundado, porém em conhecimento científico, equilibrando traços individuais, racionalização e emoção do observador.

Nesse sentido, o saber indiciário, levando-se em contas pegadas ou sinais percebidos para se tentar decifrar a realidade, torna-se flexível e intuitivo. Pois, elementos não mensuráveis: sentidos do corpo, golpe de vista, faro e processos como intuição, instinto, percepção são “pistas mudas” dos pesquisadores (Ginzburg, 1989, p. 152).

Por esse caminho, entendemos que os documentos já apontados nesse estudo: cartões-aquarela, uma carta em alemão e documentos (que nos remeteram a trajetória das instituições científicas no Rio de Janeiro) encontrados na gaveta da biblioteca, além de rascunhos e fichas (que nos remetem, sistematicamente, às pastas numeradas) contêm pistas e são parte de um método, no qual, a ficha catalográfica (adotando as regras da biblioteconomia) dão o acesso a unidade documentária representada. Tecnicamente, sua função é informativa, oferecendo a ideia geral da unidade descrita, especificando seu tipo e sua posição dentro do catálogo; o que deve possibilitar a localização da obra.

Também, na conjunção: documentos e narrativas, estivemos atentos aos registros deixados por Maria Rondon, naquilo que cabe à “propriedade própria individual”, citando o médico Mancini, o qual baseado em Hipócrates, acredita ser possível remontar, a partir de “operações”, “impressões da alma”, que por sua vez têm raízes nas propriedades de corpos singulares (Ginzburg, 1989, p. 161).

Nas impressões e expressões documentais, passamos, igualmente, a observar as partículas de memórias que circundam o IMPG. Cadernos, fotografias, cartas, experimentos científicos, objetos e instrumentos tecnológicos como vestígios de eventos históricos que, eivados de memórias, nos permitem navegar por entre o ensino e a pesquisa desse saber, em outros tempos históricos, científicos e educacionais no país.

Por meio do fenômeno da memória, pessoas podem carregar consigo o sentimento de pertencimento e dada a importância dessas memórias na constituição e manutenção de suas identidades, diferentes grupos sociais procuram reivindicar o reconhecimento e a salvaguarda de seu patrimônio (Candau, 2014). O patrimônio, no entanto, mesmo revestido de uma qualidade jurídica e subordinado às condições da preservação, refere-se de forma simultânea a processos e seus resultados.

Borges e Campos (2012, p.360), afirmam que

Para ser patrimônio é, então, necessário que um bem ou valor se apresente como representável. Isto é, que se institua na memória sócio-histórica, que seja parte (decomponível) do “magma das significações imaginárias sociais de que faz parte” (Castoriadis, 1987, p. 118). Nos termos de Boylan (2006), toda política de patrimonialização deve considerar as interações entre as comunidades e os processos de significação que nos remetem ao processo histórico-social dessas comunidades.

Em uma de nossas incursões nesse tema, percebemos que questão patrimonial é a razão que nos leva a navegar sobre história acerca de pastas organizadas, também, nas gavetas da biblioteca, bem como sobre objetos, reunidos na Sala da Congregação deste instituto.

É nessa documentação, em descobrimento, organizada por Maria Rondon, que surgem os vestígios sobre o desenvolvimento científico-acadêmico da microbiologia. Uma intercessão atenta, refletida em atuações científico-acadêmicas tanto intrainstitucionais, quanto interinstitucionais, em favor da difusão científica no âmbito da UFRJ, explicitado no capítulo 2 desse estudo.

**CAPÍTULO 4 PATRIMÔNIO EM C&T
DA MICROBIOLOGIA: UM TESOURO
PARA CHAMAR DE NOSSO!**

*Trazem consigo cadinhos
Vasos de vidro, potes de louça
Todos bem e iluminados*

Jorge Ben Jor. Os alquimistas, 1974.

4.1 Nos rastros de Maria Rondon: um Museu de Microbiologia?

As diferentes manifestações documentais apontadas no primeiro capítulo, nos levam a refletir sobre a tríade: arquivos -- bibliotecas – museus, com referência a objetos conjugados nessas Instituições-Memória⁸⁶, assim como a transversalidade Ciência da Informação (CI) no núcleo da Documentação. Enquanto as possibilidades de aproximação com a Museologia (assim como de suas áreas-irmãs, Arquivologia e Biblioteconomia) se ampliavam, a CI, portando a informação como objeto de estudo, institucionalizou na década de 1950, o IBBD. Acreditamos que o fato de Maria Rondon trabalhar no IBBD (fora a profissionalização de cunho humanista, na BN) e sua convivência com as intelectualidades (no seio da família Rondon) foram inspirações, para que essa bibliotecária, no âmbito da biblioteca, realizasse o “registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização” (Pinheiro, 2005, p. 16).

Nas múltiplas camadas (manifestadas em um conjunto documental) que pressupõem a abordagem do tema memória, vimos que “[...] não é mais a biblioteca e o livro, o centro de documentação e o documento, o museu e o objeto, mas a informação (Le Coadic, 2004, p. 19). No mais, as anotações da bibliotecária enlaçam a informação ao fenômeno memória. Vistos nos patrimônios e em aportes de informação, associamos essa dinâmica, no contexto desse estudo, “a espaços físicos socialmente instituídos e legitimados para sua custódia, tais como arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação” (Oliveira; Rodrigues, 2011, p. 325).

Lembremos que esses espaços possuem como funções, a socialização, a aprendizagem e a comunicação, disponibilizando a informação, como fonte de pesquisa na construção de identidades e da história, e na produção de trabalhos científicos (Azevedo Netto; Fragoso, 2010), de modo que fragmentos documentais, tendo Maria Rondon, como timoneira, nos guiaram por entre memórias relativas ao campo da Microbiologia no Brasil, e, por extensão, a um “Museu de Microbiologia” (Figura 6).

⁸⁶ Abreu (2003) vincula o conceito de instituição-memória ao conceito de patrimônio; os museus, arquivos e bibliotecas, têm a função de preservação da memória. Instituições-memória são órgãos públicos ou privados, instituídos no campo social, cultural e político, com o fim de preservação da memória do indivíduo, de um segmento social, da sociedade ou de uma nação. Tem as funções de socialização, aprendizagem e comunicação e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na construção de identidades e da história, e na produção de trabalhos científicos (Azevedo Netto; Fragoso, 2010).

Entre os documentos, além da menção ao museu, encontramos uma relação documental (Anexos 47 a 51), enviada ao IM, por Pasteur Vallery-Radot⁸⁷, através do Instituto Pasteur (França). Essa listagem, remetendo-nos a documentos relativos à constituição e institucionalização de uma área científica no Brasil (incluindo apontamentos da bibliotecária) inferiu-nos a proposta de um Museu de Microbiologia. Pensamos como hipóteses para esse museu: um espaço próprio no IM ou um setor da biblioteca (IM), destinado a salvaguardar uma coleção⁸⁸ da microbiologia, o que nos levou (mais uma vez) ao conceito de documento e sua relação com objetos de museu, temas debatidos por Loureiro (2013).

O que se sabe, até aqui, é que, na trajetória histórica que fundamenta esse trabalho, encontramos nas memórias dos entrevistados que conviviam com Maria Rondon, pistas que nos levam a constituição do Museu do IM (UB/UFRJ). Segundo Capitão Barbosa (2021), a bibliotecária anotava tudo que Góes dizia ou guardava “coisas” que ele trazia para ela. Havia uma relação de confiança⁸⁹ entre eles. Paulo de Góes e Maria Rondon conversavam sobre a formação (futura) de um museu na unidade

A partir da pretensão de um Museu no IM⁹⁰ (debatida entre uma bibliotecária e um microbiologista), exploramos alguns conceitos acerca da Museologia⁹¹, como o do *International Council of Museums* (ICOM) que, criado em 1946, apresentou dois anos depois, uma definição para o termo museu que: “inclui todas as coleções abertas ao público de objetos artísticos, técnicos, científicos, à exclusão de bibliotecas, salvo se mantidas permanentes em sala de exposição” (Edson, 2007, p. 42).

A partir de 1951, as atividades ligadas à preservação, comunicação e exposição das coleções ao público, tal como a possibilidade de tornar-se semelhante aos museus, “estabelecimentos permanentes”, as bibliotecas públicas e arquivos que mantêm salas de exposições de longa duração (Edson, 2007, p. 43).

⁸⁷ Louis Pasteur Vallery-Radot era um médico francês, biógrafo de seu avô Louis Pasteur e editor das obras completas de Pasteur. Em 1936, foi eleito membro da Académie Nationale de Médecine. Em 1964, o neto de Pasteur, resolveu doar todos os documentos à Biblioteca Nacional de Paris (Geraque, 2002).

⁸⁸ a comunicação museológica é o processo por meio do qual uma coleção ganha sentido, tornando-a acessível e transmitindo o seu valor científico, cultural e educativo para um público (Brulon, 2018, p.196).

⁸⁹ Esse vínculo entre Paulo de Góes e Maria Rondon, também, foi observado pelo Capitão Lourival (2021), que lembra, também, das histórias contadas por ela a respeito do pai (com quem ela viveu até a sua morte) e sobre um “museuzinho” que existia na residência deles, bem como da doação desse acervo ao Museu do Índio.

⁹⁰ O conceito de Museu, construído principalmente no decorrer do século XX, com base nas transformações inerentes a instituições museais desde o final do século XVIII, culminou com as ideias da Nova Museologia bem como com a perspectiva científica sobre o campo, desenvolvida, sobretudo, pelo Comitê Internacional de Museologia do ICOM2 (ICOFOM), a partir da década de 1970 (Brulon-Soares, 2012).

⁹¹ É Stránský (1980) quem afirma, rompendo com o paradigma do museu-instituição, que a “museologia”, “museografia”, “teoria dos museus”, “museístico” são termos que reportam ao fenômeno museu. Museu-instituição, sendo um paradigma, ainda em formação entre os pensadores da museologia na época, era negado por uns e afirmado por outros ao defenderem uma visão do ‘museu’ especificamente ligada ao modelo ocidental de espaço físico para guardar coleções de objetos materiais (Brulon-Soares, 2012, p. 64)

Segundo o ICOM (2007), conceito de museu⁹² abrange jardins zoológicos, botânicos e aquários e os dois fatores que contribuem para essa expansão, o reforço da importância atribuída ao papel educativo dos museus para que eles justifiquem a sua própria existência, o que envolve, além dos estudos específicos de tipologias de museu, o campo e a educação patrimonial, o investigatório, o preservacional, o educacional e o comunicacional. Como afirmava Guarnieri (2020a, p. 63):

seria insistir no óbvio afirmar que a Museologia é uma jovem ciência, ainda em formação. Basta lembrar que o primeiro estudo sério de que se tem notícia é o ensaio de DIDEROT, inserido na “Encyclopédie”, sobre “uma organização racional para o Museu do Louvre”. Não nos cabe, aqui, discutir as razões possíveis, as causas prováveis desse fato, bastando-nos apenas lembrar que desde o incêndio da Biblioteca e do Museu de Alexandria até a criação do Louvre e do próprio termo “museu” foi banido até mesmo da linguagem. Chamam-se “tesouros”, “penetralia”, “gabinetes de curiosidades”, etc., as coleções que, com finalidades diversas, se formam nesse longo período. Não é, pois, de se estranhar que sejam relativamente recentes os estudos a respeito dos museus, não só quanto aos seus aspectos técnicos imediatos (preservação, conservação, exposição) como também os referentes à sua história, à sua estrutura, institucionalização e às suas relações com o público e com a sociedade de que participam. Numa primeira fase de sua evolução, a “Ciência dos Museus”, foi mera descrição de coleções, dos edifícios que as abrigavam e das suas principais características e o relato factual dos seus respectivos surgimentos: deram-lhe o nome de Museografia.

Em relação à afirmação de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1935-1990) sobre a Museologia ser uma “jovem ciência em formação”, compreendemos que, na atualidade, a Museologia ainda se encontra em desenvolvimento, tal como uma obra aberta e como qualquer outra ciência que está sempre em processo.

Ainda na incursão pela Museologia, encontramos a seguinte definição (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 59) para museografia:

[...] figura prática ou aplicada da museologia, isto é, o conjunto de técnicas desenvolvidas para preencher as funções museais, e particularmente aquilo que concerne à administração do museu [...] Tratando de uma descrição atual, colocaríamos aquilo que concerne à administração do museu, à salvaguarda (conservação preventiva, restauração e documentação) e à comunicação (exposição e educação). A palavra em si foi, por muito tempo, utilizada em concorrência com o termo “museologia”, para designar as ações,

⁹² O ICOM define museu como “[...] instituições sem fins lucrativos que servem continuamente à sociedade e ao seu desenvolvimento, por meio da aquisição, conservação, pesquisa, comunicação e exibição ao público dos patrimônios da humanidade, tangíveis e intangíveis, objetivando a educação, o estudo e o lazer” (International Council, 2007). Durante a evolução essa pesquisa, foi aprovado pela Assembleia Geral Extraordinária (ocorrida em Praga, em 2022) a nova definição para Museu: Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que investiga, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências variadas para a educação, a fruição, a reflexão e a partilha de conhecimento (International Council of Museums, 2022).

intelectuais ou práticas, da responsabilidade do museu. O termo é regularmente empregado no mundo francófono

Evidenciada em nossa pesquisa, por conta das implicações museológicas e museais do conjunto documental, o caráter teórico da museologia contribui com nossas reflexões no que tange às relações de um cenário-ação museal (enunciado pela museóloga Waldisa Russo) e na relação homem-objeto, “através da musealização de objetos, cenários e paisagens que constituam sinais, imagens e símbolos, que o Museu⁹³ permite ao Homem, a leitura do Mundo” (Guarnieri, 2020a, p. 82).

Entretanto, em meio a essas ponderações e a percepção de informação como componente que perpassa as instituições-memória, percebemos que o próprio ato de manusear objetos abrange muito mais do que apenas um processamento técnico (de inscrição de dados ou meramente informacional).

[...] É através desses objetos que se geram narrativas, informação e questionamentos no museu. O objeto museal tem infinitas camadas de informação, é suporte, documento, pleno de sentidos, ferramenta a serviço da identidade, da memória e de suas disputas (Rangel, 2011, p. 308).

Para que uma coisa seja portadora de sentidos – isto é, se torne um semióforo, no contexto ou cenário museal ao qual adentra, ela deve passar por processos técnicos e conceituais de ressignificação e valorização, ou seja, a ressignificação que lhe impõem os processos próprios da museologia é indispensável para que um objeto ou artefato adquira o estatuto de objeto museal, ou para que objetos de coleção passem a ser pensados como objetos de museu (Brulon-Soares, 2015) ou *as musealia*⁹⁴ tendo como referência a musealidade – conceito cunhado por Stránský e que, segundo ele, constitui o objeto teórico ou próprio da museologia, em contraposição ao que, até então vinha sendo considerado, isto é, o museu. É justamente essa virada de posição, em relação a) ao estatuto científico da museologia e b) em relação ao seu objeto próprio, que constitui o corte epistemológico stranskyano.

Musealidade, se dá pelo valor específico de um objeto, no momento em que esse é desviado de seu contexto de origem. Trata-se de um conceito filosoficamente complexo dado o seu elevado grau de abstração. Fato que levou a inúmeros debates e controvérsias acerca de sua significação museológica. Ivo Maroevic, por exemplo,

⁹³Ao longo dos séculos, os museus vêm desenvolvendo e aperfeiçoando metodologias de trabalho, que incluem não somente o trato curatorial dos objetos, a coleta, a conservação, a documentação e a exposição, mas também a ação educativa (Marandino, 2001, p. 2).

⁹⁴Do latim *museion* (singular *museion* e plural *musealia*) é que “*as musealia*”, um neologismo criado por Stránský, em 1970, estava designado a coisas que passam pela operação de musealização e que podem, assim, possuir o estatuto de “objetos de museu” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 57). Um conjunto de mais de um objeto constitui uma *musealia*. O termo *musealium* é usado para (somente) um objeto de museu (Borges, 2024).

afirmava, em meados da década de 1990, que, por musealidade, devemos entender que o “significado de um objeto que nos dá o motivo de sua musealização” (Maroevic apud Rigoli et.al, 2020, p. 328). A musealização é “um processo (ou conjunto de processos) por meio dos quais alguns objetos⁹⁵ são privados de sua função original e, uma vez revestidos de novos significados, adquirem a função de documento” (Loureiro; Loureiro, 2013, p. 1).

O processo de musealização passa pela aquisição, pesquisa, conservação, documentação e a comunicação, o que inclui “selecionar um objeto de seu contexto e, completa-se ao apresentá-lo publicamente através de exposições, de atividades educativas e de outras formas” (Cury, 1999, p. 53).

O que transforma um objeto em *musealium*, é justamente o processo de musealização: primeiro porque percebemos ou atribuímos a potência museal (musealidade) de/a um objeto/artefato, para depois o submetermos aos procedimentos tipicamente museais de historicização (musealização), ao cabo dos quais um objeto do mundo se torna um objeto de museu ou *musealium*, ou um conjunto de objetos se torna uma musealia (Borges, 2024).

Todavia, dentre outras questões, tanto de ordem teórica quanto prática, restamos saber como determinar o valor ou significação museal? Ademais, em termos de teoria do conhecimento, por exemplo, seria determinar ou reconhecer nos objetos esse valor? Ou seja, a musealidade é imanente ao objeto ou é a ele atribuída? E se for atribuída, o que nos levaria a atribuir tal valor ou significação a um e não a outro objeto? Em suma, a musealidade, como objeto teórico da museologia, ainda carece do estabelecimento de um acordo epistêmico quanto ao seu estatuto e entendimento.

O que sabemos é que, mesmo as atividades administrativas constituindo a base de etapas processuais de um objeto museal (separado de sua realidade original), este deve ser validado pela população ou pelo grupo do qual faz parte. Diante disso, cenário/ação museal deve reconhecido por quem o cria ou estabelece, deve ser, sobretudo, reconhecido pela comunidade de que emerge e a qual se destina ou a que se deve destinar, prioritariamente (Guarnieri, 2020c, p. 63).

A liberação de seus postos iniciais, permite aos objetos, uma navegação entre fronteiras, aflorando propostas às acepções de patrimônio, no entanto, não são os atos ou decisões de segmentos que fazem que um bem cultural seja reconhecido como patrimônio (Abreu, 2003; Guarnieri, 2010; Borges e Campos, 2012).

⁹⁵ Ao definir objeto de museu, Zbyněk Stránský (1970 apud Maroević, 1994) afirma que um objeto mantido na realidade de um museu deve ser considerado um documento da realidade da qual foi retirado (Brulon-Soares, 2015, p. 29).

Importante enfatizar que atos formais de tombamento, como atos jurídicos, não garantem, sozinhos, a salvaguarda de bens que remetem às memórias científicas. Objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ‘ressonância’⁹⁶ junto a seu público” (Gonçalves, 2007, p. 215). Essa ressonância é percebida, cosendo as frações de memórias de capitães Ahab (2021); Barbossa (2021); Lourival (2021); Nemo (2021) e Estrela do Mar (2021), inferimos que, na Congregação ou, até mesmo na Direção, existiam objetos que remetiam à trajetória da Microbiologia.

Compreendemos que a relação entre cenário museológico e ação museal, que em tese, descortinaria um museu no IM, alinhava museologia, patrimônio cultural e lugares de memória. Refletindo, então, sobre coisas e bens culturais, nas dependências do IMPG, vimos que um primeiro rastro da presença de um patrimônio cultural, de cunho científico-tecnológico, ressoa nos bens assentados na Sala da Congregação. Fichas bibliográficas e outras anotações tornam-se trilhas que levam a essas e, quiçá, a outras memórias ecoantes no ambiente acadêmico da UB/UFRJ.

4.1.1 Ressonâncias de uma coleção

Antes do desenvolvimento desse estudo, dois armários expositores da Sala da Congregação do IMPG (Figura 29), já eram alvo de nossa atenção. Inicialmente, era uma apercepção de gêneros documentais de itens deslocados nesses armários (Arquivo, 2014). Itens esses que, suscitando debates, são vestígios históricos e, como tal, eivados de memórias, no entorno do ensino e a pesquisa da microbiologia. Fragmentos que fazem parte de uma documentação desvirtualizada de quem os produziu ou os recebeu institucionalmente. Sobre o termo virtualidade, baseamo-nos em Namer (1987) que compreende que compreende os livros acondicionados nas estantes, sem leitura, pois acervos de bibliotecas e outras Instituições de memória, só podem ser atualizados ou transfiguradas, se lidos, consultados ou (re)visitados por um público.

As 24 fichas catalográficas (Anexo 11 a 13), são as primeiras pistas que nos remetem para esses objetos. Por isso, criamos o Quadro a seguir, cujo propósito foi, primeiramente, correlacionar as fichas aos itens guardados na Congregação. Destacamos, na cor rosa, objetos encontrados na sala, enquanto, os destacados em

⁹⁶ Para patrimônio, enquanto categoria de pensamento, o conceito “ressonância” é proposto por Stephen Greenblatt. Em suas palavras: “por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o espectador, o representante” (Greenblatt, citado por Gonçalves, 2007, p. 215).

azul, não estavam nos armários. Nesse Quadro, a coluna “observações” representa, as interferências de Maria Rondon. Assim visualizado, temos:

Quadro 8 – Objetos expostos na Sala da Congregação do IMPG

Ficha	Descrição	Na Sala?	Observações
01	Balão não submetido à fervura e vedado	Sim	
02	Balão submetido à fervura e vedado	Sim	
03	Busto de Pasteur	Não	Pertenceu ao professor Pereira Filho
04	Carlos Chagas -- medalha comemorativa do cinquentenário da descoberta da doença de Chagas – 1909 – 1959	Não	
05	Carlos Chagas -- medalha comemorativa do cinquentenário da descoberta da doença de Chagas – 1959	Não	Congresso Internacional sobre doença
06	Cartas dirigidas pelo Imperador Pedro II a Pasteur	Não	Pasta nº3 do arquivo da biblioteca
07	Documentário de Antonio Cardoso Fontes	Não	
08	Documentário de Bruno Lobo	Não	
09	Experiência Feita pelo Professor Rocha Faria	Sim	Catedrático de higiene da Faculdade de Medicina sobre geração espontânea em 1895.
10	Faca de papel que pertenceu a Carlos Chagas	Não	Que foi oferecida como lembrança após a sua morte à família Thompson Flôres que doou ao Museu do I.M.
11	Hematoscópio d´Heneocque	Sim	Pertenceu ao Dr. Fajardo.
12	Jogo de xadrez de bolso pertencente a Oswaldo Cruz	Sim	Com ele se distraía nas suas viagens de barca para Manguinhos (oferta de Walter Oswaldo Cruz).
13	Livro “Mr. Pasteur – <i>Histoire d´um savant par um ignorant</i> ”	Sim	Oferecido com dedicatória de Louis Pasteur ao professor Ferreira dos Santos, primeiro discípulo brasileira no Instituto Pasteur de Paris.
14	Livro de registro de aulas de Bruno Lobo	Não	Pasta nº.2 do arquivo da biblioteca
15	Notícia sobre 70ª de Pasteur	Não	Tribuna Médica nº1, 10 de janeiro de 1892
16	Oswaldo Cruz em 1901	Sim	Pintura de Oswaldo Cruz

Ficha	Descrição	Na Sala?	Observações
17	Oswaldo Cruz Medalha comemorativa do cinquentenário do Instituto Oswaldo Cruz, 1900-1950	Não	V Congresso Internacional de Microbiologia de 17 a 24 de agosto de 1950
18	“Petit Larousse Illustré” que pertenceu a Oswaldo Cruz	Sim	(Oferta de Walter Oswaldo Cruz).
19	Primeiro livro editado em português em Bacteriologia. Rodolpho Galvão, 1899	Sim	Primeiro titular da disciplina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
20	Relatório do Professor Augusto Ferreira dos Santos	Sim	Sobre estágio no Instituto Pasteur de Paris.
21	Sineta para chamada dos alunos pelo professor Bruno Lobo	Não	
22	Suporte de canetas de Bruno Lobo	Não	
23	Suportes de livros que pertenciam a Arthur Moses	Não	Discípulo de Oswaldo Cruz.
24	Tinteiro de Bruno Lobo	Não	

Fonte: Elaborado pela autora (com base no conjunto documental), 2024.

O Quadro 8 nos fez pensar que, na vida social, temos coisas (qualquer que seja), objetos (aquilo que se põe diante de nós) e artefatos (aquilo que construímos), todos representantes do que, em oposição a itens abstratos, se convencionou chamar de cultura material que, nas suas diversas categorias, estão presentes no cotidiano da humanidade e se integram a diversas cadeias de valores.

Entretanto, é o olhar e a apreensão humana que definirão e qualificarão um bem ou patrimônio em suas diversas manifestações e significações. Borges (2009, p. 360), pondera que:

para ser patrimônio é, então, necessário que um bem ou valor se apresente como representável. Isto é, que se institua na memória sócio-histórica, que seja parte (decomponível) do “magma das significações imaginárias sociais de que faz parte” (Castoriadis, 1987, p. 118). Nos termos de Boylan (2006), toda política de patrimonialização deve considerar as interações entre as comunidades e os processos de significação que nos remetem ao processo histórico-social dessas comunidades.

Adentrando o terreno das significações, penetramos, também, no valor simbólico e funcional das materialidades, na medida em que os:

objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos: sejam as trocas mercantis, sejam as trocas cerimoniais, sejam aqueles espaços institucionais e discursivos tais como as coleções, os museus e os chamados patrimônios culturais. Acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva (Gonçalves, 2007, p. 15).

Objetos materiais (portadores de memória), permitem que observadores criem pontes e conexões entre tempos, lugares, locais, culturas, indivíduos e grupos que, segundo nossa percepção, acabam se presentificando, simbólica e imaginariamente. Passam a testemunhos de uma história, conectam passado, presente e, ao mesmo tempo, são pontes para a evocação de memórias e no fortalecimento das identidades dos diferentes sujeitos e grupos. Para melhor entendimento de *semióforo*⁹⁷, segue a definição da escritora e filósofa Marilena Chauí (2000, p. 9):

⁹⁷ No grego moderno, *semiophoro* é a pessoa que carrega a bandeira do país. *Semeiophoros* é uma palavra grega composta de duas outras: *semeion* “sinal” ou signo, e *phoros*, “trazer para a frente”, “expor”, “carregar”, “rotar”, “portar” e “pegar” (no sentido que, em português, dizemos que uma planta “pegou”, isto é, refere-se à fecundidade de alguma coisa). Um *semeion* é um sinal distintivo que diferencia uma coisa de outra, mas é também um rastro ou vestígio deixado por algum animal ou por alguém, permitindo segui-lo ou rastreá-lo, donde significar ainda as provas reunidas a favor ou contra alguém. Signos indicativos de acontecimentos naturais - como as constelações, indicadoras das estações do ano -, sinais gravados para o reconhecimento de alguém - como os desenhos num escudo, as pinturas num navio, os estandartes -, presságios e agouros são também *semeion*. E pertence à família dessa palavra todo sistema de sinais

Um evento ou objeto dotado de valor simbólico para uma coletividade. Em suas palavras: um semióforo é, pois, um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência. É um objeto de celebração por meio de cultos religiosos, peregrinações a lugares santos, representações teatrais de feitos heroicos, comícios e passeatas em datas públicas festivas, monumentos; e seu lugar deve ser público: lugares santos (montanhas, rios, lagos, cidades), templos, museus, bibliotecas, teatros, cinemas, campos esportivos, praças e jardins, enfim, locais onde toda a sociedade possa comunicar-se celebrando algo comum a todos e que conserva e assegura o sentimento de comunhão e de unidade.

Sobre a afirmação, vale citar Karl Marx (1818-1883), para quem o valor de uso se refere ao produto do trabalho humano, e de Walter Benjamin (1892-1940), para quem os objetos ou instrumentos musealizados passam, em determinados casos, a ter valor de uso expositivo e de culto. Ou seja, mesmo que um objeto – musealizado, colecionado ou patrimonializado -- sofra mudanças em sua funcionalidade, o seu valor de uso permanece. Portanto, patrimônio é concebido, como valor-coisa, na qual o “valor é intrínseco e inalienável da coisa enquanto produto cultural” (Borges; Campos, 2012, p. 115):

A nosso ver, nenhum objeto perde seu valor de uso, sendo este o valor em-si, e que a expressão “valor de uso”, tal como é geralmente empregada por Pomian (e outros, em uma rede de paráfrases) sustenta-se em um equívoco semântico, pragmático e teórico. O mesmo acontece com o sentido que é, aí, atribuído à simbólico. Como afirma Pomian (1984), o valor de troca é inseparável do objeto, uma vez que objetos culturais que fazem parte de coleção, ou que são musealizados, sendo semióforos, tornam-se, igualmente, bem apreciados ou valorizados (cf. Davallon, 2006). Conquanto, no geral, objetos de acervo (musealizados ou não) não sejam trocados – e aqui é preciso dizer que o valor de troca pode ser integral ou parcial, efetivo, latente ou virtual – ainda assim eles possuem valor de troca.

Como demonstra Cornelius Castoriadis (1922 -1997), o produto do trabalho humano, já tem em si mesmo, um valor -- desde o momento em que é pensado/desejado -- até o seu uso e desuso, uma vez que é gerado e tem uso social por circular em uma sociedade e em seu sistema dinâmico de valores. Podemos ver como isso se aplica, se

convencionados, como os que se fazem em assembleias, para abri-las ou fechá-las ou para anunciar uma deliberação. Inicialmente, um *semiophoros* era a tabuleta na estrada, indicando o caminho; quando colocada à frente de um edifício, indicava sua função. Era também o estandarte carregado pelos exércitos, para indicar sua proveniência e orientar seus soldados durante a batalha. Como semáforo (aquilo ou aquele que porta um significado), era um sistema de sinais para a comunicação entre navios e deles com a terra. Como algo precursor, fecundo ou carregado de presságios, o semióforo era a comunicação com o supra-humano, um signo vindo do passado ou dos céus, carregando uma significação com consequências presentes e futuras para os homens” (CHAUÍ, 2000, p. 8).

tratarmos, ainda que, brevemente, do caso dos instrumentos científicos e tecnológicos, conforme Borges e Campos (2012, p. 117):

Segundo Brenni (2007), a vida dos objetos científicos e/ ou tecnológicos pode ser dividida em 3 grandes fases, pensando-se na funcionalidade desses objetos: a primeira é a fase ou função científica dos objetos ou instrumentos; a segunda é a fase pedagógica dos instrumentos; a terceira é a fase ou função expositiva ou museológica. O que observamos é que em todas as fases, o instrumento teve modificada sua função utilitária, mas manteve seu valor de uso, ao qual outros valores foram sendo agregados

Outro aspecto relativo a objetos, é que estes, como “signos pertencem a sistemas de linguagens distintas, à arquitetura, às artes plásticas, à música, à etnografia, à arqueologia e à ciência” (Rangel, 2011, p. 123), o que nos faz perceber que, na Sala da Congregação, existem bens que expressam especificidades e características próprias de funcionamento, o que nos deu a entender que

esse processo de deslocamento dos objetos materiais do cotidiano para o espaço de museus e patrimônios pressupõe uma categoria fundamental: o colecionamento. Na verdade, toda e qualquer coletividade humana dedica-se a alguma atividade de colecionamento, embora nem todas o façam com os mesmos propósitos e segundo os mesmos valores das modernas sociedades ocidentais. Quem coleciona o quê, onde, segundo quais valores e com quais objetivos? Basicamente, toda e qualquer “coleção” pressupõe situações sociais, relações sociais de produção, circulação e consumo de objetos, assim como diversos sistemas de ideias e valores e sistemas de classificação que as norteiam. Em algumas sociedades colecionam-se determinados objetos materiais com o propósito de redistribuí-los ou mesmo de destruí-los; no ocidente moderno, o colecionamento está fortemente associado à acumulação (Mauss 2003; Malinowski [1922] 1976; Clifford 1988). Um dos espaços institucionais que no contexto globalizado das modernas sociedades ocidentais abrigam e exibem as coleções (especialmente as coleções etnográficas) são os “museus”. Enquanto instituições culturais, eles têm acompanhado os últimos cinco séculos de história da civilização ocidental, assumindo funções e significados diversos ao longo desse tempo e em diferentes contextos (Gonçalves 2007, p. 24-25).

Da sala, emanam atributos científicos e tecnológicos do patrimônio, mas, também, uma relação entre coisas e seres. Enxergando esse encadeamento, entendemos que nos estudos sobre a cultura material, os seres humanos estão imersos em diferentes contextos (relações entre pessoas e objetos e como acontecem as mediações, interações e tensões). São coisas na integralidade, nas quais transitam relacionamentos e subjetividades, como o exemplo trazido pelo antropólogo Tim Ingold (2011, p. 67):

considerada um componente do mundo material, uma pedra é, na verdade, tanto um amontoado de matéria que pode ser analisado pelas suas propriedades físicas quanto um objeto cuja significância é extraída de sua incorporação no contexto das questões humanas.

Observando as camadas (encobertas) de história acumuladas na trajetória de um agrupamento de objetos expostos na Congregação, é possível, ao menos hipoteticamente, a partir desses bens que dela fazem parte, depreender seus contextos históricos-sociais, que nessa

sólida articulação de percepções no senso comum encontra sua possibilidade de composição em uma série de pilares – iluministas, evolucionistas, positivistas – sobre os quais ainda descansam certas representações persistentes em torno das instituições museológicas. Herdeiras do discurso do pensamento científico, assumiram o ordenamento das coleções que as precederam (organizadas, geralmente, em “gabinetes de curiosidades”), baseando-se nos princípios classificatórios extrapolados das ciências naturais (Roca, 2019, p. 103).

Lembrando que “um objeto, um artefato, um evento poderá ser considerado patrimônio (como expressão cultural simultaneamente instituinte e instituída) quando estiver investido de um alto grau de ressonância a de um grau elevado de aderência” (Borges e Campos, 2012, p. 120). Compreendemos que aderência se dá na medida em que há distância ou aproximação cultural entre objeto exposto e sujeito observador.

Em também, em Borges e Campos (2012, p. 119) que compreendemos “[...] a importância de se verificar o quanto um objeto ou traço cultural é significativo para uma dada comunidade, e isso implica saber o quanto e o quê esse objeto evoca, somado ao quanto e o que ele representa para essa comunidade”

A partir dessa concepção, pudemos inferir que à categoria patrimônio, estão aderidas as identidades e os sentimentos de pertencimento que, atravessados pelas materialidades, formam laços entre passado e presente, explorando a história como ciência histórica e da memória como fenômeno. Desse modo, o conjunto de objetos (compostos por quadros, fotografias, livros, experimentos e artefatos) da Sala da Congregação, pode dar sentido às memórias de um segmento científico, manifestadas em frações e produção de conhecimento. Entretanto, é

a falta de uma concepção clara do que possui valor histórico, artístico ou científico, do que pode ser considerado patrimônio, também deve ser visto como um elemento determinante na heterogeneidade de determinadas coleções (Rangel, 2011, p. 304).

Se aos nossos olhos, o conjunto da Sala da Congregação nos lembrava os gabinetes de curiosidades⁹⁸, hoje, sob novo olhar epistêmico, precisamos ter em mente

⁹⁸ Museus ou “gabinetes de curiosidades” proliferaram nos séculos XVI, XVII e XVIII. A ascensão aparentemente irresistível dos museus nesse período tenha sido explicada não só como um indicador da expansão da curiosidade, mas como uma tentativa de administrar uma “crise do conhecimento” que se seguiu à inundação da Europa pelos novos objetos provenientes do Novo Mundo e de outros lugares (Burke, 2003, p. 106). A coleção inaugural do Museu Real foi constituída a partir de alguns gabinetes (Carvalho, 2019, p. 370) Podemos falar de um deslocamento, em torno do ano 1700, da “curiosidade” para a “pesquisa”. A Royal Society esperava criar um laboratório, um observatório e um museu (Burke, 2003, p. 44).

que é imprescindível um “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado [...]” (Gil, 2019a, p. 57-58).

Os objetos de natureza (bibliográfica, arquivística e museológica) da Congregação compõem como afirma Otlet (1934, p.7) uma coleção com “amostras, modelos, peças diversas, tudo o que é útil à documentação [...]” Entendemos, porém, que “as coleções são como embarcações sem rumo” (Anciães, 2005, p. 132), quando há falta de informação que se manifesta nessa variedade documental trazida por esse documentalista (Otlet, 1934).

A partir daqui se pode também pensar a documentação em museu como sendo, em suma, transformar x em documento museológico. Processo a que, por outras fontes e razões, consiste em historicização. O museu não tem objeto próprio, no sentido de que (quase) todo objeto pode tornar-se objeto de museu. E ao assim se tornar, se faz também como documento. É o que Waldisa Rússio Camargo Guarnieri denominou de fato museal ou museológico, qual seja, a relação entre o objeto e o homem mediada pelo museu (Borges, 2022), mas para melhor compreensão da relação entre objeto de museu e o termo coleção⁹⁹, recorreremos aos Conceitos-chave de Museologia (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 32). De modo geral, uma coleção

pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada.

Com o uso corriqueiro da expressão “coleção”, atentamo-nos sobre as diferenças de coleção de museu de outros tipos de coleção. Essencialmente, existem variações, conforme a natureza institucional de uma coleção (distinção entre a coleção de museu e a coleção privada) ou pela natureza material (os objetos de museus são materiais) ou, ainda, imaterial dos seus portadores (além das coleções tradicionais, museus guardam também os testemunhos da história oral, de memórias e de experimentos científicos). Pensando, assim, na conotações possíveis para o termo coleção, abordados em Conceitos-chave de Museologia (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 34), compreendemos que, para o nosso estudo, uma coleção constitui-se, também, dos objetos materiais circunscritos no local em que se encontram (no caso, a Sala da Congregação do IMPG).

Nessa direção, pensamos como Pomian (1997) que entende que a coleção, submetida a uma proteção especial, em um lugar fechado, é mantida com este propósito

⁹⁹ Nessa definição, ressalta-se que é importante diferenciar coleção e fundo, que designa, na terminologia arquivística, um conjunto de documentos de todas as naturezas “reunidos automaticamente, criados e/ou acumulados, e utilizados por uma pessoa física ou por uma família em exercício de suas atividades ou de suas funções.” (Desvallées; Mairesse, 2013, p.32).

e exposta ao olhar. Porém, na contramão da ideia de perda valor trazida por esse autor, objetos expostos têm valor em si, fato enfatizado pelo grupo do IM/IMPG, na medida que os entrevistados dessa pesquisa temem a perda de qualquer item da coleção exibida na Congregação. Os capitães convocados para essa embarcação acadêmica, ainda afirmaram que os instrumentos científicos são mais facilmente identificados como patrimônio em C&T. Entretanto, a partir da contribuição de Lourenço (2000) percebemos, também, que, nessa coleção estão incluídos objetos de distintas naturezas e finalidades, que observamos estão vinculados a ações ou personalidades da área da microbiologia. Sob esse ângulo, concordamos com Lourenço (2005, p. 21) que afirma que

“coleção” se estabelece como: conjunto de objetos dotados de uma coerência lógica interna no sentido de constituírem evidência material da atividade humana ou da natureza, reunidos deliberadamente de forma permanente ou temporária para um fim específico previamente estabelecido.

Então, mais do que uma documentação abrigada e, ao mesmo tempo, exposta ao olhar de quem entra na Congregação, tem-se uma coleção que expressa os testemunhos do homem e de seu meio. Posto isso, mais uma vez, retomando nosso olhar para a Congregação, entendemos que objetos, musealizados ou não, mais do que preservados (pela falta de recursos, inapropriadamente conservados) são evidências materiais da produção de conhecimento em C&T, no entorno da microbiologia. Reafirmamos, assim, que, mesmo desconhecendo as diretrizes¹⁰⁰ inerentes ao Campo da Museologia¹⁰¹, um grupo social (do qual fazem parte os entrevistados desse estudo) reconhecendo, nessa documentação, o patrimônio em C&T, acabou tomando para si, um compromisso: o de exibir seus bens culturais nessa localidade do IMPG (Capitão Simbad, 2021).

Potencializada por sua própria função e no âmbito do IMPG, a Sala da Congregação é, portanto, uma localidade que exalta sua coleção como representação da realidade, ampliando seu sentido, se conservada, divulgada e transmitida. Assim, amparados por essa pesquisa acadêmica, acrescentamos às observações de Maria Rondon (marcadas em negrito) nossas interferências, apresentadas, agora, no Quadro 9

¹⁰⁰ Atuando como bibliotecária do IMPG, entre 2012 e 2022 (ano que passei a dedicar-me, exclusivamente, ao doutorado no PPG/PMUS) pude presenciar a iniciativa de uma das direções do IMPG: buscar orientações do Museu Nacional (por meio de seus agentes) que envolviam ações de preservação, conservação e restauração de seus bens culturais.

¹⁰¹ Ao abordar o caráter interdisciplinar da Museologia, Gregorová ressalta sua conexão inevitável com os objetos de museu, ou seja, com os “[...] documentos materiais do desenvolvimento da natureza e sociedade [...]”, dotados de “[...] valor documental ou valor de museu, no sentido próprio do termo.” (Gregorová, 1981, p. 35 apud Loureiro, 2019).

Quadro 9 – Olhar sobre os objetos expostos na Sala da Congregação do IMPG

Fichas	Descrição	Na Sala?	Observações (complementações da doutoranda, a partir do desenvolvimento da tese)
01	Balão não submetido à fervura e vedado.	Sim	Catedrático de higiene da Faculdade de Medicina sobre geração espontânea em 1895 (Anexo 52)
02	Balão submetido à fervura e vedado.	Sim	Catedrático de higiene da Faculdade de Medicina sobre geração espontânea em 1895 (Anexo 52)
03	Busto de Pasteur.	Não	Pertenceu ao professor Pereira Filho. Observando os traços do busto que encontramos na congregação, concluímos que é Bruno Lobo. (Anexo 53)
04	Carlos Chagas -- medalha comemorativa do cinquentenário da descoberta da doença de Chagas – 1909 – 1959.	Não	Existem documentos de e sobre Carlos Chagas nas pastas (Apêndice L)
05	Carlos Chagas -- medalha comemorativa do cinquentenário da descoberta da doença de Chagas – 1959	Não	Congresso Internacional sobre doença. Existem documentos de e sobre Carlos Chagas nas pastas (Apêndice L)
06	Cartas dirigidas pelo Imperador Pedro II a Pasteur	Não	Pasta nº3 do arquivo da biblioteca (Apêndice L). Nessa pasta, há cópias de cartas trocadas entre os amigos D. Pedro II e Pasteur, sobre as doenças tropicais no Brasil (Assumpção, 2024).
07	Documentário de Antonio Cardoso Fontes	Não	Há referências sobre ele nas pastas (Apêndice L). Tratamos dessa personalidade no capítulo 2.
08	Documentário de Bruno Lobo	Não	Além da documentação das pastas (Apêndice L), há referências, a ele em todos os capítulos da tese.
09	Experiência Feita pelo Professor Rocha Faria.	Sim	Catedrático de higiene da Faculdade de Medicina sobre geração espontânea em 1895. Tratamos dessa personalidade, no capítulo 2.
10	Faca de papel que pertenceu a Carlos Chagas	Não	Que foi oferecida como lembrança após a sua morte à família Thompson Flôres que doou ao Museu do I.M. Essa faca não foi encontrada, até o fechamento desse estudo. Aqui, há indicação da existência do Museu do I.M.
11	<i>Hematoscópio d’Heneocque</i>	Sim	Pertenceu ao Dr. Fajardo (Anexo 54). Tratamos dessa personalidade no capítulo 2.
12	Jogo de xadrez de bolso pertencente a Oswaldo Cruz	Sim	Com ele se distraía nas suas viagens de barca para Manguinhos (oferta de Walter Oswaldo Cruz). Esse artefato, marca <i>Pocket-Chess Board</i> , confeccionado em couro, marca Jacques and Son (London), nos parece ser do filho de Oswaldo Cruz, Walter Cruz, que além de médico e pesquisador da Fiocruz era enxadrista (Junqueira, 2002). (Anexo 55)
13	Livro “Mr. Pasteur – <i>Histoire d’un savant par un ignorant</i> ”	Sim	Oferecido com dedicatória de Louis Pasteur ao professor Ferreira dos Santos, primeiro discípulo brasileiro no Instituto Pasteur de Paris. Augusto Ferreira dos Santos acompanhou Pasteur, em seus estudos sobre vacina (Louzada, 2017). (Anexo 56)

Fichas	Descrição	Na Sala?	Observações (complementações da doutoranda, a partir do desenvolvimento da tese)
14	Livro de registro de aulas de Bruno Lobo	Não	Pasta nº 2 do arquivo da biblioteca (Apêndice L).
15	Notícia sobre 70ª de Pasteur	Não	Tribuna Médica nº1, 10 de janeiro de 1892
16	Oswaldo Cruz em 1901	Sim	Pintura de Oswaldo Cruz (Anexo 57). Nessa sala, existem as pinturas de Bruno Lobo e Paulo de Góes (Louzada, 2017). O quadro de Paulo Góes foi uma homenagem feita pelos servidores do IM (Capitão Ahab, 2021).
17	Oswaldo Cruz - Medalha comemorativa do cinquentenário do Instituto Oswaldo Cruz, 1900-1950.	Não	V Congresso Internacional de Microbiologia de 17 a 24 de agosto de 1950
18	"Petit Larousse Illustré" que pertenceu a Oswaldo Cruz (Oferta de Walter Oswaldo Cruz).	Sim	Oswaldo Cruz era pai de Walter Cruz, que além de médico e pesquisador da Fiocruz era enxadrista (Anexo 58).
19	Primeiro livro editado em português em Bacteriologia. Rodolpho Galvão, 1899.	Sim	Primeiro titular da disciplina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Anexo 59). Tratamos dessa personalidade no capítulo 2.
20	Relatório do Professor Augusto Ferreira dos Santos	Sim	Sobre estágio no Instituto Pasteur de Paris (Anexo 60). Augusto Ferreira dos Santos acompanhou Pasteur, em seus estudos sobre vacina (Louzada, 2017)
21	Sineta para chamada dos alunos pelo professor Bruno Lobo	Não	
22	Suporte de canetas de Bruno Lobo	Não	Encontramos no armário, um objeto que parece ser suporte de caneta. Entretanto, não há referências sobre o pertencimento do objeto.
23	Suportes de livros que pertenciam a Arthur Moses.	Não	Discípulo de Oswaldo Cruz. do Rio de Janeiro. Tratamos dessa personalidade no capítulo 2.
24	Tinteiro de Bruno Lobo	Sim?	Encontramos no armário, um tinteiro (Anexo 61). Não há referências sobre a quem pertenceu.

Fonte: Elaborado pela autora (com base no conjunto documental), 2024.

Dentro dos armários expositores também encontramos objetos (que confirmamos não possuir ficha) como um retrato de João Batista de Lacerda, ator envolvido no centenário do MN (Anexo 62), exemplares dos Anais de Microbiologia (Anexo 63), folhetos sobre a criação do IMPG e placas comemorativas de seu aniversário, além das agendas dos compromissos de Paulo de Góes (Anexo 64). Essas agendas encontradas pelo Capitão Nemo (2021), dentro da unidade, foram guardadas em um desses armários, durante as comemorações do centenário do fundador do IM, tema esse, apontado no capítulo 3 do estudo. Do lado de fora dos móveis, visualizamos dois instrumentos científicos. Capitão Nemo (2021) confirmou que a figura abaixo é uma autoclave¹⁰².

Figura 27 – Uma autoclave



Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Nos rastros de referências sobre objetos científicos, encontramos uma estufa de esterilização de metal (Museu, 2024). Apesar de mesma composição (metalizada) e de algumas semelhanças na estrutura externa, não foi possível identificar esse instrumento¹⁰³ (Capitão Nemo, 2021).

¹⁰² Se pensarmos em termos de vida social dos objetos, veremos que a essa identificação inicial faltam dados “biográficos” do objeto, tais como fabricante e data, seu percurso nos laboratórios do IMPG etc.

¹⁰³ Mesmo com essa variedade de potenciais elementos que podem ser considerados patrimônio, a maior parte dos objetos de C&T, que constituem o patrimônio científico ainda está para ser descoberta no Brasil (Castro; Lima, 2017).

Figura 28 – Estufa de esterilização



Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Conforme visto na figura abaixo: a disposição e organização da coleção na Sala Nobre:

Figura 29 – Dois armários expositivos da Congregação



Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Perguntado sobre essa coleção, Capitão Simbad (2021) contou-nos que, àquela época, após uma reforma nesse espaço, a Direção resolveu reunir objetos dispersos nos armários (embutidos) da Sala e exibi-los nesses dois armários. De forma imprecisa, a equipe percebia a presença de um patrimônio cultural na rota da Microbiologia. (Lembremos que Maria Rondon não conviveu com toda a capitania convocada para essa

navegação mnemônica, mas, de algum modo, os capitães conseguiram pescar a essência acerca de um Museu de Microbiologia).

Mesmo envolta em incertezas, a exposição não se reduziu a razões (puramente) informacionais e organizacionais, ou, mesmo, até sobre valor de mercado (tendo em conta, a raridade de alguns objetos). Nessa coleção, existem dimensões históricas, sociais, culturais e políticas. Nas falas dos entrevistados, percebemos a presença da proposta matricial (ressonância-aderência) apresentada por Borges e Campos (2012), para a determinação da patrimonialidade das coisas. Essas considerações nos permitem, indo além das normas, procedimentos e processos de reconhecimento oficial (patrimonialização), entender que, no que concerne à categoria patrimônio, em termos teórico-conceituais, é-nos possível distinguir entre patrimônio constitutivo ou instituinte (aquele que é parte intrínseca da dinâmica sociocultural de qualquer grupo social) e patrimônio mostrado ou instituído (aquele que resulta de processos de patrimonialização).

Para os capitães Simbad (2021) e Ulysses (2021), esses portadores de memória permitem autorreconhecimento e valorização de um grupo científico-acadêmico. Uma coleção que, acima dos debates em torno do valor de uso, troca, culto e exposição, incorpora valores simbólicos, imaginários e científicos que, por sua intangibilidade, possibilita relacioná-los à convencional categoria de patrimônio intangível. Todavia, esses mesmos objetos, entendidos como signos, são um excelente exemplo da inadequação terminológica dessa categoria, uma vez que apresentam uma face perceptível pelos sentidos (textura, matéria de que são feitos etc.), e outra apenas cognitivamente perceptível (relações, valores, saberes etc.).

A necessidade de haver, na instituição, espaços, que (re)memorem feitos em torno da Microbiologia é pensamento comum entre todos os capitães (2021) e Estrela do Mar (2021). Esses entrevistados creem que, também, as atividades extensionistas da biblioteca propiciam o conhecimento de um itinerário científico, ambientado na UFRJ.

Sob uma nova perspectiva, esse espaço tornar-se-ia mais dinâmico e comprometido com o público na construção de suas memórias e identidades. Em meio a esse quadro, apontamos resultados de ações implementadas pelo grupo da biblioteca (pós-evento centenário de Góes) que expressam parte do trajeto da microbiologia, como a vitrine expositora do corredor da Microbiologia, tema que apresentaremos no tópico a seguir.

4.2 Na vitrine expositora no corredor do IMPG: que ares trazem as peças de cera?

Na gama enorme de patrimônios, o debate sobre aquele que é denominado patrimônio científico, ou patrimônio em C&T, é consequência de um esforço interdisciplinar das comunidades científicas interessadas na sua preservação e difusão, que se empenharam por sua consolidação e propagação perante a sociedade (Castro; Lima, 2017).

Em meio aos vestígios, pusemo-nos a rastrear o valor intrínseco desse Patrimônio Cultural em C&T no IMPG, baseando-nos, seguindo Guarnieri (2010), em relações de aprofundamento entre homem e objeto, reafirmando que história e cultura se interpenetram incessantemente, verificamos que

a relação do homem com seu meio, seja apreensão da realidade, seja de ação sobre essa mesma realidade, implica realização humana em termos de consciência, de consciência crítica e histórica, de consciência possível. O homem é o ser que se realiza historicamente; ao realizar-se, ele constrói sua história e faz sua cultura (Guarnieri, 2010, p. 206).

Se a passagem do mundo natural para o cultural acontece na medida em que o homem adquire conhecimento e, na relação profunda que estabelece com seu entorno, insere as coisas do mundo natural em sua socioesfera, compreendemos que, por meio de memórias, podemos desfrutar de conhecimentos que, de outro modo, estariam fora de nosso alcance. Para além da descrição de documentos e sua materialidade, memórias nos conduzem a produção de conhecimento. Nessa dinâmica, concordamos que, assim como outras instituições-memória, os “museus guardam muito pouco de suas próprias memórias. Para que os museus se tornem cada vez mais locais de produção de conhecimentos, inspiradores de mudanças, é fundamental recuperar suas histórias” (Lopes, 2020, p. 21).

Em meio a essas reflexões, retornamos a Guarnieri (2020a, p. 86) quando afirma que:

Há aqueles que preservam por saudosismo, há os que preservam, com a finalidade de valorizar ou evidenciar bens de uma escala muito subjetiva e particular, e há os que preservam para manter registros informativos, porque toda a ação carece de uma informação anterior. Entendemos que, esse querer de preservação permeia o patrimônio.

É nesse panorama que a exposição centenária da Biblioteca do IMPG (ápice das comemorações dos cem anos de Paulo de Góes), foi despertando no grupo a consciência crítica acerca da necessidade de preservar seu patrimônio cultural: fotografias, certificados, diplomas, cadernos de campo e de laboratório, anotações, cartas, teorias, resultados de experiências e análises, fotografias, entre outros documentos, incluindo, objetos bidimensionais e/ou tridimensionais.

Na comemoração daquela efeméride, a biblioteca passou a ser vista como um centro de armazenamento de diferentes materialidades. A exposição potencializou a biblioteca como espaço de acolhimento dos bens culturais da unidade. Mas, sobretudo, como lugar de memória, a biblioteca ofereceu ao Instituto um local de difusão cultural, transfigurando-se a partir de um formato mais criativo de atuação.

Paralelamente, às novas exibições na biblioteca (apresentadas no capítulo 3), realizou-se a higienização documental (a partir de atividades do projeto de extensão da biblioteca) e o planejamento de uma vitrine expositora (ação possível, devido ao engajamento biblioteca e da direção do IMPG). Nesse processo, quase que ao mesmo tempo que o conjunto documental era encontrado na gaveta da biblioteca, uma coleção anatômica (quinze peças de cera), era descoberta nos armários embutidos da Congregação.

No encaixo de pistas que ajudassem a responder aos nossos questionamentos, descobrimos em Chagas (2022, p. 68) que a arte das peças anatômicas é de Baldissara Filho¹⁰⁴, escultor cero-plástico da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Em 1939, participou da Feira em comemoração aos 100 anos de elevação de Santos à categoria de cidade, onde contou com um pavilhão denominado “Museu de Cera”, que revelava ao público cerca de 250 figuras anatômicas mostrando enfermidades e deformidades (ceroplastia científica). [...] No mesmo ano de 1939, o Correio Paulistano informa que esse “museu de cera” foi apresentado também na capital do Estado.

Capitão Barbosa e Capitão Nemo (2021) afirmam que as peças de cera eram usadas como material didático por professores do Instituto de Microbiologia. Modelos anatômicos desse mesmo tipo eram usados também para demonstração e ensino na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e fazem parte do acervo de instituições, como o Instituto Vital Brazil e a Faculdade de Medicina de Montevideu (Chagas, 2022).

Apesar da ceroplastia¹⁰⁵ consolidar novas áreas de pesquisas médicas, como a Medicina Legal na Universidade de São Paulo (USP), foi constatado por esses autores que, nas universidades, essas coleções, deslocadas de seu uso didático, salvo em

¹⁰⁴ Italiano naturalizado brasileiro Alberto Baldissara (1881-1950), contratado pela Faculdade de Medicina em 1916. Esse modelador formou-se na Escola de Belas Artes aos 18 anos e na Faculdade Fluminense de Medicina aos 56. Ainda jovem, aperfeiçoou-se na arte de modelagem em Roma. De volta ao Brasil, não aplicou a técnica aprendida, mas uma adaptação. Sua grande produção o tornou muito conhecido, alcançando reconhecimento que lhe rendeu diplomas e prêmios, entre os quais a Exposição Internacional Colonial Marítima e de Arte Flamenga, em 1930, na Antuérpia (Moreira; Baldissara, 2018 *apud* Chagas, 2022, p. 68).

¹⁰⁵ A ceroplastia pode ser definida como a técnica de representação do corpo humano e/ou de suas partes em cera. Figuras em cera são conhecidas desde a Antiguidade com finalidades mágicas e religiosas, mas apenas no fim do século XVII surgem as primeiras peças reproduzindo modelos anatômicos. Segundo Baptista (2014), a técnica apresenta como vantagem a possibilidade de reproduzir as características naturais em tamanho real, com relevo e cor, embora sua execução seja difícil e demorada. Entre as vantagens do material pode ser citada a facilidade em ser moldado, colorido e receber implantes orgânicos como cabelos, unhas e dentes que aumentam o efeito mimético (*apud* Chagas, 2022, p.49).

algumas que passaram a fazer parte de exposições, têm sido, descartadas ou esquecidas (tal como nos armários do IM).

Na figura abaixo, o estilhamento de uma das peças guardadas no armário

Figura 30 – Modelo anatômico



Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Reiteramos que os modelos anatômicos passaram, também, por processos de higienização (remoção de vidros quebrados, limpeza de sujidades e leve lixamento de bordas e do suporte material). Depois, eram, novamente, acondicionadas, no armário da Congregação, porém, com melhor condição (na medida que o projeto de extensão permitiu) de salvaguarda e manuseio. Seguem, abaixo, duas imagens que resumem, etapas das atividades:

Figura 31 – Procedimentos de higienização: limpeza e lixamento



Fonte: Sala da Congregação, 2022.

No século XX, com o desenvolvimento de novas técnicas e conservação de material biológico, a ceroplastia¹⁰⁶, que tornava esses modelos anatômicos modelos mais acessíveis à manipulação, foi deixada de lado. Além disso, os modelos em cera apresentavam, também, dificuldades no manuseio, como o peso ou a fragilidade (Pirson, 2006 apud Chagas, 2022). Motivos que podem justificar o estilhaçamento de parte das que foram descobertas no armário da Congregação.

Soubemos que as peças anatômicas¹⁰⁷ eram parte do acervo da biblioteca, no tempo de Maria Rondon, dado relatado pelo Capitão Lourival (2021), que disse ter se assustado ao ver pela primeira vez, que esteve naquele espaço.

Esse traço de memória confirma que, a biblioteca, naquele período, já absorvia diferentes tipologias documentais (aportes de memória), pondo em evidência, a biblioteca como importante parceira no desenvolvimento científico-acadêmico da unidade.

Voltando a exposições, além dos trabalhos para a formação do Museu de Anatomia (2019), no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB)¹⁰⁸ da UFRJ, a equipe da Biblioteca do IMPG, exibiu na vitrine expositora¹⁰⁹, do corredor do primeiro andar do Instituto (inaugurada, também, em 2019), além de fotografias, vidros âmbar e instrumentos de laboratório, alguns desses modelos anatômicos (Figura 31).

¹⁰⁶ O interesse na produção dos modelos anatômicos em materiais não biológicos está associado à demanda crescente na formação de médicos e cirurgiões, ao abastecimento de museus e gabinetes de curiosidades e à demonstração de estruturas anatômicas (Chagas, 2022, p. 48).

¹⁰⁷ Eu vi aqui pela primeira vez na minha vida aquilo numa caixa guardada na biblioteca [...]. É que eles são moldes, e ela me explicando assim, né, e fala sobre as doenças [...]. Estava me explicando aquelas coisas, aí que eu perdi um pouco o medo, para mim parecia real, para mim parecia um pedaço de alguém (Capitão Lourival, 2021).

¹⁰⁸ O estudo aprofundado sobre ceroplastia no ICB é tema da dissertação de Chagas (2022).

¹⁰⁹ A estante expositora foi inaugurada, em 2019, durante a XXV Semana de Microbiologia e Imunologia da UFRJ.

Figura 32 – Vitrine Expositora no corredor do IMPG



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Para a exibição na vitrine, escolhemos os seguintes modelos anatômicos, vistos mais de perto, nas imagens abaixo:

Figura 33 – Três rostos em ceroplastia



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Cada uma das peças, contém uma placa, identificando a doença acometida pelo corpo humano.

Figura 34 – Modelo de uma mão com varicela



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

As peças, assim como os outros objetos, têm junto de si, breves informações impressas em plaquinhas de cartolina (confeccionadas pelas bibliotecárias). Os modelos anatômicos, representam no seu bojo, sinais de doenças analisadas, macroscopicamente. Olhando para essas peças, nos parece que ceroplastia investiu na “topografia de lesões patológicas” (Pirson, 2006 apud Chagas, 2022). Nesse sentido, perguntamo-nos se essa coleção científica é um vestígio deslocado na Microbiologia (ciência e Instituto).

Academicamente, não somos capacitados a questionar as razões científicas, que levaram o IM, a possuir quinze peças de cera. No entanto, podemos afirmar é que, a olho nu, esses modelos anatômicos como técnicas artísticas, foram usadas por cientistas, como fontes documentais: informacionais, instrutivas e educacionais, em outros períodos

históricos. Essas ondas mnêmicas que continuam ressonando no IMPG, instituição que contém, em seus ambientes, pistas de histórias científicas relacionadas à exibição de história natural e de gabinetes médicos ou de curiosidades.

4.3 Alinhando o patrimônio cultural do IMPG: a contribuição da biblioteca

Ao evocarmos a memória e seus vestígios, patrimônio científico e coleção, no que se refere ao nosso objeto de estudo, buscamos ter uma visão ampliada de uma documentação, não, apenas, como elementos passivos da dinâmica humana, mas com agentes e atores legítimos. Afora os fundamentos teórico-metodológicos e as entrevistas concedidas, que possibilitaram a construção dessa tese, o colhimento de dados (viabilizados pelos rascunhos de Maria Rondon) impulsionaram o desenvolvimento da pesquisa.

Foi desse modo, que conseguimos visualizar que parte dos documentos estão reunidos, sob algumas nomenclaturas (natureza, tipologia ou gênero documental, suporte, formato etc.) concernentes a Ciência dos Arquivos. Não faz parte do escopo de nosso estudo, enveredar-nos pelo campo da Arquivologia, mas, sabemos que a diversidade documental (cartas/correspondências, rascunhos, diplomas, certificados, fotografias, dentre outros) está sujeita a orientações próprias para gestão de Fundos Arquivísticos. São recomendações distintas daquelas que regem coleções e acervos em bibliotecas.

Dito isso, podemos afirmar que, mesmo assim, um agrupamento por tipologias documentais (na medida do conhecimento ou de adaptação usada pela bibliotecária) auxiliaram a identificação de informações que não possuem seus correlatos documentais (artigos de revistas, anais ou jornais) guardados na biblioteca ou em qualquer outro espaço do Instituto.

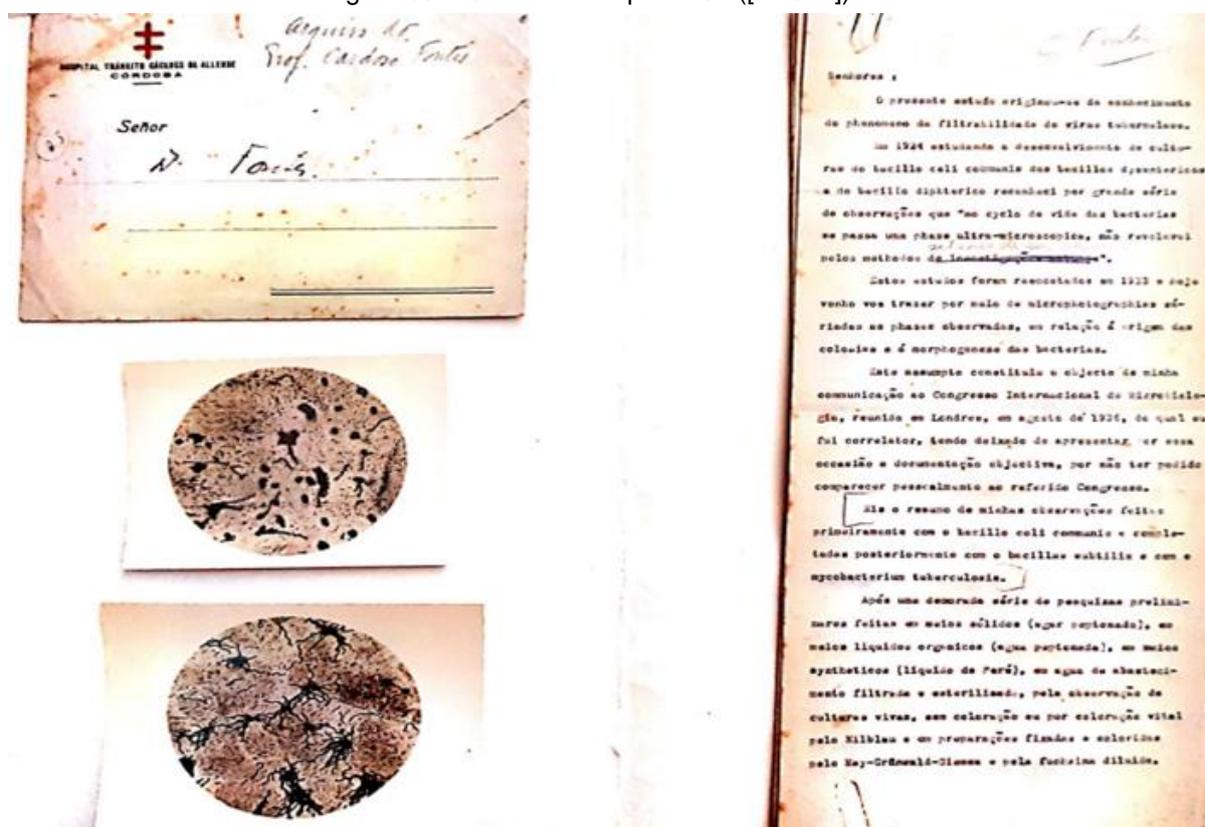
Diante disso, respeitando a ordenação atribuída por Maria Rondon (e não poderia ser diferente), acreditamos que nossa tarefa (mais profissional do que acadêmica) na recompilação de dados, pode futuramente, torna-se fonte de novas investigações. Assim, rearranjando os rascunhos em dez quadros (apêndice B ao J), temos as seguintes informações:

- 1) **apêndice B** - anotações entre o nº 01 e nº 04, se referem a descrição de um “Rolo de “filme”. Título: “*Morphogenesis of bactéria*” do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE).

O rolo desse filme não foi localizado na biblioteca, mas acreditamos, ter sido parte do acervo à época de Maria Rondon. Pesquisando sobre a personalidade Cardoso Fontes, visualizamos informações referentes a esse cientista, na ficha 31, que nos remete à pasta 31 (Anexo 39).

Nessa pasta está guardado o resumo de trabalho – datilografado – relacionado a observações com *bacillo coli communis* e *bacillo subtilis* e estudo sobre vírus tuberculoso, acompanhado por duas fotografias de colônias, dedicadas ao “maestro Fontes” mantidas em um envelope do Hospital Trânsito Cáceres de Allende, Córdoba, na Argentina. “D. Fontes” seria o destinatário da carta, conforme exposto na figura abaixo:

Figura 35 – Conteúdo da pasta 31 (c.1924)



Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

Como “folhetos avulsos” estão reunidas informações referentes a publicações periódicas: jornais, anais e revistas científicas, em:

- 2) **apêndices (C ao E)** – A partir da anotação nº 5, são indicados os “folhetos avulsos”, seguindo uma ordem alfabética (A à Z).

Referente a esse apêndice, visualizamos artigos, jornais, revistas, anais. Nessas fontes, Identificamos alguns temas direcionados a saúde, separando-os por períodos (entre 1898 e 1928) reunidos no Quadro abaixo.

Quadro 10 – Temas debatidos entre os séculos XIX e XX

Ano	Tema	Registros
1898	O totemismo da cholera	Apêndice D
1898	Hematozoário do Beri-Beri	Apêndice D
1901	A piroplasmose bovina	Apêndice E
1902	Moléstias Tropicais	Apêndice D
1904	Septicemias hemorrágicas	Apêndice B
1910	<i>Trypanosoma Chagas</i>	Apêndice B
1911	<i>Microsporán Flarecens</i>	Apêndice C
1911	<i>Epizootia de Biguassú</i>	Apêndice C
1912	<i>Trichophyton gypseum asteroides</i>	Apêndice C
1915	<i>Micrococcus Osteoporose</i>	Apêndice B
1927	Desenvolvimento das culturas de tuberculose	Apêndice C
1928	Culturas de tuberculose	Apêndice C

Fonte: Elaborado pela autora (com base no conjunto documental), 2024.

Vale destacar que, o Rio de Janeiro sendo o centro administrativo da corte portuguesa, tornou-se cenário cultural de Instituições implementadas na cidade: Real Biblioteca no Brasil (1808), atual Biblioteca Nacional (BN), Arquivo Público do Império (1838), atual Arquivo Nacional (AN) e MN – Instituição já abordada nesse estudo – além das instituições de ensino superior que encarrilharam a materialização da UFRJ, na primeira metade do século XX. Nessa conjuntura, podemos buscar (amparados nas anotações de Maria Rondon) e, quem sabe, encontrar documentos pertinentes ao estudo de microrganismos em Fundos, Acervos e Coleções.

Sobre as personalidades (tratadas no capítulo 2 dessa tese) encontramos fotocópias de cartas trocadas, entre o imperador brasileiro Dom Pedro II e o cientista francês Louis Pasteur na pasta 3 (Anexo 16). Para além de amizades, essa relação, envolvia interesses científicos, sobre dengue, febre amarela e raiva (Fioravanti, 2022).

Nas anotações de Maria Rondon, identificamos outros nomes, como por exemplo, Ladislau Mello Neto e Parreiras Horta, assim, criamos os:

- 3) **apêndices (F ao K)** aqui, achamos pistas que evidenciam personagens científicos, além de uma menção a “Fichas correspondentes às peças relacionadas no Museu de Microbiologia” (**apêndice I**).

Perguntando-nos sobre as “peças” (citadas no apêndice I), lembramos dos modelos anatômicos de cera e objetos expostos na Sala da Congregação, deduzimos que essas “peças” poderiam ser reunião de todos esses documentos (formando o conjunto documental).

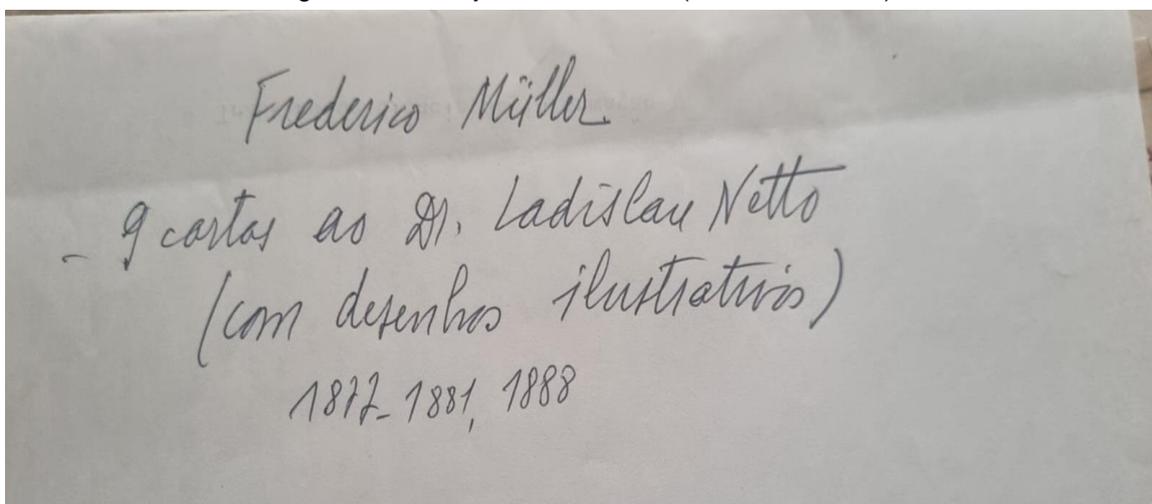
Fato é que Maria Rondon extraiu e reuniu (de forma condensada) informações registradas em documentos guardados nas pastas da Biblioteca. Encaixando fichas e pastas (nesse estudo, fotografadas e anexadas juntas) enxergamos que a bibliotecária

Maria Rondon esquematizou um índice (remetendo fichas às pastas) com objetivo de correlacionar referências/documentos, apresentado por nós da seguinte forma:

- 4) **apêndice L** - 34 fichas manuscritas que nos remetem às 34 pastas, onde estão guardados certificados, listas e ofícios. Acreditamos que, esses documentos, aqui reunidos e representados, facilitam a visualização documental, podem ser fontes de novas investigações, citamos aqui as cartas de Fritz Müller.

Nesse sentido, damos destaque para a capa da pasta quatro (Anexo 17), atentando-nos ao que está ali datilografado: “1 ofício”; “12” cartas (1876 a 1878) e “9 cartas” (1877, 1879, 1880, 1881 e 1888). Nessa mesma pasta, descobrimos mais um vestígio de Maria Rondon, na Figura abaixo:

Figura 36 – Conjunto de 9 cartas (1877-1881;1888)



Fonte: Documentação da Biblioteca do IMPG, 2020.

Dentro da pasta quatro (além dessas 9 cartas) encontramos as 12 correspondências (Figura 14). Sobre esses documentos temos as seguintes considerações a fazer: **a)** o cientista alemão (usando frente e verso do papel) dificultou a leitura original de algumas das cartas. **b)** todas as correspondências estão em português, algumas, porém, necessitam de atenta transcrição e cuidadoso manuseio (ressaltamos aqui, o envelhecimento e a textura do papel usado àquela época). Essas correspondências podem ser digitalizadas (como medida de preservação e conservação), servindo como uma fonte (da fonte primária), com vistas ao impulsionamento de novas pesquisas.

Ainda, nos rastros desse saber venatório, tendo-se em conta os sinais de Maria Rondon, fizemos uma analogia com os registros que nos remeteram, sistematicamente,

(entre pastas numeradas e bens patrimoniais do IMPG) a outros fragmentos de memórias científicas, o que nos levou a criar mais um aditamento:

- e) **apêndice M** - “Trilha documental das memórias científicas”, correspondendo a trajetórias históricas, entre anos de 1900 e de 1928. Averiguamos que nesse período, ações e diretrizes, relacionadas a saúde, foram fomentadas em diferentes regiões do Brasil. Como contribuição de nossa investigação sobre tais documentos, esse apêndice contém os links que nos levam a fontes que tratam das ciências, no âmbito da saúde no país.

No todo, os traços mnemônicos, presentes em diferentes tipologias documentais, em sua maioria encontradas na Biblioteca do IMPG, tornaram-se, por meio de criterioso processo descritivo e analítico, e seguindo um percurso que se aproxima do paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989) testemunha qualificada e fidedigna como recomenda Stengers (1990) de informações relacionadas à história acadêmica, política e sociocultural da trajetória do campo científico da microbiologia, do final do século XIX até a atualidade.

Na jornada por essa documentação, estivemos embasados, sobretudo, pelos vestígios, rastros, sinais e indícios, que nos possibilitaram conhecer melhor, histórica e patrimonialmente, o IMPG e sua biblioteca, em especial no que tange às implicações museológicas, reforçado pela ideia de um “Museu do Instituto de Microbiologia”, assim identificado, graças a uma pista deixada pela bibliotecária Maria Rondon (Figura 6).

Sobre a atuação profissional, recordamo-nos de Capitão Lourival (2021) que elogiou o desempenho da bibliotecária no IM/IMPG. Os outros capitães que conviveram com a timoneira, ressaltaram sua dedicação ao trabalho na Biblioteca do IM. Em tempos, esse espaço era um dos bem-quereres da bibliotecária. Trabalho, filho afetivo e cachorros de estimação formavam as três “paixões” de Maria Rondon (Capitão Barbosa, 2021).

Em nossa busca sobre essa personalidade, encontramos uma reportagem sobre competição de cães no Correio da Manhã (Gatos, 1959, p. 18), o que confirma a criação de cachorros, como outra atividade exercida por Maria Rondon (Capitão Barbosa, 2021; Capitão Lourival, 2021).

Devido à má qualidade de impressão, não foi possível refletir aqui, uma imagem da reportagem exibida no jornal, em questão. No entanto, conseguimos um retrato (Figura 31) desse evento (na realidade, também, um fragmento de uma fotografia gasta pelo tempo).

Figura 37 – Maria Rondon na competição com cães (1959).



Fonte: Capitão Lourival, 2021.

CONSIDERAÇÕES

Até aqui, podemos reafirmar que, a cultura material que provocou nossa curiosidade, é uma representatividade da Ciências da Saúde, que tendo a Universidade como macroestrutura, está acomodada e consubstanciada no IMPG. Nessa conjuntura, uma movimentação documental, até então silenciosa nos espaços da Microbiologia, tornou-se fio condutor para a reconstrução da história científico-tecnológica dessa área de conhecimento da UFRJ.

Entretanto, ao compulsar, analisar e interpretar alguns dos vestígios de memória e da história científica do Brasil que os documentos analisados, como portadores materiais, colocam em evidência, ficou-nos inequívoco que qualquer tipologia documental, relativa à formação e desenvolvimento da ciência e da tecnologia no Brasil, assume esse estatuto de testemunha confiável, se, e, somente se estiver relacionada a fatos históricos e socioculturais que possam ser evidenciados.

O tema patrimônio se situa naquele lugar, no qual as relações se estabelecem entre determinados agentes da sociedade com significados entre o passado e o presente. Em patrimônio estão impressas marcas que produzimos e deixamos na nossa relação com a vida em sua totalidade. Nesse sentido, compreendemos que patrimônio é um desafio à finitude. Como um conjunto seletivo e preservado de bens, o patrimônio do IMPG torna-se indicador cultural, que estabelece, ao longo do tempo, relações entre homens, meio ambiente e sociedade. O patrimônio do IMPG possui vestígios de testemunhos do homem em seu meio, natural ou urbanizado. No encadeamento de nossas ideias, as memórias caracterizadas pelo patrimônio cultural possibilitam que Instituições (por meio do despertar científico) se fortaleçam, legitimem-se e se propaguem na Sociedade. Corroboramos, destarte, que um grupo se (re)define e (re)atualiza sua identidade por meio do reconhecimento de seu patrimônio científico. Reconhecemos que nos fragmentos da memória científica, dispersa no IMPG, está imbuído o valor simbólico do conjunto documental que seguimos analisando.

Reconhecendo esse patrimônio cultural da UFRJ e arremessados pelas recordações dos Capitães dessa navegação acadêmica (sete entrevistados), percebemos que houve tratativas (ainda que não sistemáticas) para a formação de um Museu de Microbiologia do IM. Mas, se tratando da criação de uma Instituição-memória do IM (um museu), na qual, a macroestrutura é uma universidade, mantiveram-se abertas questões pormenorizadas que circundam outros espaços (museus, entes museais) ou a compreensão acerca de um Museu Universitário, tendo como cenário o IM/IMPG.

Na trilha dos museus universitários, encontramos as afirmações de Abalada e Granato (2019, p. 6), que entendem que esses estão inseridos nas universidade, restringindo-se não pela questão semântica, mas porque a legislação brasileira (Brasil,

2006) diferencia as instituições de ensino superior (faculdade, centro universitário e universidade) nas quais, de forma “importante”, apenas à universidade compete a atuação sobre o tripé indissociável ensino-pesquisa-extensão. Desse modo, obrigando-se a realizar pesquisas e abrir-se ao público em geral, logo, seria o único tipo de instituição de ensino superior que, “compulsoriamente”, produziria objetos reconhecidos como patrimônio, sendo a única instituição “que teria a necessidade de comunicar o processo realizado para além da comunidade acadêmica, acolhendo e atendendo à sociedade em geral através de, dentre outras atividades, espaços como museus”. “Independentemente do tipo de acervo que engloba (que pode ser dos mais variados), um museu universitário estará inserido e expressará sempre uma cultura universitária, afirmando e legitimando seus valores” (Ribeiro, 2013, p. 91).

Ainda no caminho dos museus universitários, Abalada e Granato (2019, p. 5) apontam que, desde os anos 1980, há debates e empreitadas acadêmicas para o levantamento e conscientização do patrimônio cultural, pois “com a falta de ações das próprias universidades, o risco desses objetos se perderem é elevado”. Esses autores informam que a “começar pela Europa”, têm-se pensado em soluções para Museus e Coleções Universitárias, visando a preservação do chamado “patrimônio cultural universitário”. Na evolução de nossa pesquisa, descobrimos que existem 18 entes museais vinculados ao Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio (SIMAP) da UFRJ (Fórum, 2022b; Lugares, 2024). Isso posto, esclarecemos, que na condução deste trabalho, não foi possível adentrar nos estudos que envolvem museus universitários da UFRJ. Além da complexidade que envolveria a investigação, a rota principal desta pesquisa se fez pelos caminhos do Patrimônio.

No entanto, salientamos que o MN (que está em processo de reconstituição, após sofrer um incêndio que destruiu todo o seu acervo, na noite do dia 02 de setembro de 2018) é uma Instituição que transpassou nosso estudo, na figura do naturalista Fritz Müller e de antigos diretores desse espaço científico: Arthur Neiva e Bruno Lobo. Alertamos que a Instituição foi incorporada à Universidade (UB), em 1946, nesse período, Bruno Lobo já era falecido. Sobre esse cientista e professor da Faculdade de Medicina, recordamo-nos que, uma parte de seu laboratório (FNM) foi absorvido pelo Pavilhão de Microbiologia (Louzada, 2017). A experiência de Lobo como diretor do MN, quiçá, tenha inspirado a salvaguarda de documentos no IM. Não nos esqueçamos que, além da relação de mentoria entre Bruno Lobo e Paulo de Góes, havia uma parentalidade nesse vínculo, pois Góes era sobrinho (materno) da esposa de seu mentor (Capitão Nemo, 2021).

Pairando sobre um Museu idealizado no IM, uma coleção seria, então, concebida, simultaneamente, como “resultado e fonte de um programa científico”,

visando à “aquisição” e à “pesquisa” a partir de “testemunhos materiais e imateriais do homem e de seu meio”, lembrando que é o “caráter institucional do museu” que prevalece para circunscrever o termo coleção (Desvallées; Mairesse, 2013, p.33-34). Nesse cenário, não foi possível identificar quando foi (recorte temporal) dado à Maria Rondon a incumbência de atuar na proposta de um ente museal voltado para a microbiologia. Ressaltamos que o nome Maria Molina Rondon aparece, pela primeira vez, nos Anais de 1959.

Outro dado concreto é a correspondência de 1958 (Anexo 44), escrita por Maria Rondon a Paulo Carneiro, na qual, ela, motivada por Heloísa Torres de Almeida, manifesta a vontade de integrar a Comissão Internacional de Museus, que por aqueles tempos, ocorreria em Paris.

Esse pedido da bibliotecária é para nós, um vestígio de seu interesse pelo tema museu, haja vista, que ela o enfatiza, para, somente, depois, sinalizar a possibilidade de participação no Comitê de Bibliotecas. É nesse documento, que encontramos novos rastros que nos levam a Instituições e atores influentes no campo da biblioteconomia, da documentação e da informação científica.

Nessa mesma carta, conseguimos saber, que em 1958, Maria Rondon trabalhava no IBBD, órgão presidido por Lydia Sambaquy. Como já apontado em nosso estudo, o IBBD foi o responsável pelo estreitamento dos laços entre a área de biblioteconomia e de documentação, influenciando atividades (primordialmente, informacionais) desempenhadas pelos bibliotecários que atuaram nessa Instituição. Nesse tempo, biblioteconomia, documentação e, também, a informação científica convergiam, formando uma complexa atividade profissional (Oddone, 2004).

Em relação ao conceito documentação, já não bastava “organizar documentos”, também era necessário, analisar-lhes o “conteúdo e deles extrair informações”, de modo que a palavra documentação tornava-se insuficiente, devendo ser, então, substituída por informação científica. Nesse entendimento, a informação científica, caracterizava-se como profissão, abrangendo relações de independência e harmonia entre bibliotecários e outros profissionais da informação (Fonseca, 1962 apud Oddone, 2006, p.52).

Além de Maria Rondon, Célia Zaher foi outra bibliotecária do IBBD, que atuou no IM. Zaher trouxe, através do CENIM, a efervescência nas pesquisas e conferências. Mas, era Maria Rondon a profissional referência para o grupo do IM e a bibliotecária que dominava todas as etapas do processamento técnico na Biblioteca do IMPG (Louzada, 2017; Capitão Barbosa, 2021).

Baseados em afirmações sobre competências (no âmbito do IBBD) observamos que, Maria Rondon, ao inclinar-se sobre documentos (de natureza diversa), aplicava

nessa materialidade, parte das ideias defendidas por Lydia Sambaquy. Nessa direção e, conforme descrito no primeiro capítulo, constatamos que a bibliotecária esteve, também, junto de Sambaquy, como estagiária do DASP; e, antes de ser alçada a biblioteca do INT, passou pelo Arquivo desse Instituto. Compreendemos que, as vivências nesses espaços distintos, acabaram por moldar essa profissional em habilidades acerca da informação registrada, configurada em documentos salvaguardados pelas Instituições-irmãs.

Como já confirmado pelo Capitão Barbossa (2021), Maria Rondon passou a trabalhar no IM, em 1959, ou seja, um ano após dois eventos: o falecimento do seu pai e a Conferência da Unesco ocorrida na França. Apesar de um entrevistado lembrar (vagamente) de uma fala de Maria Rondon sobre uma viagem feita à Europa, não conseguimos confirmar seu envolvimento na referida Comissão. O que conseguimos descobrir (através da sua correspondência a Paulo Carneiro) é que ela não conhecia a Europa (pelo menos até aquela ocasião).

Pensamos que, alguma vivência da bibliotecária junto a tal comissão, ou até mesmo, somente um desejo de fazer parte de tal Conferência (relacionada a museus) tenha sido confidenciado a Paulo de Góes. O fato é que, com relação ao trabalho relativo à memória de um museu em potência, podemos corroborar que, Góes confiou os documentos à Maria Rondon, dando a ela, a exclusividade sobre a natureza desse expediente na biblioteca (Capitão Barbossa, 2021). Não pretendemos tirar o protagonismo dessa Bibliotecária, mas sabemos que, em relação a confiabilidade, era Paulo Góes quem identificava perfis para determinadas tarefas ou aptidões (Estrela do Mar, 2021; Capitão, 2021, Louzada, 2017).

Em todo o nosso processo profissional ou acadêmico, apontamos um fato irrefutável: Maria Rondon foi a bibliotecária que fomentou esse fluxo de investigações, em diferentes gêneros e suportes documentais. Reafirmamos, que o trabalho técnico de Maria Rondon permanece vigente, pois, através dos detalhes de seus registros, foi possível identificar e localizar objetos expostos ou guardados na Sala da Congregação, como, também acessar o conteúdo das pastas, descobertas nas gavetas da biblioteca. Compreendemos que a trajetória dos documentos encobertos na biblioteca se deu, a partir da perspectiva da evolução da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. Sob esse aspecto, a coleção do IM pôde ser entendida, também, através do elo que une UB/UFRJ e Pavilhão/Instituto de Microbiologia.

Portanto, os documentos em seus diferentes formatos (conforme a perspectiva de Ortega e Tolentino, 2020) são parte inalienável do patrimônio científico e histórico do IMPG Nesse sentido, Lourenço (2009, p.47-48) afirma que, à exceção das coleções que se encontram nos museus, o patrimônio em C&T do ponto de vista da tutela (em

universidades, politécnicos, antigos liceus e escolas técnicas, institutos e laboratórios de investigação, hospitais, sociedades científicas) permanece “órfão”, em situação vulnerável, de abandono, sujeito à arbitrariedade, sob risco de danos irreversíveis ou mesmo de perda irremediável, sendo “pouco valorizado pelos atores que poderiam e deveriam ter um papel crucial na sua preservação e promoção: os cientistas e os historiadores da ciência”. Coleções de universidades podem ser negligenciadas e desmanteladas por professores, pesquisadores, estudantes, bibliotecários e alunos (Lourenço apud Handfas, 2018).

Respondendo aos questionamentos iniciais sobre as razões que mantiveram esses documentos silenciados, podemos afirmar que Maria Rondon era quem sabia conduzir os trabalhos acerca de uma documentação tão diversa (fora as atividades que acabavam se impondo na rotina da biblioteca).

Entretanto, mesmo depois da saída de Maria Rondon da biblioteca, percebeu-se a importância desse conjunto documental, de modo que, o mesmo foi guardado na gaveta (inferimos, aqui, também, um respeito à memória de Maria Rondon). Ademais, foram duas bibliotecárias do IM/IMPG que, para além da vontade da memória do seu corpo acadêmico, debruçaram-se sobre o conjunto documental da biblioteca dessa unidade. Uma delas, como já sabemos, foi Maria Rondon que, explorando sua vivência profissional, organizou a documentação encoberta (mas, de certo modo, salvaguardada em uma gaveta, por mais de duas décadas).

Essa mesma documentação, descoberta em outro tempo, foi analisada por uma colega de profissão de Maria Rondon, sob a orientação acadêmica de um agente (pesquisador do MAST) vinculado ao PPG/PMUS. Desenvolvida nessa ambiência e amparada nos estudos sobre Patrimônio, essa pesquisa de doutorado (sob o enfoque informacional) abordou a musealidade, pressupondo que, objetos de museus são tornados documentos, através de práticas e processos de musealização. A partir de descrição, contextualização e historicização, a musealização é uma forma, especificamente museológica, de historicizar coisas ou objetos.

Na esfera da ação patrimonial e museal, os documentos (textos, ritos, monumentos) funcionam como gatilhos para acionar memórias, uma vez que objetos podem provocar sentimentos de pertencimento, tal como no grupo da microbiologia, que pleiteia, até hoje, a difusão dessa caminhada científica no país. Conforme já explanado em nosso estudo, o ato de rememorar reforça os laços de pertencimento de uma comunidade.

No que tange ao receio expresso por todos os entrevistados, sobre um inevitável esquecimento das memórias do IMPG, é importante considerar que memória não se trata de uma mônada, uma vez que há diversos tipos de memória, tais como a memória

subterrânea, memória residual, a reveladora, encobridora, a silenciada ou encoberta e a memória resistente. Em tese, tanto a memória da resistência quanto a residual podem mover-se subterraneamente e, ainda assim, produzir efeitos de sentido na superfície sociocultural (por exemplo, nas obras de arte).

Também é importante em geral, e mais ainda ao nosso estudo, ter em conta que a memória tem uma função heroica pela qual resiste e guarda “em seus traços a potência das histórias possíveis, podendo num efeito de retroação sempre voltar a indagar seus segredos revelados” (Souza, 1999, p. 184). Sendo justamente isso que nossa excursão científica (na e sobre a documentação) deixada por Maria Rondon nos levou não somente a constatar, mas, principalmente, a contar com essa função da memória. Seguindo os rastros das memórias dessa bibliotecária, tomamos consciência acerca do “patrimônio imaterial”, expressão adotada pelo ICOM (2007; 2022) sobre definições conceituais acerca de museus. Atualmente, a tipologia do patrimônio tem ampliado, substancialmente, a área de atuação dos saberes envolvidos, assim como a variedade de profissionais que de alguma maneira podem atuar em atividades que se referem ao patrimônio, mas também traz uma difícil compreensão do campo que permanece em formação.

De todo o modo, pudemos corroborar o valor (tangível-intangível) do patrimônio em C&T do IM/IMPG, sendo rascunhos e fichas como mote preliminar do estudo, que nos permitiram (re) encontrar referências sobre personalidades envolvidas, de maneira direta ou indireta, no desenvolvimento da microbiologia no Rio de Janeiro. Para isso, basta ver o Quadro 4, que reúne os personagens que fizeram parte da ANM. Dentre eles, destacamos: Arthur Moses, Carlos Chagas, Fernando Magalhães, Cardoso Fontes, Parreiras Horta e Vital Brazil (representados, tanto na documentação da Biblioteca, como na Coleção da Congregação).

Através do patrimônio científico encoberto na biblioteca, conseguimos constatar a atuação desses cientistas, no surgimento ou impulsionamento de instituições científico-acadêmicas pelo Brasil. No terreno dessas Instituições, a rede de sociabilidade (Figura 11) evidenciou relações interinstitucionais no Rio de Janeiro (também em São Paulo, na figura Arthur Neiva). O pesquisador Oswaldo Cruz permanece como personalidade central dessas dinâmicas. Em nossa pesquisa acadêmica, a UFRJ (agora centenária) foi o ambiente que possibilitou a formação desses atores. No quesito lugares de memória, identificamos que João Benjamin Ferreira Baptista (Quadro 4) deixou como legado, o Museu Anatômico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Amparando-nos, ainda, na visão de Lydia Sambaquy (Oddone, 2004) sobre múltiplos papéis que a biblioteca pode assumir: laboratório de pesquisa e estudo, centro

de informação ou recreação, depreendemos que, foi pensado para e, por meio da biblioteca do IM, ações para a disseminação da informação em microbiologia, bem como para a salvaguarda do legado da memória de um grupo (através de seu patrimônio científico) evocando, assim, aquela proposta de criação de um serviço de documentação no IM, descrita nos Anais (1951).

Como parte materializada desse ideal, com a disseminação científica, o CENIM direcionava seus esforços para a comunidade pesquisadora. A biblioteca (como parte integrante do CENIM) é retratada nos Anais de Microbiologia como um lugar que vinha atendendo com eficiência aos pesquisadores do Instituto e de outras instituições, que solicitam informações sobre a microbiologia (Louzada, 2017).

Essas práticas de cunho científico, nos remeteram, também, a uma variedade de expressões e conceitos usados para descrever relações e processos da comunicação científica. Caribe (2015) observa que nessa onda, os termos mais comuns são: alfabetização científica, analfabetização científica, compreensão pública da ciência, comunicação científica, comunicação pública da ciência, cultura científica, difusão científica, disseminação científica, divulgação científica, educação científica, jornalismo científico, percepção pública da ciência, popularização da ciência, vulgarização da ciência. Por alguns desses indicadores, podemos reafirmar que existiram ações para incluir a biblioteca (por meio de seus agentes) em atividades de disseminação científica direcionadas a sua comunidade; e, quem sabe, nas relações extramuros.

Durante essa análise, evidenciamos a matriz ressonância--aderência, quando em nossas entrevistas, estimulamos as recordações dos atores que conviveram com o patrono do IM, pois, alguns deles lembram (fragmentos de memória) de alguns objetos expostos na Sala da Direção (à época, o diretor era Paulo de Góes). Mesmo para um ambiente de Direção, tais objetos eram vistos por todos que circulavam nesse local. Nesse contexto, fora o grupo da Microbiologia, consideramos o público externo que visitava esse Diretor.

A partir de algumas memórias (Capitão Simbad; Capitão Ulysses, 2021) constatamos que (antes da última reforma, nos idos de 2011) fotografias e certificados ficavam pendurados na Sala da Congregação (foi nessa reforma, que objetos descobertos em armários fechados, passaram a ser exibidos nos armários envidraçados dessa Sala). Lembramos que, visando a modernização desse espaço, os certificados e retratos (pendurados) eram retirados e guardados na Direção (entregues a biblioteca, tempos depois). Esses movimentos em relação aos portadores de memória, nos remeteu (confirmando) àquela ideia de processo de reconstrução seletiva do passado (apontado no Capítulo 3).

Como já abordado na tese, o projeto de extensão possibilitou que certificados, diplomas e fotografias (após higienizados) fossem guardados (em caixas) dentro da biblioteca, tal como as peças de cera (apontado no capítulo 4). Essas atividades de extensão ocorreram entre 2018 e 2022. Destacamos aqui, a estante expositora (permanente) do corredor da unidade que, sob a responsabilidade da Biblioteca do IMPG, exhibe parte da história da Microbiologia da UFRJ. Das exposições temporárias promovidas nesse espaço, permaneceram pendurados nas paredes dessa biblioteca: o quadro do Antigo Pavilhão de Microbiologia, retratos de personalidades da microbiologia (Louis Pasteur, Carlos Chagas e Robert Koch), alguns microscópios e uma balança.

A Biblioteca do IMPG, seguindo as diretrizes do Sistema de Bibliotecas (SiBI) da UFRJ, tem por objetivo a interação com a política educacional e administrativa da Universidade, devendo atuar, conjuntamente, com os programas de ensino, pesquisa e extensão dessa Instituição. Nessa conjunção, esse lugar mostrou-se, também, ser espaço institucional que abriga uma importante parcela do patrimônio representativo de memórias científicas de um ambiente acadêmico de ensino, pesquisa e extensão, instâncias produtoras e disseminadora e consagradoras de saberes.

Em se tratando de fontes provenientes de lugares de memória, na acepção alargada do conceito seminal de Pierre Nora (1993), que inclui arquivos, bibliotecas e museus, observamos que a Biblioteca do IMPG, em sua relação orgânica com esse instituto, para além da rotineira atividade de organização, documentação, preservação documental e lugar de consulta, participou ativamente na promoção de ações de preservação e divulgação da trajetória científica da microbiologia.

Com relação a documentação diversa encontrada na Biblioteca do IM/IMPG, compreendemos, tal como a historiadora Andréa Queiroz (Melo, 2020), que a estrutura e organicidade da UFRJ se refletem nas relações entre unidades e acervos. Mesmo hoje, com a existência de sistemas integrados de arquivos, de museus e de bibliotecas, ainda há uma dispersão, que motiva a autonomia de cada espaço para gerenciar seu patrimônio.

Pode-se concluir que, tais processos refletem a fragmentação institucional da UFRJ, na medida em que, essa mesma Instituição foi formada pela junção de instituições anteriores com suas próprias histórias, memórias e espaços. Logo, cada instituto sentiu a necessidade de manter sua memória viva sendo, muitas vezes, difícil congrega essas múltiplas memórias que convergem na História do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro.

Com referência a objetos conjugados em arquivos, bibliotecas e museus (aqui denominados instituições-memória), envolvendo as políticas do Sistema de Arquivos (SIARQ), SiBI, Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio (SIMAP), órgãos

suplementares do Fórum de Ciência e Cultura (FFC) da UFRJ, acreditamos que a viagem proporcionada por esse conjunto documental é uma contribuição que pode ratificar, identificar ou desdobrar-se em outros elementos importantes, servindo, desse modo, como base para novas rotas científicas, acadêmicas ou profissionais, no âmbito desses sistemas da UFRJ.

Acervos, Coleções ou Fundos que testemunham o fazer científico (eles mesmos, por definição, patrimônios) constituem-se bens patrimoniais que essa instituição de ensino e pesquisa foi produzindo e acumulando ao longo dos anos. Nesse estudo, processos técnicos e científicos viabilizam reconhecimento e valorização do patrimônio (IMPG/UFRJ), contribuindo, assim, para a (re)construção das identidades. Cabe salientar que, na relação homem-bens culturais (percebida nos vestígios de Maria Rondon e debatida em nossa pesquisa), a comunicação, “em todos os sentidos possíveis, englobando a exposição” cabe ao campo da Museologia (Brulon, 2018, p.191).

No que se refere ao interesse sobre Cultura Material, a partir do conjunto documental, o alcance do objetivo proposto neste estudo foi realizado, baseando-se em fragmentos de depoimentos (dissertação), em entrevistas de sete capitães (tese), na análise de literatura e em disciplinas acadêmicas, tudo à luz do Programa de Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST).

Entendemos por patrimônio (mais do que um sintoma) as marcas que produzimos e deixamos na nossa relação com a vida em sua totalidade. No mais, reafirmamos que esse tema é um desafio à finitude. No patrimônio estão impressas pinturas, músicas, utensílios, instrumentos de trabalho que suscitam debates sobre essa categoria. Sofrendo ao longo do tempo, mudanças tanto quantitativas quanto qualitativas: da prioridade do patrimônio de cal e pedra (denominado material, ou, alternativamente, tangível) aos patrimônios considerados em sua vertente antropológica (denominados imateriais ou intangíveis), até a concepção atual de que, à semelhança de um signo, todo bem cultural – categoria mais ampla e na qual os patrimônios se inserem – , se compõe, de modo inalienável, de duas facetas, uma perceptível pelos sentidos e definível por suas características físicas, e outra perceptível e/ou fruível pelo intelecto e pela emoção, definível por suas relações intrínsecas com o meio socioambiental no qual existe.

REFERÊNCIAS

A DÚVIDA do prêmio. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%20%20%20%20%20%22Jos%C3%A9%20Moura%20Moniz%22%20&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18692> .

Acesso em 15 jan. 2024

A HISTÓRIA do surgimento da Microbiologia: fatos marcantes. **Instituto de Microbiologia UFRJ**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em:

<https://www.microbiologia.ufrj.br/portal/pt/destaques/novidades-sobre-a-micro/384-a-historia-do-surgimento-da-microbiologia-fatos-marcantes#:~:text=A%20Microbiologia%20como%20conhecemos%20nos,ele%20nomeou%20como%20%E2%80%99Canim%C3%A1lculos%E2%80%9D>. Acesso em: 5 mar. 2022.

ABALADA; Victor Emmanuel Teixeira Mendes ; GRANATO, Marcus. Museus Universitários Brasileiros e Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: Relações e resultados iniciais de um mapeamento e relação. In: ENANCIB, 20., 2019, Florianópolis, SC. Anais[...]. Florianópolis, p 1-21. Disponível em:

<https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/download/650/665> . Acesso em 06 set. 2024.

ABREU, Lucas; QUEIROZ, Kim; ALMEIDA, Liz Mota. As três matriarcas, 2020. Disponível em:

<https://www.adufrj.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/80-atual/3281-as-tres-matriarcas>.

Acesso em: 19 mar. 2024.

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: FAPERJ; UNIRIO, 2003. p. 30-45. Disponível em:

https://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/15-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

ACADEMIA Brasileira de Ciências e os caminhos da pesquisa científica no Brasil: uma história entrelaçada, 100 anos da Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.abc.org.br/IMG/pdf/livro_abc_portugues_completo_versao_digital.pdf. Acesso em: 05 abr. 2024.

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Academia Brasileira de Ciências e os caminhos da pesquisa científica do Brasil**. Rio de Janeiro: ABC, 2024. Disponível em:

<https://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-6867.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ACADEMIA Nacional de Medicina (BRASIL). Regimento e Estatuto. Rio de Janeiro, 2024.

Disponível em: <https://www.anm.org.br/estatuto-e-regimento/>. Acesso em: 27 mar.2024.

ACADEMIAS Médico-Cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro. In: Dicionário da Administração Pública Brasileira do Período Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2024. Disponível em:

<https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/65-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-imperial/320-academias-medico-cirurgicas-da-bahia-e-do-rio-de-janeiro> . Acesso em 01 out. 2024

ACTOS DO CHEFE DE GOVERNO: exonerações e nomeações nas pastas de agricultura e justiça. Diário Carioca, 18 ago. 1931, p. 10. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&pesq=%22Staico%22&pas ta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=5821. Acesso em: 24 jan. 2024.

AGENOR Porto Guimarães. **Academia Nacional de Medicina**. Disponível em:

<https://www.anm.org.br/agenor-guimaraes-porto> . Acesso em: 20 jun. 2024.

AGOSTINHO, Michele de Barcelos. A Revista Arquivos e a Biblioteca do Museu Nacional: espaços de circulação e conservação das ciências naturais no brasil imperial **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, nº1, p. 81-92, jan./jun. 2013, p. 81-91. Disponível em:

<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/492/491>. Acesso em: 25 mar. 2024.

- ALFREDO, Antonio de Andrade. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Antonio_de_Andrade. Acesso em: 20 jun. 2024
- ALMEIDA, Magdalena Maria de. História oral e formalidades metodológicas. In: ENCONTRO HISTÓRIA ORAL, 3., 2012. **Anais [...]**. [S. n.: s. l.], 2012.
- ALOYSIO de Castro: biografia. **Academia Brasileira de Letras**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/aloisio-de-castro/biografia>. Acesso em: 8 jan. 2024.
- ALVES, José Jerônimo de Alencar. As ciências na academia e as expectativas de progresso e modernização: Brasil: 1916-1929. In: DANTES, Maria Amélia (ed.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. (Coleção História e Saúde). Disponível em: <https://books.scielo.org/id/fkbbh>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- ALVES, Vania Maria Siqueira; SCHEINER, Teresa. Museu, musealidade e musealização: termos em construção e expansão. In: GRANATO, M.; SCHEINER, T.; REIS, M. A. G. S.; BARRIOS, G. (Org.) Termos e Conceitos da Museologia: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral. Rio de Janeiro: Unirio, Mast, 2012. p. 99-111. Disponível em: https://www.academia.edu/48885327/Museu_Musealidade_e_Musealiza%C3%A7%C3%A3o_Termos_em_Constru%C3%A7%C3%A3o_e_Expans%C3%A3o_Resenha. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ANAIS de Microbiologia. Rio de Janeiro: UB; UFRJ, 1951-1982. Publicação Anual do Instituto de Microbiologia.
- ANCIÃES, Alfredo Ramos. Quando objectos de colecção falam das “tele”comunicações. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 129-143. Jan/jun. 2005.
- ANDRADE, Alfredo Antônio de. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/ANDRADE,_ALFREDO_ANT%C3%94NIO_DE. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ANDRADE, Alfredo de. História do Laboratório Químico do Museu. **Revista da Sociedade Brasileira de Química**, Rio de Janeiro, v. 18, ns.1-4, jan./dez. 1949. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Antonio_de_Andrade. Acesso em: 24 jan. 2024.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 2008. Disponível em: https://docplayer.com.br/21088233-Etnografia-da-pratica-escolar-marli-eliza-d-a-de-andre.html#google_vignette. Acesso em: 24 jan. 2024.
- ANTÔNIO Cardoso Fontes. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/antonio-cardoso-fontes>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transinformação**, v. 16, n. 2, p. 111-122, 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115651>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- ARAÚJO Bruno Melo; RIBEIRO, Emanuela Sousa; GRANATO. Documento elaborado pelos participantes do Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de Cultural de Ciência e Tecnologia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 4., 2016, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_cadernos_do_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia/pdf/GRANATO_RIBEIRO_ARAUJO_caderno_02_WEB_2017.pdf Acesso em 04 ago. 2024.
- ARAÚJO, Isabela de Lourdes. **Avaliação da profilaxia inicial pós-exposição da raiva humana, indicada em acidentes notificados com gatos, em Belo Horizonte/MG, no período de 2007 a 2016**. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/SMOC-ATHNM7/1/isabela_de_lourdes_ara_jo.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

ARCHIVOS do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semeiar/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_LOB_O-BRUNO.pdf. Acesso em: 17 jan. 2024.

ARQUIVO e conceitos: classificação de documentos, 2014. Disponível em: <https://arquivopublicors.wordpress.com/2014/03/26/arquivos-conceitos-classificacao-dos-documentos/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ARQUIVO Nacional (BR). **Departamento Nacional de Saúde**, 2019. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=682>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ARQUIVO Nacional (BR). **Serviço de Veterinária**, 2020. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/878-servico-de-veterinaria>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ARQUIVOS da Autora, 2019.

ARQUIVOS da Família Góes, 2016.

ARTHUR Alexandre Moses: 1886-1967. In: Carvalho, José Murilo de; Moreira, Ildeu de Castro. **Ciência no Brasil: 100 anos de ABC**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2017. Disponível em: https://www.abc.org.br/IMG/pdf/livro_abc_portugues_completo_versao_digital.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

ARTHUR Neiva. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/arthur-neiva/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ARTHUR Neiva. **Memória da Administração Pública Brasileira**, Brasília, DF, 2023. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/1162-artur-neiva>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ASSUMPTÃO, Maurício Torres. D. Pedro II e o Instituto Pasteur. Disponível em: https://www.conexaoparis.com.br/d-pedro-ii-e-o-instituto-pasteur/#google_vignette. Acesso em: 20 jun. 2024.

ATHAYDE, Marinalda de Arruda Melo. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira**. Rio de Janeiro, 02 mar. 2016.

ATLAS Histórico do Brasil: Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil. **FGV CPDOC**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/exposicao-internacional-do-centenario-da-independencia-do-brasil>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ATOS e decretos presidenciais do Presidente da República. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1950, p. 4 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&Pesq=%22maria%20de%20molina%20rondon%22&pagfis=50488>. Acesso em: 28 ago. 2022.

AVILA-PIRES, Fernando Dias de; ARAGÃO, Mário. A Ecologia até 1960: a contribuição brasileira. In: AVILA-PIRES, Fernando Dias; ARAGÃO, Mário. **A ecologia no Brasil na primeira metade do século XX**: 9-19. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1994. Disponível em: https://www.academia.edu/36656048/A_ecologia_no_Brasil_na_primeira_metade_do_s%C3%A9culo_XX_1. Acesso em: 19 jan. 2024.

AZEVEDO NETTO; FRAGOSO, Ilza da Silva. Instituições-Memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. **nf. & Soc.:Est., João Pessoa**, v.20, n.3, p. 169-173, set./dez. 2010.

BATISTA, Ricardo dos Santos. A formação inicial de Antônio Luis Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto: uma trajetória rumo à saúde internacional. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.3, p. 801-822, jul.-set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/zWMLWbKRCBnbmhcXQ67SMRK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Adolpho Lutz: um esboço biográfico. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 13–83, abr. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100002>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil** Rio de Janeiro: Ed, FIOCRUZ/Ed. UFRJ, 1999. Disponível em <https://books.scielo.org/id/6p4jp/pdf/benchimol-9788575413166-00.pdf> . Acesso em 06 ago. 2024.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (org.). **Brasil republicano: o tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BENJAMIN Antônio da Rocha Faria. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/benjamin-antonio-da-rocha-faria/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BENTO, Cláudio Moreira. Conde de Resende, o fundador do ensino militar acadêmico nas américas e do ensino superior civil no Brasil em 1792 e o criador da cidade e município de Resende em 1801. Disponível em: <https://ihp.org.br/?p=5291>. Acesso em: 23 jun. 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). **Biblioteca Nacional Digital: Hemeroteca**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

BIOGRAFIA: **Paulo de Figueiredo Parreiras Horta (1884 - 1961)**. Disponível em: <https://www.ohomemadoenca.com.br/biograf/Bioparreirashorta.html>. Acesso em: 15 jan. 2024

BOECKEL, Cristina. De uma pandemia a outra, a UFRJ faz 100 anos como uma das principais potências científicas do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/07/de-uma-pandemia-a-outra-ufjr-faz-100-anos-como-uma-das-principais-potencias-cientificas-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 01 jul. 2021.

BONAN, Cláudia. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 660–662, mar. 2005.

BORGES, Luís Carlos. Patrimônio cultural intangível, discurso e preservação. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (org.) *Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/930>. Acesso em: 29 set. 2021.

BORGES, Luiz Carlos. **PMUS: Seminários de pesquisa**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 10 set. 2021. (Notas de orientação de tese I).

BORGES, Luiz Carlos. **PMUS: Seminários de pesquisa**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 05 ago. 2022. (Notas de orientação de tese II).

BORGES, Luiz Carlos. **PMUS: Seminários de pesquisa**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 12 dez. 2023. (Notas de orientação de tese III).

BORGES, Luiz Carlos. **PMUS: Seminários de pesquisa**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 17 abr. 2024. (Notas de orientação de tese IV).

BORGES, Luiz Carlos; CAMPOS, Marcio D'Olne. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência. In: ENCONTRO REGIONAL ICOFOM LAM, 21., 2012, Petrópolis, RJ. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012, p. 112-123.

BORGES, Luiz Carlos; CAMPOS, Marcio D'Olne; PONTES; Maria Madalena Mattos. Tupinambá, Kayapó e Kuikuro e as revoluções na tecnologia de alimentos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO DE C&T, 4., 2016, Rio de Janeiro, RJ. **Anais**[...]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016, p. 489-516.

BRASIL. [Constituição (1988)]. . Brasília, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm . Acesso em: 1 jan. 2017.

BRASIL. Conselho Federal de Educação (C.E.F). Universidade Federal do Rio de Janeiro: credenciamento dos cursos de mestrado e doutorado. **DOCUMENTA**. Rio de Janeiro, n.110, jan.1970, p. 262-267.

BRASIL. **Decreto 8.659 e nº 8.661, de 5 de abril de 1911**. Aprova a lei Orgânica do Ensino Superior e do Fundamental na República. Brasília. DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 02 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 60.455-A, de 13 de março de 1967**. Aprova o Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 19 jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 24 735, de 14 de julho de 1934**. Prova, sem aumento de despesa, o novo regulamento do "Museu Histórico Nacional". Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24735-14-julho-1934-498325-norma-pe.html> . Acesso em: 06 ago. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/decreton57731.pdf> . Acesso em 06 ago. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915**. Brasília, DF: Presidência da República, 2021 Reorganiza o ensino secundário e o superior na República. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 03 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 21.240, de 04 de abril de 1932**. Nacionalizar o serviço de censura dos filmes cinematográficos, cria a "Taxa Cinematográfica para a educação popular e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: www.planalto.gov.br . Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 30.896, de 22 de maio de 1952**. DF: Presidência da República, 1952. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30896-22-maio-1952-339799-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Decreto nº. 14.343, de 07 de setembro de 1920**. Institui a Universidade do Rio de Janeiro. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 02 fev. 2021.

BRASIL. **Decreto-lei nº 8.393, de 17 de dezembro de 1945**. Concede autonomia, administrativa financeira, didática e disciplinar, à Universidade do Brasil, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 14 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 452, de 5 de julho de 1937**. Organiza a Universidade do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 14 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 4.831, de 5 de novembro de 1965**. Dispõe sobre as novas denominações das Universidades Federais das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce la documentation?** Paris: Edit, 1951.

BRITTO, Clovis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes (org.). **Estilhaços da memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico; Salvador, UFBA/CNPq, 2020.

BRULON, Bruno. **Passagens da Museologia: a musealização como caminho**. Revista Museologia e Patrimônio, v.11, n.2, p.189-210, 2018. Disponível em: [http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/722/657#:~:text=253\)%2C%20a%20musealiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20em,das%20publica%C3%A7%C3%B5es%2C%20etc.](http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/722/657#:~:text=253)%2C%20a%20musealiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20em,das%20publica%C3%A7%C3%B5es%2C%20etc.). Acesso 06 ago. 2024.

BRULON-SOARES, Bruno. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do Museu. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/ MAST - v. 5 n, 2, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/216/200> Acesso em: 15 abr. 2024

BRULON-SOARES, Bruno. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v.25, n.1, p. 25-37, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/025>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A pedagogia museológica e a expansão do campo científico da Museologia. In.: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGÍA: Nuevas tendencias en Museología, 36.,2014, Paris. Anais...Paris: ICOM, 2014. 5p. Disponível em: https://ceam2018.org/wp-content/uploads/2018/07/texto-2_cristina-bruno_museologia_questoes-centrais.pdf. Acesso em 08 jun.2024

BULCÃO, Lúcia Grando.; EL-KAREH, Almir Chaiban; SAYD, Jane Dutra. **Ciência e ensino médico no Brasil (1930-1950)**. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 469-487, abr./jun. 2007.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CABRAL, Dilma. Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. In: **Arquivo Nacional: Memória da Administração Pública Brasileira**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/57-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-colonial/171-escola-anatomica-cirurgica-e-medica-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 6 set. 2024

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. In: FONTES de informação para pesquisadores e profissionais. [S.l.: s.n.], 2007, p. 319-319. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-591579>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte et al. O destino das coisas e o do Museu Nacional. **Ventilando Acervos**, Florianópolis, vol. especial, n.1, p. 5-17, set. 2019. Disponível em : <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/e.-01-O-Destino-das-Coisas-e-o-Museu-Nacional.pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.

CAPITÃO Ahab. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada**. Rio de Janeiro, 11 dez. 2021.

CAPITÃO Barbosa. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada**. Rio de Janeiro, 22 out. 2021.

CAPITÃO Lourival. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada**. Rio de Janeiro, 21 out. 2021.

CAPITÃO Nemo. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada**. Rio de Janeiro, 15 nov. 2021.

CAPITÃO Simbad. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada**. Rio de Janeiro, 18 maio. 2021.

CAPITÃO Ulysses. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada**. Rio de Janeiro, 19 maio. 2021.

CARIBE, Rita de Cássia do Vale. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. João Pessoa, v.25, n. 3, p. 89-104, set./dez. 2015. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/23109/14530> . Acesso em: 06 ago.2024.

CARLOS Justiniano Ribeiro das Chagas. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/carlos-justiniano-ribeiro-das-chagas/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

CARRETA, Jorge Augusto. **O micróbio é o inimigo: debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904)**. Orientador: Maria Conceição da Costa. 182f. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Tecnológicas do Instituto de Geociências) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=501524> . Acesso em: 06 jul. 2024.

CARTA Comemorativa Centenário da UFRJ. Site Conexão UFRJ, 2020. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2020/09/07/carta-comemorativa-pelo-centenario-da-ufrj/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CARVALHO, José Murilo de; MOREIRA, Ildeu de Castro (org.). **Ciência no Brasil: 100 anos da ABC**. Rio de Janeiro: ACB, 2017. Disponível em: https://www.abc.org.br/IMG/pdf/livro_abc_portugues_completo_versao_digital.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

CARVALHO, Mariza. A descolonização das coleções coloniais: relato de uma experiência de curadoria com a coleção africana do Museu Nacional In: OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cássia Melo. De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019. p. 365-397.

CARVALHO, Sônia. **150 anos de história da Estação Ferroviária de Simplício**, 2021. Disponível em: <https://www.agorajornais.com.br/noticia/2853/150-anos-de-historia-da-estacao-ferroviaria-de-simplicio>. Acesso em : 19 jun. 2024.

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de; LIMA Jéssica Tarine Moitinho de. O patrimônio da Ciência e Tecnologia relacionado à produção geocientífica: o caso do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. In. GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de. **Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: instituições, trajetórias e valores, 2017, p. 131-149**. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_cadernos_do_patrimonio_da_ciencia_e_tecnologia/pdf/GRANATO_RIBEIRO_ARAUJO_caderno_01_WEB_2017.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

CASTRO, Aloysio de. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil: 1932-1970**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/CASTRO,_ALOYSIO_DE. Acesso em: 16 jan. 2024.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Disponível em: <https://teianeuronial.com/evolucionismo-cultural/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

CASTRO, César Augusto. **Biblioteconomia Brasileira: textos fundadores**. Maranhão: EDUFMA, 2023. Disponível em: https://www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2024/01/ebook_TEXTOS-FUNDADORES_Cesar-Castro-e-Diana-Rocha.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CASTRO, Francisco de. **Dicionário histórico-biográfico das Ciências da saúde no Brasil 1832-1970**. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/CASTRO,_FRANCISCO_DE. Acesso em: 28 jan. 2024.

CASTRO, Maria Helena Magalhães; SCHWARTZMAN, Simon. **Tecnologia para a indústria: a história do Instituto Nacional de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/pmcfq>. Acesso em: 28. ago. 2022.

CAYRES, Dilma. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira**. Rio de Janeiro, 08 mar. 2017.

CHAGAS, Áurea Ferreira. **Ceroplastia em acervos universitários: proposta de metodologia para estudo de modelos anatômicos preservados**. Orientadora: Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro. 96f Dissertação (Mestrado profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://site.mast.br/ppact/2022/dissertacao-completa/aurea-chagas.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CHAGAS, Mario de Souza. **Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática dos ecomuseus**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS, 2., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Núcleo de Orientação e pesquisa Histórica (NOPH), 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/275598704/Memoria-e-poder-contribuicao-para-a-teoria-e-a-pratica-nos-ecomuseus>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-estadual-de-londrina/historia-d-o-brasil/chau-i-m-brasil-mito-fundador-e-sociedade-autoritaria-liv/6092206> Acesso em: 15 fev. 2022.

COMISSÃO Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade do Brasil. **Regula as condições de admissão de candidatos ao grau de Doutor**. Resolução n. 1 de 1963. Rio de Janeiro: Coletânea das resoluções, 1961a. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/fundo-paulo-de-goes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

COMISSÃO Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade do Brasil. **Regula as condições de admissão de candidatos ao grau de Mestre**. Resolução n. 1 de 1964. Rio de Janeiro: Coletânea das resoluções, 1961b. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/fundo-paulo-de-goes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CONCEITO de coleção. Disponível em: <https://conceito.de/colecao>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CONSELHO Regional de Biblioteconomia, 7ª região. Rio de Janeiro, 2023.

COSTA, Carla. **A exposição nacional de 1908 na coleção família Passos**, 2018. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=11621>. Acesso em: 29 jan. 2024.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporã**: o ensino superior da Colônia à Era Vargas. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2007.

CURY, Maria Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In: Encontro Regional do ICOFOM LAM, 8, Coro, Venezuela, 1999. **Anais...** Venezuela, 1999.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Museu Nacional: o desenvolvimento da pesquisa científica 81 no Brasil dos séculos XIX e XX. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias. (org.). **Museu Nacional 200 anos**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2022. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18666/1/Museu-Nacional-200anos_site.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

DANTES, Maria Amélia (ed.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. (Coleção História e Saúde). Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557081570.0004>. Acesso em: 23 jan. 2024.

DAVALLON, Jean – Louis et al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

DECRETOS assinados em diversas pastas: o presidente assinou os seguintes decretos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 jan. 1945, p. 2 Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=%22maria%20molina%20rondon%22&pagfis=24448. Acesso em: 28 ago. 2022.

DEPARTAMENTO Nacional de Saúde Pública. **Memória da Administração Pública Brasileira**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=682>. Acesso em: 16 jan. 2024.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org.). **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

DIAS, Ezequiel Caetano. Traços Biográficos de Oswaldo Cruz. **Reimpresso das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, tomo XV, fac. L, 1922. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Oswaldo Cruz, 1922. Disponível em: <https://archive.org/stream/memsdoinstitutoo15inst#page/n93/mode/2up>. Acesso em: 28 jan. 2024.

DOCUMENTAÇÃO da Biblioteca do IMPG: [34 pastas; 34 fichas pautadas; 24 fichas catalográficas; 5 folhas manuscritas, 196?]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

DUTRA, Eurico Gaspar. **FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dutra-eurico-gaspar>. Acesso em: 28 ago. 2022.

EDSON, Gary. *Qu'est-ce qu'un musée?* In: MAIRESSE, François e DESVALLEES, André. *Vers une Redefinition du Musée*. Paris: L'Harmattan, 2007. p. 37-48.

ERNANI Carlos de Menezes Pinto. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/ernani-carlos-de-menezes-pinto/>. Acesso em: 22 jan. 2024

ESCOLA Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. In: **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/ESCOLA_ANAT%C3%94MICA,_CIR%C3%94RGICA_E_M%C3%89DICA_DO RIO DE JANEIRO. Acesso em: 06 set. 2024.

ESTRELA do Mar. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira Van Erven Louzada**. Rio de Janeiro, 11 nov. 2021.

EXPOSIÇÃO aborda 107 anos de interface entre ciência e arte. **Informe IOC**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3218, out. 2007. Disponível em: http://www.ioc.fiocruz.br/pages/informerede/corpo/informeemail/2007/1810/mat_03_18_10.html. Acesso em: 31 ago. 2019.

EXPOSIÇÃO Internacional do Centenário da Independência do Brasil. **Brasileira Fotográfica**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=exposicao-internacional-do-centenario-da-independencia-do-brasil#:~:text=No%20Rio%20de%20Janeiro%2C%20s%C3%A3o,Ind%C3%BAstrias%20Particulares%2C%20o%20restaurante%20Albamar>. Acesso em: 16 jan. 2024.

FALECIMENTOS. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 4 nov. 1948. p. 16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22maria%20molina%20rondon%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=50249. Acesso em: 28 ago. 2022.

FARIAS, Magna Loures; PONTES, Samantha Eunice de Miranda Marques; RANGEL, Marcio Ferreira. Biblioteca da Academia Brasileira de Ciências: perfil histórico da biblioteca por meio da análise de seu acervo bibliográfico. **BIBLOS**, v.35, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/12093>. Acesso em: 11 fev. 2024.

FÁVERO, Maria de Lourdes. A Universidade Federal do Rio de Janeiro: origens e construção (1920 a 1965) In: OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). A Universidade e os múltiplos olhares de si mesma. Rio de Janeiro: UFRJ / FCC / SiBI, 2007.

FERNANDO Augusto Ribeiro de Magalhães, **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/fernando-augusto-ribeiro-de-magalhaes/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flávio Coelho. A faculdade de medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. **Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. pp.59-80. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/livro/espacos-da-ciencia-no-brasil-1800-1930> Acesso em: 06 ago. 2024

FIORAVANTI, Carlos. **Memórias**: As ideias de Pasteur em nosso dia a dia. Revista FAPESP, v.322, p.91-93, 2022. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2022/12/090-093-memoria-322.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2024.

FIORAVANTI, Carlos. UFRJ – 100 anos: patrimônio centenário, 2020. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2020/09/042-045_ufrj-histo%CC%81ria_295NOVO.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

FONSECA, João. José. Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Leila de Souza. **Currículo da plataforma Lattes**, Brasília, DF, 15 jan. 2014. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3327526959691724>. Acesso em: 3 jun. 2016.

FONSECA, Maria Cecília L. *Patrimônio em Processo*: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2005

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. “As 'Conferências Populares da Gloria': a divulgação do saber científico”. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 135-166, nov-fev. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701996000400007&script=sci_arttext, Acesso em: 08 abr. 2009.

FÓRUM de Ciência e Cultura da UFRJ: História, 2022a Disponível em: <https://forum.ufrj.br/o-forum/historia/> . Acesso em 21 ago. 2024

FÓRUM de Ciência e Cultura da UFRJ: Museus, 2022b. Disponível em: <https://forum.ufrj.br/ciencia-e-cultura/museus/#:-:text=Por%20isso%2C%20a%20Universidade%20Federal,ordem%20de%2018%20entes%20museais> . Acesso em 06 ago. 2024.

FOTÓGRAFOS de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/home/fazendas/fazendas0001.html>. Acesso em: 26 jan. 2024

FRACALANZZA, Sérgio Eduardo Longo. **Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira**. Rio de Janeiro, 30 mar. 2016.

FRAGA, Clementino. **Vida e Obra de Oswaldo Cruz**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/fundo-paulo-de-goes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo Carneiro. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/fundo-paulo-carneiro>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GATOS pardos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 jul. 1959, p. 18. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=%22maria%20Rondon%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=108249. Acesso em: 28 ago. 2022.

GERAQUE, Eduardo. *À sombra de Pasteur*, 2002. Disponível em: https://lges.iqm.unicamp.br/canal_cientifico/lges_cultural/lges_cultural_cultura_quimica6-1.html . Acesso em: 20 jun. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2019a.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2019b.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIOVANELLA, L., ESCOREL, S., LOBATO, L. V. C., NORONHA, J. C., CARVALHO, A. I., eds. Sistema Único de Saúde: setores de atenção. In: Políticas e sistemas de saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, p. 458-738. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575413494> .Acesso em: 20 jun. 2024.

GÓES, Paulo de. **Paulo de Góes**: entrevista [jun. 1969]. Entrevistador: Edson Dias Teixeira. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. [Oito fitas cassetes]

GOMES, Iris Leite *et al.* Beribéri: um recorte histórico brasileiro e suas manifestações clínicas no século atual. In: Expociência, 5., Faculdade Metropolitana São Carlos, 2020. **Anais [...]**. São Carlos, FAMESC, 2020. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/vexpofamesc2020/trabalho/166093>. Acesso em: 3 jan. 2024.

GOMES, Letícia Nogueira. **O que nos conta a revista documenta**: sobre cursos que formavam professores de Matemática no Brasil (1962 1979). Orientadora: Maria Edneia Martins Saladin. 2019. 186 f. Dissertação (Faculdade de Ciências) – Universidade Estadual Paulista,

São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181965>. Acesso em: 25 ago. 2022.

GOMES, Sandra Lúcia Rébel; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha, SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Literatura cinzenta. In: FONTES de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000, p. 92-98.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/eh/a/FqBLtvWWzbkQGZQsb5jkrjr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 20 jun. 2024.

GONÇALVES, Tainara; DUARTE, Michelle Rezende; SILVA, Edson Pereira. **O método investigativo de Sherlock Holmes em “o sinal dos quatro”**: lições para o ensino de ciências. **RevistAleph**, Niterói (RJ), n.32, p. 65-80, julho

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Álbum Histórico do Instituto Biológico**: 86 Anos de Ciência em Sanidade Animal e Vegetal, 2013. Disponível em: <http://repositoriobiologico.com.br/jspui/handle/123456789/50>. Acesso em: 26 jan. 2024.

GRANATO, Marcus; Maia, Elias da Silva Santos, Fernanda Pires. Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro: descobrindo conjuntos de objetos de C&T pelo Brasil. *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*, v. 22, n.2, p. 11-34, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/3xtW4wdMDcl8YtZX8ynzSFp/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 25 mai. 2022.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Fernanda Pires. Os museus e a salvaguarda do patrimônio cultural de ciência e tecnologia no Brasil. In: GRANATO, Marcus (org.). **Museologia e patrimônio**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015. p. 79-119. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_mast_30_anos/pdf/capitulo_03.pdf. Acesso em: 25 ago. 2022.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Bem e patrimônio cultural. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. (Coord.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Textos e contextos de uma trajetória profissional, v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria do Estado de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 119-122.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceitos e Limites da preservação: uma visão museológica. In: CARVALHO, Luciana Menezes de; ESCUDERO, Sandra. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, v.3. [Buenos Aires, AR]:Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), 2020a. 130 p. p. 82-87. Disponível em: https://www.academia.edu/44047666/Waldisa_R%C3%BAssio_Camargo_Guarnieri Acesso em: 18 mar. 2022.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museologia e Ciências Humanas e Sociais. In: CARVALHO, Luciana Menezes de; ESCUDERO, Sandra. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, v.3. [Buenos Aires, AR]:Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), 2020b. 130 p. p. 54-61. Disponível em: https://www.academia.edu/44047666/Waldisa_R%C3%BAssio_Camargo_Guarnieri. Acesso em: 18 mar. 2022.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. O objeto da Museologia. In: CARVALHO, Luciana Menezes de; ESCUDERO, Sandra. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, v.3. [Buenos Aires, AR]:Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), 2020c. 130 p. p. 63-80. Disponível em:

https://www.academia.edu/44047666/Waldisa_R%C3%BAssio_Camargo_Guarnieri. Acesso em: 18 mar. 2022.

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. Uma bibliotecária a serviço da documentação. *Biblios, Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 3, n. 2, p. 14-30, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7117/5265>. Acesso em: 08 jun. 2022.

GUIMARÃES, Ana Rosa Gonçalves de Paula. O signo linguístico e as imagens: sobre representar e desvendar. *Interfaces*, v. 9, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.gnresearch.org/doi/10.5935/2179-0027.20180030>. Acesso em: 11 fev. 2024.

GUIMARÃES, Mário. 1808: um pernambucano na Corte. *Sociedade Brasileira de História da Medicina*, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20101009200156/http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=noticias&codigo=156>. Acesso em: 8 dez. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HANDFAS, Ethel Rosemberg. *O Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia nas Universidades*: os objetos e coleções da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Marcus Granato; coorientadora: Marta C. Loureiro. 2018. 184 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2018

HANDFAS, Ethel Rosemberg; GRANATO, Marcus. O Patrimônio Cultural Universitário relacionado à Ciência e Tecnologia no Brasil. In: Anais do II Seminário de Gestão do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia. 2013, p.106-132. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5oPK6bBbitBY3BKelFTUHVHTEU/view>. Acesso em 13 de maio de 2016.

HILÁRIO Soares de Gouvea. Disponível em: <https://www.anm.org.br/hilario-soares-de-gouvea/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

HISTÓRIA E LOUCURA. *Hospital Nacional dos alienados (1841-1944)*. Disponível em: <http://historiaeloucura.gov.br/index.php/hospital-de-pedro-ii>. Acesso em: 28 jan. 2024.

HISTÓRIA: 1916-1921. In: Carvalho, José Murilo de; Moreira, Ildeu de Castro. *Ciência no Brasil: 100 anos de ABC*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2017. Disponível em: https://www.abc.org.br/IMG/pdf/livro_abc_portugues_completo_versao_digital.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

HISTÓRIA: Academia Brasileira de Medicina. Disponível em: <https://www.abc.org.br/a-instituicao/sobreabc/historia>. Acesso em: 24 jan. 2024.

HOFFMANN, Maria Barroso. *Coleção Heloísa Alberto Torres*. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Livros/livro_SILVA-E-PAIVA-E-HOFFMANN.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.

HOMEM, Joaquim Vicente Torres. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/HOMEM,_JOAQUIM_VICENTE_TORRES. Acesso em: 11 out. 2022.

INGOLD, Tim. A Antropologia ganha vida. In: _____. *Estar vivo*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 25-41. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7861198/mod_resource/content/1/INGOLD_Estar%20Vivo.pdf Acesso em: 10 out.2024

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio cultural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em 06 ago. 2024.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ(IOC). **Carlos Burle de Figueiredo**. Disponível em: <https://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=150&sid=76>. Acesso em: 26 jan. 2024.

INTERNATIONAL Council of Museums, **ICOM statutes**. Praga, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776 . Acesso em: 06 set. 2024

INTERNATIONAL Council of Museums. **ICOM statutes**. Vienna, 2007. Disponível em: https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/2017_ICOM_Statutes_EN.pdf Acesso em: 16 ago. 2019.

JARED, Carlos Alberto Gonçalves Silva. O cientista Vital Brazil, o estabelecimento do Instituto Butantan e o mito das serpentes, 2018. 193 f. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

JOÃO Benjamin Ferreira Baptista. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/joao-benjamin-ferreira-baptista/>. Acesso em: 3 jan. 2024.

JULIÃO, Luís Guilherme. Nova gestão da ANM toma posse e quer voltar a aproximar médicos de pacientes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2015/07/14/nova-gestao-da-anm-toma-posse-e-quer-voltar-a-aproximar-medicos-de-pacientes.html>. Acesso em: 02. jan. 2024.

JUNQUEIRA, Pedro. Walter O. Cruz (1910-1957). **Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia**, v. 24, p. 155–157, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhh/a/5bKVtZ5cHysqLjrqrXT5jQj/?lang=pt> .Acesso em: 11 fev. 2024.

KLAJMAN, Charles. **O conhecimento científico divulgado pelos soldados de farda branca, através do Periódico Medicina Militar (1910-1923)**. 2011. 259 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/teses/dissertacao_charles_klajman.pdf. Acesso em: 3 jan. 2024.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939). São Paulo : Humanitas, 2012. 354 p. Disponível em: <https://spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/Adriana.pdf>. Acesso em 21 ago. 2024.

KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2010.

LABORATÓRIO DE HIGIENE DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**. Capturado em 30 jan. 2024. Online. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/LABORAT%C3%93RIO_DE_HIIGIENE_DA_FACULDADE_DE_MEDICINA_DO RIO DE JANEIRO . Acesso em: 26 jan. 2024.

LACERDA, Aline *et. al.* A imagem a serviço do conhecimento: um estudo sobre a ilustração científica no Instituto Oswaldo Cruz. **Cadernos de história da ciência**, v.12, n.1, p.09 -111, 2016. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/cadernos/article/view/33858> . Acesso em 06. set. 2024.

LARA, Marinalda Lopes Ginezda. Documento e significação na trajetória da Ciência da Informação. In: RODRIGUES, Ana Célia; MARCONDES, Carlos Henrique; FREITAS, Lídia Silva (*org.*). **Documento**: gênese e contextos de uso. Niterói: EdUFF, 2010.

LE COADIC, Yves-François. A ciência da informação. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**, v. 37, p. e74611, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfcHxwYm3Q8zB/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2024.

LEGISLAÇÃO sobre patrimônio cultural. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 366p. Disponível em: https://www.mpma.mp.br/arquivos/COCOM/arquivos/centros_de_apoio/cao_meio_ambiente/manuais/Noticia5575A4733.pdf. Acesso em: 06 ago. 2024.

LE GOFF, Jacques. História e Memória, Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 06 out.2024

LEMOS, Leonardo Hermes; KARPINSKI, Cezar. Representação da informação e Ecomuseu: interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.25, n. 2, p. 262-284, jun/2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/smVx9xrdYfnhzRfCjvnJqGG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2024.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70, 1986.

LIMA, Cristina Maria Garcia de *et al.* Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, jan. 1996. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691996000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 dez. 2021.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter)ativo. In: **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação.**, 8., 28 a 31 de outubro de 2007. Salvador, Bahia: ENANCIB, 2007.

LINHA do tempo. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/linha-do-tempo>. Acesso em: 26 jan. 2024.

LOBO, Bruno. Conferência sobre a Ilha da Trindade. **Imprensa Nacional: Arquivos do Museu Nacional**, v.21, p.105-160. Sessão Comemorativa do Centenário do Museu Nacional, 1919. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semeiar/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_LOBO-BRUNO.pdf. Acesso em 21 ago. 2024.

LOPES, Gabriel. Anopheles gambiae no Brasil: antecedentes para um “alastramento silencioso”, 1930-1932. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.3, jul.-set. p. 823-839, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/SRJMQR6zwQgGrgqzWYXMmw/?format=pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX.** São Paulo: Hucitec, 1997. 368p.

LOPES, Maria Margaret. **Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, p. 73-95, jun. 2008. Supl. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/mpZwTTwgsjyqpXXRqZ6hMSD/?format=pdf>. Acesso em: 05 abr. 2024

LOPES, Maria Margaret. **Sobre fragmentos da produção do conhecimento museológico no nordeste brasileiro:** uma entre muitas outras possíveis introduções In: BRITTO, Clovis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes (org.). *Estilhaços da memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil.* Goiânia:

Editora Espaço Acadêmico; Salvador [BA]: Observatório da Museologia na Bahia [UFBA/CNPq], 2020. p. 9-26.

LOURENÇO, Marta C. **Between two worlds**: the distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe. 2005. Tese (Doutorado em Epistemologia e História da Tecnologia)– Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris, 2005. Orientadores: Profs. Drs. Dominique Ferriot e Steven de Clercq.

LOURENÇO, Marta C. **O patrimônio da ciência**: importância para a pesquisa. *Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 50, p.47-5, Jan/Jun de 2009. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/45/25> Acesso em 06 jul. 2024.

LOURENÇO, Marta C.; WILSON, Lydia. **Scientific heritage**: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. *Studies in History and Philosophy of Science*, v. 44, p. 744-753, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0039368113000538> Acesso em: 10 ago.2024

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. **MIDAS**, n.1, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/78>. Acesso em: 19 abr. 2019.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. O Objeto de museu como documento: um panorama introdutório. **Em questão**, vol. 25, n. 1, p. 13-36, 2019. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/4656/465657930001/html/> Acesso em: 20 ago. 2024.

LOUZADA, Ana Paula Alves Teixeira Van Erven. **A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes e a construção dos campos da microbiologia e da biblioteconomia**: uma contribuição para os estudos da história da ciência no Brasil. Orientadora: Icléia Thiesen, 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/10835/Versao%20Final%20-%20Dissertacao%20-%20Ana%20Paula%20Alves%20Teixeira%20van%20Erven%20Louzada%2017.08.2017.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LOUZADA, Ana Paula Alves Teixeira Van Erven; Thiesen, Icléia. Memória e inovação: o aporte científico brasileiro na formação do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPPG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). In: **CADERNOS do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: epistemologia e políticas**. Recife: EdUFPE, 2020, p. 193-212. Disponível em: https://www.academia.edu/45559716/Cadernos_do_Patrim%C3%B4nio_da_Ci%C3%A2ncia_e_Tecnologia_epistemologia_e_pol%C3%ADticas. Acesso em: 20 jun. 2024.

LUGARES de memória: museus e entes museais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2024. Disponível em: <https://xn--memria-dxa.sibi.ufrj.br/index.php/lugarmemo/museus-e-entes-museais> Acesso em 17 set. 2024

LUIZ da Cunha Feijó Júnior. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/luiz-da-cunha-feijo-junior/>. Acesso em: 3 jan. 2024.

MAGALHÃES, Amílcar. A epopéia de Rondon. **Cruzeiro**: a revista, Rio de Janeiro, ano 35, n. 2, p. 60-80, jun. 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22maria%20de%20molina%20rondon%22&pagfis=112433>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE; Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amélia; OMOTE; Sadao. (org.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: EdUEL, 2003.

- MARANDINO, Martha. **O Conhecimento Biológico nas Exposições de Museus de Ciências**: análise do processo de construção do discurso expositivo. Orientador: Myriam Krasilchik.434f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/09/marandino_2001.pdf. Acesso em: 24 jun. 2024.
- MARCOLIN, Neldson. Memória: um sábio na selva. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo n. 105, p. 10-11, nov., 2004. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-sabio-na-selva/>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARIA de Molina Rondon. **Family Search**. 2021. Disponível em: <https://ancestors.familysearch.org/pt/M75Z-FWZ/maria-de-molina-da-silva-rondon-1907>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- MARIA Molina Rondon. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 23, outubro, 1998. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&Pesq=%22Maria%20de%20Molina%20Rondon%22&pagfis=258206. Acesso em: 22 jun. 2022.
- MARIA Rondon. In: Documentação da Biblioteca do IMPG: **[34 pastas; 34 fichas pautadas; 24 fichas catalográficas; 5 folhas manuscritas,196?]**.Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.
- MAROEVIC, I. O papel da musealidade na preservação da memória. In: Simpósio Anual Museologia e Memória. 1997, Paris. **Anais...** Paris, Conselho Internacional de Museus/ICOM, 1997.
- MARTINS, Ygor. “Antônio Dias de Barros”. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: **Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde**, 2018. Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-psi/medicos/>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Estudo de caso etnográfico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 25, n.2, p. 167-180, 2001. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/46516> . Acesso em: 25 abr. 2022.
- MASSUIA, Rafael da Rocha. **Marxismo e literatura**: a recepção do pensamento de György Lukács em Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. (Coleção PROPG Digital - UNESP).
- MELO, Kelvin. A história da UFRJ: e assim nasceu a Universidade do Rio de Janeiro. **Jornal da ADUFRJ**, Rio de Janeiro, 07.set. 2020, p. 4. Disponível em: https://www.adufrj.org.br/images/WEB-STANDARD_1145E.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.
- MENDES, José Amado – O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências atuais. **Didaskalia**, Lisboa. v. 29, n. 1/2, p. 667-692, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MONTEIRO, Márcia Ladeira. **Música e canto orfeônico no projeto educacional brasileiro**: institucionalização e difusão (1930-1946). Orientador: Márcia Regina Romeiro Chuva, 2019. 364 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- MOREIRA, Carlos Alberto *et al.* (Org.). Os diretores do Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro: **Museu Nacional/UFRJ**, 2008. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf. Acesso em: 26 jan. 2024.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 627–651, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000600004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 fev. 2024.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MUSEU da Vida (FIOCRUZ). **Forno de Pasteur**: estufa de esterilização por calor ou ar quente a seco. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/museologico/objeto-em-foco/acervo-museologico-forno-de-pasteur>. Acesso em: 23 abr. 2024.

MUSEU de Astronomia e Ciências Afins. Carta do Rio. Disponível em: <http://www.mast.br/images/pdf/Carta-do-Rio-de-Janeiro-sobre-Patrimnio-Cultural--da-Cincia-e-Tecnologia.pdf>. Acesso em: 13.jul. 2020.

MUSEU NACIONAL. **O Museu Disponível**. Em: <https://museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html#:~:text=Criado%20por%20D.,cultural%20e%20econ%C3%B4mico%20do%20pa%C3%ADs.&text=Como%20museu%20universit%C3%A1rio%2C%20tem%20perfil%20acad%C3%AAmico%20e%20cient%C3%ADfico>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MUSEU VIRTUAL [da] Faculdade de Medicina da UFRJ, 2012. Disponível em: <https://archive.ph/oWTtj> Acesso em: 19 jun. 2024.

NAMER, Gérard. **Mémoire et société**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NOGUEIRA, Maria Fernanda. A formação do profissional bibliotecário a partir do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1911-1969). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28. 2019, Espírito Santo. **Anais [...]** Vitória: FEBAB, 2019, p. 1-20. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/3325>. Acesso em: 28 ago. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 15 mar. 2016.

NOTICIÁRIO marítimo. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, 1916. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=008567&pagfis=36991>. Acesso em: 3 jan. 2024.

ODDONE, Nanci. **Ciência da Informação em perspectiva histórica**: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da documentação: Brasil, 1930-1970. 2004. 157 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2004.

ODDONE, Nanci. Lydia Sambaquy e a Biblioteca do Dasp: contribuições para a constituição do campo biblioteconômico no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 77-91, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/55046>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ODDONE, Nanci. **O IBBD e a informação científica**: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.35, n.1, p. 45-56, jan/abr. 2006. Disponível: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152/1315> . Acesso em 06 ago. 2024.

OELEMANN, Walter Martin Roland. **Currículo Lattes**. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do> . Acesso em jul.2020.

- OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (Org.). Discurso de posse do Reitor Inácio Manuel Azevedo do Amaral, em 27 de novembro de 1945. Disponível em: <https://memoria.sibi.ufrj.br/index.php/acervos/discursos/discorso-de-posse-do-reitor-inacio-manuel-azevedo-do-amaral-em-27-de-novembro-de-1945>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. **Uma breve história da UFRJ**. Projeto Memória, Divisão de Memória Institucional - SiBI / UFRJ, Rio de Janeiro: SiBI / UFRJ, 2008. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2019/09/uma-breve-historia-da-ufrj/>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de; QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros (Org.). **Universidade e lugares de Memória II**. Rio de Janeiro: UFRJ / FCC / SiBI, 2009.
- OLIVEIRA, Chico de. O significado de cultura no Século XX, 2020. Disponível em: <https://chicodeoliveira.blogspot.com/2020/08/o-significado-de-cultura-no-seculo-xx.html>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- OLIVEIRA, Eliane Braga.; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 311-328, 2011. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/183851>. Acesso em: 01 set. 2024.
- OLIVEIRA, Karla Cristina Damasceno. **Museus e redes de solidariedade: poder e conflito no Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo**. Orientador: Luiz Carlos Borges, 2017. 283 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- OLIVEIRA, Paula Maria de. **Hospital de São Sebastião (1889-1905): um lugar para a ciência e um lazareto contra as epidemias**. 2005. 119 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/3988/000001.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- OLIVEIRA, Ricardo Lourenço de; CONDURU, Roberto. Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 335-84, mai./ago. 2004.
- OLYMPIO da Fonseca Filho. **Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/pages/personalidades/OlympioDaFonsecaFilho.htm>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Práticas sociais de fabricação da memória. **Rua**, v.26, n.2, p. 511-527, 2020.
- ORLANDI, Ana Paula. Arquivologia: nos bastidores da ciência. **Pesquisa Fapesp**. Ed.299. jan.2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/nos-bastidores-da-ciencia/>. Acesso em: 26. jan. 2024.
- ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da documentação: subsídios para história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectiva em Ciência da informação**, v.14, n. especial, p. 59-79, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/nBnHLXhntbdShKvpM8tT3rB/?format=pdf&lang=pt>. Disponível em: 18 de fev. 2022.
- ORTEGA, Cristina Dotta; TOLENTINO, Vinicius de Souza. O livro: do objeto ao documento na prática bibliográfica. **Biblios: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da informação**, v. 25, ed. esp., p. 2-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73474/44749>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- OSWALDO Gonçalves Cruz. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/oswaldo-goncalves-cruz/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

OTLET, Paul (1868-1944). Tratado de documentação: o livro sobre o livro, teoria e prática. Organizado por Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2018. *Traité de Documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934. Disponível em

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5357199/mod_resource/content/1/LIVRO_TratadoDeDocumenta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em 15 dez. 2021.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. O patrimônio histórico: objeto de pesquisa do historiador.

História Unicap, v. 4, n. 7, jan./jun. de 2017. Disponível em:

https://redib.org/Record/oai_articulo2721159-o-patrim%C3%B4nio-hist%C3%B3rico-objeto-de-pesquisa-do-historiador. Acesso em: 25 ago. 2022.

PAULO de Figueiredo Parreiras Horta. **Academia Nacional de Medicina**. Disponível em:

<https://www.anm.org.br/paulo-de-figueiredo-parreiras-horta/>. Acesso em: 20 jun. 2024

PEDRO de Almeida Magalhães. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024.

Disponível em: <https://www.anm.org.br/pedro-de-almeida-magalhaes/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

PEREIRA, Ana Maria et al. As contribuições de Paul Otlet para a biblioteconomia. Florianópolis (SC): Editora ACB, 2018. Disponível em: <https://www.acbsc.org.br/wp-content/uploads/2018/08/EBOOK-Paul-Otlet-ACB-vers%C3%A3o-final-revisada-22-08-2018.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

PERSONALIDADES: Carlos Chagas. **Revista da Vacina**: Ministério da Saúde, Centro Cultural de Saúde, 2024. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/personas/chagas.html>.

Acesso em: 20 jun. 2024.

PIKE, Kenneth L. **Phonemics**. A technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1971.

PINHEIRO, Lena Vania R. Horizontes da informação em museus. In: GRANATO, Marcus;

SANTOS, Claudia Penha; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer. (org.) **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008, v. 10, p. 81-102. Disponível em:

<http://www.mast.br/publicacoesmuseologia/Mast%20Colloquia%2010.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio

epistemológico e campo interdisciplinar. 1997. 276 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/35> Acesso

em: 12 abr. 2024.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: O CAMPO da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: UFPB, 2002.

PINHEIRO, Lena Vânia. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

PIRES, Débora de Oliveira. 200 anos do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017. Disponível em:

https://www.museunacional.ufrj.br/200_anos/doc/200_anos_do_Museu_Nacional.pdf Acesso em: 30 abr. 2024.

PISTA. **Infopédia**, 2023. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pista> Acesso em: 12 fev. 2023.

PITELLA, José Eymard Homem. O banco de dados do Prêmio Nobel como indicador da internacionalização da ciência brasileira entre 1901 e 1966. **História, Ciências, Saúde** –

- Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.2, p. 569-590, abr.-jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/WkT8N5cJwvRDs4pxsSwFGjM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941> . Acesso em: 25 ago. 2022.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: VV. AA. **Enciclopédia Einaudi 1: Memória História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997, p. 51-86.
- PORTO, Agenor. Da vida de um médico. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1962.
- PRATA, Aluísio. Amadeu Cury. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 41, n.5, set./out. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822008000500023 Acesso em: 9 jan. 2024.
- PRIMEIRO Congresso Brasileiro de Hygiene: as sessões de hotem, moções aprovadas. **Jornal do Comercio**, 07 de outubro de 1927. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Antonio%20Lin%20de%20Barros%20Barreto%22&pagfis=12010. Acesso em: 26 jan. 2024.
- QUEIROZ, Andrea **Uma breve história da UFRJ**. Disponível em: <http://memoria.sibi.ufrj.br/index.php/noticia/14-historiadaufrj>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- RAIMUNDO Augusto de Castro Muniz de Aragão. **FGV CPDOC**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/raimundo-augusto-de-castro-muniz-de-aragao>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- RAMOS, Maria. Rocha Lima: **o pai dos rickettsias**, 2021. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/historia/rocha-lima-o-pai-das-rickettsias/>. Acesso em: 26 de jan. 2024.
- RAMOS, Roberta. Professor da Univali destaca a importância de Fritz Müller na semana do bicentenário do cientista. Univali, 2022. Disponível em: <https://www.univali.br/noticias/Paginas/Professor-da-Univali-destaca-a-import%C3%A2ncia-de-Fritz-M%C3%BCller-na-semana-do-bicenten%C3%A1rio-do-cientista.aspx> Acesso em: 10 dez. 2023.
- RANGEL, Márcio Ferreira. A cidade, o museu e a coleção. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, p. 301-310, mar. 2011, Rio de Janeiro. Disponível em: http://bases.eci.ufmg.br/cgi-bin/wxis/?IscScript=/xampp/htdocs/bases/bibeci_search.xis&search_action=mostrat&search_fom=0000010863 Acesso em: 20 fev. 2022.
- RAUL de Leitão da Cunha. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/raul-leitao-da-cunha/>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- REBOUÇAS, M.M. Henrique da Rocha Lima, resgate de documentos: a ciência no século XX e a sua permanência no século XXI, 2006. Disponível em: http://www.biologico.agricultura.sp.gov.br/uploads/docs/pag/v2_2/rocha_lima.htm. Acesso em: 26 jan. 2024.
- REBOUÇAS, Márcia Maria *et al.* O Instituto Biológico e seu Acervo Documental. Cadernos de História da Ciência – **Instituto Butantan** – vol. V, n. 1, jan/jun 2009. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/cadernos/article/view/35762> . Acesso em: 15 jan. 2024.

REBOUÇAS, Márcia Maria. **Henrique da Rocha Lima**: um processo do conhecimento contemporâneo 1879-1956. Disponível em: <http://www.biologico.sp.gov.br/page/nossa-gente/henrique-da-rocha-lima>. Acesso em: 26 jan. 2024

RELAÇÃO dos alunos aprovados no curso de biblioteconomia da Biblioteca Nacional de 1916 a 1943. **A Biblioteca**: A DASP, Rio de Janeiro, v.5, n.7-12, p. 86-91, jul./dez. 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=068306&pasta=ano%20194&pesq=%22Biblioteca%20Nacional%22&pagfis=646>. Acesso em: 28 ago. 2022.

REVISTA da Sociedade Brasileira de Ciências (RJ): 1917- 1976. Rio de Janeiro, 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=372986&pagfis=410>. Acesso em: 20 jun.2024

REZENDE, Eliane. História oral: o que é? Para que serve? Como se faz? São Paulo: **Gestão de Informação e Memória Institucional**, 2021. Disponível em: <http://eliana-rezende.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

RIBEIRO, Emanuela Souza. Museus em Universidades Públicas: entre o campo científico, a pesquisa e a extensão. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 4, p. 88-102, maio/jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16366/14654>. Acesso em 06 ago. 2024.

RIGOLI, Mariana et al. Museus e museologia: conceitos e relações em retrospectiva. In: SCHEINER, Teresa Cristina Moletta; GRANATO, Marcus (org.). Museus e museologia na América Latina: compartilhando ações para a pesquisa, a qualificação profissional e a valorização de estratégias inclusivas. Rio de Janeiro, RJ: UNIRIO, 2020, p. 322-337. Disponível em <https://www.unirio.br/ppg-pmus/livrocompletoMUSEOLOGIAAMRICALATINA25fev.pdf>. Acesso em 18 ju.2024

ROCA, Andrea. Devolver aos indígenas seu lugar na história argentina: tempos, temporalidades e histórias no museu etnográfico da cidade de Buenos Aires. In: OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cássia Melo. De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019. p. 103-123

RODOLPHO Galvão. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/rodolpho-galvao/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: **ed. Fiocruz**, 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3yKuCQAAQBAJ&pg=PA183&lpg=PA183&dq=Luiz+da+Cunha+Feijo+filho&source=bl&ots=i5Wei4LZZa&sig=ACfU3U2tGjGhwcRrviMAjCAp7GyBioYOiA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiGoqrQpYaEAXUFqpUCHetFCKI4KBD0AXoECAMQAw#v=onepage&q=Luiz%20da%20Cunha%20Feijo%20filho&f=false>. Acesso em 20 jun. 2024.

ROZITCHNER, Leon. **Freud y los limites del individualismo burguês**. Espanha: Biblioteca Nacional, 2013, p. 511. Disponível em: https://proletarios.org/books/Rozitchner-Freud_y_los_limites_del_individualismo_burgues.pdf . Acesso em 20 jun. 2024.

RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1oi8RX1xODgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false> Acesso em 05 ago. 2024

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil. **Cad. Saúde pública**, v. 34, n.12, p. 1-5, 2018.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csp/a/V5GfSxW89Nk66H4tLXxZr7N/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 jun. 2022.

SÁ, Nysia Oliveira de. Repositórios de recursos educacionais livres: bases teóricas para o desenvolvimento da pesquisa. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 346-360, 2015.

SALA da Congregação.[treze objetos fotografados], 2022.

SANTOS, Araci Alves; SANTOS, Nadja Paraense dos. O Museu Nacional e a difusão da química- a importância do Museu Nacional na história da ciência do país. In: PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA, 2010. Disponível na

Internet: <http://bibcegos.nce.ufrj.br/hcte/downloads/sh/sh3/trabalhos/araci%20e%20Nadja.pdf> Acesso em: 20 jun. 2024

SANTOS, Paola. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago. 2007.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/sHj8wYXXTRMRfG9KZXnSVXD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SCHAFF, A. A Sociedade Informática: as consequências sociais na segunda revolução industrial. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. São Paulo: Editora da UNESP: Brasiliense, 1995.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs**: memória coletiva e experiência. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 1 jun. 2023.

SILVA, André Felipe Cândido da. **A trajetória de Henrique da Rocha Lima e as relações teuto-brasileiras (1901-1956)**, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ZTdBMHHgtzCqn3PHqBcdqCn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SILVA, André Felipe Cândido da. Um brasileiro no Reich de Guilherme II: Henrique da Rocha Lima, as relações Brasil-Alemanha e o Instituto Oswaldo Cruz, 1901-1909. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p. 93-117, jan.-mar. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/88TDfDgKTjcwrsRYfsTPq8zN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho, GOMES, Henriette Ferreira. Conceitos de informação na Ciência da Informação: percepções analíticas, proposições e categorizações. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v.25, n.1, p. 145-157, jan./abr. 2015. Disponível em:

https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2015/12/pdf_22d51b99a9_0000007714.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, Neide Verçosa e. “Raul Leitão da Cunha”. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde, 2019.

Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-psi/medicos/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SIMÕES, Paschoal Martini. **História**: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Ginecologia, 2020. Disponível em: <https://ig.ufrj.br/historia/> Acesso em: 1 jan. 2023.

SITE do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG), 2022. Disponível em:

<https://www.microbiologia.ufrj.br/ensino/> . Acesso em: 20 jun. 2024.

SOCIEDADE Brasileira para o Progresso da Ciência. Henrique da Rocha Lima (1879-1956), 2024. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/historico/presidentes-de-honra/henrique-da-rocha-lima-1879-1956/#:~:text=Participou%20da%20funda%C3%A7%C3%A3o%20da%20Escola,e%20a%20Medalha%20Bernhard%20Nocht>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SOCIEDADE Brasileira para o Progresso da Ciência. Henrique da Rocha Lima (1879-1956), 2024. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/historico/presidentes-de-honra/henrique-da-rocha-lima-1879-1956/#:~:text=Participou%20da%20funda%C3%A7%C3%A3o%20da%20Escola,e%20a%20Medalha%20Bernhard%20Nocht>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SOCIEDADE de Medicina de Pernambuco. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil** (1832-1970). Disponível em: <https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/dicionario>. Acesso em: 06. Set. 2024

SOCIEDADE de Medicina do Rio de Janeiro. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/SOCIEDADE_DE_MEDICINA_DO_RIO_DE_JANEIRO. Acesso em: 2 jan. 2024.

SOSTER, Sandra Schmitt. **Gestão do Patrimônio Cultural Brasileiro**: participação cidadã em políticas, processos e tecnologias. Orientador: Anja Pratschke, 2022. 322 f. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Carlos, São Paulo, 2022. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7c/Gest%C3%A3o_do_Patrim%C3%B4nio_Cultural_Brasileiro%3B_participa%C3%A7%C3%A3o_cidad%C3%A3_em_pol%C3%ADticas%2C_processos_e_tecnologias.pdf Acesso em 06. Set. 2024

SOUBIRAN, Sébastien et. al. Initiatives européennes et Patrimoine Universitaire. **La Lettre de l'OCIM**, Dijon, França, n. 123, p. 5-14, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ocim/229?lang=en> Acesso em 17 set. 2024.

SOUZA, Edson Luiz André. Memória barroca. In: SOUZA, Edson Luiz André. (Org.). **Psicanálise e colonização**. Leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1999. p. 183-189.

SOUZA, Flavia Pacheco Alves de. O naturalista viajante do museu nacional. In: NOTAS de um naturalista do sul do Brasil: **Fritz Müller**: história da ciência e contribuições para a biologia. São Bernardo do Campo, SP: EdUFABC, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p29ph/pdf/souza-9788568576809-04.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2022.

STENGERS, Isabelle. **Quem tem medo da ciência**: ciência e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990.

SUASSUNA, Ítalo (março de 2006). Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000100013#:~:text=O%20alarme%20congregou%20nomes%20que,Oswaldo%20Cruz%20e%20Vital%20Brasil. Brasileiros pioneiros na história da microbiologia médica. 1. Rocha Lima (1879 - 1956). Acesso em: 26 jan. 2024.

SUCUPIRA, Newton. A livre-docência: sua natureza e sua posição no ensino superior brasileiro. **Fórum**, Rio de Janeiro, 1(3): 3-42, 1977. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/fe/article/download/87407/82220>. Acesso em: 30 jan. 2024.

SULLIVAN, Silva; SILVA, Carlos Alberto. Expedição Trindade: ilha capixaba atrai pesquisadores do país inteiro. A Gazeta, Espírito Santo, 2019. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/expedicao-trindade-ilha-capixaba-atrai-pesquisadores-do-pais-inteiro->

[1219#:~:text=Por%20causa%20da%20sua%20posi%C3%A7%C3%A3o,para%20os%20militares%20e%20pesquisadores](#). Acesso em: 9 jan. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA DE ARQUIVO PÚBLICO. Adelaide de Almeida Orro, 2020. Disponível em: <http://atom.apmt.mt.gov.br/index.php/br-mtapmt-ao-130-00030-1>. Acesso em: 06 jun. 2022.

TEIXEIRA, Luiz Antonio; ALMEIDA, Marta de. Os primórdios da vacina antivariólica em São Paulo: uma história pouco conhecida. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, p. 475-98, 2003.

TEIXEIRA, Rodolfo Memória histórica da faculdade de medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995). Salvador: **EDUFBA**, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16773/1/memoria-historica-faculdade-medicina.pdf> . Acesso em: 24 jan. 2024.

TFOUNI, Leda Verdiani *et al.* O paradigma indiciário e as ciências humanas: psicanálise e análise do discurso. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. spe, p. 1256-1270, dez. 2016 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000400012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2023.

THIESEN, Icléia. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do rio de janeiro. **Enc. Bibli.** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. esp., p. 15-26, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p15/383>: Acesso em: 3 mar. 2022.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: UFPB, 2013.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral e contemporaneidade. **São Paulo: ed. Paz e Terra, 1998**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8062252/mod_resource/content/1/Thompson_Paul-%20A%20voz%20do%20Passado%20-%20A%20Entrevista%20%281%29.pdf. Acesso em: 21 jan. 2022.

TRAVASSOS, Luiz Rodolpho Raja Gabaglia. As vitórias do —Doutor calouroll. Pesquisa FAPESP, São Paulo, v. 196, p.24-29, jun. 2012. Entrevista concedida a Carlos Fioravanti e Neldson Marcolin. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/luiz-rodolpho-raja-gabaglia-travassos-as-vitorias-do-doutor-calouro> . Acesso em: 30 maio 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **História**: Faculdade de Medicina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Disponível em <https://www.medicina.ufrj.br/index.php/pt/institucional/historia>. Acesso em 21 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Instituto de Microbiologia: Produção científica do Instituto de Microbiologia 1950-1995. Rio de Janeiro: UFRJ, [1995].

VALLADA, Edgard Pinto. **Manual de técnicas hematológicas**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1999.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VERBETE biográfico: Cury Amadeu. **FGV CPDOC**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cury-amadeu>. Acesso em: 23 abr. 2019.

VIEIRA, Antonio pe. Sermão da primeira domingo do Advento. Pregado na Capela Real, ao ano de 1650. In: -----. **Sermões**. SP: Três, 1974. P. 51-76. (Obras imortais da nossa literatura, 43).

VIEIRA, Marina Cavalcante. A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a exibição de índios botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. **Horizontes antropológicos, Rio de Janeiro**, v.53, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/3023?lang=en>. Acesso em: 20 jun. 2024.

VITAL Brazil Mineiro da Campanha. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.anm.org.br/vital-brazil-mineiro-da-campanha/>. Acesso em: 06 set.2024.

WANDERLEY, A. C. T. Breve cronologia de Carlos Chagas (1878-1934). **Brasiliana Fotográfica**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=15090>. Acesso em: 9 jan. 2024.

ZARUR, Dahas Chade. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. **The Acta Médica Misericoridæ.**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 17-20, 1999. Disponível em: http://www.actamedica.org.br/publico/noticia.php?codigo=29&cod_menu=29. Acesso em: 10 dez. 2023.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
(PPG/PMUS)**

O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título: “O patrimônio científico-tecnológico na trajetória do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPG) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): vestígios de memórias nas anotações de Maria Rondon.”

OBJETIVO DO ESTUDO: Investigar a existência do Museu da Microbiologia no Instituto de Microbiologia Paulo de Góes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você está sendo convidado para a participar dessa pesquisa, sob a orientação do Prof. Luiz Carlos Borges. A pesquisa objetiva investigar a existência do Museu de Microbiologia no Instituto de Microbiologia (IM), atual IMPG. Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos coletando informações para a elaboração de uma tese de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). No caso de participação, você tem o direito de retirada de consentimento, ressarcimento, indenização e devolutiva dos resultados desse estudo. Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida profissional/estudantil.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma entrevista individual que durará aproximadamente 1 hora, bem como utilizaremos seu trabalho final como parte do objeto de pesquisa.

GRAVAÇÃO: Todas as entrevistas serão gravadas em áudio. O material será ouvido por mim e será marcado com um número de identificação, durante a gravação e, seu nome não será utilizado. O documento que contém a informação sobre a correspondência entre números e nomes permanecerá trancado em um arquivo digital. Os áudios serão utilizados somente para coleta de dados. A realização da entrevista será realizada à distância e, de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Na modalidade presencial, protocolos relacionados ao cuidado com o contágio pelo Coronavírus, são seguidos pelo pesquisador, com vacinação em dia.

A partir da sua autorização a entrevista será gravada e, posteriormente, armazenada em arquivo digital, acessível apenas à pesquisadora e ao orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme CNS N° 466 de 2012 e CNS N°510 de 2016.

Você também conta com uma entrevistadora experiente que estará atenta a qualquer sinal de mal-estar apresentado por você e lhe fará os encaminhamentos necessários à sua assistência.

Este estudo não oferece riscos reais a sua integridade física, moral, psíquica, social e econômica. Ainda assim, o questionário e a entrevista têm o risco potencial de gerar desconforto. Você tem o direito de não responder perguntas que lhe causem desconforto e pode desistir de participar do estudo a qualquer momento sem que isto lhe traga prejuízo. Você também pode solicitar que determinadas falas não sejam registradas ou gravadas.

Você não receberá pagamento pela sua participação no estudo. Em caso de alguma despesa relacionada à pesquisa, você terá o direito de ser ressarcido(a), bem como é seu direito recorrer a indenização de acordo o Código Civil (Lei 10.406 de 2002, sobretudo nos artigos 927 a 954, dos Capítulos I (Da Obrigação de Indenizar) e II (Da Indenização), Título IX (Da Responsabilidade Civil), caso se sinta lesado moral ou fisicamente.

Os benefícios relacionados a sua participação são de contribuir para o conhecimento científico sobre a formulação e desenvolvimento de projetos alinhados ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PUMS). Os resultados da pesquisa serão divulgados por meio da publicação de artigos e apresentação em congressos e eventos, em que seu nome não será identificado.

RISCOS: Você pode achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista colaborará com o desenvolvimento acadêmico e científico brasileiro, mas não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você fornecerá mais informações sobre o lugar e relevância desses escritos para própria instituição em questão.

CONFIDENCIALIDADE: Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa, no qual você seja identificado. Seu nome não aparecerá na descrição de áudios ou formulários a serem preenchidos pelos pesquisadores. Assim como nenhuma publicação, partindo destas entrevistas, revelará os nomes de quaisquer participantes desse estudo.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada no âmbito do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IMPG/UFRJ). Possui vínculo com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, através do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, sendo a aluna Ana Paula A. Teixeira V.E. Louzada, a pesquisadora principal, sob a orientação do Professor Luiz Carlos Borges.

Os investigadores estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, contacte o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Avenida Pasteur, 296 – Subsolo do prédio da Nutrição – Urca – Rio de Janeiro - RJ – Cep.: 22290-240 no telefone 2542-7796 ou no e-mail cep@unirio.br

Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura: _____

—

Data: _____

—

Endereço _____

—

Telefone _____ de _____ contato

Assinatura

(Pesquisador): _____

Ana Paula A. Teixeira V. E. Louzada.

Doutoranda PPG-PMUS (UNIRIO/MAST)/Responsável Técnico pela pesquisa

Email: alvesana7107@gmail.com – celular (21) 971483035

Apêndice B – Primeira página

APÊNDICE B -- PRIMEIRA PÁGINA

Páginas	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
PRIMEIRA PÁGINA	01	Rolos de filmes. (145 metros)	Instituto Nacional de Cinema (I.N.C.E) <u>Morphogenesis of bacteria.</u> Biologia	Apagada da Educação e Saúde. Cópia. A data: agosto 939 – 2ª parte Cine Kodak reversal sound recording film, 16 mm, 1 rolo. 400 fl. Emmil 5257-258 test on side.
	02	Verso	
	03	1 lata (1/4) contendo penas e agulhas	
	04	I.N.C.E. lata com filme (SEM INDICAÇÕES)	
	05	FOLHETOS AVULSOS	a) Revista de Veterinária e zootecnia. Rio de Janeiro, ano VIII, nº 2, 1918.	
	b) Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cadeira de Bacteriologia. Contribuição ao estudo das septicemias hemorrágicas.		These em 1904 a ser defendida por Paulo de Figueiredo Pareira Horta.	
	c) Micrococcus Osteoporose N.SP. A casa – inchada ou osteoporose das equideas (Micrococcus Osteoporosi, N. SP) pelo Paulo de Figueiredo Pareira.		Extraído da Revista Veterinária e Zootecnia, RJ, 1915.	
	d) Trypanosoma Chagas N. SP. Pelo Dr. Paulo Horta		Reimpresso do "Brazil medico", nº 28 de 22/07/1910 Manguinhos, RJ, 1910.	

Fonte: Compilado pela autora (2022)

Apêndice C – Segunda página

APÊNDICE C – SEGUNDA PÁGINA				
Páginas	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
SEGUNDA PÁGINA	05	FOLHETOS AVULSOS	e) Contribuição ao estudo das dermatomicozes no Brasil " Microsporan Flarecens", n.sp. agente duma novatinha microscopia...por Paulo Horta.	Reimpresso de " memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Tomo III, fasc.II, 1911 R.J. Manguinhos, 1911.
			f) Novatinha p microscopia brasileira (microscosan flavescens n. sp. Pelo Dr. Paulo Horta).	Reimpresso do "Brazil Médico" nº6, 8/2/1911 RJ. Manguinhos, 1911.
			g) O epizootia de Biquassú pelo Dr. Paulo Horta.	Reimpresso pelo Brazil Médico nº8, 22/2/1911. RJ, Manguinhos, 1911.
			h) Bruno Lobo, no Instituto de Paraense de História de Medicina aos 30/04/1949.	Por Luiz Araujo, Belém, Pará (Bruno Álvares da Silva Lobo)
			i) Rui Barbosa por Bernardino Machado	Lisboa, Imprensa Nacional, 1923.
			j) João Batista de Lacerda, comemoração do centenário de nascimento, 1846-1946.	RJ, Museu Nacional
			k) Acção impediante exercida pelo estanho, em papel, sobre " o desenvolvimento das culturas de tuberculose" pelo Dr.A.Fontes.	Reimpresso das memórias do Inst. O.C. Tomo 20, fasc.2, 1927, RJ. Manguinhos 12/03/1928
l) Das infecções primitivas das cobaias pelo Trichophyton gypseum asteroides SAB, pelo Dr.Paulo Horta. (título em alemão)	Reimpresso das "Memórias do Inst. O.C., Tomo IV, fasc.1, 1912. Manguinhos, 1912.			

Fonte: Compilado pela autora (2022)

Apêndice D – Terceira página

APÊNDICE D – TERCEIRA PÁGINA				
Página	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
TERCEIRA PÁGINA	05	FOLHETOS AVULSOS	m) L'charmaine parasitaire au Brésil, par P.F. Parreiras Horta.	Extrait de la Revue Sudaméricane de médecine et chirurgie, n°2, Fev.1930.
			n) O totemismo da cholera, por Dr. F.Fajardo.	Extr. Anais da Academia Nacional de Medicina, 1898.
			o) Publicações da Rev. Médica de S.Paulo do hematozoário do Beri-Beri e seu pigmento.	Demonstração de preparadas feitas à Academia Nacional Medicina em sessão de 29/04/1898, pelo Dr, Francisco Fajardo.
			p) Bol. De Inst.O.C.	Suplemento das memorias jan. 1921, fasc.1. RJ. Manguinhos 1921.
			r) Ensaio de bacteriologia e clínica, Dr. F Fajardo	Typ. Bernard Frères, 1893.
			s) Univ. Popular livre. Moletias Tropicais, por Dr. Francisco Fajardo, 3ª lição.	Rio de Janeiro, Typ. da gazeta de Notícias, 1902
			t) Publicações do Brazil Médico. O impaludismo no Rio de Janeiro, notas para o estudo de suas formas clínicas.	Rio de Janeiro, Typ. Bernard Frères, 1902.
			u) Significado e projecção da obra de Garcia d'Horta, por J.Fraga de Azevedo. Lisboa, 1964.	Sep. do Jornal da Soc. De Ciências Médicas de Lisboa, 128, n.5, 1964.
v) Comptes Rendus de Séances de l'academe d'agriculture de France..	Tomo 14, année 1928, n.16			

Fonte: Compilado pela autora (2022)

Apêndice E – Quarta página

APÊNDICE E – QUARTA PÁGINA				
Página	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
QUARTA PÁGINA	05	FOLHETOS AVULSOS	w) Annales de Parasitologie humaine et comparée extrait Les astérinées parasites de l'homme.	La piedra por Maurice Langeson, tomo VII, nº 4, juillet 1929.
			x) A piroplasmose bovina no Rio de Janeiro, pelo Dr. Fajardo.	São Paulo, Esc. Typogr., 1901.
			y) Estampas de 1 – 24 estampas 1....por impressão em lamínula de uma colônia de b. Coli desenvolvida em 20 horas a 37°C em meio de gelose com ácido citrico	Pelo May – Griwalds' giemsa...imm 1/000 7x visão binocular, seiss
			z) Soc. Brasileira de Ciencias	Conferencia do Dr. Bruno Lobo sobre "Hugo de Vries e sua obra"
Fonte: Compilado pela autora (2022)				

Apêndice F – Quinta página

APÊNDICE F – QUINTA PÁGINA				
Página	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
QUINTA PÁGINA	06	CARTAS	1875, nº 11, pasta nº 14, Fev. Blumenau. Carta de Fritz Muller ao Dr. Ladislau Netto, enviando-lhe de Joinville Sta Catharina, uma noticia sobre os órgãos odoríferos de Myscelia.	Pasta: 04 Apêndice L
			Pasta contém nº117, pasta nº 1. Carta de Frederico Muller, ao Diretor do Museu Nacional, acusando o recolhimento do officio pelo qual lhe comunicou a nomeação de naturalista – viajante do Museu Nacional, datada de 15 de abril 1876.	Pasta: 04 Apêndice L
			1876 – nº 140, pasta nº15 Officio de 23 de dezembro, de Frederico Muller ao Diretor do Museu Nacional, comunicando-lhe (sic) a remessa de uma colleção de plantas para herbário do Museu colhidas de plantas para o Herbário do Museu colhidas, na sua maioria nos campos, nos campos do oeste da Serra do Itajay, e que está preparando uma outra de vários objetos zoologicas	Pasta: 04 Apêndice L
			1877 – nº 15, pasta nº16, Blumenau. Carta de fevereiro 5, de Frederico Muller ao Diretor do Museu Nac. Comunicando-lhe a remessa de uma caixinha contendo objectos zoologicos, destinados ao Museu	Pasta: 04 Apêndice L
			Mai 12, Blumenau Carta de Frederico Muller ao Dr. Ladislau Netto sobre assuntos de seu trabalho como naturalista – viajante.	Pasta: 04 Apêndice L
			1877 – nº 106, pasta nº16. Blumenau. Carta de Frederico Muller ao Diretor Dr. L. Netto da informações sobre estudos que está fazendo sobre Lepidoptens.	Pasta: 04 Apêndice L
			1877 – nº 1877, nº 121, pasta 16 Blumenau Carta de Frederico Muller ao Diretor do Museu Nacional, remetendo uma descrição dos órgãos odoríferos de Danais.	Pasta: 04 Apêndice L

Fonte: Compilado pela autora (2022)

Apêndice G – Sexta página

APÊNDICE G – SEXTA PÁGINA				
Página	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
SEXTA PÁGINA	06	CARTAS	1877 – nº 137, pasta n.16, 8/11 Carta de Frederico Muller ao Diretor do Museu Nacional.	Pasta: 04 Apêndice L
			1877 -- nº 144, de 28/11 Blumenau. Carta de Frederico Muller ao Dr. Ladislau Netto sobre borboletas.	Pasta: 04 Apêndice L
			1877 -- nº154, pasta nº16 de 23/12. Carta de Frederico Muller, Nat.Viaj.do Muller Nac ao Dr. Ladislau Netto, trata dos trabalhos e preparo de colleções para Museu das quais envia uma nota.	Pasta: 04 Apêndice L
			1878 -- nº16, pasta nº17. Officio de 05/03 de Frederico Muller ao Diretor do Museu Nacional, comunicando-lhe a remessa de uma colleção de lepidopteses da Provincia de Sta. Catarina	Pasta: 04 Apêndice L
			1878 – nº 47, pasta nº17. Carta de 03/06 de Frederico Muller ao Diretor do Museu Nacional, enviando-lhe um pequeno trabalho sobre a prega costal das hesperídeas, dando notícia de sua excursão a um afluente de Itajahy	Pasta: 04 Apêndice L
			1878 – nº 39, pasta 17, Blumenau, Sta Catarina. Carta 02/05 de F. Muller ao Dr. L.Netto, diretor do M.Nac. comunicando-lhe o resultado dos trabalhos e estudos feitos na sua excursão pela provincia de Sta Catarina.	Pasta: 04 Apêndice L

Fonte: Compilado pela autora (2022)

Apêndice H – Sétima página

APÊNDICE H – SÉTIMA PÁGINA				
Página	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
SÉTIMA PÁGINA	06	CARTAS	1878 – nº 62, pasta 17, Blumenau, Carta de 10/07 de Frederico Muller ao Diretor do Museu Nacional, informando-o dos trabalhos que tem feito para o Museu.	Pasta: 04 Apêndice L
			1888 – 11 Cartas de Frederico Muller Doc.nº pasta	Pasta: 04 Apêndice L
Fonte: Compilado pela autora (2022)				

Apêndice I – Oitava página

APÊNDICE I – OITAVA PÁGINA				
Página	Número atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
OITAVA PÁGINA	06	CARTAS	Apontamentos do Professor Parreiras Horta	Pasta 19 e 34 Apêndice L
			Lista de documentos do Instituto Pasteur enviados ao Dr. Paulo de Góes, incluindo a correspondência de Pasteur ao D Pedro II, e um rascunho de uma carta de D.Pedro II a Pasteur.	Pasta 8 Apêndice L
			Cartas e documentos do Prof. Parreiras Horta	Pasta 19 e 34 Apêndice L
			Fichas correspondentes às peças relacionadas no Museu de Microbiologia	Anexo 11 ao 13
Fonte: Compilado pela autora (2022)				

Apêndice J – Nona página

APÊNDICE J – NONA PÁGINA				
Página	Número Atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
NONA PÁGINA	06	CARTAS	Doctor em Ciências Naturais honoris causa, de la Universidad de Buenos Aires, 31/08/22.	Pasta 21 Apêndice L
			Sócio Benemérito da Sociedade Fluminense de Agricultura e Industria Rurais 28/09/22.	Pasta 21 Apêndice L
			Requerimento do Prof. Bruno Lobo ao Tesouro Nacional, solicitando certidão de que não continuou a receber vencimentos no cargo de Prof da Fac. de Med. do RJ, depois de ter optado pelos vencimentos de diretor do Museu Nacional. Acompanha outro requerimento Prof. Bruno Lobo ao Tribunal de Contas sobre o mesmo assunto 27/11/22. Acompanha outro requerimento do Prof. B. L. ao diretor da Fac. Med. RJ, sobre o mesmo assunto. 01/12/22.	Pasta 22 Apêndice L
			Carta acusando o recebimento do telegrama oficial nº 824.200 do Ministério da Agricultura, Indústria e comércio sobre acumulações remuneradas, convidando o referido Prof. e Diretor do Museu Nacional a optar por um dos cargos, da cathedra de Microbiologia da Fac. de Med. ou Diretor de Museu. Nac. 04/12/22 (2 cópias)	Pasta 22 Apêndice L
			Cópia da carta do Diretor em Comissão do Museu Paulista ao Prof. Bruno Lobo, acusando recebimento do telegrama comunicando que deixará a diretoria do Museu Nac. Ass. Affonso de E. Taunay.	Pasta 22 Apêndice L
			Carta do encarregado de negócios da Tchecoslováquia ao Professor Bruno Lobo, agradecendo exames gratuitos realizados em jovens da Tchecoslováquia chamados ao Serviço militar 26/02/23.	Pasta 24 Apêndice L

Fonte: Compilado pela autora (2022)

Apêndice K – Décima página

APÊNDICE K – DÉCIMA PÁGINA				
Página	Número Atribuído	Formato documental	Descrição	Observações
DÉCIMA PÁGINA	06	CARTAS	Socio Honorário da Soc Brasileira de Belas Artes. 03/06/24	Pasta 21 Apêndice L
			Sócio correspondente da Soc. Médica e cirurgia de Santos. 30/09/25	Pasta 21 Apêndice L
			Concessão de acréscimo de 10% sobre os vencimentos do prof. Bruno Lobo por ter completado 15 anos de serviço effectivo no magistério em 22/09/23. Ass. Washington Luis P. Souza, Presidente da República, em 14/1/1927.	Pasta 22 Apêndice L
			Carta do Diretor Acadêmico da Fac. de Med. da URJ ao prof. Bruno Lobo para representação do corpo discente junto às congregações.	Pasta 24 Apêndice L
			Carta do Diretor da Fac. Med. RJ, convidando o prof. Bruno Lobo para reger a cadeira de Microbiologia do curso de Pharmácia durante o corrente ano. Ass. Fernando Magalhães, 08 /06/1931.	Pasta 20 Apêndice L
			Sócio effectivo da soc Geografia do RJ 08/09/1934.	Pasta 21 Apêndice L
Fonte: Compilado pela autora				

Apêndice L – Conteúdo das pastas

Pasta	Fichas	Descrição
01	Carlos Chagas Livro de ponto do Curso Normal da Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil(UB), de 1933 a 1934.	A pasta contém o livro de ponto “ Clínica Tropical, 1934, pelo Prof. Carlos Chagas. Assinatura de Carlos Chagas e o sumário da lição: março a outubro de 1933; março de 1934 a outubro de 1934.
02	Professor Bruno Lobo; Professor Moura Moniz Livro de ponto do Curso Normal de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade da UB, 1944-1952.	A pasta contém o livro de ponto do curso normal de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Assinatura de Bruno Lobo e sumário da lição: junho de 1944 a dezembro de 1944; janeiro de 1945 a dezembro de 1945 (algumas assinaturas de Paulo de Goés). A Partir de 08 de fevereiro 1946, posse e assinatura do novo professor catedrático, J.Moura Muniz. Assinatura e sumário da lição: fevereiro 1946 a agosto de 1952. Notas: 01 de outubro de 1949, festa acadêmica - (aniversário da Faculdade). 06 de maio de 1952, luto na faculdade, do professor Osório.
03	Barão de Mamoré Carta a Louis Pasteur em nome de Pedro II, Imperador do Brasil, sem data. Sete cartas endereçadas a Louis Pasteur e uma declaração sobre a impressão, que ele deixou em uma visita à Instituição.	A pasta contém cópias de 7 cartas, endereçadas a Louis Pasteur: 1) carta de D.Pedro II, para vir ao Brasil. Rio, 19/10/1884; 2) carta...30/11/1885; 3) carta reiterando o convite a Pasteur para vir ao Brasil, estudar a febre amarela, Petrópolis, 11/03/1885; 4) carta...Petrópolis, 14/04/1886; 5)carta...Petrópolis, 29/12/1886. 6) cartas. Petrópolis, 19/10/1887; 7)cartas. Petrópolis, 4/12/1888. Cópia da Declaração de D.Pedro II: “brevemente descreverei a Pasteur sobre a favorável lembrança que deixou-me a visita que me apressei logo a fazer ao estabelecimento tão humanitário que a elle deve minha Pátria” Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1888.
04	Frederico Müller 1)Frederico Muller 9 cartas ao Dr Ladislau Netto c/ desenhos ilustrativos 1887-81, 1888; 2) Frederico Muller, 12 cartas e 1 ofício dirigidas ao Dr. Ladislau Netto, Diretor do Museu Nacional, 1876 a 1878.	A pasta contém 9 cartas (manuscritas em português) de Frederico Müller ao Dr. Ladislau Netto com desenhos ilustrativos 1877-1881, 1888. 12 cartas: 1) carta e ofício de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional,15/10/1876; 2) ofício de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, comunicando a remessa de uma coleção de plantas para o Herbário do Museu, 23/12/1876; 3) carta de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 05/02/1887; 4) carta de Frederico Müller, naturalista viajante do Museu Nacional, ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 02/09/1877; 5) Fritz Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 06/10/1877; 7) carta de Fritz Müller ao Diretor do Museu Nacional, Itajahy, 08/11/1877; 8) carta de Frederico Müller, naturalista viajante do Museu Nacional, Itajahy, 23/12/1877; 9) ofício de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, comunicando a remessa de uma coleção de lepidópteros da Província de Santa Catarina, 05/03/1878; 10) carta de Frederico Müller ao Diretor do Museu Nacional, Blumenau, 03/06/1878; 11) carta de Frederico Müller ao Dr. Frederico Muller, diretor do Museu Nacional, Blumenau, 02/05/1878; 12) carta de Frederico Müller, Blumenau, 10/07/1878.
05	Trabalhos sobre raiva, bibliografia 1887 a 1911	A pasta contém 1 pequeno caderno com referências bibliográficas,(manuscritas), em várias línguas sobre o estudo da raiva.
06	Hildegardo de Noronha 4º caderno de notas de Pathologia Médica, tomadas na aula do Dr. Pedro Almeida Magalhães, 07 de agosto de 1902 --continua-	A pasta contém 1 pequeno caderno manuscrito numerado (374 páginas) de notas, em língua portuguesa da Pathologia médica, tomado por Hildegardo de Noronha na aula do Dr. Pedro Almeida Magalhães.

07	Trabalhos inéditos vários assuntos e autores, sem datas.	A pasta contém 1 caderno, de autoria desconhecida (manuscrito em português) referente a epizootia de Santa Catarina, 1909-1910; 4 folhas avulsas (manuscrito em português) de autor desconhecido sobre dermatite crônica atrófica. Notas, em português, sobre os mosquitos dos Estados Unidos por L.O.Howard (1900).; 4 filipetas (Ministério da Agricultura): verificação com cultura leptospira ichteroides em meio de conservação de Noguchi, semeada a 16/03/1929. "Repique em 08-05-1929" 1 folha de papel almaço (pautada) manuscrita sobre leptospira ichteroides (Le Blanc, 28.12.23)
08	Museu Pasteur Lista de documentos enviados pelo Instituto Pasteur para sua fundação no Instituto de Microbiologia(IM), s. data.	A pasta contém 1 lista datilografada dos documentos (em francês) de interesse para a fundação do Museu Pasteur (Museu a ser fundado no Instituto de Microbiologia). Documentos reunidos e anotados por Pasteur Vallery-Radot.
09	Cartas de vários ministros a vários destinatários,1907,1918,1927,1928.	A pasta contém 1 carta (manuscrita em português) por Arthur Neiva, endereçada ao Dr. Rocha Lima. Data: Rio, 23/01/1907
10	Cartas de vários ministros a vários destinatários,1907,1918,1927,1928.	A pasta contém 1 carta (manuscrita em português) por Sheorge Staico, endereçada ao Doutor Parreiras Horta. Recife, 01/09/1928. Conteúdo: "Processos verbais de necropsia e de tuberculização, officios e medidas de profilaxia referentes a tuberculose"
11	Cartas de vários ministros a vários destinatários,1907,1918,1927,1928.	A pasta contém 2 cartões (datilografados) por José Rodrigues da Silva, destinado a Prof. Paulo de Góes acompanhando o livro de registro da matéria didática do prof. Carlos Chagas (vide pasta 1), Data: Rio, 31/1/1962.
12	Cartas de vários ministros a vários destinatários,1907,1918,1927,1928	A pasta contém uma carta (sem assinatura) manuscrita em português, endereçada ao Dr. Costa Velho, Leopoldina, relatando epidemia em animais da Fazenda de Ouro Fino, EFCB, Estação de Benjamin Constant-Minas. Data: 14/02/1918.
13	Cartas de vários ministros a várias destinatários,1907,1918,1927,1928	A pasta contém 1 cópia de carta (manuscrita em português) por Carlos Chagas, endereçada ao professor. Rocha Lima. Data: 02/02/1925. Carta manuscrita (Instituto Oswaldo Cruz) por Carlos Chagas, destinada ao prof. Rocha Lima, sem data.
14	Cartas de vários ministros a várias destinatários,1907,1918,1927,1928	A pasta contém 1 carta, manuscrita(francês) por Dr. Brumpt (sem destinatário) Montevideo (Grand Hotel). Data 25/02/1927.
15	Trabalhos inéditos de autores desconhecidos, s/data	A pasta contém 5 filipetas manuscritas em português (nota preliminar). <i>Trypanosoma Chagasi</i> por Parreiras Horta (assistente do Instituto Oswaldo Cruz); Data: Manguinhos, 09/07/1910; 6 filipetas datilografadas (inglês) sobre o vírus da tuberculose (Sem autoria).Dezessete folhas manuscritas (português) Doença de <i>Nicolas-Favre</i> por Parreiras Horta.
16	Registros de autopsias: 1) Dr. Antonio Lins de Barros Barreto "Typhus icteroides" 17/9/1919. 2) Dr. Carlos Burle de Figueiredo "Typhus icteroides" 17/09/1919. 3) Dr. Rocha Lima "Febre amarela" s/data	A pasta contém 01 registro de autópsia, nº 1211, por Dr. Antonio Lins de Barros Barreto, feita em 17/09/1919 diagnóstico: <i>Typhus icteroídes</i> . 01 registro de autópsia, sem número, por Dr. Carlos Burle de Figueiredo, feita em 11/05/1926. Diagnóstico anatômico. " <i>Typhus icteroídes</i> ". Estudo de diagnóstico de "Febre amarela P.C 46634", s/data, por. Dr. Rocha Lima..
17	Professor J. de Moura Moniz. Considerações sobre Vital Brasil na Faculdade de Medicina.	A pasta contém 11 folhas datilografadas em português Considerações sobre Vital Brasil na Faculdade de Medicina. " Um homem e um exemplo", escritas pelo Professor J.de Moura Moniz.
18	Professor Paulo de Figueiredo Parreiras Horta. 1) trabalhos inéditos, s/data. 2) 2 extratos de "Patologia Geral" RJ, 1919-20	A pasta contém "extratos" de "Patologia Geral", Rio de Janeiro, Brasil: 1) Um novo micetoma de grãos negros produzidos pela "madurella Oswaldoi,n.sp.",1919 (contribuição para o estudo dos micetomas no Brazil),pelo P.F.Parreiras Horta. 2) trabalhos inéditos. "Dois cazos de micoses pseudo-diftéricas, 1920.
	--continua--	

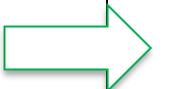
19	<p>Professor Paulo de Figueiredo P. Horta</p> <p>1)Rascunho de carta ao Min.Agricultura, s/ass. 2) Recorte de“ O Paiz” 14/09/1930, referências elogiosas transcritas da “Revue générale de med. Vétérinaire de Paris,”Vétérinaire de Paris” 3) Diploma Grande oficial da Ordem do Mérito Médico. 06/10/59. 4) Diploma da medalha da vitória, 19/04/1960), ex membro da Missão Médica (1914/1918)</p>	<p>A pasta contém 13 filipetas de rascunho (manuscrito) da carta do Professor Paulo de Figueiredo Parreiras Horta ao Ministro da Agricultura. 1 folha com um recorte. Nome da matéria “repercussão expressiva”, na publicação “O PAIZ”, de 14/09/1930. 1 diploma da Cruz da Campanha, 1914 a 1919, ao Professor Paulo de Figueiredo Parreiras Horta, por ter servido, um semestre e dois meses, como membro da Missão Médica Militar, enviada à França, por ocasião da primeira guerra mundial. 1 Diploma da Medalha da Vitória, concedida ao Professor Paulo de Figueiredo Parreiras Horta, ex membro da Missão Médica Militar, enviada à França, em caráter militar, por ocasião da primeira guerra mundial. 1 papel timbrado (Estados Unidos do Brasil) com a nomeação pelo Presidente da República ao Professor Doutor Paulo de Figueiredo Parreiras Horta, para a classe Grande Oficial da Ordem do Mérito Médico, pelos relevantes serviços prestados à Medicina e ao Magistério nacionais. Data RJ. 08/09/1959.</p>
20	<p>Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo</p> <p>8 diplomas de nomeação: Hospício Nacional de Alienados, 1902; Polícia do DF, 1907; Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 2ª seção, 1908; Hospício de Nossa Sra. da Saúde,1910; Faculdade Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, Caderno de Anatomia e Histologia. Patológica, 1911; Faculdade Medicina do Rio de Janeiro, Professor extraordinário, 1911; Museu Nacional, direto, 1915; Faculdade Medicina, regência cadeira Microbiologia, 1931.</p>	<p>As pastas contém 1 papel timbrado (Estados Unidos do Brasil) com a nomeação de“Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo para o lugar de Diretor do Laboratório anatomo-pathológico do Hospício Nacional de Alienados”. Data 22/08/1907. Cadeira de Microbiologia do Curso de Pharmacia, convite do Diretor da Faculdade de Medicina para a Regência Cadeira de Microbiologia durante o ano de 1931. Assinado por Fernando Magalhães, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 1 papel timbrado (Estados Unidos do Brasil) com a nomeação de “Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo para o lugar de médico-legista da Polícia do Distrito Federal” Data: RJ, 18/12/1907. 1 papel timbrado (Estados Unidos do Brasil) com a nomeação de “Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo para o lugar de substituto da segunda secção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”. Data: RJ, 02/10/1908. 1 papel timbrado (Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro) com a nomeação de“Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo para o lugar de médico encarregado dos serviços de analyses anatomo-pathológicas do Hospício de Nossa Senhora da Saúde, gratuitamente” RJ, 08/08/1910. contém 1 papel timbrado (Estados Unidos do Brasil) com a nomeação de“Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo, professor extraordinário effectivo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para o lugar de Professor ordinário da cadeira de anatomia e histologia pathológicas, da mesma faculdade” Data: 05/04/1911. 1 papel timbrado (Estados Unidos do Brasil) com a nomeação de“Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo, professor Extraordinário effectivo da cadeira de anatomia e histologia pathológicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Data: RJ, 06/04/1911. 1 papel timbrado (Estados Unidos do Brasil) com a nomeação de“Doutor Bruno Álvares da Silva Lobo para exercer de acordo com o Regulamento aprovado pelo Decreto, nº 9.211, de 15 de dezembro de 1911, o cargo de Director do Museu Nacional. Data: RJ, 11/08/1915. 1 documento, “convidando o Prof. Bruno Lobo para reger a cadeira de Microbiologia do Curso de Pharmacia, durante o corrente anno, com a gratificação constante de respectivo orçamento interno. Data: RJ, 08/06/1931.</p>
21	<p>Dr. Bruno Álvares da Silva Lobo - Diplomas e títulos de sócios</p> <p>--continua --</p>	<p>A pasta contém 1 documento da Facultad de Ciências de la Universidade Mayor de San Marcos de Lima, nomeando Bruno Lobo como membro honorário, Lima, 18/07/1919. 1 documento da Sociedade Fluminense de Agricultura e Indústria Rurais de Niterói, tornando Bruno Lobo, “Sócio Benemérito”. Data: Niteroi,28/9/1922.1 documento da Universidade de Buenos Aires, tornando Dr Bruno Álvares da Silva Lobo, como Doutor em Ciências Naturales, “<i>honoris causa</i>”. Data: Bueiros Aires, 31/8/1922. 1 documento da Sociedade Brasileira de Belas Artes, tornando sócio honorário em homenagem aos “reas” serviços prestados a esta sociedade. RJ, 03/06/1924. 1 documento da Secretaria da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Santos, tornando Bruno Lobo sócio correspondente dessa sociedade no Rio de Janeiro. Data: Santos (SP), 30/09/1925. 1 documento, tornando Bruno Lobo, como sócio efetivo da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Data: RJ, 08.09.1934.</p>

22	<p>Dr. Bruno Álvares da Silva Lobo</p> <p>1) Carta ao ministro da Agricultura - acumulações remuneradas, opção entre 2 cargos, Museu Nacional ou Catedrático de Microbiologia. 2) Requerimento certidão sobre "não recebimento de vencimentos de cargos acumulados" (Fac. Medicina, 3/12/1918). 3) Requerimento como Prof. Catedrático da Fac. Med., solicitando " certidão-não recebimento de vencimentos" 1/12/1922.</p>	<p>A pasta contém 1 documento sobre o serviço efectivo no magistério, com seção do acréscimo de 10% sobre os seus vencimentos por ter completado 15 anos de serviço efectivo.Data: RJ, 14/01/1927. 1 carta datilografada destinada ao Ministério da Agricultura sobre acumulações remuneradas, opção entre dois cargos para Bruno Lobo: Museu Nacional ou catedrático de Microbiologia, Data,RJ, 04/12/1922. 1 requerimento ao Diretor de Despesa Pública do Tesouro Nacional e Presidente do Tribunal de Contas, sobre o "não recebimento de vencimentos" como professor catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,no período de 13/8/1915 a 31/12/1918, por ter optado pelos vencimentos de Diretor do Museu Nacional. 27/11/1922. Requerimento com Professor Catedrático de Microbiologia ao Diretor Faculdade de Medicina, solicitando a certidão de recebimentos de vencimentos". 01/12/1922.</p>
23	<p>Dr. Bruno Álvares da Silva Lobo</p> <p>5 passaportes concedidos pela Secretaria de Estado das Relações Exteriores e consulado geral do Brasil, em Paris,1909 a 1917.</p>	<p>A pasta contém 5 passaportes concedidos pela Secretaria de Estado das Relações Exteriores, assinados pelo Ministro Lauro Müller e pelo Consul Geral do Brasil, em Paris, de 1909 a 1917.</p>
24	<p>Dr. Bruno Álvares da Silva Lobo</p> <p>1) Carta do Diretor (em comissão) do Museu Paulista; 2) Carta do Encarregado de Negócios da Tchecoslováquia; 3) Carta do Diretório Acadêmico da Faculdade Medicina do Rio de Janeiro – congratulações pela representação do corpo discente junto às congregações, 14/8/1928.</p>	<p>A pasta contém 1 carta (datilografada) de congratulação em agitação no conselho universitário, da ideia creadora da representação do corpo discente junto às congregações, à semelhança do que se verifica em outros países, ideia, que, há muito preocupa os universitários cariocas. Data: RJ, 14/08/1928. 1 carta datilografada, (francês), "Encarregado de negócios da Tchecoslováquia, ao prof. Bruno Lobo agradecendo os exames médicos gratuitos realizados em jovens da Tchecoslováquia chamados ao serviço militar da sua Pátria" RJ, 26/02/1923. 1 cópia da carta do Diretor em comissão ao prof. Bruno Lobo, acusando recebimento da comunicação da demissão do referido professor da diretoria do Museu Nacional. Assinada por Affonso de E. Taunay, diretor em comissão do Museu Paulista. Data: São Paulo,17/1/1923.</p>
25	<p>Dr. Rodolpho Galvão.</p> <p>Ata de posse como lente da cadeira de Bacteriologia da Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, 14/2/1901</p>	<p>A pasta contém 1 cópia (papel fotográfico) da ata de posse como Lente da Cadeira de Bacteriologia da Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro, 14/2/1901, tendo como Diretor, o Dr. Albano Ruy de Alvarenga, no governo do Presidente Manoel Ferraz de Campos Salles.</p>
26	<p>Dr. Raul Leitão da Cunha.</p> <p>Ata de posse como Lente da cadeira de Histologia. Fac-med. RJ 16/11/1907.Decr. 5/12/1907 – Transferência para cad. Bacteriologia. Decr. 6/4/1911- transferência para Prof. Ordinário da cadeira de Microbiologia. Decr. 15/7/1914 – Transferência para cadeira de anatomia patológica.</p> <p>--continua--</p>	<p>A pasta contém 1 cópia (papel fotográfico) da ata de posse como Lente da Cadeira de Histologia da Faculdade de Medicina, RJ. 16/11/1907, tendo como diretor o Dr. Luiz da Cunha Feijó Jr. por Decreto 05/12/1907, o professor Raul Leitão da Cunha foi transferido para a Cadeira de Bacteriologia; Por Decreto 06/04/1911 foi, novamente, transferido para o lugar de professor ordinário da cadeira de Microbiologia; Por decreto 15/07/1914, foi transferido para a cadeira de Anatomia Patológica.</p>

27	<p>Dr Alfredo Antonio de Araújo Posse como preparador de Bacteriologia. Fac. Medicina RJ, 30/3/1909.</p> <p>Dr. Aloysio de Castro. Posse como Lente da Cadeira de Patologia Médica, Fac. Medicina RJ, 12/4,/1909</p>	A pasta contém cópia(papel fotográfico) da ata de posse do Dr. Alfredo Antonio de Andrade (na ficha consta Alfredo Antonio de Araújo) como preparador de Bacteriologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 30/03/1909, perante o diretor Dr. Luiz da Cunha Feijó Junior, e, posse de Dr.Aloysio de Castro como Lente da Cadeira de Patologia Médica da Faculdade de Medicina, RJ, 12/4/1909, perante o Diretor Luiz da Cunha Feijó Junior.
28	<p>6 atas de posse Dr. Bruno Álvares da Silva Lobo; Dr. João Benjamin Ferreira Batista; Dr. Agenor Guimarães Porto; Dr.Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães; Dr Ernani Carlos de Menezes Pinto; Dr. José Moura Moniz.</p>	A pasta contém 2 cópias (papel fotográfico) das atas de posse apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 08/04/1911, perante ao seu vice-diretor, Dr. Raul Leitão da Cunha, que deu posse como professores extraordinários efetivos aos citados professores, respectivamente nas cadeiras: Dr. Bruno Lobo – Cadeira de Anatomia e Histologia Patológica; Dr.Benjamin Baptista – Cadeira de Anatomia Descritiva; Dr. Agenor Porto – Cadeira de Terapêutica; Dr.Fernando Magalhães – Cadeira de Medicina Legal; Dr. Ernani Carlos de Menezes Pinto – Cadeira de Anatomia Microscópica; Dr. José Moura Moniz – Cadeira de Microbiologia. Por decreto de 07/07/1911, o Dr. Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães foi transferido para cadeira de clínica obstétrica
29	<p>Dr. José de Moura Moniz Ata de posse como Prof. Catedrático de Microbiologia, 8/12/1946</p>	A pasta contém 2 cópias (papel fotográfico) da ata de posse como professor catedrático de Microbiologia, 08/2/1946, sob a presidência do magnífico Reitor da Universidade do Brasil, “tendo como Diretor da Faculdade de Medicina”, o Dr. Ignácio M. de Azevedo Amaral.
30	<p>Dr. Cardoso Fontes Discurso da investidura na Academia Brasileira de Ciências, s/data</p>	A pasta contém 11 filipetas (datilografadas) Discurso de sua investidura como membro da Acadêmia Brasileira de Ciências. S/data.
31	<p>Dr. Cardoso Fontes 1) 1 trabalho com resumo de observações com <i>bacillo coli communis</i>; <i>bacillus subtilis</i> 2) Descrição de 6 filmes.</p>	A pasta contém 5 filipetas (datilografado) com resumo de observações estudo sobre os vírus <i>bacillo coli communis</i> e estudo <i>bacillo subtilis</i> e estudo sobre vírus tuberculoso acompanhado de 2 fotografias de colônias enviadas pelo Hospital Transito Cáceres de Allende, Córdoba. Data: 14/11/1936. 5 filipetas (datilografadas) com a descrição de 6 filmes.
32	<p>Dr. Paulo Figueiredo Parreiras Horta Diploma como membro honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina -- 30/11/1960.</p>	<p>“No arquivo, diploma em rolo”.</p> <p>Pasta vazia</p>
33	<p>Dr. Antonio Cardoso Fontes Diploma passado por Dr. Luiz da Cunha Feijó, Diretor da Fac. Med. RJ</p>	Diploma passado por Dr. Luiz da Cunha Feijó, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo presente o termo de collação de grau de Doutor em Medicina conferido no dia 07 de maio de 1903 ao Sr.Antonio Cardoso Fontes. Rio de Janeiro, 19/03/1903. No arquivo, diploma em rolo. Pasta vazia
34	<p>Professor Parreiras Horta <i>Le Président de la République Française Décrète Prof. Parreiras Horta – Commandeur de l’ordre de la Santé Publique 29/5/1942</i></p>	A pasta contém um diploma “ <i>Le président de la République Française sur la proposition du Ministre de la Santé Publique et la population</i> ”; “ <i>Monsieur le professeur Parreira Horta, Membre de l’académie de Médecine du Brésil, est promu commandeur de l’Ordre de la Santé Publique. Paris, le 29 mai. 1947</i> ”.

Fonte: Recompilado pela autora, 2024.

Apêndice M – Trilha documental das memórias científicas

			
<p>Notas, em português, sobre os mosquitos dos Estados Unidos</p>		<p>L.O. Howard (Pasta 7)</p>	<p>Dr. L.O. Howard, entomologista do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Lopes, 2019). Disponível em: https://www.scielo.br/hcsm/a/SRJMQZR6zwQgGrqzWYXMmw/?format=pdf&lang=pt</p>
<p>11 (onze) folhas datilografadas (português) sobre Vital Brazil, por J. Moura Moniz. Assinatura e sumário da lição: fevereiro 1946 a agosto de 1952</p>		<p>José Moura Moniz (Pasta 02, 17, 28 e 29)</p>	<p>Professor extraordinário, 1911. Professor catedrático de Microbiologia, em 1946. A dúvida do prêmio (1954). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&pesq=%20%20%20%20%20%22Jos%C3%A9%20Moura%20Moniz%22%20&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18692</p>
<p>Carta endereçada Dr. Costa Velho sobre epidemia em animais da Fazenda de Ouro Fino</p>		<p>Dr. Costa Velho (Pasta 12)</p>	<p>A Fazenda Ouro Fino fica em Minas Gerais (MG) próxima à divisa de Além Paraíba com Mar de Espanha e sua sede foi inaugurada em dezembro de 1855 (Carvalho, 2021). Disponível em: https://www.agorajornais.com.br/noticia/2853/150-anos-de-historia-da-estacao-ferroviaria-de-simplicio</p>
<p>01 registro de autópsia "Typhus icteroides"</p>		<p>Antônio Lins Barros Barreto (Pasta 16)</p>	<p>Participou da sessão do dia 6 de junho de 1923, no "Primeiro Congresso Brasileiro de Higiene", Carlos Chagas estava presente (Primeiro, 1923). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22Antonio%20Lins%20de%20Barros%20Barreto%22&pagfis=12010.</p>
<p>01 registro de autópsia "Typhus icteroides"</p>		<p>Carlos Burle de Figueiredo (Pasta 16)</p>	<p>Aluno do curso de aplicação do IOC, em 1913 (Batista, 2019). Orientado por Oswaldo Cruz (Orlandi, 2021). Partiu em comissão científica para Minas Gerais, como adjunto de assistente do IOC, no ano 1919. Entre diversas atividades científicas, em 1947, auxiliou os serviços de redação das "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz" (Instituto, 2024). Disponível em: https://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=150&sid=76</p>
<p>1 carta, manuscrita (francês) escrita por Dr. Brumpt</p>		<p>Brumpt (Pasta 14)</p>	<p>Os livros eram, quase todos, de origem francesa. Estudantes liam <i>Testut, Brumpt, o Dieulafoy, o Trousseau</i>, a Presse Médicale, e outros da mesma origem, consultados, também, pelos ilustrados médicos e professores da época anglosaxônica, ainda porque não eram muitos os que possuíam familiaridade com a língua inglesa ou germânica (Teixeira, 2001). Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16773/1/memoria-historica-faculdade-medicina.pdf</p>
<p>1 carta por Sheorge Staico, endereçada ao Doutor Parreiras Horta (medidas de profilaxia referentes a tuberculose)</p>		<p>Sheorge Staico (Pasta 10)</p>	<p>Veterinário da 3ª classe do Serviço de Indústria Pastoral (Arquivo, 2020). Disponível em: http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/878-servico-de-veterinaria.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (com base no conjunto documental), 2024.

ANEXOS

Anexo 1 - Folha um (primeira página)

- 1 - Instituto Nac. de Cinema Educativo (I.N.C.E.) (1)
 apagada DA Educação e Saúde
 Título: Morphogenesis of Bacteria
 assunto: Biologia 145 metros
 Materiais: Cópia A data agosto 939 - 2ª parte
 Cine Kodak reversal sound recording film
 16MM 1 roll 400 ft
 Emul. 5257-258 Perf. one side
- 2 - Verso - 16MM 1 roll 400 ft
 Cine Kodak reversal Emul 5257-258
 perf. one side (sem indicações)
- 3 - 1 lata (1/4) contendo penas e agulhas
- 4 - I.N.C.E. lata com filme (sem indicações)
-
- 5 - a - Revista de Veterinária e Zootecnia - Rio de Janeiro
 ano VIII nº 2 - 1918
- b - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
 Tese em 1/12/1904, a ser defendida por
 Paulo de Figueiredo Saraiva Horta
 cadeira de Bacteriologia
 Contribuição ao estudo das septicemias hemorrágicas
 c - A cara-inchada ou osteoporose dos equídeos
 (*Micrococcus Osteoporus* N. SP.)
 pelo Dr. Paulo de F. Saraiva Horta
 extraído da "Rev. Vet. e Zootecnia" 177. 1915
- d - ? *Trypanosoma chagasi* N. SP. pelo Dr. Paulo Horta
 Reimpresso de "Brasil Medico" nº 28 de 22/7/1910
 RJ Mangueiras, 1910.

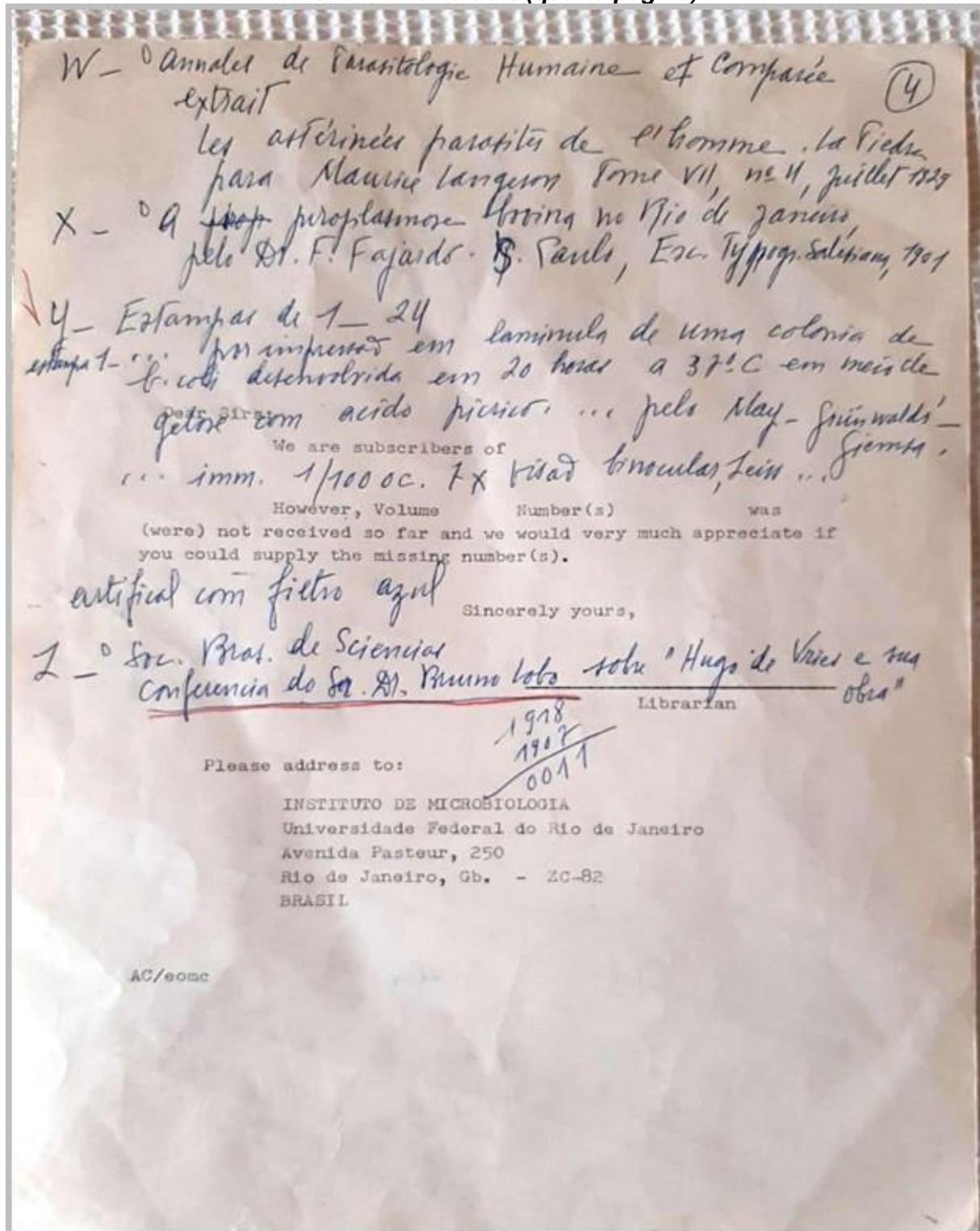
Anexo 2 – Folha um (segunda página)

- e - Contribuições ao estudo das dermatomycoses no Brasil
 "Microsporum Flavescens", n. sp. agente duma nova tinea
 Microsporia... por Dr. Paulo Horta
 24. Reimpreso de "Memorias do Inst. D. C. Tomo III, fasc. II
 R. J. Mangueiras, 1911. 1911
- f - Nova tinea p. Microsporia Brasileira
 (Microsporum flavescens n. sp.)
 pelo Dr. Paulo Horta
 Reimpreso do "Brasil Médico" n.º 6, 8/2/1911
 R. J. Mangueiras, 1911
- g - A epizootia de 'Biquartie', pelo Dr. Paulo Horta
 reimpreso do "Brasil Médico" n.º 8, 22/2/1911
 R. J. Mangueiras, 1911.
- h - Bruno Lobo, no Inst. Paraense de História da Medicina
 em 30/4/1949
 por Luiz Araújo, Belém, Pará, (Bruno Alves da Silva Lobo)
- i - Qui Barba, por Bernardino Machado
 Lisboa, Imprensa Nacional, 1923.
- j - João Batista de Lacerda, comemoração do centenário de
 nascimento, 1846 - 1946. Museu R. J. Museu Nacional
- k - Accão impiedente exercida pelo estanho, em papel, sobre
 o desenvolvimento das culturas de tuberculose
 pelo Dr. A. Fontes...
 reimpreso das "Memorias do Inst. D. C." ~~for~~ Tomo 2, fasc. 2, 1927
 R. J. Mangueiras 12/3/1928
- l - Das infecções primitivas das cobaias pelo Trichosphyton gypsum
asteroides SA13, pelo Dr. Paulo Horta... (título em alemão)
 reimpreso das "Memorias do Inst. D. C. Tomo IV, fasc. 1, 1912
 R. J. Mangueiras, 1912.

Anexo 3 – Folha dois (terceira página)

- M- ° L'achromie protiforme au Brésil, par P. F. Fajardo Horta
 extraída da "Revue Sud-américaine de médecine et chirurgie"
 2/27 nº 2, Fev. 1930
- N- ° ~~Contribuição~~ O Totemismo da cholera, por Dr. F. Fajardo
 ext. Anais da Academia Nac. de Medicina, 1898 (3)
- O- Publicação do Rev. Médica de S. Paulo
 do Hematógramas do Beri-Beri e seu pigmento
 demonstrados de preparados feitos d Acad. Nac. Med.
 em sessão de 29/4/1898, pelo Dr. Francisco Fajardo
- P- ° Bol. de Inst. O.C. suplemento das Memórias
 Jan. 1921, fasc. 1
 Ry. Mangueiras 1921
- P- ° Essais de bacteriologia e clinica, pelo Dr. F. Fajardo
 Rio de Janeiro, Typ. Bernard Frères, 1893
- S- ° Univ. Popular Livre
 Molestias tropicais, por Dr. Francisco Fajardo
 3ª lição, Rio de Janeiro, Typ. da fazeta de
 Notícias, 1902.
- F- ° Publicação do Brazil Médico
 O Impaludismo no Rio de Janeiro, notas
 para o estudo de suas formas clinicas...
 pelo Dr. F. Fajardo. Rio de Janeiro, Typ. Bernard
 Frères, 1902.
- A- ° Significado e projecção da obra de Jacin d'Horta,
 por J. Fraga de Azevedo Lisboa 1964.
 Sept. do "Jornal do Soc. de Ciências Médicas
 de Lisboa" 128, nº 5, 1964.
- V- ° Comptes Rendus des Séances de
 l'Académie d'Agriculture de France...
 Tome 11, année 1928, nº 16

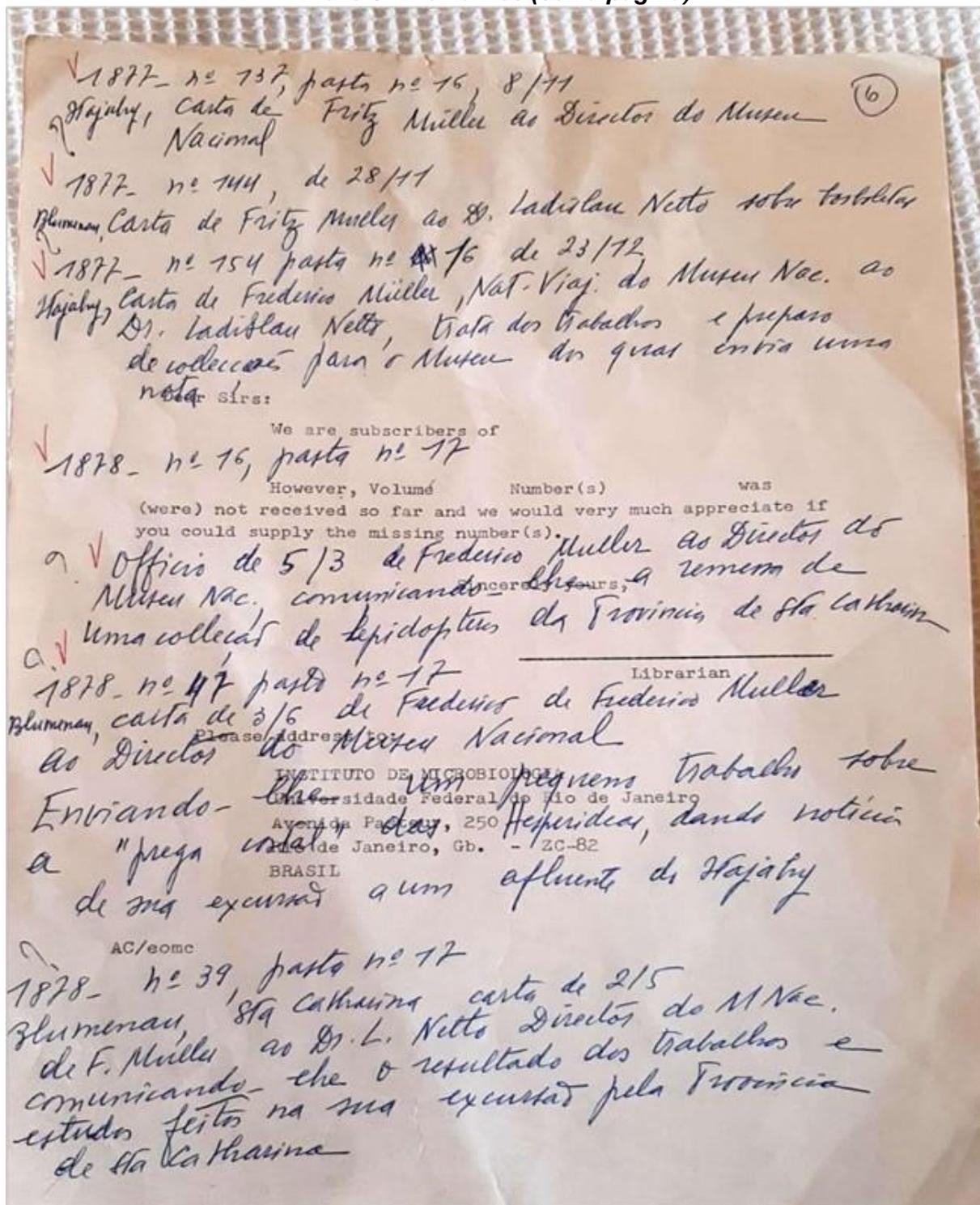
Anexo 4 – Folha dois (quarta página)



Anexo 5 - Folha três (quinta página)

- 6- Cartas 1875. nº 11, pasta nº 14, Fev. 3 (5)
 Blumenau, Carta de Fritz Müller ao Dr. Ladislau Netto,
 enviando-lhe de Joinville Sta Catharina, uma
 noticia sobre os órgãos odoríferos de *Myscelis*
 (este trabalho não está na pasta)
- 1875ª pasta contem - nº 117, pasta nº 15
 carta de Frederico Müller ao Director do Museu Nacional,
 accusando o recitamento do officio pelo qual lhe
 communica a nomeação de Naturalista - Viajante
 do Museu Nacional, datada de 15 de abril 1876
- 1876 - nº 140, pasta nº 15
 Officio de 23 de Dezembro, de Frederico Müller
 ao Director do Museu Nacional, communicando-lhe
 a remessa de uma colleccao de plantas para o
 Herbario do Museu colhidas na sua fazenda,
 nos Campos do Oeste da Serra do Hajaluy, e que
 esta preparando uma botica de varias objectos
 zologicos.
- 1877 - nº 15, pasta nº 16
 Blumenau, carta de Frederico Müller ao Director do
 Museu Nac. communicando-lhe a remessa de
 uma caixinha contendo objectos zologicos, destinados
 ao Museu
- 1877 - Maio 12 - carta de Frederico Müller ao Dr. Ladislau Netto
 Blumenau, sobre assunto de seu trabalho, como Naturalista -
 Viajante do Museu Nacional.
- 1877 - nº 106, pasta nº 16
 Blumenau, Carta de Frederico Müller ao Director Dr. L. Netto...
 da informacao sobre os estudos que está fazendo
 sobre Lepidoptera (fornontologicos)
- 1877 - nº 121, pasta nº 16, carta de Frederico Müller ao Director do
 Blumenau, Museu Nacional, remetendo uma decupla dos órgãos
 odoríferos de *Danaus*

Anexo 6 – Folha três (sexta página)



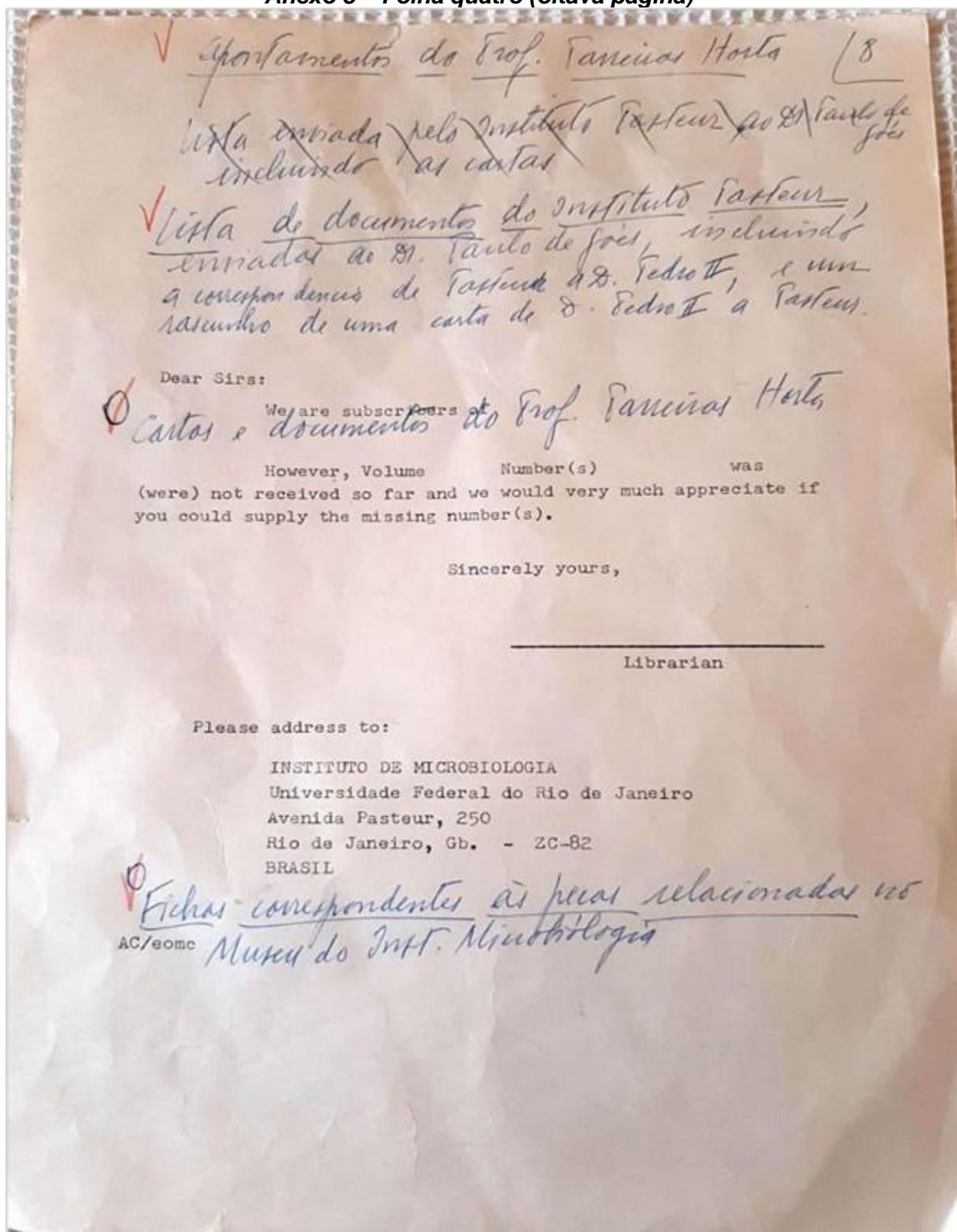
Anexo 7 – Folha quatro (sétima página)

✓ 1878 - n.º 62, pasta 17 (7)
Blumenau, carta de 10/7, de Frederico Müller
ao Diretor do Museu Nacional
Informando-o dos trabalhos que tem feito para
o Museu. ?

✓ 1888 - 11 - cartas de Frederico Müller
Doc. n.º pasta

Fonte: Maria Rondon, [196?]

Anexo 8 – Folha quatro (oitava página)



Anexo 9 – Folha cinco (nona página)

- Prof. Bruno Loto
- Doctor en Ciencias Naturales honoris causa de la Universidad de Buenos Aires, 31/8/22
 - socio Benemerito da Soc. Fluminense de Agricultura e Industrias Quimas 28/9/22
 - Requerimento do Prof. Bruno Loto ^{governo Nacional} ao ^{Ministério} solicitando certidão de que não continhas a receber benemeritos no cargo de Prof. da Fac. de Med. de RJ depois de ter optado pelos benemeritos de Diretor do Museu Nac.
 - (acompanha outro requerimento do Prof. 27/11/22 Bruno Loto ao Tribunal de Contas sobre o mesmo assunto)
 - (acompanha requerimento do Prof. 13/12/22 Bruno Loto ao Ministério da Saúde sobre o mesmo assunto)
 - Carta acusando recebimento do Telegrama Oficial nº 824.200 do Ministério da Agricultura, Indústria e Comercio sobre acumulação remunerada, concordando o referido Prof. e Diretor do Museu Nac. a optar por um dos cargos, de catedra de Microbiologia da Fac. de Med. ou de Diretor do Museu Nac. 4/12/22 (2 copias)
 - Cópia da carta do Diretor em comissão do Museu Paulista ao Prof. Bruno Loto acusando recebimento do Telegrama esse que acusado & recebimento do Telegrama comunicando que Loto deixou a Direção do Museu Nac. (an) affonso de E. Taunay 17/1/23
 - Carta do Encarregado de Negocios da Telecografica ao Prof. Bruno Loto, agradecendo exames medicos realizados em 1º e 2º anos da Telecografica chamados ao serviço Militar 26/2/23

Anexo 10 – Folha cinco (décima página)

- Socio Honorario da Soc. Bras. de Belas Artes
 - Socio correspondente da Soc. Med. - Cirurgia de Santos 3/6/24
 - Comissao de aumento de 10% sobre os vencimentos do Prof. Bruno Loto por ter completado 15 anos de serviço effectivo no magisterio em 29/9/23
 an.) Washington Luis P. de Souza Presidente da Repub. em 14/1/27
 Carta do Director da Academia de Fac. de Med. da UFRJ para representacao do corpo docente junto as Congregacoes
 Instituto de Microbiologia Universidade Federal do Rio de Janeiro Avenida Pasteur, 250 Rio de Janeiro, Gb. - 20-82 BRASIL
 - 14/8/28
 Please address
 Carta do Director da Fac. Med. UFRJ convidando o Prof. Bruno Loto para reger a cadeira de Microb. do curso de Pharmacia durante o corrente ano
 an.) Fernando Magalhães 8/6/931
 Sincerely yours
 Librarian
 Dear Sirs:
 We are subscribers of
 However, Volume Number(s) was
 (were) not received so far and we would very much appreciate if you could supply the missing number(s).
 Socio effectivo da Soc. Geografica do RJ 8/9/1934

Fonte: Maria Rondon 1967.

Anexo 11 – Fichas B a D



Fonte: Maria Rondon, 1967

Anexo 12 – Fichas E a O

<p>Experiência feita pelo Prof. ROCHA FÁRIA, Catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina sobre geração espontânea em 1895</p>	<p>LIVRO "M.PASTEUR - Histoire d'un savant par un ignorant" Oferecido com dedicatória de LOUIS PASTEUR ao Professor FERREIRA DOS SANTOS, primeiro discípulo brasileiro no INSTITUT PASTEUR DE PARIS</p>
<p>Faca de papel que pertenceu a CARLOS CHAGAS (e que foi oferecida como lembrança após a sua morte à família THOMPSON FLORES que a doou ao Museu do I.M.)</p>	<p>Livro de registro de aulas de BRUNO LOBO <i>parte nº 2 do arquivo da Biblioteca</i></p>
<p>Hematoscópio d'Henocque que pertenceu ao Dr. FAJARDO</p>	<p>Notícia sobre o 70º aniversário de Pasteur; Tribuna Médica nº 1, 10 de janeiro de 1892</p>
<p>Jogo de xadrez de bolso pertencente a OSWALDO CRUZ. Com ele se distraía Cruz nas suas viagens de barca para Mangueiras. (Oferta de WALTER OSWALDO CRUZ)</p>	<p>OSWALDO CRUZ em 1901</p>

Anexo 13 – Fichas O a T

<p>OSWALDO CRUZ Medalha comemorativa do Cinquentenário do Instituto Oswaldo Cruz, 1900-1950 . V Congresso Internacional de Microbio- logia de 17 à 24 de agosto de 1950.</p>	<p>Sineta para chamada dos alunos, pelo professor BRUNO LOBO</p>
<p>"PETIT LAHOUSSE ILLUSTRÉ" que pertenceu a OSWALDO CRUZ (oferta de WALTER OSWALDO CRUZ)</p>	<p>Suporte de canetas de Bruno Lobo</p>
<p>Primeiro livro editado em português de Bacteriologia. RODOLPHO GALVÃO, 1899 que foi também o primeiro Titular de disciplina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro</p>	<p>Supôrtes de livros que pertenciam a ARTHUR MOSES. Discípulo de OSWALDO CRUZ</p>
<p>Relatório do Professor Augusto Ferreira dos Santos sobre o seu estágio no Instituto Pasteur de Paris</p>	<p>Tinteiro de Bruno Lobo</p>

Fonte: Maria Rondon, 196?

Anexo 16 – Pasta 3 (Ficha 3)

Pasta 3

1) Barão de Mamoré, carta a Louis Pasteur em nome de Pedro II

2) Pedro II, Imperador do Brasil

7 cartas endereçadas a Louis Pasteur e uma declaração sobre o imperador que ele deixou uma 'bíblia a instituições'...

	DISTRIBUIÇÃO
Barão de Mamoré	3
Carta a Louis Pasteur em nome do Imperador Pedro II, sem data.	
Pedro II Imperador do Brasil	
7 cartas endereçadas a Louis Pasteur e uma declaração de D. Pedro II	
1) Carta de D. Pedro II a Pasteur, para vir ao Brasil. Rio, 19/10/1884	
2) Carta ... 30/11/1885	
3) Carta reiterando o convite a Pasteur para vir ao Brasil estudar a febre amarela. Petropolis, 11/3/1885	
4) Carta... Petropolis, 14/4/1886	
5) Carta... Petropolis, 29/12/1886	
6) Carta... Petropolis, 19/10/1887	
7) Carta... Petropolis, 4/12/1888	
8) Declaração: "Brevemente escreverei a Pasteur sobre a favorável lembrança que deixou-me a visita que me apressei logo a fazer ao estabelecimento tão humanitário que a elle deve minha Pátria"	
Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1888.	

Fonte: Maria Rondon,[196?]

Anexo 17 – Pasta 4 (Ficha 4)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
Frederico Muller	4
9 cartas ao Dr. Ladislau Netto (com desenhos ilustrativos)	
1) 12/5/1877	
2) 28/6/1879	
3) 11/11/1879	
4) 21/4/1880	
5) 20/6/1880	
6) 28/9/1880	
7) 30/10/1880	
8) 1/1/1881	
9) 20/1/1888	
12 cartas do Dr. Frederico Muller ao Dr. Ladislau Netto e 1 ofício.	

Pasta 4

1) Frederico Muller 9 cartas ao Dr. Ladislau Netto, com desenhos ilustrativos 1877-81, 1888

2) Frederico Muller 12 cartas e 1 ofício dirigidas ao Dr. Ladislau Netto, Diretor do Museu Nacional, 1876 e 1878

Anexo 22 – Pasta 9 a 14 (Ficha 9 a 14)

 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
	DISTRIBUIÇÃO
Arthur Neiva, carta ao Dr. Rocha Lima Rio, 23/1/1907	9

 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
	DISTRIBUIÇÃO
Carta sem assinatura endereçada ao Dr. Costa Velho, Leopoldina, relatando episódio em visita da fazenda de Ouro Fino, EFCE, Estação de Benjamin Constant-Ninco, 14/2/1918	12

 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
	DISTRIBUIÇÃO
Sheorge Staico, carta ao Prof. Parrairas Horta. Recife, 1/9/1928	10

 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
	DISTRIBUIÇÃO
- Carlos Chagas, carta ao Prof. Rocha Lima 2/2/1925	13
- Carlos Chagas, carta ao Prof. Rocha Lima, sem data	

 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
	DISTRIBUIÇÃO
José Rodrigues da Silva, cartão ao Prof. Paulo de Góes acompanhando o livro de registro da matéria didática do Prof. Carlos Chagas, Rio, 31/1/1962.	11

 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
	DISTRIBUIÇÃO
Dr. Brumpt, carta sem destinatário. Montevideo, 25/2/1927	14

Pastas 9 a 14
 Cartas de vários ministros
 a vários destinatários,
 1907, 1918, 1927, 1928

Fonte: Maria Rondon, 1967

Anexo 25 – Pasta 17 (Ficha17)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
Professor J. de Moura Moniz	17
Considerações sobre Vital Brazil na Faculdade de Medicina	
"Um homem e um exemplo"	
<p><i>Pasta 17</i> <i>Professor J. de Moura Moniz</i> <i>Considerações sobre Vital Brazil</i> <i>na Fac. I de Medicina, 7/data</i></p>	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Anexo 26 – Pasta 18 (Ficha 18)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
Professor Paulo de Figueiredo Parreiras	
Horta	18
2 trabalhos inéditos	
1) Trypanosoma chagasi (Nota preliminar)	
2) Doença de Nicolas	
2 extratos de "Patologia Geral" Rio de Janeiro, Brasil	
1) Uma nova micetoma de grãos negros produzidos pela "Madurella Oswaldoi" (Contribuição para o estudo dos micetomas no Brazil), 1919	
2) Dois casos de micozes pseudo-diféricas 1920	
Pasta 18	
Professores Paulo de Figueiredo Parreiras e Horta	
1) 2 trabalhos inéditos, 1 data	
2) 2 extratos de "Patologia Geral" Pg. 19-19-20	

Fonte: Maria Rondon, 196?

Anexo 27 – Pasta 19 (Ficha 19)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
Professor Paulo de Figueiredo Parreira; Horta	
(Nascimentos)	19
1) Carta ao Ministro da Agricultura	
2) "O Paiz" 14/9/1930, recorte com referências elogiosas transcritas da "Revue générale de Medecine Veterinaire de Paris", sobre o seu trabalho na Repartição de Industria Pastoril.	
3) Grande Oficial da Ordem do Mérito Médico, Diploma de nomeação em 6/10/1959	
4) Ex-membro da Missão Médica Militar na 1ª Guerra Mundial (1914-1918) Diploma da Medalha da Vitória, 19/4/1960	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Pasta 19 - Professor Paulo de Figueiredo P. Horta
 1) Nascimentos de carta ao Min. Agricultura - 1918.
 2) Recorte de "O Paiz" 14/9/30, referências elogiosas transcritas da "Revue générale de Med. Veterinaire de Paris".
 3) Diploma - Grande Oficial da Ordem do Mérito Médico 6/10/59
 4) Diploma - Medalha da Vitória 19/4/60 ex-membro da Missão Médica Militar (1914/1918)

Anexo 28 – Pasta 20 (Ficha 20)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo	20
Nomeação para Diretor do Laboratório Anatomico-Pathológico do Hospício Nacional de Alienados, 22/8/1907	nomeação m:1
assinada pelo Presidente Affonso Penna	1907

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo	20
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Diploma de nomeação
Cadeira de Anatomia e Histologia Patológica	n:6
gicas, nomeação para Professor Ordinário, 7/1/1911 assinada pelo Presidente Hermes	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Bruno Alvaras da Silva Lobo	
Decreto de nomeação para Médico-Legista	20

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo	20
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	
Cadeira de Anatomia e Histologia Patológica	suplente de nomeação
Nomeação para Professor Extraordinário Effic	m:6

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo	20
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Diploma de nomeação
Nomeação por concurso, para substituto de	m:3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo	20
Museu Nacional	Diploma de nomeação
Nomeação para Diretor, assinada pelo Presidente Wenceslau Braz, 11/8/1915	nomeação m:3

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo	20
Hospício de Nossa Senhora da Saúde	Diploma de nomeação
Nomeação para médico encarregado dos serviços de analyses anatomo-pathológicas, gratuitamente, 8/8/1910	m:6
assinada por Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, provedor da Santa Casa de Misericórdia.	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo	20
Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Diploma de nomeação
Cadeira de Microbiologia do Curso de Pharmacia, Convite do Diretor da Faculdade de Medicina para a Regência da Cadeira de Microbiologia durante o ano de 1931	m:8
assinado por Fernando Magalhães, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 8/6/1931	

Pasta 20 - Dr. Bruno Alvaras da Silva Lobo
 8 diplomas de nomeações
 1) Hospício Nacional de Alienados, 1907
 2) Hospício de N. S. da Saúde, 1910
 3) Fac. de Med. Rio de Janeiro, 24 de maio, 1911
 4) Hospício de N. S. da Saúde, 1910
 5) Fed. Nacional de Hospícios, 1911
 6) Fac. Med. Rio de Janeiro, 1911
 7) Museu Nacional - Brasil, 1915
 8) Fac. Med. Rio de Janeiro, 1931

Anexo 29 – Pasta 21 (Ficha 21)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
DISTRIBUIÇÃO		DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	21	Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	21
Director do Museu Nacional do Rio de Janeiro,	n.º 2	Sociedade Brasileira de Belas Artes	n.º 4
Faculdade de Ciências da Universidade		Título de Sócio Honorário, 3/6/1924	
Mayer de San Marcos de Lima			
Diploma de Membro Honorário, 18/7/1919			

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
DISTRIBUIÇÃO		DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	21	Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	21
Sociedade Fluminense de Agricultura e Indus	n.º 2	Sociedade de Medicina e Cirurgia de Santos	n.º 5
trias Rurais de Niterói		Título de Sócio Correspondente, 30/9/1925	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
DISTRIBUIÇÃO		DISTRIBUIÇÃO	
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	21	Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	21
Universidade de Buenos Aires	n.º 3	Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro	n.º 6
Diploma de Doutor em Ciências Naturales,		Título de Sócio Efetivo, 8/9/1934	
"Honoris Causa", 31/8/1922			

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	
DISTRIBUIÇÃO	
<p>Pasta 21 - Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo</p> <p>Diplomas e títulos de honra</p> <p>1) Diploma - membro honorário, 18/7/1919 - Sociedade Fluminense de Agricultura e Indus- trias Rurais de Niterói</p> <p>2) Título de Sócio Honorário, 3/6/1924 - Sociedade Brasileira de Belas Artes</p> <p>3) Diploma de Doutor "Honoris Causa", 31/8/1922 - Universidade de Buenos Aires</p>	

Fonte: Maria Rondon, 1967

Anexo 30 – Pasta 22 (Ficha 22)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	22
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	
"Serviço effectivo no magistério, concessão do acrescimo de 10% sobre os seus vencimentos por ter completado 15 anos de serviço effectivo."	
assinado pelo Presidente Washington Luiz de P. de Souza, 29/9/1923	



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	22
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	
Requerimento como Professor Cathedático de Microbiologia ao Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, solicitando "certidão sobre o não recebimento dos vencimentos que lhe competia receber", 1/12/1922	



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	22
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	
Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio.	
Museu Nacional do Rio de Janeiro	
Carta ao Ministro da Agricultura acusando recebimento do telegrama oficial nº 824.200 sobre acumulações remuneradas, no qual foi convidado a optar pelo cargo de Diretor do Museu Nacional ou Cátedra de Microbiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no qual nega ter acumulado os vencimentos dos dois cargos, 4/12/1922	



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	22
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo	
Tribunal de Contas e Despesa Pública do Tesouro Nacional	
Requerimento ao Diretor da Despesa Pública do Tesouro Nacional e ao Presidente do Tribunal de Contas solicitando certidões sobre "não recebimento de vencimentos" como Professor cathedático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no período de 13/8/1915 a 31/12/1918, por ter optado pelos vencimentos de Diretor do Museu Nacional. 27/11/1922 e 29/11/1922	

Ficha 22 - Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo

- 1) Carta do Min. da Agricultura - acumulações remuneradas, optou entre 2 cargos Museu Nacional ou Cátedra de Microbiologia
- 2) Requerimento certidão sobre não recebimento de vencimentos (Fac. Medicina) 3/12/1922
- 3) Requerimento como Prof. Cathedático da Fac. Med. solicitando certidão sobre recebimento de vencimentos. 7/12/1922

Anexo 32 – Pasta 24 (Ficha 24)

Congregações, 14/8/1928



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	24
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo Encarregado de negócios da Tchecoslovaquia, carta ao Prof. Bruno Lobo "agradecendo os exames médicos gratuitos realizados em jo- vens da Tchecoslovaquia chamados ao serviço militar da sua Pátria," 26/2/1923	



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	24
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo Museu Paulista Cópia da carta do Diretor em comissão ao Prof. Bruno Lobo, acusando recebimento da comunicação da demissão do referido pro- fessor da diretoria do Museu Nacional. Assinada por Affonso de E. Taunay, diretor em comissão do Museu Paulista, 17/1/1923	

Pasta 24

Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo

- 1) Carta do Diretor (em comissão) do Museu Paulista
- 2) Carta do Encarregado de Negócios da Tchecoslovaquia

Anexo 34 – Pasta 26 (Ficha 26)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

*Relatório
da Atz*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	26
Dr. Raul Leitão da Cunha	
- Ata de posse como Lente da Cadeira de Histologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 16/11/1907 tendo como Diretor o Dr. Luiz da Cunha Feijó Jr.	
Por decreto de 5/12/1907 o Professor Raul Leitão da Cunha foi transferido para a Cadeira de Bacteriologia.	
Por decreto de 6/4/1911 foi novamente transferido para o lugar de Professor Ordinário da Cadeira de Microbiologia.	
Por decreto de 15/7/1914 foi transferido para a cadeira de Anatomia Patológica.	

Pasta 26

Dr. Raul Leitão da Cunha

- Ata de posse como lente da Cad. de Histologia Fac. Med. RJ 16/11/1907
- Dec. 5/12/1907 - transferência para Cad. Bacteriologia
- Dec. 6/4/1911 - transferência para Prof. Ordinário da cadeira de Microbiologia
- Dec. 15/7/1914 - transferência para Cadeira de Anatomia Patológica

Anexo 35 – Pasta 27 (Ficha 27)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Folha
da
ata

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	27
Dr. Alfredo Antonio de Andrade	
Ata de posse como Preparador de Bacteriologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 30/3/1909, perante o Diretor Dr. Luiz da Cunha Feijó Junior.	
Dr. Aloysio de Castro	
Ata de posse como Lente da Cadeira de Patologia Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 12/4/1909, perante o Diretor Luiz da Cunha Feijó Junior.	
<p>Pasta 27</p> <p>- Dr. Alfredo Antonio de Andrade Posse como preparador de Bacteriologia Fac. Medicina RJ, 30/3/1909</p> <p>- Dr. Aloysio de Castro Posse como lente da cadeira de Patologia Médica, Fac. Medicina RJ, 12/4/1909</p>	

Anexo 36 – Pasta 28 (Ficha 28)

<p><i>Pasta 28</i></p> <p><i>Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo</i> <i>Dr. Benjamin Ferreira Baptista</i> <i>Dr. Agenor Guimarães Porto</i> <i>Dr. Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães</i> <i>Dr. Ernani Carlos de Menezes Pinto</i> <i>Dr. José Moura Moniz</i> <i>6 atas de posse</i></p>		<p><i>topografia</i> <i>do</i> <i>flor</i></p>
		<p>ANEIRO</p>
		<p>DISTRIBUIÇÃO</p>
		<p>28</p>
Dr. Bruno Alvares da Silva Lobo		
Dr. João Benjamin Ferreira Baptista		
Dr. Agenor Guimarães Porto		
Dr. Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães		
Dr. Ernani Carlos de Menezes Pinto		
Dr. José Moura Moniz		
<p>- 6 atas de posse apresentada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 8/4/1911 perante seu Vice-Diretor Dr. Raul Leitão da Cunha, que deu posse como professores extraordinários efetivos aos citados professores respectivamente nas cadeiras de:</p>		
<p>- Dr. Bruno Lobo - Cadeira de Anatomia e Histologia Patológica.</p>		
<p>- Dr. Benjamin Baptista - Cadeira de Anatomia Descritiva</p>		
<p>- Dr. Agenor Porto - Cadeira de Terapêutica</p>		
<p>- Dr. Fernando Magalhães - Cadeira de Medicina Legal.</p>		
<p>- Dr. Ernani Carlos de Menezes Pinto - Cadeira de Anatomia Microscópica.</p>		
<p>- Dr. José Moura Moniz - Cadeira de Microbiologia</p>		
<p>Por decreto de 7/7/1911 o Dr. Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães foi transferido para a Cadeira de Clínica Obstétrica</p>		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Anexo 39 – Pasta 31



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
	31
Dr. Cardoso Fontes	
1) 1 trabalho com resumo de observações com bacille coli communis e bacille subtilis e estudo sobre virus tuberculoso acompanhado de 2 fotografias de colonias enviadas pelo Hospital Transito Cáceres de Allende, Córdoba.	
2) Descrição de 6 filmes	

Pasta 31

Dr. Cardoso Fontes

- 1) 1 trabalho c/ resumo de observações c/ bacillo coli communis e bacillo subtilis ...
- 2) Descrição de 6 filmes

Anexo 40 – Pasta 32 (Ficha32)



v. 1072

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
Dr. Paulo Figueiredo Parreiras Horta	32
- Diploma de Membro Honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina - 30/11/1960	
<i>no arquivo, diploma em rolo</i>	
<i>Pasta 32</i>	
<i>Dr. Paulo Figueiredo Parreiras Horta</i>	
<i>- Diploma de Membro Honorário do Inst. Brasileiro de História da Medicina - 30/11/60</i>	
<i>(rolo)</i>	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Anexo 41 – Pasta 33 (Ficha 33)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
Dr. Antonio Cardoso Fontes	33
Diploma passado por Dr. Luiz da Cunha Feijó, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo presente o termo de collação de grau de Doutor em Medicina conferido no dia 7 de maio de 1903 ao Snr. Antonio Cardoso Fontes.	
Rio de Janeiro, 19/03/1904	
<i>no arquivo, diploma em rolo</i>	
<i>Pasta 33</i>	
<i>Dr. Antonio Cardoso Fontes</i>	
<i>- Diploma passado por Dr. Luiz da Cunha Feijó, Diretor da Fac. Med. RJ</i>	
<i>19/3/1904</i>	
<i>(rolo)</i>	

Fonte: Maria Rondon, 1967

Anexo 42 – Pasta 34



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

	DISTRIBUIÇÃO
Professor Parreiras Horta	34
Le Président de la République Française sur la proposition du Ministre de la Santé Publique et de la Population.	
Décrète	
Monsieur le Professeur Parreiras Horta Membre de l'Académie de Médecine du Brésil, est promu Commandeur de l'Ordre de la Santé Publique.	
Paris, le 29 mai 1947	
<i>no arquivo, diploma em tubo</i>	
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 10px auto; width: 80%;"> <p><i>Pasta 34</i></p> <p><i>Professor Parreiras Horta</i> <i>le Président de la République Française</i> <i>décrite</i> <i>Prof. Parreiras Horta - Commandeur de</i> <i>l'Ordre de la Santé Publique 29/5/1947</i></p> </div>	

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Anexo 43 – Carta de Maria Rondon (página 1)

Rio - 18 de junho de 1958
 Prezado Paulo.
 Precisamente quando já se está completando 5 meses do falecimento de meu Pai, é que tenho respondido à sua carta que tanto conforto e ênoca me trouxe pelas suas expressões de veneração e saudade por Aquelle que foi para nós Todos um exemplo e um estímulo vivos.
 Não posso desculpar-me por deixar passar o tempo sem responder, mas conhecendo o seu espirito de compensar, desejo explicar que o traumatismo moral sofrido ~~em~~ inconsolável perda de meu adorado Pai foi tão grande, que só agora começo a refazer-me, embora nunca consolada.
 Bem a certeza de que pela sua avançada idade e sofrimentos físicos, a vida já se lhe estava tornando pesada e triste, embora mantivesse até o fim a chama sagrada do seu entusiasmo cívico demonstrado nas suas últimas palavras que foram um "Viva a República"! impede que eu desyasse. Ter podido com mais cuidados e mais recursos médicos, prolongar ainda uma vida tão benéfica à Família, à Pátria e à Humanidade...

Anexo 44 – Carta de Maria Rondon (página 2)

há preciso dizer com que carinho Papai falava sempre em você, orgulhando-se da carreira brilhante e do nome conceituadíssimo do seu afilhado, e dos grandes serviços por ele prestados à Humanidade.

Você também Paulo, deseja congratular-me com você pela indicação justíssima do seu nome como Embaixador do Brasil junto à Unesco. Faço votos para que essa indicação se concretize para bem do Brasil e da Unesco!

Antes de terminar esta quero mencionar um assunto que está me interessando muito e que provavelmente dependerá de você.

D. Heloisa Alberto Torres que nos últimos tempos da vida de Papai tornou-se muito minha amiga por estar substituindo no Conselho, e em permanente contacto comigo por um motivo, com muita bondade e desejo de me incentivar falou-me na Conferência da Unesco em que ela pretende tomar parte em Novembro como membro ou presidente? que é da Comissão Internacional de Museus no Brasil.

Anexo 45 – Carta de Maria Rondon (página 3)

Acha ela que eu poderia tomar parte nessa conferência (seria a 1^{ra} vez que teria uma oportunidade como essa, de ir à Europa tomando parte em uma conferência tão importante e interessante culturalmente); porém eu desejaria que você dissesse francamente se acha isso possível, se eu poderia integrar a delegação brasileira na parte de museus propriamente (com D. Heloisa), ou se havia alguma parte de bibliotecas, ou mesmo se na parte de populações primitivas haveria alguma coisa que eu pudesse realizar.

D. Heloisa acha que nessa parte eu seria como que uma representante do espírito do Marechal Rondon, mas eu considero-me muito pequena em relação a ela para pensar em tal coisa. A parte que me cabe é a de biblioteconomia ou documentação, pois justamente comecei agora a trabalhar no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação com D. Lydia Lambaqui.

D. Heloisa informou-me que você vai mandar dentro de poucos dias a lista dos nomes que

Anexo 46 - Carta de Maria Rondon (página 4)

escolheu para integrar a delegação do Brasil, e que vá ao Rio em Setembro.

Naturalmente ela estará incluída nessa lista e se não for possível incluí-me, seria um sonho realizado, ir a Paris, encontrar-me com Branca nessa cidade ou mesmo na Alemanha depois da Conferência...

Você resolve, e por favor não me considere importuna ou ambiciosa. Geralmente sou modesta e desambiciosa, mas esta seria "a minha oportunidade"!

Se achar realizável mande-me dizer qualquer coisa, e explicar o que devo fazer aqui no Brasil e a quem devo dirigir-me para tratar do assunto, se ao Presidente ou ao Hamaraty.

Desde já imensamente grata, aceite um afetuoso abraço,

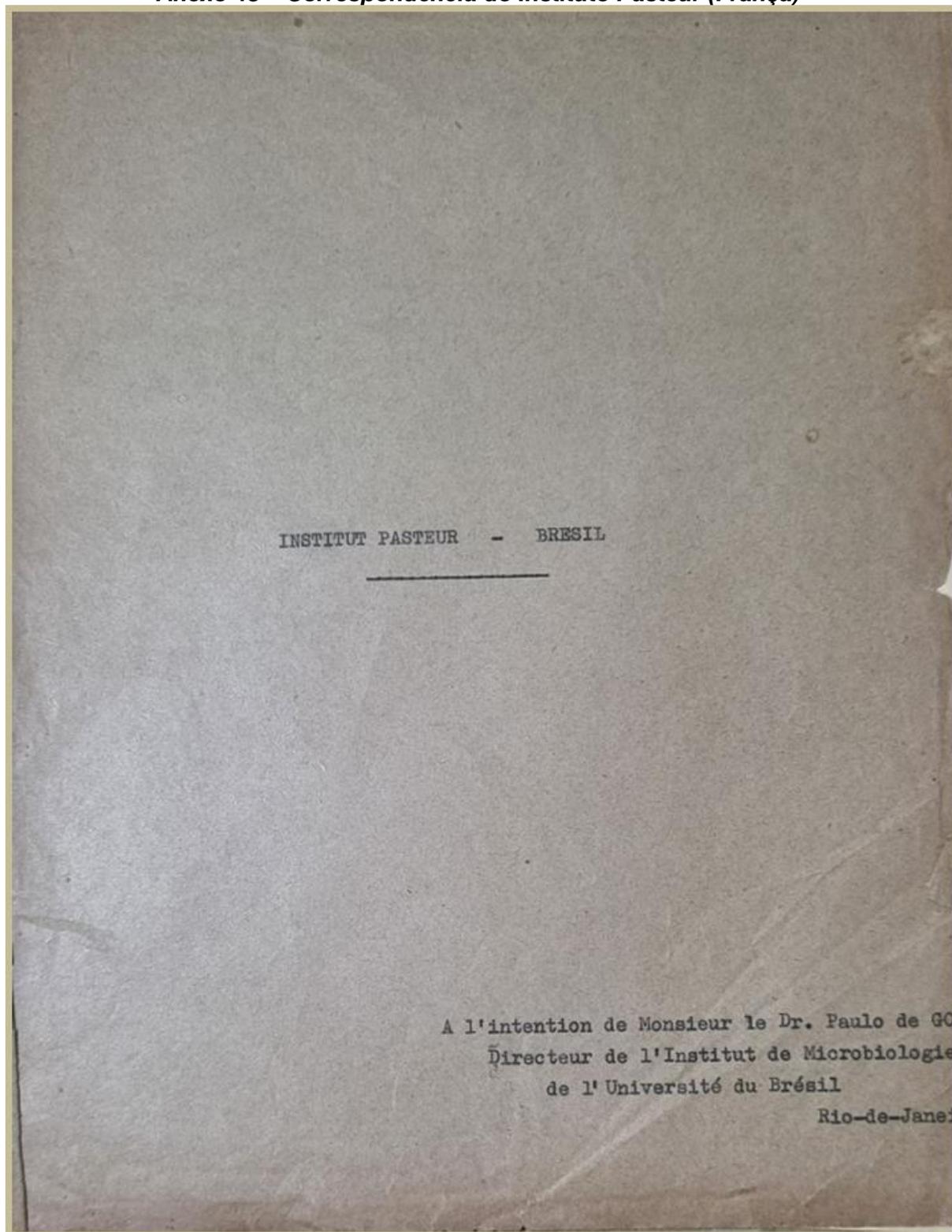
Maria Rondon

Recomendarei a Corina, se estiver em Paris

Anexo 47 – Nota sobre a lista de documentos do Instituto Pasteur

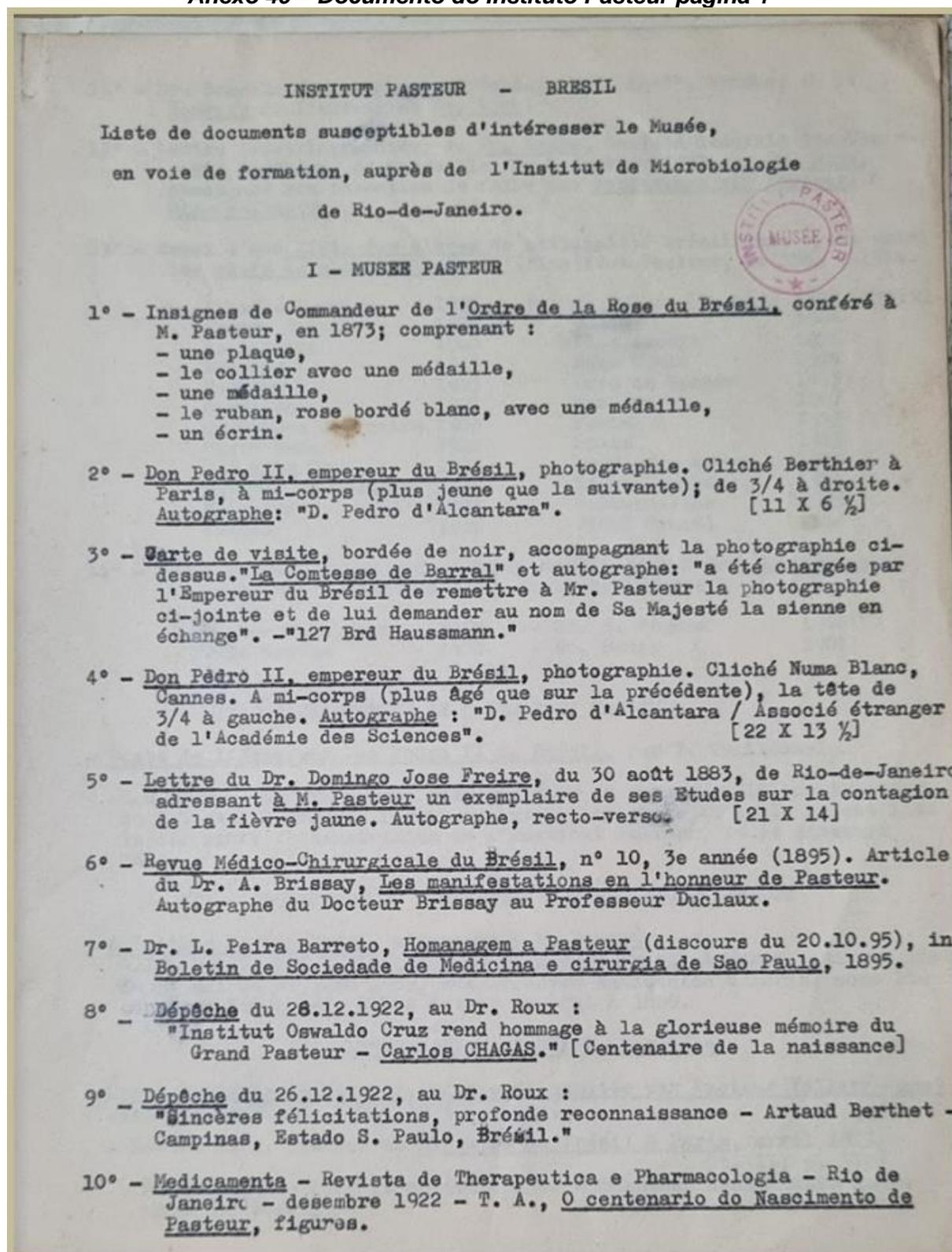
Museu Pasteur, a ser fundado
no Instituto de Microbiologia
lista de documentos de interesse para
a fundação do Museu Pasteur, enviada
pelo Instituto Pasteur, contendo uma lista
de cartas de Louis Pasteur reunidas
e anotadas por Pasteur Valley - Radot.

Anexo 48 – Correspondência do Instituto Pasteur (França)



Fonte: Maria Rondon, 1967

Anexo 49 – Documento do Instituto Pasteur página 1



Fonte: Maria Rondon, 1967

Anexo 50 – Documento do Instituto Pasteur página 2

2)

- 11° - Dr. Gonçalo Moniz, Pasteur, Bahia, 1923. In-8°, broché, 48 p.
Hommage de l'auteur au Dr. Roux.
- 12° - Lettre (dactylographiée) du Dr. Laure, Société Générale des Transports Maritimes de Marseille, du 2 janvier 1923, au Dr. Roux, annonçant son intention de faire une conférence sur Pasteur, à Rio-de-Janeiro.
- 13° - Essai d'une liste des élèves de nationalité brésilienne ayant suivi les cours de microbiologie de l'Institut Pasteur, de 1889 à 1914.
- | | | | |
|---------------------|------|------------------------|--------------|
| Dr. Arantes Pareira | 1895 | Dr. de Gouvea [Gomea?] | 1902 [1901?] |
| Arruda Sampaio | 1906 | Gudia | 1906 |
| de Andrade | 1905 | Lima Araujo | 1911 |
| Barboza | 1913 | Moma Moniz | 1906 |
| <u>Botelho</u> | 1913 | Luis de Moraes | 1895 |
| Carneiro | 1896 | Moreira | 1907 |
| de Castro Carqueira | 1905 | Penna | 1913 |
| Cento Maia | 1912 | Pinto | 1913 |
| Gonsalès Cruz | 1898 | Rodriguez Alvez | 1905 |
| Dorival de Camargo | 1913 | Silva - Pinto | 1911 |
| Figueira | 1907 | Vasconcellos | 1905 |
| Franco | 1906 | Vital Brazil | 1904 |

- 14° - Parmi ceux-ci, cinq ont pu être identifiées sur des photographies de groupes d'élèves des cours de microbiologie :

-				
-	Dr. Gonzalès Cruz	1898	- Dr. E. Franco	1906
-	H. de Gouvea	1902	- Dr. Moniz	1906
	- Dr. M. Gudia	1906.		

II - BIBLIOTHEQUE DE L'INSTITUT PASTEUR

- Buste de l'Empereur Don Pedro II du Brésil, par E. Guillaume.

Les bustes des principaux souscripteurs en faveur de la construction de l'Institut Pasteur furent exécutés pour orner la salle où eut lieu la cérémonie d'inauguration de l'Institut Pasteur, le 14 novembre 1888.

III - COLLECTION DU PROFESSEUR PASTEUR VALLERY-RADOT

- 6 lettres de Don Pedro, adressées à M. Pasteur.
Elles ont figuré à l'Exposition France et Brésil à Paris, qui eut lieu du 24 mai au 27 juin 1955, aux Archives Nationales à Paris, sous les numéros 388 à 393. Elles datent de 1881 à 1888.

IV - LETTRES DE M. PASTEUR, Publiées

- Correspondance de Pasteur, réunie et annotée par Pasteur Vallery-Radot Paris, Flammarion, 1951. IV t., in-8°.

- Lettre de M. Pasteur au Ministre du Brésil à Paris, avril 1873
[t. II, p. 570]

Remerciements pour la nomination de Commandeur dans l'ordre de la Rose du Brésil.

Anexo 51 – Documento do Instituto Pasteur página 3

3)

- Lettre de M. Pasteur à Don Pedro; 15 novembre 1880 [t. III, 181]
- " 7 juillet 1882 [t. III, 293]
- " 22 septembre 1884 [t. III, 438]
- (en note, réponse du 19 octobre: [t. III; 439]
- " 23 février 1885 [t. IV, p. 12]
- (en note, réponse du 19 mars: [t. IV, p. 13]
- " 2 mars 1896 [t. IV, 61]
- " 3 novembre 1886 [t. IV, p. 115]
- " 14 avril 1888 [t. IV, p. 239]
- (à propos de l'Institut antirabique de Rio-de-Janeiro).
- " 28 novembre 1888 [t. IV, p. 267]
- (à propos de l'Institut de Rio-de-Janeiro et de l'inauguration de l'Institut Pasteur de Paris)
- " 1er janvier 1889 [t. IV, 276]
- " " au professeur Grancher, 18 octobre 1887, [t. IV, 221]
- (M. Pasteur doit rencontrer Don Pedro, rue Vauquelin.
M. Pasteur décide d'élever un buste à Don Pedro dans la Bibliothèque de l'Institut Pasteur, comme à tous les donateurs importants).
- Lettre de M. Pasteur à la baronne d'Itajuba, femme de l'Ambassadeur du Brésil, du 16 janvier 1889 [t. IV, 282].

V - AU MUSEE IMPERIAL DE PETROPOLIS

- Brouillon de lettre de Don Pedro, à M. Pasteur figura à l'Exposition France et Brésil, sous le numéro: Supplément, 14.

[Il n'a pas été trouvé au Secrétariat de l'Institut Pasteur de documents concernant la donation faite par l'Empereur Don Pedro, en faveur de la construction de l'Institut Pasteur].

Maria Rondon
MUSEE IMPERIAL DE PETROPOLIS

Anexo 52 – Balão (não) submetido à fervura e vedado

Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 53 – Busto de Bruno Lobo

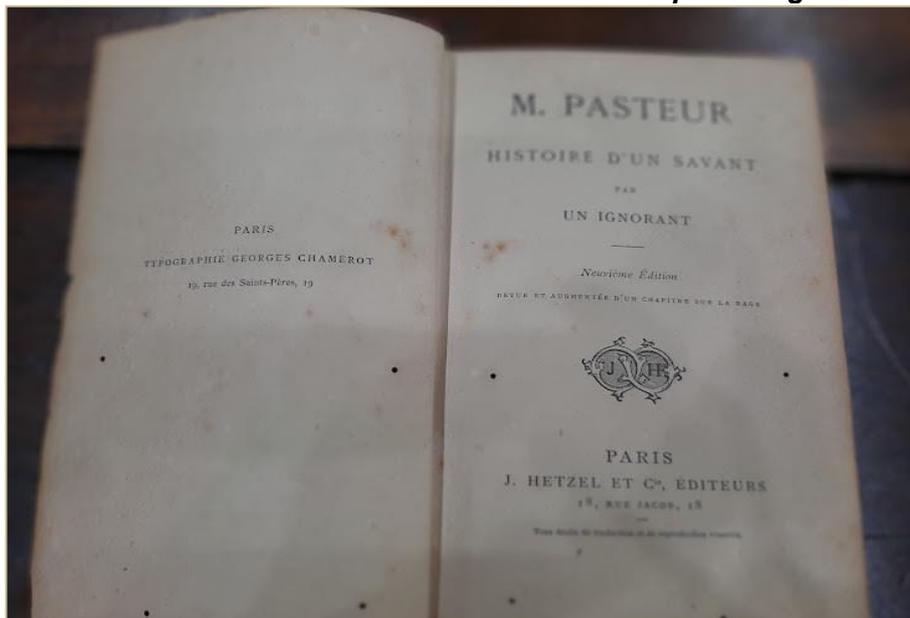
Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 54 – Hematoscópio d'Heneocque

Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 55 – Jogo de Xadrez de bolso

Fonte: Sala da Congregação, 2022.

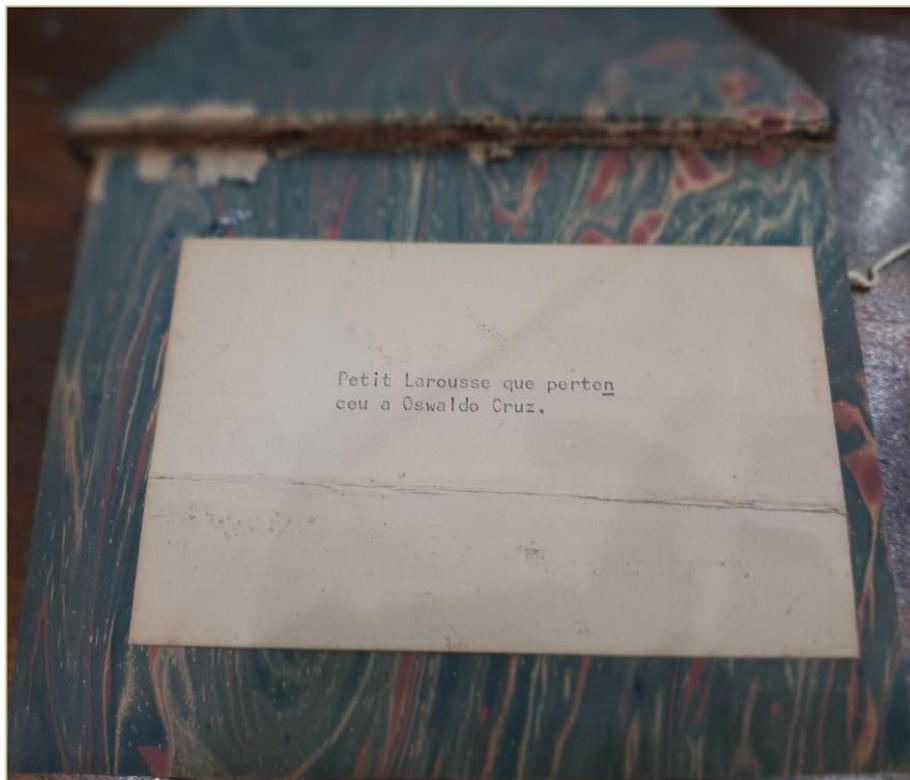
Anexo 56 – Mr. Pasteur – Histoire d’um savant par um ignorant”

Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 57 – Pintura Oswaldo Cruz

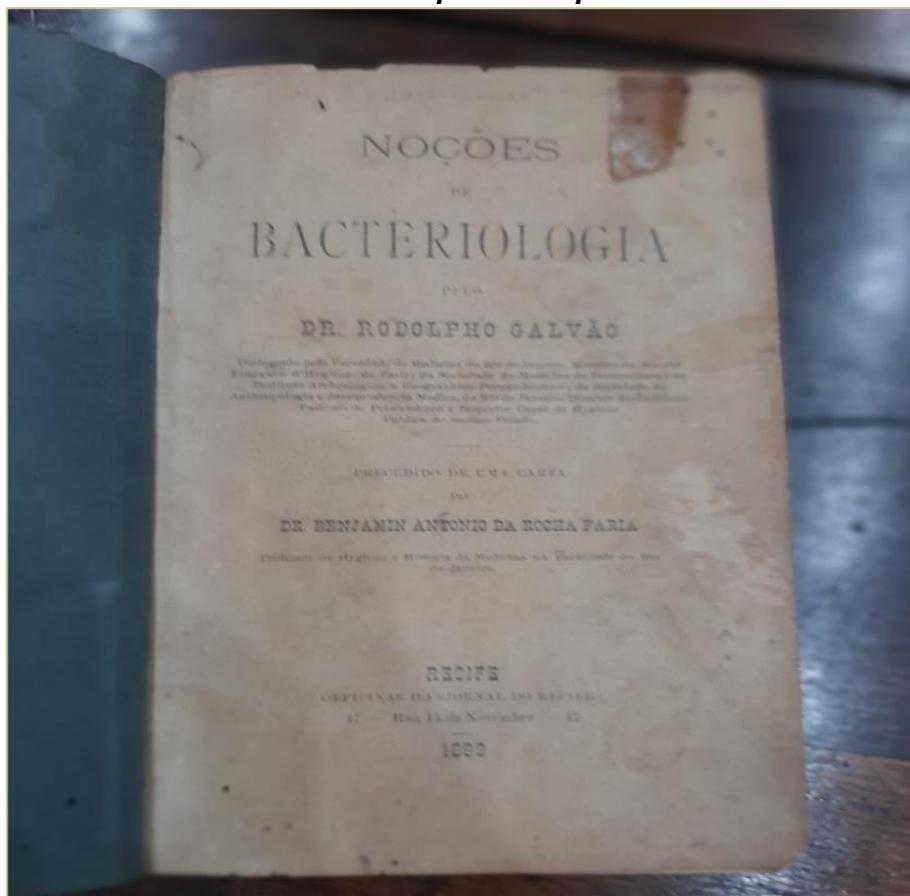
Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 58 – Petit Larousse Illustré

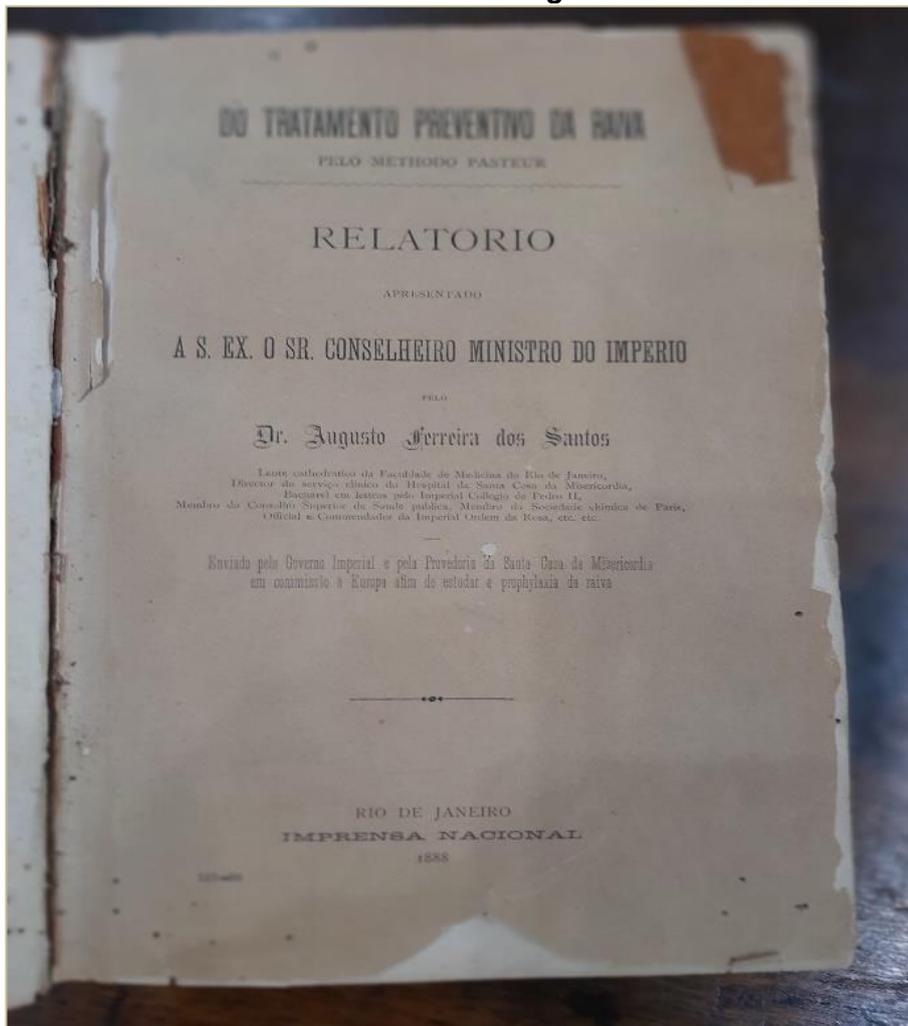


Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 59 – Livro por Rodolpho Galvão



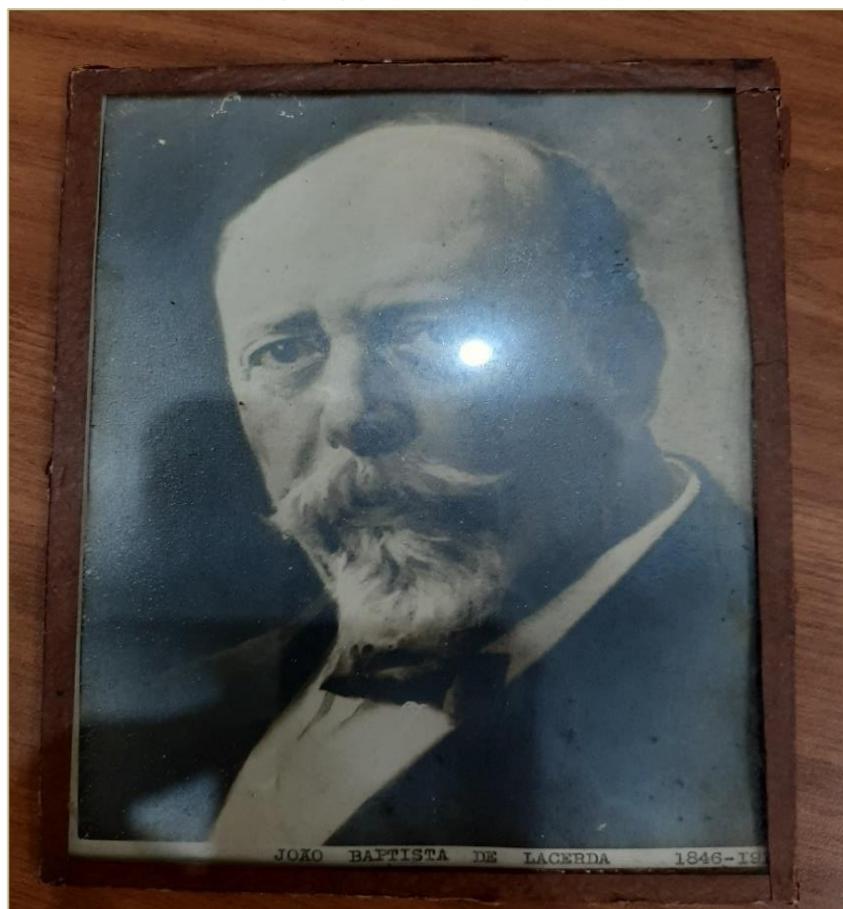
Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 60 – Relatório do Professor Augusto Ferreira dos Santos

Fonte: Sala da Congregação, 2022.

Anexo 61 – Tinteiro de Bruno Lobo?

Fonte: Sala da Congregação, 2022

Anexo 62 – João Batista de Lacerda

Fonte: Sala da Congregação, 2022

Anexo 63 – Exemplos de Anais de Microbiologia

Fonte: Sala da Congregação, 2022

Anexo 64 – Agendas de Paulo de Góes

Fonte: Sala da Congregação, 2022.